

As Almas do Povo Negro



W. E. B. Du Bois

Tradução e notas: José Luiz Pereira da Costa

SOBRE W. E. B. DU BOIS

Considero meu desencontro com a História, chegar em Acra, Gana, pouco mais de uma década após Du Bois haver morrido (não na terra da Geórgia, onde seu solo era curiosamente vermelho), na África em que, já seu ícone, Alexander Crummell, insatisfeito, “ buscou um novo céu, uma nova terra” .

Do instante de sua morte, na cidade africana, às 11,40 horas de 27 de agosto de 1963, doze anos se passaram até pisar o solo da mesma Acra, dando início a um ciclo que me fez ir e voltar algumas dezenas de vezes àquela cidade, no Gana que ele escolheu como pátria de adoção, numa decisão em coerência plena com sua quase centenária saga neste planeta.

Sucedeu que ao tempo de minhas andanças pela antiga Costa do Ouro a figura Du Bois se cingia a um diminuto círculo de pessoas. O pouco do referencial àquela legenda me foi dito por três contemporâneos e amigos de Nkrumah: Banerman Bruce, que se casara com uma brasileira, trabalhando na embaixada de Gana, no Rio; por um certo Paa Willy, candidato a presidente e, por último, Robert Gardiner, ministro do Planejamento. Havia um reverencial respeito ao intelectual americano, amigo do Pai da Pátria, que se havia tornado ganense, e que estava enterrado no cemitério contíguo ao Castelo de Christiansborg, um dos entrepostos de escravos, por onde passaram

milhares de almas com destino à sua terra natal, os Estados Unidos da América. Quem sabe também um ramo de seus avoengos.

Certa feita, decidi por traduzir uma pequena biografia de Kwame Nkrumah (disponível, agora, aqui, neste projeto), um dos mais importantes líderes dos movimentos de libertação da África do jugo colonial, e tido como pai do moderno Estado ganense. Encerrada a tarefa, julguei que gostaria de ter em português (ainda que como veículo de treinamento para manter atualizado meu conhecimento da língua inglesa) um outro pequeno livro, de autoria de Adu A. Boahen, intitulado *Topics in West African History* (Tópicos da História do Oeste Africano), o que fiz com imenso prazer e relativa facilidade, a escrita era fluente e singela, sem construções complexas; era, em verdade, um conjunto de palestras que o professor Bohaen elaborara para suas aulas de história na Universidade Legon, de Acra, e ao ser levada para o papel tinha como objetivo sua leitura através da Rádio de Gana; portanto, endereçada ao público em geral.

Quase ao fim dessa tradução, buscando suporte para alguma nota de rodapé, procurei por uma velha edição da revista norte-americana “ Ebony”, editada para a comunidade negra dos EUA. Folheando-a, atrás do que supunha estar por ali, deparei-me com uma longa reportagem sobre William Edward Burghardt Du Bois, que costumava assinar seus escritos como W. E. B. Du Bois. A leitura, trouxe-me à mente

uma reunião festiva, na casa do embaixador de Gana, em Brasília, Vishnu Kofi Wasiamal, quando uma das convivas, diplomata negra americana, entusiasmou-se sobremaneira quando alguém falou sobre Du Bois. Encontrei, naquele velho exemplar dos anos 1960, a matéria sobre aquele nome francês, sobrenome do mais expressivo intelectual negro, por dezenas de anos. E avistei, como já fizera antes, o registro da morte de seu primogênito. Du Bois escreveu: *“Por todo aquele dia, e noite adentro, meu coração experimentou uma horrenda alegria!”*. Como um pai que perde seu primogênito pode sentir alegria, ainda que balizada por um adjetivo cruel? Pode, desde que encare, como o faziam os negros escravos: a morte era a liberdade. O caminho do céu da Bíblia introduzida pelos brancos, era o roteiro da libertação. Acrescenta, nesse contexto, Du Bois: *“minha alma sussurra, permanentemente: – morto não; morto não – redimido sim; não mais acorrentado, mas livre! – Nenhuma baixaza irá agora ferir seu infante coração, até que morra, uma verdadeira morte; nenhum insulto irá enfurecer sua alegre meninice”*.

Continuei com a tradução de Bohaen até que comprei, numa viagem a Nova York, uma antologia de autores negros, ordenada por Abraham Chapman, professor de Inglês na Universidade Stevens Point, em Wisconsin. Era um universo literário superior a setecentas páginas, com prosa e verso, que resolvi, como fizera antes, sem pretensão qualquer de publicação, embrenhar-me na tradução. Fiz a opção de passar por sobre a arte dos poetas, lendo-os, apenas, sem traduzi-los.

A obra de Chapman, *Black Voices*, possuía excertos da produção de Richard Wright, James Baldwin, Ann Petry, Malcom X, LeRoi Jones, Langston Hughes, Ralph Allison, Arna Bontemps e W. E. B. Du Bois, dentre outros. Iniciei a tradução com um conto, *O homem do subterrâneo*, de Richard Wright, e fui indo até encontrar o primeiro e o último capítulos de *The Souls of Black Folk*, de Du Bois. Impressionaram-me sobremaneira aquelas duas porções que, já em tempos de compras virtuais, encomendei o livro pela Internet. Recebi meses após a encomenda — eu escolhera correio de superfície, por mais barato. Já havia concluído as partes que me dispusera traduzir da antologia.

Assim, num exercício que me foi gratificante (às vezes, qual um jogo de xadrez, outras como um quebra-cabeça), fui traduzindo *The Souls of Black Folk*.

O inglês que encontrei era aquele de um homem que nascera no século passado, com formação universitária clássica, egresso das Universidades Fisk, no Tennessee, Harvard, em Massachusetts e Friedrich Wilhelm, em Berlim. Seu livro havia sido publicado em 1903, pela editora A. C. McClurg. Portanto, fechava-se nesse tempo a obra. À crítica, aos tradutores, aos leitores enfim, nada mais a fazer, senão que resenhar, verter e desfrutar a produção literária daquele autor como ela estava, pois definitiva. Encontrei, assim, como tradutor, a obra em si, com expressões que não mais se usam e, muito raramente, é verdade, informações cujo sentido se tornava

extremamente difícil de compreender. Numa passagem, por exemplo, refere-se Du Bois, com a familiaridade da época, desta forma: (também Miss McKim), trecho que o leitor atento encontrará seguido de uma das muitas notas de rodapé, cuja produção envolveu penosa pesquisa. Em tempos de Internet, até mesmo professores das Universidades Fisk e Harvard, cooperaram no destrinchar de algumas construções idiomáticas, a tal ponto que um deles chegou a dizer que (o problema não é o seu inglês, nem o meu, mas o de Du Bois). Mas fui até a última página.

As Almas do Povo Negro é um livro com pouco mais de cento e setenta páginas e, embora tendo unidade temática, constitui-se em verdade numa coletânea de ensaios e um conto, cada um focalizando facetas de um mesmo tema: a discriminação racial e a luta de um povo para sua ascensão, num mundo onde esse povo sentia-se estrangeiro. Era personagem de uma dualidade fantástica – ser americano, ser negro. Como Du Bois mesmo diz: Duas almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas por um obstinado esforço, de bipartir-se.

Du Bois teve uma oportunidade única de conhecer uma parte da sociedade americana branca que não hostilizava os negros, assim como assistiu o eclodir de sofisticado racismo, que abrangia comportamento social amparado por um sistema legal discriminador instituído pela lei e pelo costume. Registrou assim: “*Os três anos*

em Fisk foram anos de desenvolvimento. Apreendi coisas novas sobre o mundo. Meu conhecimento a respeito da questão racial tornou-se mais definido. Vi discriminação de uma forma como jamais havia sonhado; a separação de passageiros nos vagões ferroviários do Sul estava apenas começando; a separação racial nos alojamentos nas cidades e vilarejos tornava-se manifesto; o desdém público e mesmo o insulto no contato das raças nos lugares públicos deixava-me constantemente sem fôlego; tomei contato, pela primeira vez, com um tipo de violência que jamais me dera conta quando em Nova Inglaterra...” E num contraponto, o dualismo sempre presente, diz linhas adiante: *“De outro lado, minhas relações pessoais com meus mestres era estimulante e benéfica, como imagino deveriam ser os contatos entre seres humanos. Adam Spence, de Fisk, foi quem primeiro me ensinou o significado da língua grega. Num pequeno porão, cheio de objetos de ciência, Frederick Chase introduziu-me às ciências naturais e conversou comigo sobre futuros estudos. Conheci o Reitor, Erastus Cravath, um homem sincero e honesto”.*

Parte, portanto, não dissociável da sociedade americana — humanos não se bipartem sem deixar de existir — o negro, no painel que Du Bois faz por descortinar, oferece um retrato da sociedade que o vê com *“divertido desprezo e pena”*, e também a vida social e espiritual dos escravos até à guerra, e dos libertos nos anos seguintes ao fim do conflito.

Alguns aspectos relacionados com a vida de Du Bois devem ser assinalados,

ligando-os a história de povos à quem se dirige esta versão para o português de *The Souls of Black Folk*. Com relação ao Brasil, por exemplo, em trecho de seu *Dusk of Down*¹ (*Lusco-fusco do alvorecer*), assim se refere: “*Brasil tornou-se uma república ao tempo em que eu estudava em Harvard...*” O Brasil e os Estados Unidos receberam os maiores fluxos migratórios de negros levados à força do mesmo continente. O auge da utilização desses migrantes forçados é coincidente nos dois países. O término da infâmia é vizinho: os Estados Unidos, em 1863/65 (fim da Guerra Civil e edição da Décima Terceira Emenda à Constituição), e o Brasil em 1888. Nesse período, no Brasil, havia uns poucos estabelecimentos de ensino, nenhuma universidade.

O ano da abolição da escravidão no Brasil é, na vida de Du Bois, assim registrado, numa cronologia²: Entre 1888 e 1889 “*recebe da faculdade*³ *Fisk, o grau de bacharel numa turma de cinco, sendo o orador, usando como tema Bismark. Ingressa na Faculdade Harvard, como calouro, recebe uma bolsa de estudos no valor de duzentos e cinqüenta dólares, onde permanece por quatro anos, vivendo na casa de uma mulher negra e fazendo suas refeições no Memorial Hall, tornando-se adiante membro do clube de jantares Foxcraft. Du Bois estuda filosofia, economia, história, química e geologia. E, também, por razões que ele considerou como de cor, rejeitado no clube social da faculdade. Não submete seus trabalhos à publicação de órgãos da*

1 - Publicado em 1940, por Harcourt, Brace.

2 - “Du Bois Writings”, com notas de Nathan Huggins, editado pela “The Library of America”.

3 - College será traduzido ao longo deste texto como Faculdade.

faculdade e mantém pouco intensa vida universitária. Recebe outra bolsa de estudos em 1889. No verão, mantém como seu ganha-pão proferir conferências e ministrar aulas para grupos em congregações religiosas. Desenvolve sua vida social em meio à comunidade negra de Boston, participando de performances de teatro amador. Endereça sua produção acadêmica, os ensaios elaborados em Harvard, para o semanário negro Courant”.

A tradução de *As Almas do Povo Negro*, com a permanente saga de Du Bois em busca do ensinar ensino, especialmente o de qualidade, para sua gente, fez-me considerar adequado incluir aqui idéias que publiquei num artigo de jornal⁴:

Albert Adu Boahen, professor ganense de História Africana, descrevendo impérios antigos de seu continente, no livro Topics in West African History, se refere ao Império de Songhai, que existiu em torno ao século 9, de nossa época, dizendo haver sido "memorável o estímulo dado à educação superior. Sábios e professores, atraídos pela paz e a ordem no Império, bem como pela generosidade de Muhammed Askia, foram para Tombuctu, que se tornou, durante o seu reinado, não apenas uma metrópole comercial, mas também educacional. Havia ali cerca de 150 escolas do Corão, e a educação universitária era ministrada na Mesquita de Sankore. A Universidade constituída, como suas contemporâneas de Paris e Oxford, de eminentes

4 - Jornal "Zero Hora", de Porto Alegre, 19 de junho de 1993.

mestres e seus discípulos, atraiu um largo contingente de estudantes, muitos vindos de longe, que formavam, mais adiante, expressivo corpo de juristas, historiadores e teólogos. Em meio a eles estavam dois renomados historiadores, Mohamoud Kati e Adberahman As-Sadi, cujos livros de história, Tarikh a-Fattash e Tarikh as-Sudan, ainda existem, e constituem-se em importante suporte na reconstituição da história Songhai.

Na região que hoje forma os estados do norte da Nigéria houve, ao longo dos séculos 17 e 18, os impérios Hauçá e Fulani Jihad. Abrigaram, ambos, não apenas a mais importante personalidade muçulmana da África, um Maomé do sul do Saara, chamado Osman Don Fodio, como o legado da cultura islâmica, consubstanciada no povo fulani, que trabalhava na Hauçalândia como funcionários públicos, diplomatas e tutores. A experiência pessoal de muitos deles, somada aos conhecimentos acumulados por gerações, levaram-nos a fundar escolas próprias, em que ensinavam as ciências tradicionais islâmicas, além de Geografia, História, Lógica, Teologia, Leis, Gramática, Retórica, Prosódia, Astronomia e Astrologia.

A costa oeste da África, em período mais próximo de nossos dias, no crepúsculo do nefando tráfico de escravos, recebia as sociedades missionárias européias. Instalavam-se, num primeiro momento, para levar a palavra de Cristo e penitenciarem-se dos danos que seus compatriotas haviam causado ao longo de séculos. Era 1827, cinco anos após nossa Independência, quando fizeram surgir, em novos tempos, a primeira escola de nível superior, nos moldes europeus. College,

chamavam-na em inglês, e a batizaram de Fourah Bay College, ainda hoje funcionando, em Serra Leoa. Os meninos destacados, filhos dos novos ricos à ocidental, plantadores de algodoeiros, dendezeiros, seringais, cacauzeiros e outros bens agrícolas, das colônias inglesas da costa oeste, eram enviados para lá, onde cursavam as diversas faculdades disponíveis.

Dez séculos depois da Mesquita de Sankore; apenas dez anos após Fourah Bay; trinta e três anos antes do nascimento de Du Bois; vinte e oito anos antes da Abolição nos Estados Unidos — a semente que migrara através do Atlântico, desabrochava na terra fértil da Pensilvânia, com o estabelecimento da Cheyney University: uma universidade para os negros.

*A escola pioneira, que surgia no Norte, como uma estrela a emular o sonho distante dos negros, país afora, em verdade constituiu-se numa força irresistível, capaz de gerar um fantástico efeito multiplicador. Usando como elemento balizador a promulgação da 13ª Emenda, de 1865 — com a qual Lincoln podia ver concluída "com satisfação sua abolição, iniciada com as proclamações que fizera ao tempo da guerra", como define John Hope Franklin no seu livro *From Slavery to Freedom* (Da Escravidão à Liberdade) —, constata-se que até aí nove universidades negras já funcionavam naquele país".*

No contexto da dualidade, característica de *As Almas do Povo Negro*, o mesmo

Lincoln, que John Hope Franklin⁵ reproduz como político, declara mais adiante como cidadão, branco, americano: *"Libertá-los e torná-los política e socialmente nossos iguais? Meus próprios sentimentos não o admitirão; e, se os meus admitissem, bem sabemos que não o fariam os da grande massa do povo branco. Se esse sentimento correspondesse à justiça e ao juízo sãos, não é o único problema, se de fato o é; é uma parte dele. Um sentimento universal, se bem ou mal fundamentado, certamente não se pode desdenhar. Não podemos, então, torná-los iguais."*

Jefferson, principal redator da Declaração de Independência dos Estados Unidos, também se dividia. Opunha-se claramente à escravidão e, se pudesse ter agido segundo sua vontade, teria eliminado-a já na Declaração. Dizia que não desejava privar uma raça inteira, na escala dos seres, da missão que o seu criador talvez ter-lhe-ia dado. Textualmente: *"Os negros são inferiores aos brancos no que lhes foi dotado, tanto no corpo quanto na mente"*.

Paul Laurence Dunbar, o mais respeitado poeta afro-americano (1872-1906), em um de seus poemas, fala bem dessa característica do relacionamento humano no EUA, em versos perfeitos, métricos e rimados, aqui, porém, assim postos em português:

5 - Lincoln e a Moralidade Pública, ensaio publicado em 1959, pela Sociedade Histórica de Chicago. In Raça e História, ensaios selecionados. Ed. Rocco.

Usamos a máscara

*Usamos a máscara que sorri e dissimula,
Que esconde nossas faces e sombreia nossos olhos;
Este débito pagamos à esperta humanidade;
Com corações sangrando e partidos, nós sorrimos;
E na boca, sutilezas mil.*

*Por que tem o mundo de ser tão esperto,
Somando todas nossas lágrimas e suspiros?
Não, deixem ver-nos apenas, enquanto
Usamos a máscara.*

*Nós sorrimos, mas, oh majestoso Cristo, nossos apelos
Para Ti elevam-se de almas torturadas.
Nós cantamos, mas oh, o barro é vil
Sob nossos pés, e na longa distância.
Todavia, deixe o mundo sonhar doutra maneira,
Usamos a máscara*

Ainda no artigo do jornal, então busco uma inquietante, para mim, comparação entre este mundo dual, nitidamente distinto, dos norte-americanos e o nosso, brasileiro:

Em 1888, ano da Abolição no Brasil, ano da formatura de Du Bois, o número de escolas superiores negras havia crescido para fantásticos quarenta e cinco exemplares. Pelo Norte e Sul dos Estados Unidos espalhavam-se faculdades e universidades em tudo semelhantes às suas congêneres brancas, como Harvard, Yale, Missouri, Arkansas etc.

Enquanto colônia de Portugal, não contamos sequer com uma universidade. Até a nossa Independência um número medíocre de três mil jovens haviam recebido instrução superior, especialmente em Coimbra. Quando da proclamação da República, cinco faculdades operavam no País. Em 1920, ao ser criada a Universidade do Rio de Janeiro, 69 era o número de universidades e faculdades negras norte-americanas⁶. Também se refere Du Bois aos negros das Índias Ocidentais, de onde veio personagem objeto de sua mais veemente crítica⁷, Marcus Garvey, fundador da Sociedade Universal para o Desenvolvimento do Negro, entidade de característica paramilitar, cujo objetivo era juntar fundos (foi criada uma companhia de navegação, Black Star Line) que ensejassem o regresso à África do povo negro americano. Sobre a região do Caribe, em *As Almas do Povo Negro*, destaca a influência que teve, num dado momento, sobre os negros livres do Norte: Em 1830, a escravidão aparentava estar incorrigivelmente atrelada ao Sul, e os escravos intimidados na submissão. Os negros livres do Norte, inspirados nos mulatos imigrantes das Índias Ocidentais, começaram a alterar as bases de suas demandas; eles reconheciam a escravidão, mas insistiam que eles próprios eram livres, e buscavam atingir a assimilação e a amalgamação no seio da nação, da mesma forma que os demais cidadãos.

Du Bois via para o negro um papel histórico que transcendia o simples preparar-

6 - Relação até 1994 das Universidades Negras, em anexo no fim do livro.

7 - Escreveu o editorial em *The Crisis*, "Um lunático ou um traidor (maio de 1924).

se para as tarefas-meio. Diz em sua obra: “ O que viria a ser o suposto negro instruído, viu-se confrontado pelo paradoxo segundo o qual o tipo de conhecimento de que seu povo necessitava era aquele repetido, e velho, aos vizinhos brancos, enquanto que o conhecimento que iluminaria os brancos seria o grego, em sua essência” . O desenvolvimento tecnológico dos Estados Unidos, no início do século 20, é fruto em grande parte da Revolução Industrial, demandando mão de obra técnica. Portanto, a criação desse tipo de estrutura educacional se constituía em algo que agradava aos homens de negócio. Ganhou projeção, então, Booker T. Washington, um ex-escravo, que veio a fundar a mais famosa escola de formação de jovens de nível médio, o Instituto Tuskegee. A instituição passou a ser um referencial, e seu fundador o negro mais importante do alvorecer do século. Mas, Du Bois, em sua linha de pensamento, dissentia de Washington: “ Ele advoga grupos escolares e treinamento técnico, e deprecia instituições de nível superior; mas nem os grupos escolares para negros, nem o próprio Tuskegee, terão condições de funcionar no dia em que não contarem com mestres preparados em faculdades negras, ou treinados por seus ex-alunos” .

Projetou e defendeu seus princípios, deixou o exemplo seguido por inúmeras instituições universitárias que foram despontando por todo o país com o objetivo de dar a oportunidade aos negros de alcançar o ensino superior. Seu horizonte, todavia, postava-se muito além, estendia-se adiante das fronteiras dos EUA. Atingia as terras de seus visíveis ancestrais, posto que os do lado Du Bois eram, inexoravelmente, na sociedade em que vivia, invisíveis para ele. A linha da cor, a barreira de que fala ao

longo do livro, separava uma coisa da outra. Assim, Du Bois, no nome, poderia ter-se rebelado, como viria fazer meio século adiante, um jovem de nome Malcolm, que repudiou seu sobrenome invisível e o substituiu por “ X”. Du Bois narra assim sua ascendência branca: *“Meu avô paterno, Dr. James Du Bois, era branco e descendente de Chrétien Du Bois, um agricultor e talvez artesão francês huguenote, morador de Wicres, próximo a Lille, na região flamenga francesa. É quase certo que não tinha sangue nobre, embora seus descendentes americanos brancos insistissem em assim dizer que sim. A vida do Dr. James Du Bois foi a de um proprietário de terras”*.

Seguindo seu ideário, Du Bois dá os primeiros passos para lançar o Movimento Niágara, cujos membros iriam, adiante, integrar-se à Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor — NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*), que desempenharia um papel fundamental na conquista, progressiva, ao longo das décadas seguintes, dos direitos civis pelo povo negro americano. Nessa entidade, trabalha na condição de diretor de publicações e pesquisa — era nesse momento o único negro na diretoria — e passa a editar o jornal *The Crisis*. A NAACP estaria por trás ou na liderança de praticamente todos os atos relevantes de apoio às várias frentes de oposição à hegemonia branca. Fosse de seu cadastro pinçado o fato mais relevante, a Marcha sobre Washington de 1963 despontaria brilhando no horizonte. Era o grande encontro como que o clímax de uma extensa jornada. A marcha de Moisés em direção à Terra prometida. Pois a história pregou um peça no velho combatente, como teria feito com Moisés. A cronologia em parte usada nesta

introdução, assim se refere a este momento histórico: *“1963: Recebe o título de doutor honorário da Universidade de Gana, em 23 de fevereiro, dia de seu nonagésimo quinto aniversário. Torna-se cidadão ganense. Acompanha à distância, de sua nova nação, os preparativos para a grande marcha dos direitos civis, programada para acontecer em Washington no dia 28 de agosto. Morre, entretanto, em Acra às 11.40 da noite de 27 de agosto. Foi enterrado no pátio do castelo Christianborg, em 29, num funeral de chefe-de-Estado”*. Longe de sua eterna morada, na tarde seguinte à sua morte, ecoou entre os manifestantes em Washington a triste notícia — Roy Wilkins, secretário-executivo da NAACP, interrompeu o texto que lia para anunciar a morte de Du Bois. Disse: *“Não obstante haver Du Bois, nos seus últimos anos, escolhido um outro caminho, é incontroverso o fato de que desde o alvorecer do século vinte ele foi a voz chamando cada um de vocês para este encontro de hoje”*. E era verdade sem sofisma. Não era mero exercício de retórica para uma multidão predisposta a ouvir àquela afirmativa. No distante 1903, ao tornar público *As Almas da Povo Negro*, profetizava: *“Um dia dar-se-á o Despertar, quando, com vigor enclausurado, dez milhões de almas marcharão, de forma irresistível, em busca do Objetivo, fora do Vale da Sombra da Morte, onde tudo que faz da vida digna de ser vivida – Liberdade, Justiça e Direito – têm como epíteto: “Somente para os brancos”*. A grande Marcha dos Direitos Civis, de sua antevisão, ápice de um embate que, consistentemente, se iniciou com seu jornal *The Crisis*, da NAACP.

O Movimento Niágara, que se reunia secretamente, até 1906, resolveu mostrar sua face marcando um encontro, num sítio histórico para os negros americanos, em Harper's Ferry (nota de rodapé adiante). *“Foi uma verdadeira peregrinação— descreve Du Bois em seu livro *Dusk of Dawn — no lusco-fusco do alvorecer, com as pessoas descalças caminhando no mesmo cenário onde John Brown foi sacrificado*”*. Nesse local foi lançado um manifesto que resumia as aspirações dos líderes intelectuais da comunidade negra (uma cartilha cujos princípios gerações, incansavelmente, seguiram.

Assim descreve Du Bois o surgimento do Movimento Niágara: (Cinquenta e nove homens de cor de vários estados subscreveram um documento se comprometendo a participar de um encontro, próximo à cidade de Bufalo, estado de Nova York, durante uma semana, a partir de 9 de julho de 1905. Fui a Búfalo e fiz reservas em um pequeno hotel em Fort Erie, do lado canadense da fronteira e fiquei esperando os convidados. Se não se fizesse presente um número razoável de pessoas para pagar o hotel, por certo ou eu faliria ou seria preso; mas, a bem da verdade, vinte e nove pessoas, representando quatorze estados, compareceram. O Movimento Niágara foi instituído em 31 de janeiro de 1906, e registrado no Distrito de Columbia(. Lista, a seguir, Du Bois, seus objetivos, em oito itens:

- 1 - Liberdade de expressão e de crítica;
- 2 - Imprensa autônoma e não subsidiada;
- 3 - Sufrágio universal;
- 4 - Abolição de todas as distinções de casta, baseadas simplesmente em raça ou cor;
- 5 - Reconhecimento dos princípios de fraternidade humana como um mandamento presente exequível;
- 6 - A inexistência de monopólio, de qualquer das classes ou raças, no acesso ao que há de melhor em ensino;
- 7 - A crença na dignidade do trabalho;
- 8 - União de esforços para a realização desses ideais, sob sábia e corajosa liderança.

Muitas das oito aspirações foram se materializando com o passar do tempo, e ante o olhar muitas vezes atônito daquela testemunha viva da história. O jornal *The Crisis* circulou livre, expressando sua opinião crítica, formou lideranças e abriu as portas para um forte e complexo jornalismo negro, representado por jornais e revistas; adiante, emissoras de rádio e, finalmente, de televisão. Du Bois viu o voto fugir do negro, com uma legislação excludente que se espalhou por todo o país. Era um menino de quase dois anos, em 20 de janeiro de 1870, quando Hiram Rhodes Revels tomou posse como senador da República. Cinco anos após, outro negro tornava-se também senador, Blanche Kelson Bruce, eleito pelo estado de Mississippi. Três anos após a morte de Du Bois, depois de um lapso de quase um século, outro negro ingressava no Senado, Edward W. Brooke. Se não viu sua posse, havia acompanhado a trajetória política desse, e a volta paulatina do negro às urnas, com a eleição de um considerável número de deputados federais, que chegaram a formar o (black caucus) (bancada dos negros). Viu universidades abrirem suas portas para os recém libertos ou desses descendentes, como ele próprio ao frequentar Harvard, e fecharem-nas por completo, na seqüência da decisão da Suprema Corte de 1896. Contemplou então sua reabertura forçada e definitiva: em 1954, quando o advogado da NAACP (que viria mais adiante a tornar-se o primeiro negro juiz associado da Suprema Corte americana, Thurgood Marshal (venceu nesse Tribunal o processo Brown contra o Conselho de Educação, Du Bois sentenciou: (Vi o impossível acontecer(. É que a decisão unânime do Supremo derogou julgamento anterior (separados porém iguais”, doutrina imperante desde 1896, surgida noutro litúgio na mesma Corte, o processo Plessy contra Ferguson) e passou a considerar inconstitucional a segregação nas escolas de todo o país. Quando Du Bois dizia haver visto o impossível acontecer, por certo externava a voz de alguém que na segunda década de sua vida, cheio de esperanças e ideais, sonhando com oportunidades iguais às que teve para seus irmãos, mesmo os “mais escuros”, na sua expressão (chocara-se com o édito de 1896, que instituía o que ficou conhecido como sistema Jim Crow: a Suprema Corte mantém a segregação racial, assentando a doutrina segundo a qual os estados podem prover aos negros, na base de igualdade, desde que apartada, tanto educação, quanto transportes públicos e hospedarias em geral. Houve a dissensão de apenas um juiz, John Harlan, que asseverou ser a Constituição “cega também quanto à cor”. Du Bois e os demais negros assistiram, por décadas a seguir, a ampliação da doutrina Jim Crow, estendida a sanitários, bebedouros e bancos de praças públicas, vagões ferroviários, hospitais e muitas outras áreas, que passaram a ostentar os indicativos “de cor” ou “apenas brancos”.

No pós-Primeira Guerra Mundial, Du Bois delineou três rotas ao longo das quais gostaria de seguir. A primeira, era o antigo sonho de produzir literatura, e estimular, dentre os de sua raça, novos criadores; a segunda era nova, e emergira da própria guerra : promover um congresso Pan-africano; a terceira, e a mais importante do que as duas anteriores, ele mesmo enfatizou, seria a busca da reabilitação e proteção do negro após as mudanças e deslocamentos advindos com guerra recém finda.

Quanto à reabilitação e proteção do negro após as mudanças e deslocamentos da grande migração do Sul para o Norte, nos anos 1914/1918, e dos retornados da guerra recém finda, é assim definida em seu livro *Dusk of Dawn*: “ Em 26 de agosto de 1918, *houve uma reunião da qual participaram doze homens de cor de sete diferentes estados, a fim de constituir a Corporação Cooperativa Negra. O encontro era resultante de uma serie de editoriais e matérias publicadas em The Crisis, defendendo a idéia do cooperativismo entre os consumidores negros. A reunião concluiu por estimular pessoas e grupos a avaliar o cooperativismo, visando à realização de um encontro anual cujo objetivo seria o de encorajar a formação de lojas cooperativas e a formar uma comissão central*” .

Várias cooperativas se formaram. A mais ambiciosa estruturou-se em Memphis, onde as lojas Cooperativas dos Cidadãos abriram cinco pontos de venda, em 1919, conseguindo um bom movimento comercial. Então, o administrador concebeu a idéia de transformar esse exemplo cooperativista numa sociedade por ações. O resultado final foi que esse empreendimento faliu, ante a competição das redes de lojas. Outro

exemplo excelente deu-se na escola estadual de Bluefield, na Virgínia do Oeste, onde foi incluído no currículo o ensino de teorias do cooperativismo, numa loja cooperativada da própria escola (...) Foi um exemplo bem sucedido, por muitos anos, até o governo do estado proibir sua continuidade. Houve outras quatro ou cinco tentativas.” Assim lamenta-se Du Bois quanto a este projeto: *“Minha viagem para a Europa, os desastres de 1919, minha concentração de interesse em Pan-África e a depressão deixaram este que talvez fosse o mais importante de meus projetos, sem mais estímulo. O movimento como um todo carecia de um mais cuidadoso trabalho preparatório, com ampla educação tanto de consumidores quanto de gerentes”*. Ainda neste contexto, Du Bois fala da década entre 1918 e 1928, quando os EUA experimentaram da riqueza sem precedentes à depressão, que, ele diz, atingiu todos os americanos, tornando-se um tempo de meditação e acumulação intelectual.

Du Bois insistiu com o jornal que editava, *The Crisis*, numa cruzada que abrangia várias frentes, sempre em busca de melhores condições para os negros americanos. Assim, no imediato pós-guerra, vai à França onde, não apenas encontra os meios para organizar o Primeiro Congresso Pan-africano em Paris, com o apoio do representante senegalês à Assembléia Nacional Francesa, Blaise Diagne, e do primeiro-ministro da França, Geroges Clemenceau, mas também consegue ver aprovada resolução encaminhada à Conferência pela Paz (1919), realizada em Paris, onde solicita que seja tomado conhecimento da situação dos povos negros vivendo sob o

regime colonial europeu, na África, e apela seja estendida proteção aos seus direitos civis. Retornando da Europa traz consigo documentos que viria usá-los no jornal, onde consta o empenho de autoridades norte-americanas para impedir a confraternização entre soldados negros americanos e civis franceses, estes espontaneamente gratos pela participação daqueles no cenário da guerra. Quando da publicação desse número de *The Crisis*, travou-se uma batalha que envolveu os Correios, que retardaram em um dia a distribuição da edição, enquanto buscavam a supressão do artigo. Essa edição do jornal chegou à tiragem sem par de cento e seis mil cópias. Neste mesmo ano, 1919, dá o primeiro passo na meta de incentivar novos produtores literários. Contrata Jessie Fauset, na condição de editora literária, e na década que se segue faz surgir, dentre outros, Countee Cullen, Langston Hughes, Claude McKay e Jean Tomer, todos hoje com obras mundialmente reconhecidas e constituem-se em verbetes nas melhores enciclopédias.

Mas, aqui, cabe ainda o registro de um dos marcos do desabrochar do negro americano como ente não apenas indissociável, mas integrante de sua melhor parte, da cultura dos EUA. Assim ocorreu, ao longo dos anos 1920, o que ficou conhecido como Renascimento do Harlem. Foi o fluorescente movimento cultural cujas raízes se encontram na migração dos negros sulistas rurais, em direção ao Norte industrial, iniciada em torno a 1914, quando, em sua maioria, estabeleceram-se no Harlem — um distrito de Nova York originalmente habitado por imigrantes holandeses — trazendo consigo suas raízes na música, religião e tradições orais. Os músicos trouxeram o

jazz, atraindo os nova-iorquinos com seu dinheiro e ensejando o surgimento de um sofisticado ambiente artístico. Os clubes noturnos, especialmente o mais famoso deles, o *Cotton Club*, de negros tinha apenas os músicos e os garçons. Dizia o escritor Langston Hughes que “*O Cotton Club* era um clube Jim Crow, funcionando para brancos endinheirados e gângsteres”⁸. Os religiosos ergueram pequenos templos que se tornaram grandes igrejas e essas criaram grandes companhias de auxílio-mútuo. Os contadores de história ganharam espaço para imprimir seu imaginário, ao mesmo tempo, em *The Crisis*, Du Bois estimulava campanhas de auto-estima entre os negros. Assim emergiram mais nomes como os de James Weldon Johnson, Zora Neale Hurston Arna Bontemps; Meta Warrick Fuller (escultora), Aaron Douglas, Palmer Hyden e William H. Johnson (pintores) e o fotógrafo James Van Der Zee

O findar da guerra abria, não apenas para Du Bois, senão que para um punhado de eleitos pelo destino, estradas que sem rumo conhecido, levariam, o presente hoje nos conta, à glória da redenção de povos. Das três metas de Bu Dois, duas cingiam-se ao povo negro de seu país. A terceira, abarcava a reconquista do amor-próprio, nas terras de onde todos haviam vindo. Era a pequena semente do Pan-africanismo, plantada timidamente em 1919 e, irrigada, adubada, em 1921, continuou crescendo em

8 - Em “Free within Ourselves”, The Harlem Renaissance, de Geoffrey Jacques. Grolier Publishing.

1923 e 1927. Du Bois, em suas memórias, assim descreve seu plano de ação: *“Minha estratégia para o movimento Pan-africano necessitaria apoiar-se fortemente em sua estruturação fora da NAACP. Assim, planejei um congresso a se realizar em três capitais da Europa: Londres, Bruxelas e Paris, entre 29 de agosto a 6 de setembro de 1921. Esse congresso, verdadeiramente merecia ser chamado Pan-africano e atraiu a atenção de todo o mundo. Participaram cento e treze delegados de vinte e seis grupos diferentes, inclusive trinta e cinco dos Estados Unidos, trinta e nove da África e os demais das Índias Ocidentais e Europa”*. Mas o que foi o Pan-africanismo? A resposta pode estar apenas nos seguintes nomes, sem qualquer escala de importância na ordem de citação: Kwame Nkrumah (Costa do Ouro - Gana), Jomo Keniatha (Quênia), Léopold Senghor (Senegal), Milton Apollo Obote (Uganda) e Julius Kambarage Nyerere (Tanganica e Zanzibar = Tanzânia); todos lideraram os movimentos de independência em suas nações e deram o norte a um Continente que ansiava por romper as cadeias que o sujeitavam, como nos tempos do tráfico de escravos, às nações imperiais européias, algumas nem mais potências, como Portugal. Du Bois, como seu ícone, Alexander Crummell, um capítulo em *As Almas do Povo Negro*), plantaram e cuidaram da semente chamada Pan-africanismo.

Estava Du Bois na casa dos cinquenta anos quando terminou a I Guerra Mundial; nessa mesma fase da vida viu o sucesso da Revolução Russa. Já havia experimentado, até então, todo o tipo de situação: da discriminação ao público

reconhecimento, da dor profunda e irreparável à glória de ideais alcançados. Em *As Almas do Povo Negro*, Du Bois se refere à libertação dos escravos que na Rússia ocorreu em 1861, enquanto os escravos americanos foram libertados entre 1863 e 1865. A Revolução Russa e o engajamento do negro em seu contexto, significaria muita reflexão, ação e decisão nos anos seguintes de sua longa vida. Em julho de 1921, respondendo a famoso intelectual negro Claude McKay (criação de seu jornal *The Crisis*, e primeiro intelectual negro a visitar como convidado à Rússia pós-revolução) procura admoestá-lo aconselhando-o a, em seus editoriais, deixar de zombar da Revolução Russa, segundo McKay *“o maior evento na história da humanidade, muito mais importante do que a Revolução Francesa”* (*The Crisis* julho de 1921), o que refletia o pensamento de determinado segmento dos negros americanos, então. Além de refutar a palavra “zombar”, Du Bois insere no comentário à carta de McKay linhas de suas graves perplexidades. Diz: *“O editor de The Crisis se considera um socialista, mas não acredita que o Estado Socialista Alemão ou a ditadura do proletariado se constituem em panacéias perfeitas. Acredita, como a maioria dos que pensam, que o vigente sistema de geração, controle e distribuição da riqueza é tremendamente errado; que deverá surgir, e está surgindo, um sistema social de controle da riqueza, mas não sabe que forma assumirá, e não está preparado para dogmatizar com Marx ou Lenine. Além disto e mais fundamental para a tarefa e visão do The Crisis fica a questão: Até onde os negros do mundo, e particularmente os negros dos Estados Unidos, podem confiar nas classes operárias?”*

Seis anos após, em 1927, Du Bois recebe três visitantes russos, que os considerou como possíveis agentes da ditadura comunista. Procuraram-no, imaginava, por ser reconhecido como um dos líderes do que se chamava liberal, senão radical, ala do movimento negro; tempo em que na Rússia pensavam, uma revolução na América somente teria condições de eclodir a partir dos negros, face ao seu descontentamento. No contato com o mais radical e imediatista do trio, Du Bois deixou claro que *“após o tudo que vi como resultado de guerras, jamais poderei considerar a violência como passo eficaz e muito menos necessário, para a reforma do Estado americano”*. Isto afastou este, mas os outros dois levaram-no, num relacionamento mais inteligente, a aceitar um convite para visitar a Rússia, o que fez, desusadamente, obrigando os anfitriões a firmar uma declaração de que a visita não implicaria em compromisso, quando de seu retorno à América, de qualquer ordem. Descrevendo, adiante, um momento da vida que assistiu na Rússia, declara ter visto *“as novas galerias de arte, as novas fábricas, o despontar de uma nova agricultura. Mas isto era material. Intelectualmente vim a conhecer Karl Marx e Lenine, seus críticos e defensores. Desde essa viagem nunca mais fui o mesmo”*.

Du Bois morreria, em 1963, aos 95 anos, em Acra, capital de Gana, que ele conhecera outrora como Costa do Ouro, possessão britânica. Das três metas a que se propôs, no distante pós-guerra de 1918, ver a independência de um país africano,

ainda que à distância, significou experimentar a validade da tese do Pan-africanismo. Viu mais, entretanto: até sua morte uma mão cheia de ex-colônias estavam sendo governadas por seus nacionais. Nesse contexto, duas grandes ironias o envolveram: Gana surgiu independente, substituindo a colônia da Costa do Ouro, em altiva homenagem ao imemorial império africano de mesmo nome. O indeferimento da emissão de passaporte, entretanto, impediu-o de presenciar o histórico evento.

Todavia, se não participou das cerimônias da Independência de Gana, presenciou, em 1960, a solenidade de instalação do primeiro Governador Geral da Nigéria, administrada por seus nacionais. Via realizar-se, assim, o sonho de seu mentor, Alexander Crummell: o Pan-africanismo frutificara.

Quando, enfim, chegou a Gana, qual o elefante da lenda africana, após longa vida e rumando à pousada perene, junto às suas almas, foi recebido como herói e, adiante, enterrado como dignitário. Na chegada, por certo deve ter-se lembrado de seu emotivo registro, quando ansiava por novos rumos à África, mas por certo não imaginava vê-los realidade. Escreveu outrora:

“Irei algum dia esquecer a noite em que pela primeira vez pus meu pé no solo africano? Sou a sexta geração daqueles que deixaram esta terra. A lua era cheia e as águas do Atlântico plácidas como um lago. Ao longo daquele arrastado fim de tarde à medida em que o sol se aninhava em seu manto escarlata, com véus de bruma e nuvens, contemplava a África distante. Cabo Monte — o impressionante promontório com suas curvas, sentinela nortista do domínio da Libéria — projetava-se fora das nuvens,

eram três e meia, então escureceu e clareou. Adiante espalhava-se a terra ondulada, exótica com palmeiras e ondas quebrantadoras. O mundo tornou-se preto. África desapareceu, as estrelas se mostravam curiosamente torcidas — Orion no zênite —, a Pequena Ursa adormecia e o Cruzeiro do Sul a surgir atrás do horizonte. Então, na distância, uma luz solitária brilhou, bem à proa do navio. Luzes tremeluzentes surgiram abaixo, em torno, e sombras crescentes. “Monróvia”, disse o capitão.”

Ao morrer, quem sabe caberia a seguinte moldura do texto da elegia a seu filho:

*“Ele morreu no ocaso, quando o sol se deitava, como ato de triste meditação, sobre as colinas do oeste, encobrindo sua face com um véu; quando os ventos permaneciam silentes, e as árvores, as grandes verdes árvores que ele amara, quedavam-se estáticas”. Ou com o texto que poderia enfeixar sua vida, também retirado de *The Dusks of Down*: “Sou especialmente agradecido ao dom divino do riso, que fez do mundo humano e amoroso, apesar de todo seu sofrimento e injustiça. Sou feliz porque o puritanismo paterno de minha criação jamais fez-me temer a vida. Vivi por inteiro, provando todo o apetite natural, ceando ao sol de por trás dos montes ou no mar, desfrutando do vinho, mulheres e música. Vi a face da beleza, do Grã-Canyon à grande Muralha da China; dos Alpes ao lago Baikal; das savanas africanas à Vênus de Milo.*

Talvez, mais que tudo, sinto-me orgulhoso da honesta clareza da razão, em parte um dom dos deuses, mas também em grau não menor ao treinamento científico e disciplina interior. Por isto enfrentei a vida face a face; gostei da disputa e concluí que Amor é Deus e Trabalho Seu profeta e que seus ministros são a Idade e a Morte”.

As Almas do Povo Negro se estrutura numa dualidade: ser negro, ser americano. Assumir, aos 95 anos, a nacionalidade africana, tornando-se cidadão de Gana, resolveu o problema de sua metáfora *“Duas almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas por um obstinado esforço, de bipartir-se”?*

Um século após o lançamento de sua coleção de ensaios, *As Almas do Povo Negro*, parece que a metáfora começa a se delinear clara no horizonte dos novos tempos nos EUA. O tempo, portanto, é algo de pouco peso na equação Du Bois. Pois o tempo haverá de escorrer muito além dele e de nós seus leitores dos séculos 20 e 21, quando, talvez, suas palavras ainda poderão pairar atemporais, como estas: *“A crescente presunção, silenciosa, nestes tempos, é de que a provação das raças é passado e que as raças atrasadas de hoje são de inquestionável ineficiência e desmerecedoras de salvação. Essa é uma posição de arrogância de povos insolentes face ao Tempo e ignorantes da capacidade do homem. Mil anos atrás, tal assunção, facilmente concebível, teria tornado difícil aos teutões provar seu direito à vida. Dois mil anos antes, esse dogmatismo, prontamente bem-vindo, teria relegado a idéia de raças loiras liderando as civilizações”*.

Porto Alegre, 3 de outubro de 1998.

José Luiz Pereira da Costa

PAI INTELCTUAL

“Não há exagero em dizer-se que, em muitos aspectos, W. E. B. DuBois⁹ é o pai intelectual da moderna inteligência negra, da moderna militância negra, de sua auto-consciência e de seu moderno desenvolvimento cultural. Sua figura assoma como escritor, editor, mestre, educador, historiador, sociologista e estudiosos de matérias africanas. Nasceu em Great Barrington, no estado de Massachusetts, tendo graduado-se na Universidade Fisk, no ano de 1888¹⁰. Após, por quatro ano freqüentou a tradicional Universidade de Harvard, onde apresentou sua tese de doutorado: *“The Suppression of the African Slave Trade”*¹¹, aclamada como “o primeiro trabalho histórico de cunho científico produzido por um negro”. Foi publicado como o volume número um da então nova serie de Estudos Históricos da Universidade de Harvard (1896). Seu trabalho *“The Philadelphia Negro: A Social Study”*¹², publicado pela Universidade da Pensilvânia, em 1899, é um estudo pioneiro de sociologia sobre o negro norte-americano. DuBois foi professor na Universidade de Atlanta entre 1896 e 1910. Em 1905 fundou o Movimento Niágara, um embrião da luta pela extinção da discriminação e segregação dos negros nos Estados Unidos. Em 1908 encontrava-se entre os fundadores da NAACP¹³. Foi ele o fundador e primeiro editor do jornal *A Crise*. Num artigo nesse jornal, em abril de 1915, delineou o programa cultural que viria a ser implementado, na década seguinte, sob a

9- O autor desta antologia prefere BuBois, ao contrário da maioria dos críticos que preferem grafar Du Bois.

10 - Nota quase escusada: ano da Abolição, no Brasil.

11 - A supressão do comércio de escravos africanos.

12 - O Negro da Filadélfia, um estudo sociológico.

denominação de Renascimento Negro¹³: *“Na arte e na literatura devemos libertar nossa fantástica riqueza emocional e a força dramática de nossas questões através da literatura, da dramaturgia, inclusive do aparato da história negra, e outras formas de arte. Devemos fazer renascer as milenares artes e história negra esquecidas e postar o negro ante o mundo, tanto como elemento criativo, quanto sujeito de criação artística”*. DuBois editou *The Atlanta Studies*¹⁴, tendo fundado e editado *Phylon*, que se tornou o famoso e erudito *“Atlanta University Review of Race and Culture”*¹⁵. DuBois foi o fundador do Congresso Pan-africano¹⁶, além de primeiro diretor e secretário da Enciclopédia Africana¹⁷.” *Abraham Chapman*

13 - Associação Nacional para o Progresso da Gente de Cor.

14 - Estudos sobre Atlanta

15 - Revista de Raça e Cultura da Universidade de Atlanta.

16 - Semente que desabrochou na independência, nos anos 1950, de Gana e Guiné-Conácri, seguida dos demais países africanos.

17 - Nos anos finais, DuBois mudou-se para Gana, aceitando convite do Pai da Independência da outrora Costa do Ouro, Kwame Nkrumah, para concluir o projeto da Enciclopédia Africana. Em seu 95º aniversário recebe o título honorário de Doutor, da Universidade de Gana. Assume a cidadania ganense e tem o privilégio de observar, mesmo de longe, aos preparativos para a grande marcha sobre Washington, dos Direitos Cívicos. Morreu, em 17 de setembro de 1963, na véspera da revelação do “Sonho”, de Martin Luther King Jr.

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

- Meditação preliminar
- I - Sobre nossos embates espirituais
 - II - Sobre o alvorecer da liberdade
 - III - Sobre o Sr. Booker T. Washington e outros
 - IV - Sobre o significado do progresso
 - V - Sobre as asas de Atalanta
 - VI - Sobre a instrução dos negros
 - VII - Sobre o Cinturão Negro
 - VIII - Sobre o desafio do Velocino Dourado
 - IX - Sobre os filhos do Senhor e do Homem
 - X - Sobre a fé dos antepassados
 - XI - Sobre o passamento do primogênito
 - XII - Sobre Alexander Crummell
 - XIII - Sobre o retorno de João
 - XIV - As Canções de Sofrimento
- Meditação ulterior

◎ FUTURO DIRÁ

Excerto do capítulo “Das canções de sofrimento”, incluído na abertura desta tradução de fim do século XX,

A crescente presunção, silenciosa, nestes tempos, é de que a provação das raças é passado e que as raças atrasadas de hoje são de inquestionável ineficiência e desmerecedoras de salvação. Essa é uma posição de arrogância de povos insolentes face ao Tempo e ignorantes da capacidade do homem. Mil anos atrás, tal assunção, facilmente concebível, teria tornado difícil aos teutões provar seu direito à vida. Dois mil anos antes, esse dogmatismo, prontamente bem-vindo, teria relegado a idéia de raças loiras liderando as civilizações. Tão lamentavelmente desorganizado é o conhecimento sociológico do significado do progresso, que a acepção de “rápido” e “devagar”, no agir humano, e os limites da perfeição humana são veladas – esfinges não desvendadas nas praias da ciência. Por que Ésquilo¹⁸ versejou dois mil anos antes que Shakespeare nascesse? Por que a civilização floresceu na Europa e tremulou, queimou e morreu na África? Enquanto o mundo se mantiver incapaz de responder essas questões, deve esta nação proclamar sua ignorância e desmistificar preconceitos que negam liberdade de oportunidade àqueles que trouxeram as Canções de Sofrimento para os *Assentos dos Poderosos*¹⁹?

William Edward Burghardt Du Bois

18 - ÉSQUILO, poeta grego (Elêusis, c. 525 – Gela, Sicília, 456 a.C.). escreveu *As suplicantes* (c. 490), *Os persas* (472), *Os sete contra Tebas* (467), *Prometeu acorrentado* (depois de 467) e a trilogia da *Oréstia* (*Agamêmnon*, *Os Coéforos*, *As Eumênides*) (458), sendo considerado criador da tragédia grega.

19 Parker, Sir (Horatio) Gilbert (George) 1862-1932 - Escritor canadense autor de “The Seats of the Mighty” (Os Assentos dos Poderosos) (1896).

O DOCUMENTO

MEDITAÇÃO PRELIMINAR

Jazem sepultadas neste local muitas coisas que, se lidas com paciência, podem mostrar o estranho significado de ser negro aqui, no alvorecer do Século Vinte. Este significado não é destituído de interesse para você, caro leitor, pois a questão do Século Vinte é o problema da linha da cor²⁰.

Apelo, pois, que você receba este meu pequeno livro com toda a caridade, estudando, comigo, minhas palavras; perdoando meus enganos e fraquezas, pelo bem da fé e da paixão que se encontram em mim, e buscando o grão de verdade ali escondido.

Eu procurei delinear aqui, em vagos e incertos contornos, o mundo espiritual onde milhares de americanos vivem e lutam. Primeiro, em dois capítulos, tentei mostrar o que, para aqueles, Emancipação significou e qual foi o seu resultado. Num terceiro capítulo apontei o lento surgimento de lideranças e critiquei candidamente o líder²¹ que carrega o principal fardo de sua raça, na atualidade. Então, em outros dois capítulos, esbocei em rápido bosquejo os dois mundos dentro e fora do Véu²² e deste modo cheguei à questão central da preparação do homem para a vida. Aventurando-me agora num detalhe mais profundo em dois capítulos, estudei a luta de massificados milhões de trabalhadores negros, e noutro busquei tornar claras as atuais relações existentes entre os filhos dos senhores e o homem.

20 - Du Bois proclamou, pela primeira vez, publicamente, que "a questão do Século Vinte é o problema da linha da cor" num discurso proferido em Londres, na primeira conferência Pan-africana, realizada em julho de 1900.

21 - Referência a Booker T. Washington.

22 - A metáfora do Véu perpassa por toda esta obra, adquirindo significados múltiplos. Para uma visão bíblica de véu veja Êxodo 34.33-35. 33 - Assim que Moisés acabou de falar com eles, pôs um véu sobre o seu rosto. 34 - Porém, entrando Moisés perante o Senhor, para falar com ele, tirava o véu até sair; e, saindo, falava com os filhos de Israel o que lhe era ordenado. 35 - Assim, pois, viam os filhos de Israel o rosto de Moisés, e que resplandecia a pele do seu rosto; e tornava Moisés a pôr o véu sobre o seu rosto, até entrar para falar com ele. Mateus 27:51 - E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras; Hebreus 6:19 - A qual temos como âncora da alma, segura e firme, e que penetra até ao interior do véu 10:20 - Pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne; Isaías 25:7 - E destruirá neste monte a face da cobertura, com que todos os povos andam cobertos, e o véu com que todas as nações se cobrem.

Deixando, então, o mundo do branco, dirigi-me para o interior do Véu, levantando-o de forma que você possa ver fracamente seu esconderijo profundo – o significado de sua religião, a paixão de seu sofrimento humano, e a luta de suas almas grandiosas. E tudo conclui com uma história velha, mas raramente escrita²³.

Alguns de meus pensamentos vieram à luz com outra aparência. Por gentil consentimento de seus editores estou republicando-os aqui de forma modificada e mais extensa. Assim devo agradecer aos editores de “The Atlantic Monthly, The Word’s Work, The Dial, The New World e Annal of the American Academy of Political and Social Science.

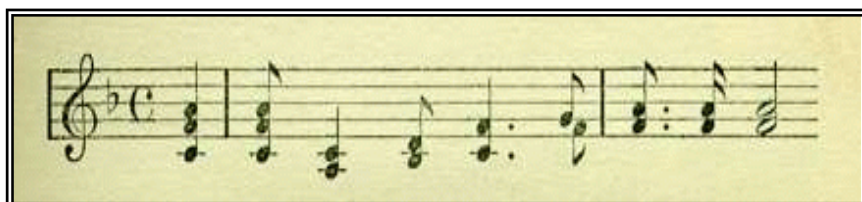
Antes de cada capítulo, na forma desta edição, encontra-se uma passagem das Canções de Sofrimento – o eco da melodia sempre presente, da única música americana, que jorrou das negras almas no passado sombrio. E, finalmente, necessito acrescentar que eu, que aqui falo, sou osso do osso, carne da carne, dos que vivem dentro do Véu ?

W. E. D. Du B.

ATLANTA, GA. 1^a de fevereiro de 1903

23 - Em outra edição, de 1953, Du Bois acrescenta, ainda, após “mas raramente escrita”, a frase “e um capítulo de canção”.

I

SOBRE NOSSOS EMBATES ESPIRITUAIS

*Oh água, voz de meu coração, lamentando na areia
A noite toda, lamentando num plangente clamor
Deito-me e ouço, mas não posso entender
A voz de meu coração, a meu lado, ou a voz do mar,
Oh água, clamando por repouso, ela sou eu, sou eu ela?
A noite toda, a água a mim se lamenta.*

*Infatigável água, não haverá jamais repouso
Até que a derradeira lua decline, e a última maré minguar,
E o fogo do fim inicie a queimar no oeste;
E o coração estará exausto e maravilhado, e chorará como o mar,
A vida toda chorando, sem valia,
Como a água, a noite toda, a mim se lamenta.*

Arthur Symons ²⁴

Entre mim e o outro mundo existe sempre uma questão não proposta: não demandada por alguns, por sentimentos de delicadeza; por outros, pela dificuldade de uma exata formulação. Todos, porém, adejam em torno. Abordam-me numa maneira meio hesitante, olham-me curiosa ou piedosamente. Então, ao invés de dizerem diretamente, Como se sente sendo um problema? falam, Eu conheço um excelente

24 - Os versos "O clamor das águas" são de Arthur Symons (1865-1945), poeta e crítico literário inglês, tradutor de muitos poemas franceses, da escola simbolista. A música é do espiritual *Nobody Knows the Troubles I've Seen*. Esta estrutura, um poema ou verso e um trecho de espiritual emoldura toda a obra *"The Souls of Black Folk"*.

homem de cor na minha cidade; ou, Eu servi em Mechanicsville; ou, Essas ofensas de sulistas não fazem seu sangue ferver? Para esses eu sorrio, ou demonstro interesse, ou reduzo o fervor para um abrandamento, como exija a ocasião. Para a verdadeira questão, Como se sente sendo um problema? – raramente dou uma resposta.

E mais, ser um problema é uma estranha experiência — estranha mesmo para alguém acostumado a isto, exceto, quem sabe, na infantilidade e quando na Europa. É logo no alvorecer da irresponsável infância que a revelação, do jeito que é, se abate sobre alguém, por inteiro, em apenas um dia. Lembro-me bem quando a sombra me encobriu. Eu era uma coisinha, lá longe, nas colinas da Nova Inglaterra, onde o negro rio Housatonic serpenteia entre os montes Hoosac e Taghkanic, rumo ao mar. Numa acanhada escola de madeira alguém pôs na cabeça das crianças, meninos e meninas, comprassem belos cartões de visita — dez centavos um pacote — e os trocassem entre si. A troca foi divertida, até que uma menina, alta e recém chegada, recusou receber meu cartão — rejeitou-o, peremptoriamente, com um olhar. Compreendi, instantaneamente, que eu era diferente dos demais; ou similar, quiçá, no coração, na vida, no aspirar, mas apartado de seu mundo por um imenso véu. A partir de então, não senti qualquer vocação para arrancar aquele véu, arrastar-me através; mantive-os, todos, distantes, em recíproco desdém, e vivi ao alto, numa região de céu azul e grandes nuvens errantes. O céu era tanto mais azul quando eu podia derrotar meus colegas, em tempos de provas, ou abatê-los nas disputas de atletismo, ou mesmo bater em suas emplastadas cabeças. Que pena!, com o passar dos anos todo esse agradável desprezo foi desaparecendo; por que tudo que aspirei, com suas deslumbrantes oportunidades, era seu, não me pertencia. Mas eles não devem conservar tais prêmios, pensei; algo, tudo, poderei tomar-lhes. Apenas a forma como iria fazê-lo jamais pude decidir: seria lendo as leis, seria curando os doentes, narrando-lhes as maravilhosas histórias que fluíam em minha cabeça — algo assim. Com outros meninos negros a luta não foi tão intensamente radiante: tiveram sua juventude reduzida a um insosso sicofantismo; a um hostil silêncio ao pálido mundo que os cerca e ao escárnio, desconfiado, de tudo que é branco; ou consumindo-se numa amarga lamúria. Por que Deus me fez um pária, um estranho em minha própria casa? As sombras do presídio envolveram-nos todos: muralhas estreitas e resistentes para os mais claros; mas inexoravelmente estreitas, altas e inescaláveis para os filhos da noite, que devem penar

mais no escuro, resignados, ou bater inutilmente as palmas contra a rocha, ou tranqüilos, meio-desanimados, contemplarem o cintilar do azul acima.

Após os egípcios e os indianos, os gregos e os romanos, os teutônios e os mongóis, o negro é uma espécie de sétimo filho²⁵, nascido com um véu e dotado de uma clarividência, neste mundo americano – mundo que não lhe permite produzir uma verdadeira autoconsciência, que apenas lhe assegura se descubra através da revelação do outro. É uma sensação peculiar, essa dupla-consciência, esse sentido de sempre olhar a si próprio através dos olhos de outros, de medir um sentimento através da métrica de um mundo que o contempla com divertido desprezo e pena. É sentir sempre a duplicidade – ser americano, ser negro. Duas almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas por um obstinado esforço, de bipartir-se.

A história do negro americano é a história desse embate — o desejo de conseguir amadurecida autoconsciência, amalgamar sua dualidade em um melhor e mais verdadeiro ser. Nesse mesclar, aspira que nenhum dos entes anteriores desapareçam. Não africanizará a América, pois a América tem muito a ensinar para o mundo e para a África. Não branqueará sua alma negra numa torrente de americanismo branco, pois sabe que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo. Ele deseja, simplesmente, tornar possível para o indivíduo ser tanto negro quanto americano, sem ser amaldiçoado e cuspidor por seus companheiros, sem ter as portas da Oportunidade violentamente batidas à sua cara.

25 - A crença de que as crianças falecidas possuem dotes paranormais é popular nos EUA. Na tradição de medicina popular dentre muitos povos europeus, o sétimo filho ou filhas podem ser considerados como possuidores de poderes paranormais, especialmente de cura. O mesmo se aplica a gêmeos.

Esse, assim, é o fim de seus embates: ser um co-partícipe no reino da cultura, escapar tanto da morte quanto do isolamento, preservar e usar o melhor de suas forças e de seu gênio latente. Forças do corpo e da mente foram, no passado, singularmente desperdiçadas, dispersadas e esquecidas. A sombra de um poderoso passado voeja nas lendas da Etiópia Misteriosa e do Egito da Esfinge. Ao longo da história, o poder de homens negros lampejou aqui e ali como estrelas cadentes, e morreu, às vezes, antes que o mundo tivesse com precisão medido sua luminosidade. Aqui na América, nos poucos dias que se passaram desde a Emancipação²⁶, o vaivém do negro, em hesitante e duvidoso embate, tem geralmente feito seu esforço perder eficácia, para mostrar-se como falta de poder, como fraqueza. Todavia, não é fraqueza — é a contradição de desígnios duplos. A luta de desígnios duplicados do artesão negro — de um lado escapar à piedade branca para com uma nação de meros serviçais²⁷; de outro arar, pregar e cavar para uma horda de tangidos pela pobreza — pode apenas resultar em torná-lo um pobre artesão, posto que não tem senão meio coração numa ou noutra causa. Face à pobreza e ignorância de seu povo, o ministro ou o doutor negros foram tentados a abraçar a demagogia e o charlatanismo; e pela crítica do outro mundo, sendo impulsionados rumo a ideais que os fizeram envergonharem-se de suas tarefas menores. O que viria a ser o suposto negro instruído, viu-se confrontado pelo paradoxo segundo o qual o tipo de conhecimento de que seu povo necessitava era aquele repetido, e velho, aos vizinhos brancos, enquanto que o conhecimento que iluminaria os brancos seria o grego, em sua essência. O amor inato pela harmonia e a beleza, que forjou nas singelas almas a ânsia de dançar e cantar, criou, no espírito do artista negro, confusão e dúvida. A beleza que lhe foi revelada era a bela-alma de uma raça que, majoritariamente, o desprezava; e lhe era impossível articular uma mensagem para o outro povo. Este desperdício de duplos objetivos, a busca por satisfazer dois ideais irreconciliáveis, laborou um triste caos na coragem, fé, esperanças e obra de dez milhões de pessoas — remeteu-as à veneração de falsos deuses e à invocação de meios

26 - Proclamação de Emancipação foi assinada pelo presidente Lincoln, em 22 de setembro de 1862, onde estatuiu: "pessoas mantidas como escravos em áreas que se mantêm em rebelião contra os Estados Unidos" serão consideradas como livres, desde e a partir de 1º de janeiro de 1863".

27 - Referência a Josué, 9:21, 23 e 27, (*hewer of wood and drawer of water*). Numa tradução para o português, da Bíblia, a expressão usada é: *rachadores de lenha e tiradores de água*. James Baldwin, na crítica literária à obra *Native Son*, de Richard Wright, usa a mesma expressão bíblica, que também é sinônimo de servente, empregado humilde, segundo *Rogert's Thesaurus of English*.

equivocados de salvação e, muitas vezes, parece que as fazia sentirem-se envergonhadas de si mesmas.

Lá atrás, nos dias da escravidão, pensavam que a força de um evento supranatural, divino, poria termo a todas as dúvidas e desapontamentos; poucos homens haviam venerado a Liberdade, com a metade da inquestionável fé, como fez o negro americano, por dois séculos. Para ele, na medida em que sonhava e raciocinava, a escravidão era, realmente, a soma de todas as vilanias, a causa de todo o sofrimento, a origem de todo o preconceito; Emancipação era a chave de entrada numa terra prometida, de doces amenidades jamais vislumbradas por desvalidos israelitas. Na música e na exortação sobressaía-se um refrão — Liberdade; nas suas lágrimas e imprecções, o Deus a quem implorava, tinha o poder da Liberdade. Enfim ela veio — repentina, temerosamente, como um sonho. Com um selvagem carnaval de sangue e paixão veio a mensagem em sua própria e melancólica cadência:

“Brada oh criança!

Grita, que és livre!

Pois Deus comprou tua liberdade!”

Os anos passaram-se desde então — dez, vinte, quarenta; quarenta anos de cidadania, quarenta anos de renovação e desenvolvimento e, apesar disto, o escuro espectro acomoda-se no assento de sempre, do banquete nacional. Em vão choramos por este nosso imenso problema social:

“Assuma qualquer forma não esta, e meus nervos hirtos

Jamais irão tremer!”

Por seus pecados, a Nação ainda não encontrou a paz; o liberto ainda não encontrou na liberdade a sua terra prometida. Seja o que tenha vindo de bom nesses anos de mudanças, a sombra de um profundo desapontamento encobre o povo negro — um desapontamento tanto mais amargo por que o ideal não alcançado era desmedido, salvo para a ignorância simples de um povo humilde.

A primeira década foi simplesmente o prolongamento de uma vã busca pela

liberdade, o obséquio que parecia apenas mistificar o arroxo de sempre — como um tantalizante fogo-fátuo, endoidecendo e desencaminhando as massas acéfalas. O holocausto da guerra, os horrores da *Ku-Klux Klan*²⁸, as mentiras dos *carpet-baggers*²⁹, a desorganização da indústria e as informações contraditórias de amigos e inimigos, não deixam ao maravilhado servo qualquer novo lema além da antiga divisa, Liberdade. Com o passar do tempo, todavia, ele iniciou a laborar uma nova idéia. O ideal de liberdade demandava, para sua consecução, poderosos instrumentos, e esses lhes foram dados pela Décima Quinta Emenda³⁰. O voto, para o qual havia antes olhado como signo visível de emancipação, aparecia agora como a ferramenta mais eficaz para consolidar e aprimorar a liberdade, que a guerra parcialmente lhe havia concedido. E por que não? O voto não fez a guerra e emancipou milhões? Por acaso o voto não garantiu a cidadania ao liberto? Haveria algo inatingível para um poder capaz de tudo isto? Um milhão de negros se propuseram, com grande ardor, a votarem neles mesmos, adentrando, destarte, ao reino. Assim, a década foi embora, a Revolução de 1876 chegou, deixando o servo semi-livre enfraquecido, maravilhado, mas ainda inspirado. Devagar, todavia, pertinazmente, nos anos que se seguiram, uma nova visão começou gradualmente a substituir o sonho de um poder político — um intenso movimento, o nascer de um outro ideal para guiar os desorientados, outro facho de luz após um dia nublado. Era o ideal de cultor; da curiosidade nascida de ignorância imposta, para testar e saber o poder de cartas cabalísticas dos brancos, a ânsia de saber. Aqui, enfim, parece ter sido encontrado o caminho da montanha para Canaã;

28Abreviaturas: **KKK**, K.K.K. Ku-Klux Klan, organização secreta, do Sul dos Estados Unidos, criada após a Guerra Civil, para restabelecer a supremacia branca, por meio do terrorismo.

29**Carpet-baggers**, termo sulista para definir os nortistas que migraram para o Sul durante o pós-guerra civil, período chamado de Reconstrução. Identificados, na sua maioria, por carregar malas que eram fabricadas com tecido de tapete, tinham por objetivo fazer fortuna em terra arrasada. O voto afro-americano tornou-se importante e os que corrompiam ou se deixavam corromper, eram chamados, por extensão, de *carpet-baggers*. Fisk Library, via Internet.

30**Emenda de 1870**, proíbe a negativa do direito de voto, “face à raça, cor ou condição anterior de servidão”. Não assinaram, senão mais adiante, por imposição de integrar à Federação, o Mississippi, 1890; a Luisiana, 1898 e o Alabama, 1901

mais extenso do que a estrada da Emancipação e da lei, escarpada e áspera, mas reta, conduzindo a patamares altos o bastante para dominar a vida.

Na nova rota, a linha de frente avançou, devagar, árdua e tenazmente; apenas os que observaram e guiaram os indecisos — as mentes nebulosas, a difícil compreensão de escuros alunos dessas escolas — sabem quão lealmente, quão piedosamente, esse povo se empenhou para instruir-se. Foi um trabalho fatigante. O estatístico, indiferente, registrou os centímetros de progresso, aqui e ali, anotando cá e acolá um deslize ou uma queda. Para exaustos montanhistas, o horizonte mostrava-se ainda mais escuro, a névoa era geralmente fria, Canaã estava sempre turva e distante. Se, todavia, a paisagem descortinada não representava o atingir de uma meta, um estágio para descanso, um pouco de animação e crítica, a jornada, pelo menos, ensejou a oportunidade para reflexão e auto-exame; transformada que foi a infância da Emancipação em juventude com autoconsciência, auto-realização, auto-respeito. Nessas sombrias florestas de sua luta, sua alma ergue-se diante de si, e ele viu, a si mesmo, turbido, como através de um véu; e ainda viu em si mesmo uma tímida revelação de seu poder, de sua missão. Começou a ter um indefinido sentimento de que, para alcançar seu lugar no mundo, deveria ser ele mesmo, não o outro. Pela primeira vez ele buscou analisar a carga que carregava em suas costas — o peso morto da degradação social parcialmente mascarada atrás da meia-expressão, problema negro. Ele sente sua pobreza; sem um centavo, sem um lar, sem terra, ferramentas ou poupança, entra na competição com os vizinhos ricos, proprietários e preparados. Ser pobre é duro, mas ser uma raça pobre na terra dos dólares é o mais profundo dos sofrimentos. Ele sentiu o peso de sua ignorância — não apenas do abecedário, mas da vida, dos negócios, das humanidades; a preguiça, indolência e despreparo acumulados, ao longo de décadas e séculos, ataram suas mãos e pés. Não eram seu fardo apenas a pobreza e a ignorância; também a mácula infame da bastardia — que, por dois séculos de sistemática e legal contaminação da mulher negra, estigmatizou sua raça — significou não apenas a perda da anciã castidade africana, mas também a absorção hereditária de uma avalanche de corrupção por brancos adúlteros, ameaçando quase à obliteração o lar do negro.

A um povo, assim, em desvantagem, não se deve pedir para que dispute com o mundo, ao contrário, deve ser-lhe permitido que empregue todo seu tempo e reflexão na solução de seus problemas sociais. Mas, que pena!, enquanto sociólogos enumeram dos negros os bastardos e as prostitutas, a alma do negro sacrificado e suarento é toldada pela

sombra de um imenso desânimo. Os homens chamam tal sombra de preconceito e os eruditos explicam que é a defesa natural da cultura contra a barbárie, o saber contra a ignorância, a pureza contra o crime, as raças “superiores” contra as “inferiores”. Para o quê, o negro grita amém! e jura que muito desse estranho preconceito, como é baseado numa justa homenagem à civilização, cultura, justiça e progresso, ele humildemente curva-se e submissamente reverencia-os. Mas, ante ao inominado preconceito que envolve tudo, ele mantém-se desamparado, desanimado e praticamente sem palavra; face esse desrespeito pessoal e galhofa, à ridícula e sistemática humilhação, à distorção de fato e à temerária licença de fantasiar, ao cínico ignorar o melhor e o com alarde dar boas-vindas ao pior; o impregnado desejo de inculcar desdém em tudo que é negro, de Toussaint³¹ ao diabo — ante isto surge um doentio desânimo que desarmaria e desencorajaria qualquer nação, menos este povo negro para quem “desencorajamento” é uma palavra inexistente.

Mas o defrontar-se com tão imenso preconceito não poderia trazer senão auto-indagação, automenosprezo e o arrefecimento da busca de ideais que sempre acompanham a repressão e se reproduzem numa atmosfera de contempto e ódio. Rumores e crenças nascem de quatro ventos: Cuidado! nós estamos doentes e morrendo, clamam as hostes negras; não sabemos escrever, votar é ato vão; para que educação se somos úteis somente para servir e cozinhar? E a Nação ecoou e ampliou esta autocrítica, dizendo: Fiquem felizes em serem serventes e nada mais; para que cultura superior para um meio-homem? Suprimam o voto do negro, pela força ou fraude, e contemplem o suicídio de uma raça! Todavia, do mal surgiu algo de bom — um mais cuidadoso ajuste da educação à vida real, uma mais clara percepção das responsabilidades sociais do negro e uma mais sóbria realização do significado do progresso.

31 - **François Dominique Toussaint L'Ouverture**, (1746–1803), Patriota haitiano. Autodidata. Liderou a Revolução Negra de 1791 para liberar os escravos.

Assim, emergiu o tempo de *Sturm und Drang*³²: tempestade e tensão agitam atualmente nosso pequeno barco, nas águas insanas do grande oceano. Dentro e fora estão os sons do conflito, o queimar de corpos e o romper-se de almas; a inspiração embate com a dúvida; a fé com o questionar infrutífero. Os luzentes ideais do passado — liberdade física, força política, o treinamento de cérebros e de mãos — tudo isso, em troca, foi encoberto e encolheu até que enfraqueceram e ensombreceram. Estão todos errados, tudo é falso? Não, nada disto, mas cada um era muito simples e incompleto — os sonhos de uma crédula infância-racial, ou as fantasias positivas do outro mundo, que não toma e não deseja tomar conhecimento de nosso poder. Para serem realmente verdadeiros, todos esses ideais devem ser amalgamados em um só. O aperfeiçoamento das escolas, precisamos hoje mais do que nunca — o treinamento de mão habilidosas, olhos e ouvidos rápidos, mas, acima de tudo, a ampla, a profunda e alta cultura de mentes prendadas e corações puros. A força do voto, a necessitamos em completa autodefesa — senão o que nos livraria de uma segunda escravidão? A Liberdade, também, há muito buscada, igualmente ansiamos — a liberdade de viver e desfrutar, a liberdade de trabalhar e de pensar, a liberdade de amar e almejar. Trabalho, cultura, liberdade, a tudo isto necessitamos, não separadamente, senão que juntos, não sucessivamente, mas juntos, cada um crescendo e ajudando o outro, e todas marchando em direção ao vasto ideal que flutua ante o povo negro, o ideal de humana irmandade, adquirido através da consolidação do ideal de Raça; o ideal de desenvolver as peculiaridades e talentos do negro, não em oposição ou desprezo por outras raças, mas, em verdade, em conformidade com os grandes ideais da República americana, de forma que um dia, no solo americano, duas raças mundiais possam dar uma a outra características que a ambas tristemente faltam. Nós, os mais escuros, mesmo neste contexto, não chegamos de mãos vazias: não existem hoje verdadeiros expoentes do puro espírito da Declaração de Independência senão que os negros americanos; não existe verdadeira música americana, senão a suavemente selvagem melodia do negro escravo; as lendas americanas e o folclore são as do índio e do africano; e, em tudo, nós, os negros, parecemos ser o único oásis de fé singela e reverência num deserto empoeirado por dólares e esperteza. Tornar-se-á pobre a América se substituir sua brutal e cega dispepsia pela

32 - Literalmente, tempestade e tensão. Chamou-se *Sturm und Drang* um movimento literário na Alemanha, no último quartel do século dezoito. Em geral, os escritos eram fortemente pessoais, dando ênfase à experiência emocional e dilemas espirituais do autor. A obra que talvez melhor capture o espírito desse movimento é *Die Leiden des Jungen Werthers* (*As tristezas do jovem Werther*), de Johan Wolfgang von Goethe, de 1774.

suave, mas determinada humildade do negro; ou a sua impolidez e crueldade por um jovial e encantador bom-humor? Ou sua música vulgar pelo espírito das Canções de Sofrimento?

É o Problema Negro simplesmente uma verificação dos princípios que embasam esta grande república, e a luta dos filhos dos libertos é a azáfama de almas cuja sobrecarga praticamente ultrapassa sua capacidade, mas que a suportam — parte que são de uma raça histórica — por esta terra de seus avoengos, e em busca de uma oportunidade humanitária.

E agora, o que brevemente esbocei em linhas gerais permite-me, nas páginas vindouras, dizer-lhes, novamente, em muitas formas, com apaixonada ênfase e mais fundo detalhe, que os homens poderão perceber esses embates, nas almas do povo negro.

II

SOBRE O ALVORECER DA LIBERDADE



Descuidado, parece ser o grande Vingador.

Lições da História registram apenas

Um golpe mortal, no escuro

Entre antigos sistemas e a Palavra;

Verdade eternamente no cadafalso,

Mal eternamente no trono;

Todavia esse cadafalso controla o futuro,

E atrás do indistinto desconhecido

Posta-se Deus, em meio à sombra

Cuidando o que é Seu..

Lowell ³³

A questão do Século Vinte é o problema da linha da cor – a relação entre as raças de homens mais escuros e os mais claros na Ásia, África, América e nas ilhas dos mares³⁴. Foi um aspecto dessa problemática que causou a Guerra Civil. E mesmo que

33 - Os versos são de "A presente crise", de James Russel Lowell (1819-1891, poeta, editor e diplomata americano. A música é do spititual "My Lord What a Mourning!".

34 - Referência ao livro de Isaías, 11:11 (...e das terras do mar)

a maioria dos que lutaram pelo Norte ou pelo Sul em 1861 tenham fixado como razões do conflito a união e a busca de autonomia local, todos sabiam, como nós o sabemos, que a questão da escravidão dos negros se constituiu na verdadeira causa do conflito. Curioso, da mesma forma, é notar-se que esta questão, apesar de sua profundidade, jamais forçou-se a emergir, embora o empenho e a renúncia. Tão pronto as tropas nortistas pisaram o solo sulista, esta questão antiga, com nova roupagem, brotou da terra: – O que iremos fazer com o negro? Comandos militares de ferro, assim ou assado, não podiam responder à questão; a Proclamação da Emancipação mostrava-se muito ampla e aumentava as dificuldades; e as Emendas de Guerra geraram os problemas atuais do negro.

É objetivo deste ensaio estudar o período da história que se passa entre 1861 e 1872, no que concerne ao negro americano. Com efeito, esta narrativa do alvorecer da Liberdade é uma avaliação da organização chamada de Escritório dos Libertos – uma das tentativas mais interessantes e peculiares, feitas pela grande nação, para enfrentar os imensos problemas raciais e das condições sociais vigentes.

A guerra tem nada a ver com escravos, clamava o Congresso, a Presidência e a Nação; todavia, tão pronto os exércitos, do Leste e do Oeste, penetraram na Virgínia e no Tennessee, já despontaram escravos fugitivos em suas linhas. Eles chegavam à noite, quando as cintilantes fogueiras de campanha brilhavam como imensas e instáveis estrelas, na linha do negro horizonte: velhos esqueléticos, de cabelos brancos ínvios; mulheres de olhos assustados, arrastando crianças chorosas e famintas; jovens, homens e mulheres, com corpos rijos, fortes – uma horda de vagabundos famintos, desabrigados, desesperançados, patéticos, em seu extremo infortúnio. Dois métodos empregados para lidar com esses recém chegados pareceriam igualmente lógicos para dois tipos opostos de pensamentos. Ben Butler³⁵, na Virgínia, rapidamente declarou os fugitivos escravos como sendo contrabando de guerra, colocando-os de imediato a trabalhar; já Fremont³⁶, no Missouri, declarava os escravos sob lei marcial. A iniciativa de Butler foi aprovada, enquanto a ação de Fremont foi rapidamente cancelada e seu sucessor, Halleck, viu as coisas de forma diversa. “A partir de agora”, determinou, “nenhum escravo poderá ingressar em

35 Butler Benjamin Franklin (1818-1893) Militar e político, foi governador militar de Nova Orleães (Maio - Dezembro de 1862) o que lhe custou acusação de corrupto, tendo sido removido.

36 Frémont, John Charles (1813 - 1890). Explorador, soldado e político, foi eleito senador pela Califórnia. Na guerra, comandou tropas da União.

nossas linhas; se entrarem, quando o proprietário reclamá-los, devem ser devolvidos”. Essa política era difícil de implementar; alguns dos escravos refugiados se haviam declarado homens livres, outros clamavam que seus amos os haviam abandonado e, ainda, mais outros, eram capturados em fortes e fazendas. Evidentemente, os escravos eram uma fonte de trabalho para a Confederação³⁷, sendo assim utilizados como trabalhadores e produtores. “Eles formam uma reserva militar”, registrou o ministro Cameron³⁸, em 1861; “e como tal, torna-se óbvio que não os devemos facilitar ao inimigo”. Assim, gradualmente, o ânimo dos comandantes militares foi mudando; o Congresso proibiu a restituição de fugitivos, e os “contrabandos” de Butler eram bem recebidos como operários militares. Isto, entretanto, mais complicou do que resolveu o problema, posto que então os escravos fugitivos dispersos tornaram-se fluxo estável, que mais engrossava à medida que as tropas marchavam.

Então o homem de cabeça grande, de tristeza esculpida na face, que se sentava na Casa Branca³⁹ viu o inevitável e emancipou os escravos pertencentes aos rebeldes, no ano-novo de 1863. Um mês mais tarde, o Congresso, com sinceridade, conclamou aos soldados negros para que atendessem ao ato de julho de 1862, que havia, meio relutantemente, permitido se alistassem. Assim, as barreiras haviam sido derrubadas, assegurando a tomada de ação. O fluxo de fugitivos expandiu-se transformando-se numa torrente, fazendo com que ansiosos oficiais das Armas continuassem a indagar: “O que se deve fazer com os escravos, aportando constantemente? Devemos também dar comida e abrigo para mulheres e crianças?”

Foi um certo Pierce⁴⁰, de Boston, quem indicou o caminho, e, por isto, de algum modo, tornou-se o fundador do Escritório dos Libertos. Era ele um grande amigo do ministro

37 - Estados Confederados da América (1861–65), Governo instituído por Estados do Sul, após sua secessão da União. Quando o presidente Lincoln foi eleito (Nov. 1860), sete Estados: Carolina do Sul, Geórgia, Louisiana, Mississippi, Flórida, Alabama e Texas — se desligaram. Um governo provisório foi formado na cidade de Montgomery, Alabama, e uma Constituição foi redigida, muito semelhante à Constituição dos EUA, mas prevendo o direito à escravidão. Após o bombardeio do Forte Sumter e o chamamento de Lincoln às armas, outros quatro Estados seccionaram-se: Arkansas, Carolina do Norte, Virgínia e Tennessee. Richmond, Virgínia., tornou-se a capital, e Jefferson Davis e A.H. Stephens foram eleitos presidente e vice. A história da Confederação é a história de como a Guerra Civil foi perdida.

38 - Simon Cameron (Ssecretary of War) ministro da Guerra. Nasceu em Maytown, Pensilvânia., em 8 de março de 1799 e faleceu em 26 de junho de 1889. Foi importante líder político.

39 - Segundo biógrafos esta é a alegoria usada pelo autor para descrever a Abraham Lincoln.

40 - Edward L. Pierce (1829-1897) era um abolicionista bostoniano, que marchou em direção ao Sul para cooperar com os libertos, em sua adaptação ao trabalho livre. Foi indicado como agente governamental encarregado da produção de algodão e dos libertos em Port Royal, na Carolina do Sul e nas ilhas marítimas. A experiência de Porto Royal (1861-1862) foi um esforço de reiniciar a produção de algodão entre os negros libertos na ilha Hilton Head. A experiência foi conduzida conjuntamente por missionários da Nova Inglaterra, agentes do governo federal e empresários privados.

Chase⁴¹; e quando, em 1861, a proteção dos escravos e das terras abandonadas recaíram sobre funcionários do Tesouro, Pierce mostrou-se especialmente cuidadoso quanto aos encarregados de estudar as condições. Primeiro, ocupou-se dos refugiados da fortaleza de Monroe; a seguir, após Sherman⁴² haver capturado Hilton Head, Pierce foi para lá enviado a fim de implantar seu experimento de Port Royal, de transformar escravos em trabalhadores livres. Mal a experiência começara — todavia, o problema dos fugitivos assumira tal proporção — foi retirada das mãos do sobrecarregado Ministério do Tesouro e passada às mãos de oficiais do Exército. Então, massas de libertos começavam a se engajar nas fortalezas de Monroe, Washington, New Orleans, Vicksburg, Corinth, Columbus, em Kentucky, e Cairo, em Illinois, bem como Port Royal. Os capelões militares encontraram, nesses novos soldados, um campo fértil para sua pregação; os “superintendentes de contrabando” se multiplicaram, e uma tentativa de trabalho ordenado foi feita, tornando soldados os mais aptos e dando trabalho aos demais.

Surgiram, aí, as sociedades de auxílio aos libertos, originadas de apelos sentimentais de Pierce e de outros centros de apoio. Havia a Associação Missionária Americana⁴³, nascida do *Amistad*⁴⁴, e então em plena operação; as várias organizações religiosas, tais como Associação de Auxílio aos Libertos⁴⁵, União dos Libertos Americanos⁴⁶, Comissão de Ajuda aos Libertos do Oeste⁴⁷ — em todas as cinquenta ou mais organizações em atividade, providenciavam roupas, dinheiro, livros escolares e professores para o Sul. Tudo o que fizeram era necessário, posto que a miséria dos libertos era relatada como “por demais horrorosa para crer”, e a situação se deteriorava diariamente, ao invés de melhorar.

E, diuturnamente, também, parecia mais claro que não se tratava de questão para simples caridade, mas um problema nacional, posto que ali irrompia uma questão

41 - Chase, Salmon Portland (1808-1873) Jurista americano, que exerceu o cargo de presidente da Suprema Corte dos EUA. Presidiu nessa condição o julgamento de impeachment do presidente Andrew Johnson (1868). Foi ministro do Tesouro. Destacou-se também como abolicionista.

42 - “O Conquistador” é o general da União William Tecumseh Sherman (1820-1891), que liderou a marcha para o mar, de Atlanta para Savannah, entre 4 de novembro de 22 de dezembro de 1864.

43 - American Missionary Association

44 - 1839. Navio *La Amistad*, espanhol, carregando escravos, sofre uma rebelião a bordo, liderada por Joseph Cinque, e os escravos matam o comandante, ordenando rota para a África. Houve erro de navegação e ele se dirigiu à costa dos EUA, em Nova Londres. Foram presos, submetidos a julgamento, mas a pressão da opinião pública foi a favor dos rebeldes que, muitos, dois anos depois, partiram de Nova York em direção a Serra Leoa.

45 - National Freedmen's Relief Association.

46 - American Freedmen's Union.

47 - Western Freedmen's Aid Commission.

trabalhista de grande dimensão. Multidões de negros jaziam desocupadas, ou, quando trabalhavam, era espasmodicamente e nunca tinham certeza de receber o pagamento; e se por acaso o recebessem gastavam sem controle, situação que, no novo mundo da liberdade, ajudava a desmoralizar o liberto. Organizações econômicas mais estruturadas faziam-se necessárias, e elas começaram a aparecer aqui e acolá, por oportunidade ou por exigência de condições locais. E, então, o plano de Port Royal, de Pierce, para o arrendamento de plantações e a orientação de trabalhadores mostrou o caminho difícil. Em Washington, o governo militar, ante um apelo urgente do superintendente, tornou disponíveis aos fugitivos propriedades confiscadas, fazendo surgir, sob a sombra protetora, agrupamentos de agrovilas de negros. O general Dix outorgou imóveis para os libertos da fortaleza Monroe e assim por diante, no Sul e Oeste. O governo e sociedades benevolentes aportavam os insumos para o cultivo, e o negro, aos poucos, voltou a trabalhar.. Assim, os sistemas de controle de produção apareceram e rapidamente foram ampliados, tornando-se estranhos pequenos governos, como o do general Banks, na Louisiana, com noventa mil negros como súditos, cinquenta mil trabalhadores orientados e orçamento anual de cem mil dólares ou mais. Tinha, desta forma, cerca de quatro mil folhas de pagamento por ano. Possuía todos os libertos registrados. Se envolvia nos litígios, e cuidava da tomada de providências. Gerenciava os impostos – pagamento e recolhimento, e controlava a implantação de um sistema de escolas públicas. Da mesma forma, o coronel Eaton, superintendente do Tennessee e Arkansas, governava mais de cem mil libertos, arrendava e cultivava cerca de três mil hectares de algodão e alimentava dez mil desvalidos por ano. Na Carolina do Sul encontrava-se o general Saxton, com seu profundo interesse pelos negros. Este sucedeu a Pierce e aos oficiais do Tesouro, vendendo imóveis confiscados, plantações arrendadas e abandonadas; prestigiou a edificação de escolas, tendo recebido de Sherman, após a terrível e pitoresca marcha em direção ao mar, milhares de miseráveis vivandeiros. Três características alguém poderá constatar, examinando a marcha de Sherman através da Geórgia, tornando a situação emergente num sombrio alívio para o Conquistador⁴⁸, o Conquistado e o Negro. Alguns dão toda importância à rígida frente do destruidor e outros aos amargos sofrendores ⁴⁹ da Causa Perdida. Mas, para mim, nem soldado, nem fugitivo,

48- “O Conquistador” é o general da União William Tecumseh Sherman.

49 - *Bitter sufferers* Amargos sofrendores é o dito cunhado por Du Bois para os conquistados, brancos sulistas. A expressão “Causa Perdida” é anterior a Du Bois e se insere numa intrincada rede de pensamentos e rituais — atos públicos, uma espécie de religião e, adiante, um amplo movimento literário — que carregavam a idéia central de que os Confederados nunca haviam sido derrotados, pois lutaram por valores nobres,

falavam com tão profundo significado quanto a nuvem negra humana, que aderiu como o remorso, à retaguarda dessas colunas moventes, aumentando, às vezes, em mais da metade de seu tamanho, quase engolfando-a e se chocando em si. Em vão chegavam as ordens para que recuassem, em vão pontes eram tombadas sob seus pés, em sua estirada contorcida e ondulante, em seu caminho até que adentraram Savannah – movia-se uma horda desnuda e faminta de dezenas de milhares. Aí também chegou a solução militar: “As ilhas ao sul de Charleston, os campos de orizicultura abandonados, no caminho dos rios, vinte quilômetros do mar, e a região em torno ao rio St. John, na Flórida, foram reservados para o assentamento de negros, agora considerados livres por um Ato de Guerra”. Assim statuía a celebrada “Ordem de campo número quinze”.

Todos esses experimentos, ordens e sistemas tinham por objetivo chamar a atenção e chocar o governo da nação. Imediatamente após a Proclamação de Emancipação, o deputado Eliot propôs uma lei criando o Escritório de Emancipação; mas nunca foi votada. No mês de junho que se seguiu, uma comissão de inquérito, nomeada pelo ministro da Guerra, manifestou-se a favor da criação de um escritório temporário objetivando a “melhoria, proteção e emprego dos libertos refugiados”, medida em muito parecida com o que mais tarde seria seguido. Petições chegavam ao presidente Lincoln, de diversos cidadãos e organizações, demandando energicamente por um abrangente e consolidado plano relacionado com os libertos, a operar sob a chefia de um escritório que deveria se “encarregar dos estudos e planos e da execução de medidas para uma condução fácil e, de toda forma, judiciosa e humanitária, na transição dos nossos emancipados e dos negros ainda a serem libertados das amarras do trabalho forçado para seu novo estado de trabalhadores voluntários”.

Algumas medidas fracas foram adotadas para a consecução desse objetivo, em parte, colocando toda a questão nas mãos dos agentes do Tesouro. Leis de 1863 e de 1864 determinaram que tomassem conta e a seguir arrendassem terras devolutas por períodos que não excedessem um ano e para “que, nesses arrendamentos, o bem-estar do liberto fosse o produto desta ação”. A maioria dos oficiais do Exército saudaram a medida com bem-vindo alívio do chocante “negócios do negro”, e o ministro Fessenden⁵⁰, em 29 de julho de 1864, editou um excelente sistema de regulamentos, que foram depois acompanhados de perto pelo general Howard⁵¹. Sob ordens dos agentes do Tesouro, extensas áreas foram arrendadas no Vale do Mississippi, e muitos negros conseguiram emprego; todavia, em agosto de 1864, os novos regulamentos foram suspensos por razões de “política pública”, e o Exército assumiu outra vez o controle.

Enquanto isto, o Congresso voltou sua atenção para o assunto; em março a Casa editou lei, por maioria de dois, estabelecendo o Escritório para Libertos, no Ministério da Guerra. Charles Sumner⁵², relator do projeto no Senado, argumentava que os libertos e as terras devolutas deveriam ser administradas pelo mesmo órgão, e ofereceu um substitutivo a projeto da Câmara anexando o Escritório ao Ministério do Tesouro. O projeto foi aprovado, mas muito tarde para uma ação de parte da Câmara. Os debates se espalhavam por toda a política da administração e questões gerais sobre escravidão, sem tocar especificamente nos méritos do projeto em si. Então deu-se uma eleição nacional. A administração, com renovada confiança expressa pelos votos da nação, passou a encarar a questão com mais seriedade. Uma conferência envolvendo as duas casas do Congresso fez gerar um acordo pela tomada de medidas cautelosas, contendo as principais provisões do projeto de Sumner, mas fez da proposta organização um departamento independente, tanto dos funcionários da Guerra quanto do Tesouro. A lei era conservadora, dando ao novo departamento “a superintendência geral de todos os libertos”. Seu propósito era o de “estabelecer normas” para eles, arrendar-lhes terras, ajustar seus salários e demandar nas cortes, tanto civis quanto militares, como seus tutores. Havia muitas limitações vinculadas aos poderes garantidos, e a organização fora feita com caráter permanente. Todavia, o

50 William Pitt Fessenden, (1806-1869) Político e financista, teve importante papel na arregimentação de fundos para as tropas da União, durante a Guerra Civil.

51 - Oliver Otis Howard (1830-1909), general da União durante a Guerra Civil, tornou-se encarregado do Escritório dos Libertos. Foi o responsável pela criação da Universidade Howard, em Washington, DC, para negros.

52 - Charles Sumner (1811-1874) Senador por Massachusetts (1851-1874) foi um brilhante orador e grande opositor à escravidão.

Senado derrubou o projeto, fazendo com que uma nova comissão fosse nomeada. A nova comissão elaborou uma outra proposta, em 28 de fevereiro, que andou rapidamente a termino da sessão legislativa, e tornou-se a lei de 1865, estabelecendo no Ministério da Guerra um “Escritório dos Refugiados, Libertos e Terras Devolutas⁵³”.

Este último compromisso era o tipo de legislação leviana, de redação vaga e imprecisa. Um Escritório foi criado “para dar prosseguimento durante a presente *Guerra de Rebelião* e por mais um ano” ao qual foi dado a “supervisão e gerenciamento de todas as terras devolutas e o controle de todos os assuntos relacionados aos refugiados e aos libertos ‘sob’ regras e regulamentos tais que possam ser apresentadas pelo chefe do Escritório e aprovados pelo presidente”. Um comissário indicado pelo presidente e pelo Senado controlaria o Escritório, com uma secretaria não excedendo a dez funcionários. Ao presidente também seria facultado apontar assistentes de comissário nos Estados seccionados e, para esses escritórios, militares poderiam ser designados mediante remuneração normal. O ministro da Guerra poderia suprir os desvalidos com rações, vestimenta e combustível; e todas as propriedades abandonadas seriam postas em mãos do Escritório para eventual arrendamento ou venda a ex-escravos em módulos de dezesseis hectares. Assim, o governo dos Estados Unidos assumiu definitivamente a responsabilidade sobre o negro emancipado, face à sua condição de tutelado da nação. Tratava-se de uma imensa responsabilidade. Dava-se, com uma penada, a formação de um governo de milhões de seres – não homens comuns, mas negros emasculados pela peculiaridade do sistema escravista, centenariamente velho; entes que, abruptamente, adquirem seu direito à vida, em tempo de guerra e paixão, em meio aos seus antigos mestres, homens magoados e amargos. Qualquer pessoa poderia ter-se recusado a assumir esta tarefa, esta imensa responsabilidade, com poderes indefinidos e recursos escassos. Talvez ninguém, senão um militar teria atendido a esse chamado tão prontamente; e, em verdade, ninguém, mas um militar, cabia na moldura, posto que o Congresso não consignou qualquer recurso para salários e custos. Menos de um mês após o fatigado Emancipador haver falecido, seu sucessor⁵⁴ nomeou o major-general Oliver O. Howard, como novo comissário para o Escritório. Era natural do Maine e contava, apenas, com trinta e cinco anos de idade. Ele integrara a marcha de Sherman em direção ao mar; havia combatido com bravura em

53 - Bureau of Refugees, Freedmen, and Abandoned Lands.

54 - Andrew Johnson.

Gettysburg⁵⁵, e um ano antes fora designado para comandar o Departamento do Tennessee. Homem honesto, crente na natureza humana, pouca inclinação para os negócios, detalhista, teve uma grande oportunidade de se tornar familiar em primeira mão com muito do trabalho que o esperava ali. E, desse trabalho, foi com propriedade dito que, “nenhuma história da civilização, mesmo aproximadamente acurada, poderá ser escrita se não estiver despojada, corajosamente, e assinalar um dos marcos do progresso político e social — a organização e administração do Escritório dos Libertos”.

Em 12 de maio de 1865, Howard foi nomeado, tendo assumido seu posto imediatamente, no dia quinze, inspecionando sua base de trabalho. Encontrou uma confusão que o intrigava: pequenos atos de despotismo, experimentos comunais, escravatura, trabalho forçado por dívidas, especulação comercial, filantropia organizada, caridade desorganizada – tudo sob a máscara de ajudar o liberto; tudo santificado em meio à fumaça e sangue da guerra e à desgraça e ao silêncio dos injustiçados. Em 19 de maio o novo governo – era, realmente, um governo –, promulgou sua Constituição. Seriam apontados comissários em cada um dos estados seccionados, com a missão de administrar “todos os assuntos relacionados com refugiados e libertos”, e todo o auxílio e rações deveriam ser concedidos por suas ordens. O Escritório facilitou uma cooperação permanente com as sociedades de benemerência, e estatuiu: “Será tarefa de todos os comissários introduzir sistemas possíveis de permitir trabalho adequadamente remunerado” e de construir escolas. A seguir, nove comissários assistentes foram nomeados. Deveriam seguir logo para seus locais de trabalho; empenharem-se em gradualmente fechar os estabelecimento de ajuda, tornando os destituídos auto-sustentáveis; agirem como tribunais em lugares onde não os havia, ou onde os negros não eram reconhecidos como cidadãos livres; implementar o instituto do casamento dentre os ex-escravos e conservar seus registros; cuidar para que os libertos pudessem escolher seus empregadores e continuar a manter contato amigável com os mesmos. Finalmente, a circular dizia: “Singela boa-fé, que, esperamos, se encontre nas mãos de todos os encarregados de enterrar a escravidão,

55 - Batalha de Gettysburg, na Pensilvânia, em 1863.

irá ajudar os comissários assistentes no desempenho de suas tarefas ligadas aos libertos, bem como a promover o bem-estar geral”.

Tão logo o trabalho se iniciou e as operações gerais do sistema, bem como a organização local, de alguma forma, deram partida, duas sérias dificuldades apareceram, mudando a teoria e o resultado do trabalho no Escritório. Primeiro, havia as terras devolutas do Sul. Há muito, existia a teoria, corrente no Norte, segundo a qual a maioria dos problemas da emancipação seriam resolvidos com o assentamento dos ex-escravos nas terras abandonadas dos seus antigos senhores – uma espécie de justiça poética, alguns afirmavam. Mas essa poesia, transformada em prosa prática, significava ou o confisco em larga escala de propriedades privadas no Sul ou imensas apropriações de terras. O Congresso não se havia apropriado de um centavo sequer e, tão pronto a proclamação de anistia geral foi conhecida, cerca de trezentos e cinquenta mil hectares de terras abandonadas, em mãos do Escritório dos Libertos, rapidamente desapareceram. A segunda dificuldade recaía em adequar a organização local do Escritório ao seu amplo campo de atividade. Transformar o existente e enviar funcionários capacitados para um grande trabalho de reforma social não é coisa simples; mas essa missão era ainda mais difícil, posto que uma nova organização central teria de ser formada num confuso, heterogêneo, mas existente, sistema de auxílio e controle dos ex-escravos; e os agentes disponíveis para essa missão deveriam ser escolhidos num exército ainda envolvido em operações de guerra – homens, no mais preciso uso da palavra, mal-formados para um delicado trabalho social – ou dentre os questionáveis arrastados no vácuo de uma hoste invasora. Assim, após um ano de trabalho, vigorosamente como fora conduzido, o problema se apresentava ainda mais difícil de enfrentar e resolver do que no início. Todavia, ocorreram três fatos, àquele ano de trabalho, merecedores de registro: gerando um imenso grau de alívio dos sofrimentos físicos; foram transportados sete mil fugitivos de centros congestionados para áreas agrícolas; e, o melhor, foi inaugurada a cruzada das escolas de senhoras em Nova Inglaterra.

Os anais dessa Nona Cruzada ainda não foram escritos – a história da missão que a vemos, hoje, muito mais quixotesca do que o desafio de São Luís então lhe pareceu.⁵⁶ Dentre a névoa, ruínas e à rapinagem drapejavam as chitas dos vestidos das mulheres que ousavam, em meio ao troar áspero dos canhões de guerra, fazer pulsar o ritmo do alfabeto.

56 - Du Bois refere-se à Nova Cruzada, dando-lhe a dimensão da maior das cruzadas medievais. São Luís, é Luís IX, da França, que liderou a Sexta Cruzada à Terra Santa, e foi canonizado em 1927.

Ricas e pobres elas eram, devotadas e curiosas. Enlutadas num momento por um pai, noutro por um irmão, agora, por outros além desses – elas vieram, foram chegando, na trilha de sua vocação, semeando, pela Nova Inglaterra, lar-escolas entre brancos e negros do Sul. Elas atingiram seus objetivos. Nesse primeiro ano, alfabetizaram cem mil almas, e mais.

Evidentemente, o Congresso, logo em seguida, teve de novamente legislar para dar ordem ao Escritório estruturado de forma tão apressada, e que tão rapidamente cresceu em significação e imensas possibilidades. Uma instituição como essa era quase tão difícil de ser terminada, quanto de se iniciar. No princípio de 1886, o Congresso enfrentou o assunto, quando o senador Trumbull, de Illinois apresentou um projeto de lei que ampliava o Escritório e aumentava seus poderes. Esta medida recebeu, em mãos do Congresso, muito mais atenção e debate do que a sua antecessora. As nuvens de guerra podem haver se rarefeito o bastante, permitindo uma mais clara concepção do trabalho de Emancipação. Os paladinos do projeto de lei argüiam que o fortalecimento dos Escritórios dos Libertos ainda era uma necessidade militar; que este se fazia necessário para uma adequada execução da Décima Terceira Emenda⁵⁷ e era uma obra de total justiça para com o ex-escravo, a um preço menor para o governo. Seus oponentes, todavia, afirmavam que a guerra terminara; que a necessidade de medidas de guerra havia passado; que o Escritório, face aos seus poderes excepcionais era nitidamente inconstitucional, em tempos de paz, e objetivava irritar o Sul e empobrecer o emancipado a um custo final, possível, de centena de milhões. Esses dois argumentos não tinham resposta e, também, eram irrespondíveis: o que se referia aos poderes ilimitados do Escritório, desafiava os direitos de todos os cidadãos; e o outro, segundo o qual o governo deve ter poderes para executar aquilo que, inquestionavelmente, deve ser feito, e que o presente abandono dos libertos significa, na prática, sua reescravização. A lei que finalmente foi aprovada ampliou e tornou permanente o Escritório dos Libertos. Foi, de pronto, vetada pelo presidente Johnson⁵⁸, considerando-a “inconstitucional”, “desnecessária” e “extrajudicial”, mas não conseguiu vê-lo mantido pelo

57 - A Décima Terceira Emenda à Constituição dos EUA estatua em um artigo que “nem escravatura, nem servidão involuntária” poderão existir no seu território, e outorgava poderes ao Congresso de efetivá-la mediante a regulamentação desse artigo. Embora tenha sido ratificada em 1865 – havia sido antecedida por legislação federal (1808) que restringia a importação de escravos, pela Proclamação de Emancipação (1863), bem como por provimentos legislativos contra a escravidão, em muitos dos estados antes de 1865 – a Décima Terceira Emenda foi a primeira medida constitucional, incondicional, a banir a escravidão e a primeira a dar igualdade de cidadania aos negros.

58 -Andrew Johnson, 17º presidente dos EUA, entre 1865 e 1869.

Congresso. Neste ínterim, todavia, o fosso existente entre o Congresso e a Presidência começou a se alargar, e uma segunda forma modificada da lei perdida foi finalmente editada, passando por sobre um segundo veto presidencial, em 16 de julho.

O ato de 1866 deu ao Escritório dos Libertos sua forma final – aquela segundo a qual seria conhecida na posteridade e julgada pelos homens. A existência do Escritório foi estendida até julho de 1868, com a autorização para serem incorporados novos comissários assistentes; a manutenção de oficiais do Exército fora de suas tropas; a venda nominal, para libertos, de algumas terras devolutas; a venda de prédios públicos, dos confederados, para a edificação de escolas para negros, e a incorporação de um vasto campo de conhecimento e interpretação judicial. O governo do Sul ainda arrasado⁵⁹ era colocado fortemente nas mãos do Escritório dos Libertos, especialmente porque em muitos casos o comandante militar do departamento tornara-se também assistente do comissário. Foi assim que o Escritório dos Libertos se transformou num completo governo de homens⁶⁰. Editou leis, executando-as e as interpretando; estipulou e cobrou taxas; definiu crime e o puniu; manteve e usou de força militar, empregando-a por considerá-la necessária e adequada ao alcançamento de seus múltiplos fins. Naturalmente, todos esses poderes não se exerciam constantemente, nem em toda sua extensão; mesmo assim, como disse o general Howard: “dificilmente qualquer tema que tivesse de ser regulado pela sociedade civil, vez que outra, escapou da ação deste peculiar Escritório”.

Para entender e criticar inteligentemente trabalho tão vasto, não se pode esquecer por instante sequer o descaminho das coisas nos últimos anos sessenta. Lee⁶¹ havia se rendido, Lincoln estava morto, Johnson e o Congresso não transigiam; a Décima Terceira Emenda fora adotada, a Décima Quarta pendia de aprovação, e a Décima Quinta seria promulgada em 1870. Campeava a guerrilha – a crepitante chama do pós-guerra se voltava contra os negros, e todo o Sul parecia estar acordando de um sonho atroz de pobreza e agitação social. Num período de perfeita calma, em meio a vizinhos de boa-vontade e riqueza corrente, a ascensão social de quatro milhões de escravos para um garantido patamar auto-sustentado, no corpo político e econômico, teria sido uma hercúlea tarefa;

59 - No original “unreconstructed”, numa referência ao período da Reconstrução, do após Guerra Civil, entre 1865 e 1877.

60 - Ao usar a expressão “governo de homens”, Du Bois enfoca razões de haver sido tão controvertido, na América da Reconstrução, o Escritório dos Libertos. Foi um duro teste de filosofia política, de desejos humanas e de atitudes sobre questão racial. Era um teste do quanto o “governo” devia a seu povo e, exatamente, quem estava incluído no “povo”, numa alusão, aqui, à Constituição americana.

61 - Robert Edward Lee(1807-70). General confederado, comandante do Exército do Sul durante a Guerra Civil.

mas quando à dificuldades inerentes a tão delicada e escrupulosa operação social foram acrescidos a malevolência, o ódio do conflito, o inferno da guerra; quando suspeita e crueldade predominavam e a macérrima Fome chorava ao lado da Privação – em tal caso, a eficiência de qualquer instrumento de regeneração social estaria, em grande parte, condenado ao insucesso⁶². O Escritório cristalizou-se, no Sul, como algo que, ao longo de dois séculos, as pessoas se recusaram sequer discutir – viver em meio a negros livres era algo simplesmente inconcebível, a mais louca das vivências.

Os agentes do Escritório tinham poderes sobre uma variedade de tipos, desde filantropos desinteressados até bisonhos intrometidos e ladrões; e apesar de ser verdade que, em média, não eram de todo ruins – a mosca ocasional que ajudava a estragar o unguento⁶³.

Cercado, humilhado, ficou o escravo liberto – confuso entre amigos e inimigos. Ele havia emergido da escravidão – não a pior servidão do mundo, não um cativeiro que transformou a vida, em seu todo, em algo insuportável; em verdade, uma escravidão que tinha, aqui e ali, algo de bondade, fidelidade e felicidade; mas inelutável, uma escravidão que, no concernente à merecidas aspirações humanas, como a ânsia de dela livrar-se, classifica juntos o negro e o boi. E o negro soube, cabalmente, que, não importa a profundidade de suas convicções, o sulista havia lutado com desespero para manter

62 - O conceito de “insucesso”, e porque o Escritório dos Libertos e a política de Reconstrução talvez tenham falhado integram a percepção do debate de historiadores sobre a Reconstrução. Du Bois, em *Black Reconstruction in America*, 1860-1880, publicado por *New York Atheneum*, 1935 escreve: “a tentativa de tornar os negros americanos cidadãos foi num certo sentido um completo insucesso, mas um maravilhoso insucesso”.

63- ECL 10:1 ASSIM como as moscas mortas fazem exalar mau cheiro e inutilizar o unguento do perfumador, assim é, para o famoso em sabedoria e em honra, um pouco de estultícia.

perenemente essa escravatura sob a qual massas de negros, com pensamento claudicante, contorceu-se e tremeu. Eles deram boas vindas à liberdade com um brado. Temiam o amo que ainda lutava por mantê-los agrilhoados; dispararam em direção aos amigos que os haviam tornado livres, ainda que esses estivessem prontos a usá-los como clava, a empurrar recalcitrantes sulistas à lealdade perdida. Assim, o fosso entre o Sul branco e negro se aprofundou. Ocioso é dizer-se que isto jamais deveria ter ocorrido; mas era tão inevitável, quanto lamentáveis os seus resultados. Elementos curiosamente incongruentes juntaram-se contra um e outro – o Norte, o governo, os *carpet-baggers* e o escravo, aqui; lá, todo o Sul que era branco, não importa se cavalheiro ou vagabundo, honesto ou velhaco, criminoso fora-da-lei ou mártir do dever.

Assim, é duplamente difícil escrever serenamente sobre esse período, tão intensos eram os sentimentos, tão poderosas as paixões humanas que dominavam e cegavam os homens. Em meio a tudo, duas figuras erguiam-se a simbolizar aqueles dias, para gerações futuras: um, o cavalheiro de cabelos brancos, cujos pais haviam se conduzido como homens, de quem os filhos jazem em inominadas tumbas; que se curvara para o mal da escravidão porque sua abolição significou para todos um mal não antes revelado; que se manteve, enfim, no ocaso da vida, uma figura seca e arrasada, com ódio em seus olhos; e a outra, pairando escura e maternal, – sua face negra severa, envolta na névoa dos séculos, havia outrora se atemorizado ante o comando de um certo amo, havia alhures se curvado, derramando amor sobre os berços dos filhos e filhas desse, e na morte fechado os olhos encovados de sua esposa; e que, incontáveis vezes, também, à sua ordem, aceitou se rebaixar ao nível de sua cama, gerando um tipo fulvo, apenas para ver, de seu filho retinto, membros espalhados ao vento pelos bandidos da noite, à caça de “malditos pretos.” Esses eram os mais tristes sinais daqueles tempos infelizes; e ninguém fez que apertassem as mãos essas duas figuras de um presente-passado, senão que, se odiando, marcharam em seus caminhos e, se odiando, os filhos de seus filhos se mantêm ainda hoje.

Aqui, então, o campo de trabalho para o Escritório dos Libertos. Uma vez que, com alguma hesitação, teve continuidade, pela norma de 1868, até 1869, vamos examinar quatro anos de seu trabalho como um todo. Havia, em 1868, nove mil Escritórios oficialmente espalhados, desde Washington até o Texas, governando, direta ou indiretamente, milhões de pessoas. A ação desses homens recaia, principalmente, nas sete seguintes ações: banir a imposição de castigos corporais; supervisionar o nascer do trabalho livre; a compra e

venda de terras; a fundação de escolas; o pagamento de salários; a administração da justiça, e o suporte financeiro de todas essas atividades.

Até junho de 1869, mais de meio milhão de pacientes haviam sido tratados por médicos e cirurgiões do Escritório, e sessenta hospitais e asilos se encontravam em operação. Em cinqüenta meses vinte e um milhões de refeições grátis foram distribuídas, a um custo superior a quatro milhões de dólares. A seguir, veio a árdua questão do trabalho. Em primeiro lugar, trinta mil negros foram transportados de acampamentos de socorros e de refugiados de volta às fazendas, de volta à crucial tentativa de enfrentar um novo meio de trabalho. Instruções estritas partiam de Washington: os trabalhadores devem ter a liberdade de escolher seus empregadores; não devem ser prefixados os salários, sendo absolutamente proibidos o trabalho forçado, e aquele imposto por dívida. Até então, tudo estava bem; mas aonde agentes locais diferiam *toto coelo*⁶⁴ em capacidade e caráter, onde o *personnel* estava continuamente mudando, o resultado era, necessariamente, variado. O maior elemento de sucesso reside no fato de a maioria dos libertos mostrarem-se desejosos, ansiosos mesmo, de trabalhar. Assim, contratos de trabalho eram firmados – cinqüenta mil em apenas um estado –, empregados aconselhados, salários garantidos, e empregadores abastecidos. Em verdade, a organização se transformou num imenso escritório de emprego, não perfeito, é verdade, obviamente defeituoso aqui e ali, mas no todo um sucesso muito além dos sonhos de homens previdentes. Os dois maiores obstáculos que se antepunham aos oficiais eram a tirania e a ociosidade: o senhor de escravos que insistia em perpetuar a escravidão sob outro nome, e o liberto que considerava a liberdade como um descanso perene – o Diabo e o Mar Profundo.

No seu trabalho de assentar negros como peões proprietários, o Escritório, desde o primeiro obstáculo até o derradeiro, foi exaustivamente testado. Algo havia sido feito, e coisas grandiosas foram projetadas – terras abandonadas eram arrendadas tão pronto o Escritório passasse a administrá-las, e um retorno de quase meio milhão de dólares era gerado pelos arrendatários negros. Outras terras, que haviam sido incorporadas ao patrimônio do país, eram vendidas, sem dificuldades, e áreas públicas faziam-nas abertas para assentamento aos poucos libertos que dispunham de equipamentos e de capital. Todavia, a imagem de “quarenta acres e uma mula⁶⁵” – a justa e razoável ambição de se

64 - Do latim, por todo o céu. Ou livre: por imensa distância.

65 - 16,1 hectares.

tornar proprietário, o que havia sido categoricamente prometido pela nação aos libertos – se transformava, em muitos casos, numa grande decepção. E esses notáveis engenheiros de obras prontas que hoje tentam pregar a volta do negro ao modelo atual de *peonagem*⁶⁶ do solo sabem muito bem, ou deveriam saber, que a oportunidade de amarrar voluntariamente o peão negro à terra foi perdida no dia em que o Comissário do Escritório dos Libertos teve de ir à Carolina do Sul e dizer ao angustiado liberto, após seus anos no suor, que sua terra não lhe pertencia, que, de alguma forma, houvera um engano. Se, em 1874, o negro da Geórgia, sozinho, era proprietário de cento e quarenta e dois mil hectares de terras, isto ocorria por sua capacidade de economizar, mais do que por qualquer liberalidade governamental.

O sucesso mais expressivo do Escritório dos Libertos se apóia no assentamento de escolas grátis para os negros, e na idéia de educação elementar livre para todas as classes no Sul. A iniciativa não apenas conclamou as mestras através de agências beneméritas mas também ergueu escolas, além de ajudar a descobrir e apoiar esses apóstolos da cultura humana, tais como Edmund Ware, Samuel Armstrong e Erastus Cravath⁶⁷ A oposição ao ensino do negro, no Sul, foi tenaz, desde logo, mostrando-se sob a forma de cinzas, agressões e sangue, posto que os sulistas acreditavam que um negro educado se tornaria um negro perigoso. E o Sul não estava assim completamente errado, posto que a educação entre os homens em geral sempre se mostrara, e se mostrará, como um elemento revolucionariamente perigoso, gerador de insatisfação e descontentamento. Todavia, o ser humano sempre se empenhou em saber. Talvez um indicativo desse paradoxo, mesmo no agitado tempo do Escritório, ajudou as baionetas a aliviar uma oposição ao treinamento humano que ainda hoje jaz em brasas, no Sul, não em chamas. Fisk, Atlanta, Howard e Hampton⁶⁸ foram fundadas nesse tempo, quando aplicaram seis milhões de dólares no trabalho educacional, dos quais setecentos e cinqüenta mil dólares foram aportados pelos libertos, extraídos de sua própria paupérie.

Essas contribuições, juntas com a compra de terras e outros empreendimentos,

66 - Em inglês, *peonage*, que significa: contrato verbal de trabalho mediante o qual o trabalhador é obrigado a trabalhar, para pagar seu débito para com o credor, até que a dívida seja saldada.

67 - Edmund A. Ware (1837-1885) educador e religioso, foi nomeado pelo general Howard superintendente para educação, na Geórgia, em 1867. Fundou a Universidade de Atlanta (1865), uma escola para negros libertos onde Du Bois viria a lecionar, entre 1897 e 1910. Samuel Armstrong (1839-1893), nasceu no Havai, filho de pais missionários, tornando-se oficial e comandante de um regimento de negros na Guerra Civil. Foi o fundador e alma do Hampton Institute (1868) na Virgínia e mentor de Booker T. Washington. Erastus Cravath (1866), religioso, educador e abolicionista, ajudou a fundar a Fisk University (1866) em Nashville, Tennessee, tendo sido seu diretor a partir de 1875.

68 - Escolas de ensino superior.

mostravam que os ex-escravos já dispunham de um certo capital. A principal fonte primária foi sua atuação no Exército, que gerava salários e incentivos governamentais. O pagamento dos soldados negros era, no início, um tanto complicado, face à ignorância dos favorecidos e ao fato de as quotas dos regimentos destinadas aos homens de cor dos estados nortistas serem, em muito, ocupadas pelos recrutas negros do Sul, desconhecidos de seus camaradas de farda. Por conseqüência, os pagamentos eram maculados por fraudes que levaram o Congresso, numa resolução conjunta das duas casas, de 1867, a colocar a questão toda em mãos dos Escritório dos Libertos. Em dois anos, seis milhões de dólares foram, assim, distribuídos a cinco mil reclamantes e, ao fim, a soma excedeu a seis milhões de dólares. Mesmo nesse sistema, as fraudes eram freqüentes; mas, não obstante, o trabalho colocou o capital necessário nas mãos dos desvalidos, que, alguns, o aplicaram bem.

O papel mais chocante e de pífio sucesso do Escritório foi sua atividade jurisdicional. A Vara comum do Escritório era integrada por um representante do empregador, um do negro e um do Escritório. Houvesse o escritório mantido uma posição judicante adequada e esse arranjo teria funcionado bem, capaz de, com o tempo, ganhar credibilidade; mas a natureza de suas outras atividades e o caráter de seu *pessoal* prejudicava o Escritório em favor dos litigantes negros, e levou, sem dúvida, a muita injustiça e incômodo. De outra parte, deixar o negro em mãos das cortes sulistas era impossível. Numa terra em conflito, onde a escravidão havia sido extirpada com grande dificuldade, manter o poderoso afastado de sonhada terrível vingança sobre o mais fraco, e este de tripudiar, insolentemente, sobre o combalido forte, era uma tarefa desesperada e ingrata. Os outrora senhores das terras agora recebiam ordens peremptórias, eram confiscados, feitos prisioneiro e punidos repetida e reiteradamente, por impiedosos oficiais do Exército. Os ex-escravos eram intimidados, espancados, violentados e trucidados por vingadores. As cortes dos Escritórios tendiam a tornarem-se centros, apenas, de punição dos brancos, enquanto que as cortes civis, normais, se especializavam como instituições de perpetuação da escravidão dos negros. Praticamente toda a lei ou método, que a engenhosidade pudesse engendrar, eram empregados pelos legisladores para reduzir o negro à servidão; para torná-lo escravo do Estado, quando não de senhores de terras, enquanto os oficiais dos Escritórios, comumente, se encontravam empenhados em pôr as coisas no lugar, outorgando ao liberto o poder e a independência que não tinham então condições de se valer. É uito fácil, agora, para nós, de

outra geração, ditar, saber, aconselhando aqueles que mourejavam sob o sol inclemente. É de todo simples, hoje, constatar que o homem que perdeu seu patrimônio, fortuna e família num golpe, e viu sua terra administrada por “mulas e pretos”, não podia sentir-se beneficiado pelo fim da escravidão. Não é difícil, hoje, considerar, ter-se devido dizer, ao jovem liberto, enganado e agredido, que assistiu a cabeça de seu pai virar uma massa informe de sangue, e sua mãe inominavelmente violentada, que os mansos herdarão a terra. Acima de tudo, nada é mais conveniente do que atribuir ao Escritório todos os males daquele terrível dia, e que se dane, integralmente, pelos erros, cada um deles, que foram cometidos.

Tudo isto é simples, mas não judicioso, tampouco justo. Alguém cometeu um equívoco, mas isto foi muito antes de Oliver Howard haver nascido; houve ação criminosa e negligência, mas sem algum sistema de controle poderia ter havido muito mais do que ocorreu. Houvesse esse controle vindo de si mesmo e o negro teria sido posto novamente na escravidão, por todo o intento e propósito. Vindo, como ocorreu, de fora, o controle, homens e métodos exemplares teriam tornado as coisas melhores; e, mesmo com agentes imperfeitos e métodos questionáveis, os resultados não eram desmerecedores de elogios.

Assim foi o alvorecer da Liberdade. Este o trabalho do Escritório dos Libertos, que, em suma, pode ser epitomado assim: Por uns quinze milhões de dólares, somados ao despendido antes de 1865 e às doações de sociedades humanitárias, o Escritório implantou um sistema de trabalho livre, estabelecendo o embrião de peões-proprietários, assegurando o reconhecimento do negro liberto ante às cortes de justiça e fundando as escolas comuns gratuitas no Sul. Falhou, entretanto, em lançar as bases para um relacionamento de boa vontade entre ex-amos e libertos, ao dar ênfase no seu trabalho, à ações paternalistas – método este que desencorajava a autoconfiança; e, enfim, ante sua incapacidade de levar adiante as promessas implícitas de garantir ao liberto a terra desejada. O sucesso do negro foi o resultado de trabalho árduo, suplementado pelo auxílio de entidades filantrópicas e seu esforçado anseio de sucesso. Suas falhas resultavam da ação de maus agentes locais, das dificuldades inerentes ao trabalho e de uma negligência do governo federal.

Tamanha instituição, considerando seus imensos poderes, enormes responsabilidades, fantástica movimentação de fundos e, via de regra, de posição conspícua, era alvo de ataques repetidos e amargos. Enfrentou, em 1870, uma comissão de investigação do Congresso, requerida por Fernando Wood. Seus arquivos e as poucas

funções que ainda detinha foram transferidas, com descortesia, das mãos de Howard, na sua ausência, para a supervisão do ministro da Guerra, Belknap⁶⁹. Finalmente, em consequência de graves acusações de má-gestão feitas pelo ministro da Guerra e seus assessores, o general Howard foi submetido à Corte Marcial, em 1874. Nos julgamentos, o comissário do Escritório dos Libertos foi inocentado de qualquer imputação criminosa e seu trabalho acabou elogiado. Todavia, muita coisa desagradável emergiu; os métodos de transação dos negócios do Escritório eram ineficazes; diversos casos de desfalque foram provados e outras eventuais fraudes deixaram fortes suspeitas no ar; houve negócios que tinham o sabor de perigosa especulação, senão desonestidade; e, no centro de tudo, a mácula do insucesso do Banco do Libertos⁷⁰.

Moral e praticamente, o Banco dos Libertos era parte do Escritório, embora não houvesse um vínculo legal que os ligasse entre si. Com o prestígio do governo a ampará-lo, e contando com uma diretoria formada por pessoas de reputação nacional ilibada, essa instituição bancária nasceu estimulando o hábito da poupança entre o povo negro, o que jamais fizera antes, por causa da escravatura. Então, num triste dia, ocorreu a quebra: todo o dinheiro suadamente economizado pelos libertos sumiu. Mas esta era a menor das perdas; a pior era a perda da fé no sistema de economias e, também, nos homens – e esta é a perda que a Nação, que hoje torce o nariz ante a indolência do negro, ainda não resolveu. Nem mais outros dez anos de escravidão teriam feito tanto para estrangular a poupança do liberto como o fez a inépcia administrativa e a falência do grupo de caixas econômicas, comissionadas pelo país afora, em princípio voltadas para ajudá-los. É aonde a culpa toda deve recair; se o Escritório e o Banco agiram principalmente por inspiração de seus amigos interesseiros, ou às sombrias maquinações de seus inimigos; talvez nem mesmo o passar do tempo virá a dizer, posto que esta é a história não-escrita.

Dos inimigos, contra o Escritório, os mais amargos atacavam, nem tanto sua conduta ou a política de suas leis, mas embargavam a necessidade da existência de qualquer de suas instituições. As primeiras investidas procederam dos Estados fronteiriços⁷¹ e do Sul.

69 - William W. Belknap (1829-1890), foi o ministro da Guerra, no governo de Ulysses S. Grant. Belknap foi alvo de momentoso escândalo que o levou a renúncia, face a *impeachment* do Congresso. Havia sido subornado em processos de compra e venda de terras em territórios de índios, no Oeste.

70 - O banco *Freedman's Saving and Trust Company* foi fundado por ordem do Congresso em 1865. Faliu na administração do seu último presidente, Fredrick Douglass. O governo jamais deu a cobertura financeira necessária para que o banco se tornasse uma instituição válida de apoio aos libertos.

71 - Estados fronteiriços, eram as unidades escravistas de Delaware, Maryland, Virgínia, Kentucky e Missouri, adjacentes aos estados livres do Norte, durante a Guerra Civil. A Virgínia juntou-se à Confederação em 1861, fazendo com que seus condados ocidentais formassem um novo

Eram sumariadas pelo senador Davis⁷², do Kentucky, ao definir o ato normativo de 1866 como um instrumento para “promover conflito e discórdia entre as raças branca e negra... por força de uma outorga inconstitucional”. O argumento conseguiu grande apoio tanto no Sul quanto no Norte; mas em sua força residia também seu ponto fraco. Assim, argüido o amplo senso comum da nação – se era inconstitucional, impraticável e fútil que a nação se mantivesse como guardião de seus desamparados protegidos, sobrava, assim, uma única alternativa – tornar esses pupilos protetores de si mesmos, munindo-os com a arma do voto. A mais, o caminho prático dos políticos indicava para o mesmo rumo, pois, revelado o oportunista, se não podemos pacificamente reconstruir o Sul com o voto dos brancos, certamente poderemos fazê-lo com o voto dos negros. Assim, justiça e força estavam de mãos dadas.

A alternativa, então, oferecida pela nação não se situava entre o sufrágio amplo e o restrito, do negro, posto que, em sendo assim, qualquer pessoa sensata, branco ou negro, teria escolhido o último. Tratava-se, de fato, de uma escolha entre sufrágio e escravidão, após haverem, sangue sem fim e ouro, fluído para extirpar a escravidão humana. Nenhuma legislatura sulista, sequer, mostrou-se pronta para aceitar o negro, não importa em que condição, como eleitor; nenhuma legislatura sulista, sequer, acreditava que o trabalho livre do negro era possível sem um sistema de restrições que removesse toda a liberdade. Raríssimos eram os homens no Sul que, com honestidade, não consideravam a Emancipação como um crime e sua nulificação prática como um dever. Em sendo assim, assegurar o voto ao negro era uma necessidade, o mínimo que uma nação culpada podia assegurar a uma raça injustiçada, e como o único método de compelir o Sul a aceitar o resultado da guerra. Assim, o sufrágio do negro encerrou uma guerra civil ao dar início à luta de uma raça. E houve os que se sentiram gratificados, vendo a raça, em vestes tálares, assim sacrificada, no altar da integridade nacional; enquanto outros sentiram e sentem, apenas, indiferença e desprezo.

Houvessem as exigências políticas sido menos fortes, a oposição à tutela governamental ao negro menos amarga, o enraizamento do sistema escravocrata menos poderoso – a clarividência social bem poderia conceber uma política muito melhor: um

estado, Virgínia Ocidental (West Virgínia), Este e outros Estados fronteiriços mantiveram-se ligados à União, apesar de forte simpatia para com o Sul.

72 - Garret Davis (1815-1882) senador democrata trabalhou na oposição à medidas que beneficiassem os libertos.

Escritório dos Libertos permanente, com um sistema nacional de escolas para negros; um departamento cuidadosamente supervisionado de controle do emprego de mão de obra; um sistema de defesa imparcial ante as cortes comuns de justiça; entidades para a melhoria social, como caixas econômicas, associações de mútuo habitacional e assentamentos sociais. Todo o enorme emprego de dinheiro e cérebros poderia haver formado uma grande escola de prospectiva cidadania, e resolvido, de uma forma como até agora não foi feito, os mais irresolutos e persistentes problemas dos negros.

Que tal instituição era impensável até 1870, devia-se, em parte, a certos atos do Escritório dos Libertos. Era tido como uma instituição temporária – o voto do negro, sim, uma resposta final para todas as perplexidades do presente. A ambição política de muitos de seus agentes e *protégés* conduziam-no a atividades duvidosas, até que o Sul, alimentando seus profundos preconceitos, fez por ignorar, facilmente, as coisas boas do Escritório, e passou a odiá-lo com intensa aversão. Assim, morreu o Escritório dos Libertos; ficou seu herdeiro, a Décima Quinta Emenda⁷³. O morte de uma importante instituição dos homens antes que sua missão fosse atingida, assim como o passamento prematuro de uma simples alma, ao contrário deixa um legado de trabalho para outrem. O legado do Escritório dos Libertos é a pesada herança desta geração. Na atualidade, quando novos e imensos problemas surgem a exigir todo o empenho da alma e pensamento nacional, não seria de se considerar esse legado honesta e cuidadosamente? Disto todos sabem, apesar dos compromissos, guerra e trabalho, o negro não é livre. Nos espaços vazios dos estados do Golfo⁷⁴, por milhas e milhas, ele talvez jamais saia da fazenda onde nasceu; em quase todo o Sul os proprietários rurais negros são peões, forçados, pelo costume e pelas leis, a uma servidão, da qual somente conseguem escapar pela morte ou na penitenciária. Nas seções e cidades mais aculturadas do Sul os negros são uma casta e servil, com direitos e privilégios restritos. Ante as cortes, tanto na lei quanto no costume, situam-se em bases diferentes e peculiares. Taxação sem direito a voto é a regra de sua cidadania. E o resultado de tudo isto é, e assim tem sido, ilegalidade e crime. Este o grande legado do Escritório dos Libertos, o trabalho que não executou porque não pode fazê-lo.

73 - Décima Quinta Emenda. Emenda proposta por legisladores de diversos estados, durante a 40ª Legislatura, em 26 de fevereiro de 1869, foi ratificada em 8 de fevereiro de 1870. Garantia aos cidadãos dos EUA o direito de votar, não podendo este ser negado ou restrito, quer pela União ou por qualquer estado, por questões de raça, cor ou situação anterior de servidão. Afirmava, ainda, que o Congresso teria poderes para implementar essa disposição mediante lei ordinária.

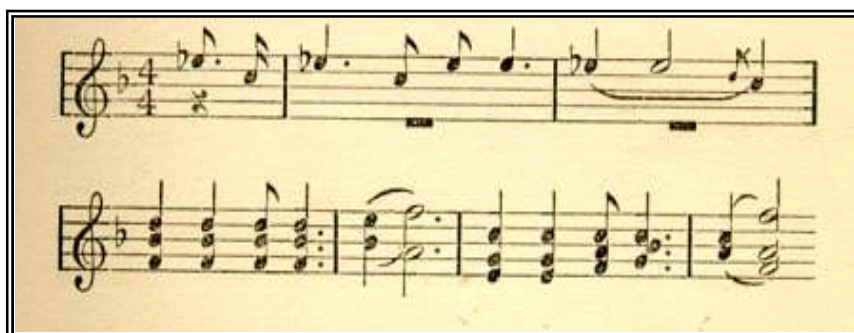
74 - Estados do Golfo, no sul dos Estados Unidos, são os com linha costeira no Golfo do México. São a Flórida, Alabama, Mississippi, Louisiana e Texas.

Eu vi uma terra feliz com o sol, onde as crianças cantam e as colinas dobradas, jazem como mulheres apaixonadas, desfrutando a colheita. E adiante, em *King's Highway*,⁷⁵ sentou-se e está sentada uma figura vigilante e encurvada, em direção à qual, à medida que marcham, apressam-se os pés do caminhante. No conspurcado ar viceja o medo. O pensamento de três séculos tem sido a elevação e o revelar-se desse submisso coração, que agora antevê um novo século para sua missão, seu destino. A questão do Século Vinte é o problema da linha da cor.

75 - King's Highway (Rota dos Reis), foi a principal rota transjordania, a partir de Ezion-Geber, no golfo de Ácaba, até a Síria, em tempos bíblicos. Ver Números, 20:17 Deixa-nos, pois, passar pela tua terra; não passaremos pelo campo, nem pelas vinhas, nem beberemos a água dos poços; iremos pela estrada real; não nos desviaremos para a direita nem para a esquerda, até que passemos pelos teus termos. - 21:22. Deixa-me passar pela tua terra; não nos desviaremos pelos campos nem pelas vinhas; as águas dos poços não beberemos; iremos pela estrada real até que passemos os teus termos.

III

SOBRE O SR. BOOKER T. WASHINGTON



Do nascimento até a morte escravizado; no falar, no agir, emasculado!

Hereditariamente um cativo! Não sabeis,
Quem livre deseje se tornar deve brandir o golpe?

Byron⁷⁶

O fato mais notório, sem dúvida, na história do negro americano, desde 1876, é a ascensão do senhor Booker T. Washington. Isto ocorreu em tempo quando as memórias e ideais de guerra rapidamente iam morrendo. Um tempo em que espantoso desenvolvimento comercial alvorecia; quando um senso de dúvida e hesitação assolava os filhos dos libertos – foi quando despontou sua liderança. O senhor Washington apresentou-se com um simples e definido programa, no momento psicológico quando a nação se encontrava um pouco envergonhada de haver deferido tanta esperança aos negros, ao mesmo tempo em que concentrava sua energia nos Dólares⁷⁷. Seu programa de formação profissional⁷⁸,

76 - Os versos são de Lord Byron "Childe Harold's Pilgrimage" (A peregrinação dos filhos de Harold) e a música do espiritual "A Great Camp Meeting in the Promised Land" (Uma grande reunião campestre na Terra Prometida).

77 - Du Bois se refere, aqui, a uma fase próspera da economia americana, entre 1880 e 1890 (Gilded Age).

conciliação com o Sul, submissão e silêncio quanto aos direitos civis e políticos, não era de todo original. Os negros livres, entre 1830 e a guerra, se empenharam em construir escolas profissionais; a Associação Americana Missionária tinha em seu currículo várias matérias profissionais; Price⁷⁹ e outros buscaram formas de construir uma aliança honrada com o melhor dos sulistas. Mas o senhor Washington em primeiro lugar ligou indissolúvelmente tais coisas; ele colocou entusiasmo, energia ilimitada e fé completa nesse programa, e mudou-o de um caminho indireto e raramente usado para um verdadeiro Caminho de Vida. E a narrativa dos métodos que usou para alcançar o objetivo se constitui num fascinante estudo da vida humana.

Alarmou a nação, ouvir o negro defendendo um tal programa, após muitas décadas de amargas queixas; espantou e mereceu o aplauso do Sul; interessou e ganhou a admiração do Norte. E, após um murmúrio de protesto, silenciou, já que não converteu os próprios negros.

Conquistar a simpatia e cooperação dos vários elementos compreendendo o Sul branco constituía-se na primeira tarefa do senhor Washington; mas isto, ao tempo em que Tuskegee⁸⁰ foi fundado, parecia, para um negro, quase impossível. Dez anos após, numa palavra dada em Atlanta, assim ocorreu: “Em tudo que seja puramente social poderemos estar tão separados como são os dedos, mas unos como uma mão em todas as coisas essenciais ao progresso mútuo.”. O “Compromisso de Atlanta⁸¹” é, de toda sorte, o mais notável na carreira do senhor Washington. O Sul interpretou-o das mais diversas formas: os radicais receberam-no como uma completa abdicação à luta pela igualdade civil e política. Os conservadores consideraram-no, generosamente, como uma base de trabalho em busca de compreensão comum. Assim, ambos o aprovaram, e hoje seu autor é, certamente, o mais eminente sulista desde Jefferson Davis⁸², e o com maior número de seguidores.

Próximo a essa conquista, situa-se o trabalho do senhor Washington em conseguir espaço e respeitabilidade no Norte. Outros menos argutos e engenhosos tentaram antes

78 - O tema formação profissional, ou escolas industriais, bem como um conjunto de iniciativas de auto-aprimoramento, foi muito discutido no período anterior à guerra, tornando-se, adiante, no início do século vinte, pivô do debate entre Du Bois e Booker Washington.

79 - Joseph C. Price (1854-1893), nasceu em Elizabeth, Carolina do Norte, filho de escravo e mãe liberta. Graduiu-se na Universidade de Lincon, Pennsylvania, tornando-se um educador pioneiro.

80 - Booker T. Washington fundou o Instituto Tuskegee, em 1881, em Tuskegee, estado do Alabama, como escola normal. Hoje é uma escola de grau médio. Foi seu diretor até morrer, em 1915. A instituição cresceu, para ser uma escola técnica volta à educação industrial e ao aperfeiçoamento de professores negros sulistas, tornando-se a mais proeminente e bem sucedida instituição educacional negra.

81 - O “Compromisso de Atlanta” se constituiu no mais famoso discurso de Booker Washington, proferido em 18 de setembro de 1895, na Exposição Interestadual de Algodão, em Atlanta, Washington defendeu que os negros deveriam permanecer no Sul, renunciar à sua condição servil, buscar seu auto-aprimoramento através da educação profissionalizante e renunciar aos seus direitos civis e políticos no Sul racista. O discurso se encontra na autobiografia de Washington “*Up From Slavery*”, de 1901.

82 - Jefferson Davis (1808-1889) Foi o presidente dos Estados Confederados da América, durante a Guerra Civil.

acomodarem-se nestes dois assentos, mas acabaram caindo entre eles; todavia, como o senhor Washington conhecia, de nascimento e preparo, o coração do Sul, por discernimento, intuitivamente capturou o espírito dos tempos que governavam então o Norte. Assim, tão exaustivamente gravou o discurso e o pensamento do triunfante mercantilismo, e os ideais de prosperidade material, que o retrato dum solitário menino negro esfalfando-se sobre uma gramática francesa, em meio aos trastes e sujeira de uma casa malcuidada, logo passou a parecer-lhe o cúmulo dos absurdos. Alguém deveria indagar o que Sócrates e São Francisco de Assis⁸³ diriam disso.

E no entanto, essa simplicidade de visão e sua inteira unidade com seu tempo, fez com que carregasse a marca de um homem bem-sucedido. É como se a natureza necessitasse criar homens limitados a fim de dar-lhes força. Assim, o culto ao senhor Washington ganhou inquestionáveis seguidores, seu trabalho prosperou maravilhosamente, seus amigos formam uma legião, e seus inimigos encontram-se perplexos. Hoje ele postase como o porta-voz autorizado de seus dez milhões de seguidores, e uma das mais notáveis figuras numa nação de setenta milhões de habitantes. Assim, alguém pode hesitar em criticar uma vida que, começando com tão pouco, produziu tanto. Apesar disto, é chegado o tempo em que alguém deve falar, com toda a sinceridade e cortesia, os erros e deficiências da carreira do senhor Washington, mas também de seus triunfos, sem ser capcioso ou invejoso, e sem esquecer que, neste mundo, é mais fácil fazer o mal do que o bem. A censura que até então enfrentava o senhor Washington nem sempre havia sido de caráter amplo. No Sul, especialmente, ele teve de agir cuidadosamente, a fim de evitar julgamentos desagradáveis – e é natural que assim fosse, posto que tratava, naquele canto do país, de um assunto, ali, da mais profunda sensibilidade. Duas vezes: uma, quando Chicago comemorava festejos da Guerra Hispano-Americana⁸⁴, aludiu ao preconceito de cor dizendo que ele está “devorando a essência do Sul”; e outra, jantando com o presidente Roosevelt⁸⁵, sentiu o efeito: a censura no Sul fora tão violenta, a ponto de desafiar seriamente sua popularidade. No Norte, o fato, muitas vezes, forçou-o a admitir que seus conselhos de submissão, que subestimavam certos elementos inerentes aos seres humanos, e que seu programa educacional era, desnecessariamente, acanhado. A crítica, de regra, entretanto, não era factual; e, de outra parte, os filhos espirituais dos abolicionistas

83 - Sócrates (469?-399 a. C.), filósofo grego. São Francisco de Assis (1182-1226), fundador, em Assis, Itália, da ordem dos monges franciscanos. Seus escritos preservam o espírito de bondade e amor humanos, além de haver assumido a total pobreza, inspirando-se no exemplo de Jesus.

84 - Guerra entre os EUA e a Espanha, em 1898, motivou importantes alterações político-geográficas nos Estados Unidos.

85 - Booker T. Washington jantou com o presidente Theodore Roosevelt, na Casa Branca, em 16 de outubro de 1901.

não se mostram receptivos a admitir a assertiva de que as escolas fundadas antes de Tuskegee, por idealistas e mártires, seriam um completo fiasco ou ridículas. Ao mesmo tempo em que a censura não falhava em atingir o senhor Washington, ainda, a prevalente opinião pública do país, mostrava-se disposta a encontrar a solução de um problema, para ela tão tedioso, e afirmar: "Se isto é o tudo que você e sua raça desejam, podem pegar."

Em meio a seu povo, entretanto, o senhor Washington encontrou a mais forte e duradoura oposição, muitas vezes, amarga; e, mesmo ainda hoje, continua forte e insistente, embora haja um amplo esforço conciliador de parte da opinião pública da nação. Componentes dessa oposição se constituem, naturalmente, em simples inveja; o desapontamento de demagogos e o rancor de mentes estreitas. Mas, à parte isto, existe, dentre homens de cor, instruídos e educados, por todo o país, um sentimento de profundo remorso, tristeza e apreensão face à proeminência e ascendência que alcançaram certas teorias do senhor Washington. Esses mesmos homens admiram a sua sinceridade de propósitos e se mostram dispostos a perdoá-lo ante o sincero empenho de quem está realizando algo de valor. Cooperarão com o senhor Washington tanto quanto venha a permitir suas consciências; e, de fato, não se trata de um tributo comum ao tato e poder desse homem que, manobrando em meio a tão opostos interesses e opiniões, consegue manter o respeito de todos.

Mas, tentar sufocar a crítica de honestos oponentes, é algo perigoso⁸⁶. Isto conduz alguns dos melhores críticos a um desafortunado silêncio e entorpecimento de ações; outros a irromper um discurso tão apaixonado e destemperado, de forma a perder audiência. Crítica honesta e sincera daqueles cujos interesses são atingidos – escritores, criticados por seus leitores; governantes, pelos governados; líderes, por seus liderados – esta é a essência da democracia e a salvaguarda da sociedade moderna. Se a elite negra americana recebe, por pressão externa, um líder que não havia reconhecido antecipadamente, tem-se aqui, manifestamente, um certo ganho palpável. Tem-se, também, perda irreparável – a perda daquela peculiarmente valiosa experiência que um grupo acumula quando, na busca e escrutínio, identifica e nomeia seus próprios líderes. A forma como isto é feito é o mais elementar e agradável problema do desenvolvimento social. A História é, senão, o registro dessa liderança de grupo; e não importa quão infinitamente é mutável em tipo e caráter! E de todos os tipos e espécimes, o que pode ser mais instrutivo do que a liderança de um grupo,

86 - Havia, em torno a 1903, preocupação no sentido de que o poder de Washington se devia em muito ao pagamento de propinas a editores de jornais voltados para os negros, a fim de mantê-los na defesa da linha institucional de Washington e o Instituto Tuskegee.

dentro desse grupo? – esse curioso movimento duplo onde o verdadeiro progresso pode ser negativo, e avanço real ser relativamente um retrocesso. E isto tudo é o que estudiosos da sociedade têm como inspiração e desespero.

Agora, no passado, o negro americano teve uma experiência instrutiva na escolha de seus líderes, fundando, assim, uma peculiar dinastia à qual, à luz das condições presentes, merece ser estudada. Quando porretes e pedras e feras formam o único ambiente de um povo, sua atitude é na maioria das vezes àquela de uma determinada oposição e de conquista de forças naturais. Mas quando o humano e a besta são somados ao ambiente de homens e idéias, então a atitude do grupo feito refém pode assumir três formas principais: um sentimento de revolta e vingança; um desejo de ajustar todo o pensamento e ação à vontade do grupo majoritário; ou, finalmente, um esforço determinado de auto-realização e autodesenvolvimento apesar da opinião do ambiente à volta. A influência de todas essas atitudes em várias oportunidades pode ser rastreada na história do negro americano, e na evolução de seus sucessivos líderes.

Antes de 1750, enquanto o fogo da liberdade africana ainda queimava nas veias dos escravos, havia em todas as lideranças, ou tentativas de lideranças, um motivo único de revolta e vingança – tipificada nos terríveis Maroons, os negros holandeses, e Cato de Stono, que velavam as Américas com o medo da insurreição⁸⁷.

As tendências liberais da segunda metade do século dezoito trouxeram, junto com melhores relações entre negros e brancos, pensamentos de conciliação e assimilação. Essa aspiração era especialmente apresentada nas sinceras poesias de Phyllis, no martírio de Attucks, na luta de Salem e Poor, o sucesso intelectual de Banneker e Derham, e as demandas políticas de Cuffes⁸⁸.

Um estado de extrema dificuldade social e financeira, após a guerra, abrandou em muito o andor humanitário de antes. O desapontamento e impaciência dos negros ante à persistência da escravidão e condições servis os fez seguir em dois movimentos. Os escravos, no Sul, se excitaram, indubitavelmente, seguindo vagos rumores do movimento

87 - Maroons constituíam-se em grupos de guerrilheiros, formados por escravos fugitivos das Índias Ocidentais, Américas do Sul e Central. Erguiam colônias, normalmente em terrenos montanhosos, como na Jamaica. Alguns grupos tomaram-se temíveis forças militares. Cato de Stono foi um dos líderes da primeira importante rebelião de escravos a ocorrer no sul dos Estados Unidos. A rebelião deu-se na região do rio Stono, na Carolina do Sul, em 1739.

88 - Phillis Wheatley (1753-1784). Poeta, nasceu nas Índias Ocidentais, tendo sido trazida, com oito anos, para Boston, nos Estados Unidos. É seu o primeiro livro de poemas de uma mulher negra, na América. Sua coletânea de poemas foi impressa na Inglaterra. Crispus Attucks (1723-1770), era um patriota negro, um dos muitos que morreram no Massacre de Boston, em 5 de março de 1770. Peter Salem (1750-1816), foi um dos escravos que ganhou a liberdade ao lutar na Guerra Civil. Salem Poor (1762-?) também lutou na Guerra e conseguiu a liberdade. James C. Derham (1762-?). Nasceu escravo aperfeiçoou-se com seu amo na prática da medicina. Obteve sucesso e comprou sua liberdade, tornando-se um famoso médico em Nova Orleães. Paul Cuffe (1759-1817), nasceu em Boston, filho de pai escravo e mãe índia. Tornou-se capitão de navios mercantes e constituiu-se num dos pioneiros a advogar a volta dos negros para a África.

rebelde no Haiti, desembocando em três tentativas ferozes da insurreição: em 1800, liderados por Gabriel, na Virgínia; em 1822, sob o comando de Versey, na Carolina, e, em 1831, novamente na Virgínia, sob liderança do terrível Nat Turner⁸⁹. Nos Estados Livres, de outra parte, uma nova e curiosa forma de autodesenvolvimento passou a ocorrer. Na Filadélfia e em Nova York uma espécie de mandamento na comunidade negra fez com que houvesse uma evasão de fiéis das igrejas de brancos, e a formação, dentre os negros, de uma peculiar instituição sócio-religiosa conhecida como Igreja Africana⁹⁰ – uma organização ainda em funcionamento e controlando vários ramos, e mais de um milhão de homens.

O apelo incontido de Walker⁹¹ contra o rumo dos acontecimento mostrou como o mundo estava mudando após o advento do descaroçador de algodão. Em 1830, a escravidão aparentava estar icorrigivelmente atrelada ao Sul, e os escravos intimidados na submissão. Os negros livres do Norte, inspirados nos mulatos imigrantes das Índias Ocidentais, começaram a alterar as bases de suas demandas; eles reconheciam a escravidão dos escravos, mas insistiam que eles próprios eram livres, e buscavam atingir a assimilação e a amalgamação no seio da nação, da mesma forma que os demais cidadãos. Assim, Forten e Purvis, de Filadélfia; Shad, de Wilmington; Du Bois, de New Haven; Barbadoes, de Boston e outros, lutaram, individualmente ou em conjunto como homens, como disseram, e não como escravos; como “homens de cor”, não como “negros”⁹². O rumo daqueles tempos, todavia, recusou-lhes reconhecimento, salvo em casos individuais e excepcionais, considerando-os como os demais menosprezados negros, assim que, logo em seguida, viram-se no embate para manter os mesmos direitos que antes possuíam, como o de votar, trabalhar e deslocarem-se como homens livres. Fizeram surgir dentre eles esquemas de migração e colonização; mas recusaram-se a aceitá-los e, quando puderam, encaminharam-se para o movimento de abolição como um refúgio final.

89 - Gabriel Prosser (+1800). Liderou, como escravo, em Richmond, Virgínia, em 1800, uma rebelião cujo fracasso se deveu à denúncias de outros escravos. Ele e outros rebeldes foram executados. Denmark Versey (+1822). Ex-escravo, vindo do Haiti, liderou uma revolta em Charleston, Carolina do Sul, em 1822. Traído, ele e outros foram executados ou deportados. Nat Turner (1800-1831), liderou a mais sangrenta revolta de escravos nos EUA, ocorrida em Southampton, Virgínia, em agosto de 1831.

90 - Igreja Afro-metodista Episcopal.

91 - David Walker (1785-1830). Lider abolicionista, nascido livre, na Carolina do Norte. Autor de um dos documentos pioneiros na luta anti-escravista *An Appeal to the Coloured People of the World* (1829).

92 - James Forten (1766-1842) veterano de guerra, tornou-se rico como armador. É conhecido como um dos primeiros negros filantropos e ativista autor de petições e moções contra a escravidão e fundador da Sociedade Americana Anti-escravista. Robert Purvis (1810-1898), também negociante na Filadélfia, era genro de Forten. Shade, pode ser tanto Abraham D. Shadd (1801-1882), um líder negro, ou Mary Ann Shadd (1823-1893), filha desse, que se tornou proeminente educadora, que imigrou para o Canadá onde liderou intensa campanha estimulando os negros a fugirem para aquele país. James G. Barbadoes (1796-1841), livre, era barbeiro e alfaiate, tendo tido proeminente atuação como co-fundador da Sociedade Americana Anti-escravista. Liderou uma campanha frustrada de imigração para a Jamaica. Alexander Du Bois era o avô paterno do autor. Nasceu nas Bahamas.

Aqui, liderado por Remond, Nell, Wells-Brown e Douglass⁹³, um novo período de auto-afirmação e autodesenvolvimento alvoreceu. Para ser exato, antes desses líderes, liberdade enfim e assimilação eram o ideal, mas a ânsia da busca de direitos humanos pelos próprios negros se constituía em sua principal esperança, e a incursão de John Brown foi o ponto extremo de sua lógica⁹⁴. Após a Guerra e a Emancipação, o grande desempenho de Frederick Douglass, o maior dos líderes negros americanos, continuava a empolgar as multidões. Auto-afirmação, especialmente em política, era o programa principal, e atrás de Douglass apareceram Elliot, Bruce, Langston e os políticos da Reconstrução. E, menos notáveis, mas de grande significância social, são Alexandre Crummell e o bispo Daniel Payne⁹⁵.

Então irrompeu a Revolução de 1876, a supressão do voto do negro, a mudança e troca de ideais, bem como a busca de alguma claridade, na grande noite que se instaurava. Douglass, já velho, bravamente ergueu-se na defesa dos ideais de sua juventude – assimilação por meio da auto-afirmação e não de outra forma. Por algum tempo, Price despontou como o novo líder, destinado, assim parecia, a não desistir, mas reafirmar os antigos ideais, porém de uma forma que chocasse menos aos brancos sulistas. Ele, entretanto, feneceu no exórdio. Então surgiu uma nova liderança. Praticamente todos os engajados anteriores se tornaram líderes, pelo silente sufrágio de seus irmãos⁹⁶, e buscaram conduzir sozinhos a seu povo, sendo, comumente, com exceção de Douglass, pouco conhecidos fora de sua raça. Então Booker T. Washington despontou não apenas como o líder de uma raça, mas de duas – um comprometido com o Sul, o Norte e o negro. Naturalmente indignados, os negros, no início amargamente pelos indícios de compromissos que cerceariam seus direitos civis e políticos, mesmo que viesse a representar uma troca por maiores oportunidades de progresso material. O rico e dominador

93 - Charles Lenox Remond (1810-1873), abolicionista e professor itinerante. William Cooper Nell (1816-1874) abolicionista, lutou pela integração das escolas, em Boston. William Wells-Brown, fugitivo que se tornou romancista. Frederick Douglass (1818-1895), escravo, abolicionista, orador, memorialista e pensador.

94 - A incursão de John Brown, em outubro de 1859, constituiu-se em pivô na irrupção da Guerra Civil. Brown era um abolicionista branco que liderou um pequeno grupo guerrilheiro, que tentou se apoderar de um arsenal em Harper's Ferry, na Virgínia. Ele foi capturado e depois enforcado em novembro de 1859, mas a sua incursão tornou-se um fato altamente simbólico e de real significação na crise de desunião entre 1860-1861.

95 - Robert Brown Elliot (1841-1884) político e editor negro, educado em Boston e Londres Durante o período da Reconstrução foi eleito para diversos postos, inclusive para o Congresso. John Mercer Langston (1829-1897) escravo, nascido na Virgínia, foi alforriado por seu amo. Tornou-se o primeiro negro eleito pela Virgínia para o Congresso, na Reconstrução. Blanche K. Bruce (1841-1898) elegeu-se como primeiro senador negro, membro do Partido Republicano. Alexander Crummell (1819-1898) foi um religioso e teólogo episcopal negro. Impossibilitado de estudar nas principais universidades americanas, formou-se em Cambridge, na Inglaterra. Esteve por muito tempo na África (Libéria), sendo inspirador do Pan-africanismo. Daniel Alexandre Payne (1811-1893), educador, bispo, foi proeminente escritor religioso. Quando o autor se refere a políticos da Reconstrução, refere-se a cerca de quatrocentos negros que atuaram nos mais diferentes níveis da administração pública no Sul e no Congresso americano.

96 - Voto silente é uma referência ao fato de, no século dezenove, poucos serem os negros que podiam votar. Assim, os que se elegiam, não contavam com a legitimação dos votos de seu povo.

Norte, todavia, não apenas se mostrava cansado de questões raciais, mas investia pesadamente em negócios no Sul, aceitando, pois, qualquer forma de cooperação pacífica. Assim, para a opinião nacional, os negros começaram a aceitar a liderança do senhor Washington, e a voz da crítica silenciou.

O senhor Washington representa, no pensamento negro, a velha atitude de acomodamento e submissão; mas, acomodação num dado momento, de forma a consolidar seu programa como único. Este é um tempo de desenvolvimento econômico sem par, e o programa do senhor Washington segue, naturalmente, um modelo econômico, tornando-se o evangelho do Trabalho e Dinheiro, de tal forma a, aparentemente, quase por completo, obscurecer os objetivos mais nobres da existência. A mais, este é um tempo quando as raças mais avançadas aproximam-se das menos desenvolvidas, fazendo com que o sentimento racial seja intensificado. E o programa do senhor Washington, praticamente, aceita a teoria da inferioridade racial do negro. Novamente, em nossa terra, a reação do sentimento do tempo de guerra deu ímpeto ao preconceito de raça contra os negros, e o senhor Washington subtrai muitas das mais caras aspirações do negro como homem e como cidadão americano. Em outros períodos de exacerbado preconceito, a tendência do negro a auto-afirmação sempre foram evocadas; atualmente, uma política de submissão é defendida. Na história de praticamente todas as demais raças e povos a doutrina defendida, em momentos de crises, é a de que o respeito ao ser humano é mais valioso do que terras e casas, e que um povo que voluntariamente abdica desse respeito, ou pára de lutar por ele, não merece ser civilizado.

Em resposta à assertiva, dizem que o negro somente consegue sobreviver na servidão. O senhor Washington, com clareza, apela para que os negros desistam, pelo menos atualmente, de três coisas:

Primeira: força política;

Segunda: insistência nos direitos civis;

Terceira: estudo superior para os jovens negros, além de concentrar todas as energias no ensino técnico, na acumulação de riqueza, e na conciliação no Sul. Essa política tem sido corajosa e insistentemente advogada, ao longo dos últimos quinze anos, tendo triunfado pelo menos nos últimos dez anos. Como resultado desse troféu, o que se conseguiu em troca? Nesse período ocorreu:

1. A perda pelo negro de garantias constitucionais.
2. A criação legal de uma situação distinta, de inferioridade civil, para o negro.

3. A consistente perda de subsídios pelas instituições de ensino superior dos negros.

Esses movimentos não são, por certo, resultado direto dos ensinamentos do senhor Washington; mas sua publicidade, sem qualquer sombra de dúvida, ajudou a que mais rapidamente fossem alcançados. Emerge daí a seguinte questão: é possível, e provável, que nove milhões de homens possam alcançar efetivo progresso econômico se estão destituídos de direitos políticos, transformados numa casta servil, e autorizados, apenas, a mais inexpressiva oportunidade de desenvolver seus homens excepcionais. Se história e razão oferecem qualquer resposta – dará a essas questões, é um enfático *Não*. Então o senhor Washington enfrenta o triplo paradoxo de sua carreira:

1. Ele está, nobremente, se empenhando em transformar o negro artesão num empresário e proprietário; mas isto é de todo impossível, face a métodos modernos competitivos, e porque não será possível, sem o direito de voto, esses empresários e proprietários, existirem e defenderem os seus direitos;

2. Ele insiste em frugalidade e auto-respeito, mas ao mesmo tempo aconselha uma submissão silente à inferioridade cívica, que tenderá a desvitalizar, a longo prazo, a formação humana de qualquer raça.

3. Ele advoga grupos escolares e treinamento técnico, e deprecia instituições de nível superior; mas nem os grupos escolares para negros, tampouco o próprio Tuskegee, terão condições de funcionar no dia em que não contarem com mestres preparados em faculdades negras, ou treinados por seus graduados.

Esse tríplice paradoxo nas posições do senhor Washington é alvo de crítica por duas classes de homens de cor americanos. Uma classe é a que descende espiritualmente de Toussaint, o Salvador, através de Gabriel, Vesey e Turner, e eles representam uma atitude de revolta e de vingança; eles odeiam cegamente os brancos sulistas, e não confiam nos brancos em geral e, assim, no plano da ação, concordam que a saída que resta aos negros americanos está na migração para além das fronteiras do país. A mais, pela ironia dos fatos, nada fez este programa mostrar-se mais inútil do que o recente acossamento praticado pelos EUA contra os impotentes e negros povos das Índias Ocidentais, Havaí e Filipinas. Para onde se pode ir, neste mundo, para estar a salvo da mentira e da força bruta?⁹⁷

A outra classe de negros, que não podia concordar com o senhor Washington, manifestou-se em voz alta. Reprovava a visão de conselhos desordenados, de divergências internas; e, em especial, não gostava de ver suas justas críticas a um homem profícuo e

sério tornadas desculpas para uma descarga geral de venenos de oponentes de mente estreita. Todavia, as questões em tela são tão fundamentais e sérias que é difícil compreender que pessoas como os Grimké, Kelly Miller, J. W. E. Bowen⁹⁸, e outros representantes desse grupo, possam, por mais tempo, ficar em silêncio. Esses homens devem sentir-se, por dever de consciência, compelidos a reclamar desta nação três coisas:

1. Direito de voto.
2. Igualdade civil.
3. Educação dos jovens de acordo com suas aptidões.

Eles agradecem a inestimável ação do senhor Washington ao aconselhar paciência e cortesia em tais reivindicações; não pedem para que negros ignorantes votem onde brancos ignorantes são barrados, ou que qualquer restrição razoável ao voto não deva ser-lhes aplicada; sabem que o baixo nível dos povos de raça negra é o responsável por muita discriminação contra si, mas também sabem, e a nação igualmente o sabe, que o implacável preconceito de cor é mais comumente a causa do que o resultado da degradação do negro; eles buscam o abrandamento dessa relíquia do barbarismo, e não seu sistemático encorajamento e proteção por todas as agências de poder social, desde a *Associated Press*⁹⁹ até a igreja de Cristo. Eles advogam, com o senhor Washington, um sistema amplo de grupos escolares negros, suplementada por completo treinamento profissional; mas eles mostram-se surpresos que um homem com a visão do senhor Washington não pudesse vislumbrar que um tal sistema de educação não pode subsistir senão dentro de uma bem equipada faculdade ou de uma universidade, e insistem que existe demanda no Sul para umas poucas instituições como seriam essas, para treinar o melhor da juventude negra, como professores, profissionais e líderes.

Esse grupo de pessoas admira o senhor Washington por sua atitude de conciliação em relação ao Sul branco; acatam o “Compromisso de Atlanta”, na sua mais ampla interpretação; identificam, com ele, muitos sinais de promessa, muitas pessoas de propósito elevado e julgamento eqüitativo; sabem que difícil é a tarefa que recaiu sobre uma região já vacilante ante seus pesados encargos. Mas, não obstante, eles insistem que o caminho para a verdade e o direito reside em irretocável honestidade, não em indiscriminada

97 - Como resultado da Guerra Ibero-americana, de 1898, os EUA receberam possessões no Havaí e nas Filipinas.

98 - Archibald H. Grimké (1849-1930) e seu irmão, Francis J. Grimké (1850-1937) nasceram escravos na Carolina do Sul. Eram sobrinhos de Sarah Grimké, uma pioneira abolicionista. Archibald tornou-se advogado e Francis proeminente ministro, com atuação universitária em Howard. D.C. Kelly Miller (1863-1939), nasceu filho de mãe escrava e tornou-se matemático e professor de sociologia, na Universidade de Howard, além de ensaísta. John Wesley Edward Brown (1855-1933) era ministro metodista e educador. Recebeu PhD em religião, em Boston.

99 - Agência de notícias.

hipocrisia; em exaltar os sulistas que fazem o bem, e criticar sem barreiras aqueles que fazem o mal; em se valer das oportunidades disponíveis e estimular seus companheiros a fazerem o mesmo; mas, ao mesmo tempo, lembrando que somente uma firme adesão aos seus elevados ideais e aspirações irá manter esses dois pressupostos dentro dos limites do campo do possível. Eles não esperam que o livre direito de votar, de desfrutar direitos civis, e ser educado, virá num instante; eles não esperam ver a propensão e o preconceito de anos desaparecer ao acorde de uma corneta; mas eles estão certos, por inteiro, de que o caminho de um povo para adquirir razoáveis direitos não passa por arremeterem-nos fora, e pela reiteração de que não os desejam; de que o caminho para um povo adquirir seu respeito não passa pela permanente depreciação e ridiculização de si mesmo; que, pelo contrário, os negros devem insistir, continuamente, na temporada e fora dela, que votar é uma necessidade da atualidade; que discriminação de cor é barbarismo, e que os meninos negros necessitam de educação, tanto quanto os meninos brancos.

Não conseguindo, assim, explicar, de maneira simples e inequívoca, as demandas legítimas de seu povo, ainda ao custo de contestar um líder honrado, as classes pensantes da América poderão estar se omitindo a uma grande responsabilidade – responsabilidade para consigo mesmas, responsabilidade para com as gentes trabalhadoras, responsabilidade para com outras raças negras, de homens cujo futuro depende grandemente desta experiência americana, mas, especialmente, uma responsabilidade para com a nação – esta nossa terra-mãe comum. Não é certo encorajar uma pessoa ou um povo na prática do mal; é errado ajudar e encorajar um labéu nacional simplesmente porque não fazê-lo é impopular. O crescente espírito de harmonia e reconciliação entre o Norte e o Sul, após as terríveis diferenças de uma geração atrás devem constituir-se em fonte de profunda congratulação para todos, e especialmente para aqueles cujos maus tratos ensejaram a guerra; mas se essa reconciliação houver de ser assinalada pela escravidão industrial e pela morte cívica daqueles mesmos homens negros, sob a legislação colocados permanentemente numa posição de inferioridade, então esses negros, se realmente homens, são convocados, ante qualquer consideração de patriotismo e lealdade, a oporem-se a tal curso através de todo método civilizado possível, ainda que tal oposição envolva desacordo com o senhor Booker T. Washington. Não temos o direito de sentarmo-nos em silêncio enquanto as inevitáveis sementes são espalhadas para uma colheita de desastre para nossos filhos, negros e brancos.

Primeiro, é dever do negro julgar o Sul com discernimento. A atual geração de sulistas não é responsável pelo passado, e ela não deve ser cegamente odiada e culpada por tal. Além disso, para ninguém mais do que à elite pensante do Sul, o indiscriminado apoio ao curso recente imprimido à região, causa repulsa. O Sul não é “sólido”; é uma terra em fermentação e mudanças sociais, local em que forças de todos os tipos disputam supremacia. Assim que, louvar o mal que hoje o Sul perpetra é tão errado quanto condenar o bem. Discernimento e crítica liberal é o que necessita o Sul – necessita para o bem de seus próprios filhos e filhas, e para garantia de um robusto, saudável, moral e mental, desenvolvimento.

Hoje, mesmo a atitude de sulistas brancos em relação aos negros, como muitos pensam, não é sempre a mesma: o ignorante sulista odeia o negro; o trabalhador teme-o como competidor; os empresários desejam-no como operário, alguns dentre os instruídos vêem-no como ameaça à sua ascensão social, enquanto outros – via de regra, filhos de outrora senhores de escravos – desejam auxiliá-lo a progredir. A opinião nacional deferiu a essa última classe manter os grupos escolares para negros, e proteger, parcialmente, a propriedade, vida e comunidade do negro. Pela pressão dos empresários, o negro enfrenta o perigo de ver-se reduzido a condição de semi-escravo, especialmente nas zonas rurais; o operário e o instruído que temem o negro, juntaram-se as mãos para mutilar-lhe os direitos de cidadania, tendo alguns empenhado-se em conseguir sua deportação; e a paixão e ira do ignorante têm-se convertido facilmente em linchamento e maltrato do negro. A apologia desse intrincado turbilhão de pensamentos e preconceitos é sem sentido; investir indiscriminadamente contra “o Sul” é injusto; mas usar o mesmo impulso para louvar o governador Aycock, expor o senador Morgan, debater com o senhor Thomas Nelson Page, e denunciar o senador Ben Tillman, não é apenas coerente, senão que dever imperativo do pensador negro¹⁰⁰.

Seria injusto para com o senhor Washington não reconhecer que em diversas instâncias ele se opôs a movimentos do Sul que eram injustos para com o negro. Ele enviou moções às convenções constitucionais da Louisiana e Alabama; pronunciou-se contra os linchamentos; e de outras formas, aberta ou silenciosamente, emprestou sua influência contra sinistras maquinações e desafortunadas ocorrências. Apesar disto, é

100 - Charles Aycock (1859-1912) foi governador da Carolina do Norte, entre 1901 e 1905, e um reformador educacional. John Tyler Morgan (1824-1907) foi um supremacista branco, senador federal pelo Alabama. Tomas Nelson Page (1853-1922) foi um romacista branco do Sul, autor popular de contos, que se empenhou em criar um escola literária da plantação. Benjamin R. Tillman (1847-1919) foi um orador populista e um virulento governador racista da Carolina do Sul e senador federal.

igualmente verdadeiro afirmar que, no todo, a clara impressão deixada pela propaganda do senhor Washington é, primeiro, de que a posição do Sul em relação ao negro é justificável face à degradação desse; segundo, que a causa principal da incapacidade do negro em desenvolver-se mais rapidamente reside nos erros de sua educação, no passado; e, terceiro, que sua melhoria, no futuro, dependerá de seus próprios esforços. Cada uma dessas proposições constituem-se em perigosa meia-verdade. As verdades suplementares nunca podem deixar de visar o seguinte: primeiro, a escravidão e os preconceitos de raça são poderosos, senão que causas suficientes, que justificam a situação do negro; segundo, escolas técnicas e grupos escolares progrediam vagarosamente, porque tinham de aguardar que escolas de nível superior treinassem professores negros – tornava altamente duvidoso se qualquer desenvolvimento era possível e, certamente, Tuskegee era algo inconcebível antes de 1880; e, terceiro, embora trate-se de uma grande verdade dizer-se que o negro deve lutar tenazmente para se auto-ajudar, é também verdadeiro que, a menos que ele não seja, apenas, assistido em seu empenho, mas, sim, despertado e encorajado, pela iniciativa dos mais ricos e educados do grupo que o cerca, não conseguirá grande sucesso.

Falhando em compreender e fixar este último ponto, o senhor Washington faz jus às críticas. Sua doutrina tendia em fazer os brancos, do Norte e do Sul, deslocar de seus ombros a responsabilidade do problema do negro, pondo-se à margem, numa posição de observadores tanto críticos quanto pessimistas, quando, em verdade, o fardo pertence à nação, e não teremos mãos limpas, a menos que empreguemos todas as nossas energias em consertar às injustiças praticadas.

O Sul terá de ser empurrado, por uma crítica sincera e honesta, para que dê o melhor que tem de si e cumpra o seu dever para com a raça com a qual foi e ainda é cruelmente injusto. O Norte – seu co-partícipe no crime – não pode aplacar sua consciência, só por emplastar tudo com ouro. Não podemos resolver este problema pela diplomacia e ternura, com “política”, apenas. Se ao pior sobrevém o pior, pode o tecido moral deste país sobreviver à lenta asfixia e assassinato de nove milhões de almas?

O negro americano tem um dever a cumprir, um dever firme e delicado – conduzir um movimento que se oponha, em parte, ao trabalho de seu líder maior. Enquanto o senhor Washington pregar Poupança, Paciência e Ensino Técnico para as massas, devemos juntar nossas mãos e lutarmos unidos, rejubilando-nos consigo e

glorificando o empenho desse Josué¹⁰¹, chamado por Deus e pelos homens para liderar este povo acéfalo. Mas enquanto o senhor Washington se desculpa por injustiças, o Sul e o Norte não avaliam corretamente o valor e o privilégio que se contém no direito de votar; minimizam os efeitos emasculantes da distinção de castas, e se opõem ao treinamento superior e ambições de nossas mentes mais privilegiadas – até que o Sul, ou a nação, assim o proceda – devemos sem cessar e firmemente nos opor a eles. Usando qualquer método civilizado e pacífico, devemos lutar pelos direitos que o mundo deferiu aos homens, apegando-nos, sem temor, às palavras que os filhos dos Fundadores gostariam de alegremente esquecer: “Nós consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas: Que todos os homens nascem iguais; que foram dotados, pelo Criador, de certos direitos inalienáveis; e que, dentre esses, encontram-se a vida, a liberdade e a busca da felicidade¹⁰²”.

101 - Josué foi ministro de Moisés. Após a morte deste, Deus falou diretamente com Josué, encarregando-o de liderar os filhos de Israel na travessia do Jordão.

102 - Preâmbulo da Declaração de Independência dos EUA, de 1776.

IV

SOBRE O SIGNIFICADO DO PROGRESSO



Willst Du Deine Macht verkünden,

Wähle sie die frei von Sünden,

Steh'n in Deinem ew'gen Haus!

Deine Geister sende aus!

Die Unsterblichen, die Reinen,

Die nicht fühlen, die nicht weinen!

Nicht die zarte Jungfrau wähle,

Nicht der Hirtin weiche Seele!¹⁰³

Schiller

Aqueles foram os tempos em que eu lecionava nas colinas do Tennessee, onde, no amplo e sombrio vale, o Mississippi inicia sua marcha serpenteada para apresentar-

103 - Versos de Friedrich Schiller, *A jovem de Orleães*. Tradução de versão inglesa: *Se desejas proclamar teu poder/ Escolha aqueles que, sem pecado/ Vivem na tua eterna morada!/ Espalha seus espíritos/ Os eternos, os puros/ Os que não sentem, nem choram/ Não envia uma imaculada jovem/ Tampouco uma pastora de alma gentil.* - A música é do espiritual, "My Way's Cloudy."

se aos Alleghanies¹⁰⁴. Eu era estudante, então, da Universidade Fisk, onde todos pensávamos que o Tennessee – do outro lado do Véu – lhes pertencia; assim que, em tempos de férias, eles deslocavam-se, em grupos saudáveis, ao encontro dos comissários escolares do município. Jovem e feliz, também eu participei, e jamais vou esquecer daquele verão, dezessete anos atrás.

Primeiro, havia uma Escola Normal, na sede do município, onde distintos convidados do superintendente ensinavam, aos normalistas, frações, soletração e outros mistérios – brancos pela manhã, negros à noite. Às vezes, uma excursão, um jantar, com o riso e a música, abrandando o mundo hostil. Recordo-me bem – mas estou divagando.

Então chegava o dia em que todos os formandos deixavam o instituto e saíam à caça de escolas. Eu aprendi de oitiva (minha mãe morria de medo de armas de fogo) que a caça de patos e ursos e homens é muito interessante; mas estou certo de que aquele que jamais caçou uma escola rural sentirá prazer se vier a fazê-lo. Recordo agora as brancas, preguiçosamente mormacentas, estradas subirem, descerem e serpentearem à minha frente, sob o tórrido sol de julho. Sinto a profunda fadiga, no coração e nos membros, na medida em que oito, seis milhas ainda se projetam inexoravelmente adiante; eu sinto meu coração sucumbir à medida em que ouço reiteradamente: “Conseguimos um mestre? Sim”. Caminhei mais e mais – um cavalo era algo muito caro –, até que vaguei além das linhas férreas, e outros caminhos, para a terra de “vermes” e cascavéis, onde a chegada de um estranho se constituía num evento, e as pessoas viviam e morriam à sombra de uma colina azul.

Espalhados entre colinas e vales, estavam casebres e arranchamentos, afastados do mundo por florestas e as ondulantes colinas, na direção do leste. Ali encontrei, enfim, uma pequena escola. Josie notificou-me. Era, Josie, uma jovem simples e esbelta, na casa dos vinte anos, de pele marrom bem escura, de cabelos grossos e ínvios. Eu havia atravessado o arroio em Watertown e descansava sob imensos chorões. Então encaminhei-me para o

104 - Montes Allegheny, situados na Virgínia do Oeste, Grant Heilman, também chamados de Alleghenies, são a parte montanhosa oriental do Platô dos Allegheny, nos Apalaches.

terreno, no caminho da aldeia, local do casebre onde Jesie repousava. Um esquálido agricultor deu-me boas-vindas, e Josie, ouvindo minhas atribuições, disse-me, com ansiedade, que eles desejavam ter a escola além da colina; que, desde a guerra, apenas um professor estivera lá; que ela também ansiava por alfabetizar-se. Jesie prosseguiu, falando rápido e em tom alto, com muita sinceridade e disposição.

Na manhã seguinte atravessei a colina alta e dobrada – desejoso de descortinar as montanhas de tons azul e amarelo, alongando-se em direção às Carolinas – para adentrar o bosque e chegar à casa de Josie. Era um casebre rústico, com quatro peças, empoleirado bem ao sopé da colina, cercado de pessegueiros. Seu pai era um quieto, tranquilo ignorante, de alma simples, sem qualquer toque de vulgaridade. A mãe, diferente: forte, agitada e enérgica, com uma língua afiada, e a ambição de viver “como gente”. Tinham uma filharada. Dois rapazes haviam partido. Ali estavam duas meninas em crescimento; um tímido baixinho de oito anos; John, alto, desajeitado, dezoito anos; Jim, mais jovem, mais expedito, e mais bem apessoado, e dois infantes de idade indefinida. Então, havia Jesie. Ela parecia ser o centro da família: sempre fazendo algo, no trabalho, em casa ou apanhando frutas silvestres; um tanto nervosa e inclinada à ralhação, como sua mãe, mas sincera, como seu pai. Possuía como que uma áurea de certa fineza, a sombra de uma inconsciente heroísmo moral, capaz de dar de si, em favor dos seus, ensejando para si e para eles uma vida mais tolerante, profunda e plena. Convivi, adiante, muito com essa família, o que fez aumentar minha admiração por eles, face ao honesto esforço que empenhavam para terem uma vida decente e confortável, bem como pela consciência que tinham de sua própria ignorância. Eles não tinham qualquer afetação. A mãe repreendia o pai por ser tão “acomodado”; Josie energicamente repreendia seus irmãos por sua negligência; e todos sabiam não ser fácil tirar a subsistência de uma escarpa rochosa.

Eu assegurei-lhes escola. Lembro-me do dia em que, a cavalo, me dirigi à casa do comissário, na companhia agradável de um jovem branco, que buscava a escola para brancos. Caminhávamos na estrada que descia em direção ao leito de um córrego, enquanto o sol sorria e a água murmurava. “Entrem, vamos”, disse o comissário. “Sentem-se. Sim, o diploma está em ordem. Fiquem para jantar. Quanto você pretende receber por mês?” A seguir pensei: “Puxa, que sorte!”, mas, então, a horrorosa sombra do Véu toldou o ambiente: eles cearam primeiro, eu depois – sozinho.

A escola era num palheiro, usado pelo coronel Wheeler para estocar seu milho. Situava-se num terreno atrás de uma cerca, com coroas-de-cristo, próxima a uma fonte de

águas cristalinas. Havia uma entrada onde, outrora, estivera uma porta; adiante, um maciço fogão, porém caindo aos pedaços; grande aberturas, em meio aos mourões, serviam de janelas. Móveis, eram poucos. Um quadro-negro estaqueado, jazia num canto. Minha mesa era um conjunto de três tábuas, reforçadas em pontos críticos; minha cadeira, emprestada pela senhoria, tinha de retornar à mesma todas as noites. O assento para as crianças era algo que me abatia – lembrava-me das pequenas carteiras e cadeiras, o modelo da Nova Inglaterra; mas, que pena!, tinha de contentar-me ali com bancos toscos sem encostos e, algumas vezes, até sem pernas. Eles tinham a virtude de tornar um cochilo algo perigoso, até mesmo fatal, posto que o piso não era confiável.

Foi numa manhã muito quente de julho, quando a escola abriu. Eu ouvi o tropear de pequenos pés marchando sobre a estrada poeirenta, e vi a crescente fileira, de rostos solenes e olhos brilhantes e ávidos, chegar a mim, me encarando. Primeiro, chegou Jesie com seus irmãos e irmãs. A ânsia de aprender, tornar-se apta a freqüentar o grande colégio em Nashville, pairava como uma estrela sobre a cabeça desse ente, um tanto criança, um tanto mulher, em meio a seu trabalho e preocupações, e ela estudava obstinadamente. Ali estavam os Dowells, vindos de sua propriedade, no caminho de Alexandria; Fanny, com sua face negra e macia, incrustada de olhos deslumbrados; Martha, marrom e obtusa; a bonitinha jovem esposa de um irmão e o resto da prole.

Havia os Burkes: eram dois rapazes, um marrom e o outro sarará claro, e uma menina magrinha de olhos altivos. A filha, também gorducha, do gordo Ruben, compareceu, com sua face dourada e cabelos de ouro velho, segura de si e solene. ‘Thenie cedo aparecia – espirituosa, feia, garota de bom coração, que com diligência cuidava de seu irmãozinho cambota. Quando a mãe podia prescindir a ajuda de ‘Tildy ela aparecia – uma beleza de meia-noite, com olhos cintilantes e membros roliços; e seu irmão com seu jeito familiar. Então os garotos: os grandalhões Lawrences; os preguiçosos Neils, filhos de mães solteiras; Hickman, curvado nos ombros e os demais.

Ali estavam, sentados, cerca de trinta, nos bancos toscos, seus rostos variando da tonalidade creme ao profundo marrom, os olhos plenos de expectativa, vendo-se aqui e ali o piscar de olhos da travessura, e mãos empunhando a cartilha Webster, de capa azul. Eu gostava de minha escola, e a sincera fé dos alunos na sabedoria de seu professor era algo genuinamente maravilhoso. Nós líamos e soletrávamos juntos, escrevíamos um pouco, apanhávamos flores, cantávamos, e ouvíamos narrativas sobre o mundo que existia além das colinas. Havia tempos em que a freqüência encolhia, e eu saía a campo. Visitava Mun

Eddings, que habitava dois quartos infectos, para perguntar por que a pequena Lugene, cujo rosto ardente dava a impressão de sempre fazer resplandecer seu despenteado cabelo negro-avermelhado, não havia comparecido às aulas na semana anterior; ou por que me deixavam tão freqüentemente sem ver seus inimitáveis andrajos Mack e Ed. Então, dizia-me o pai, que trabalhava como meeiro na fazenda do coronel Wheeler, que a lavoura demandava o trabalho dos meninos. Ouvia da magra e desalinhada mulher, bonita, entretanto, quando apenas lavava o rosto, a desculpa de que Lugene precisava cuidar do nenê. “Mas eles vão recomeçar, semana que vem”. Quando os Lawrences deixaram de aparecer, tive certeza de que as desconfianças dos seus pais a respeito de estudar haviam prevalecido novamente. Assim, penando na subida do morro, e chegando o mais próximo possível do casebre, fazia uma versão, no mais singelo inglês, com linguajar local, de “pro Archia Poeta”¹⁰⁵ de Cícero. Como sempre os convencia – pelo menos por mais uma semana ou tal.

Nas noites de sexta-feira, de costume, voltava à casa com uma das crianças – às vezes, para o lote de Doc Burke. Ele era um negro alto, magro, vozeador, sempre trabalhando, tudo para poder comprar os trinta hectares ao longo das colinas e vale onde vivia; mas as pessoas diziam que seu projeto seguramente falharia, e que “os brancos se apossariam de tudo”. Sua esposa era uma maravilhosa amazona, com rosto de açafrão e cabelos luzentes, solta dentro do vestido e descalça – seus filhos eram fortes e bonitos. Eles habitavam um casebre de um e meio cômodo, numa depressão do terreno, próximo à fonte. O quarto da frente era ocupado por camas brancas e largas, escrupulosamente limpas; havia, também, nas paredes, imagens de má qualidade e uma cansada mesa de centro. Na raquítica cozinha, normalmente eu era convidado a comer galinha assada com biscoitos de trigo, “carne” e pão de milho colonial, vagens e frutos do campo. Nas primeiras vezes, fiquei um pouco embaraçado ante a chegada da hora de dormir na cama solitária. Mas o estorvo foi habilmente superado. Primeiro, todas as crianças já estavam sonolentas ou dormindo, e eram alojadas numa grande coberta recheada de penas de ganso; depois, os pais, discretamente, escapavam para a cozinha, quando eu entrava já na cama. Por fim, apagando a tibia luz, eles se recolhiam no escuro. Na manhã, todos já estavam fora da cama quando eu ainda dormia. Do outro lado da estrada, onde morava o gordo Ruben, todos saíam, partiam para as lides, enquanto o professor repousava, posto que não tinham

105 - Discurso de Cícero, orador romano, em que defende a literatura como uma grande arte, e fala do respeito devido pela sociedade aos escritores.

como gabar-se do luxo de uma cozinha.

Eu gostaria de poder ficar com os Dowells, pois além de uma casa com quatro cômodos contavam com farta comida campestre. Tio Bird possuía uma pequena e rústica fazendola, prenhe de bosques e colinas, distante da grande estrada; mas ele transbordava contos – predicara aqui e acolá – e com seus filhos, frutos, cavalos e trigo era um homem próspero e feliz. Muitas vezes, para manter a o equilíbrio, eu tinha de ficar aonde a vida era menos prazenteira. Assim, a mãe de ‘Tildy era incorrigivelmente relaxada, a despesa de Ruben era paupérrima, e hordas de furiosos insetos sobrevoavam as camas dos Eddingses. Mais que tudo, eu gostava de visitar Josie, e sentar-me no avarandado, comendo pêssegos, enquanto sua mãe¹⁰⁶, em meio a azáfama de sempre, falava de como Josie havia trazido a máquina de costura; de como Josie trabalhava no inverno, e que quatro dólares por mês era um salário muito pequeno; de como Josie ansiava por ir à escola, mas ficava a impressão de que eles jamais conseguiam o bastante que lhes permitisse assegurar que Josie freqüentasse a escola; de que a safra havia fracassado, e de que o poço ainda estava inacabado; e, finalmente, quão ignóbeis eram alguns brancos.

Por dois verões vivi nesse pequeno universo – monótono e desinteressante, onde as meninas deitavam olhares melancólicos e desesperançosos para as colinas e os rapazes ansiavam visitar Alexandria. Alexandria era a “cidade” – um ajuntamento, modorronto conjunto de casas, igrejas, lojas e uma aristocracia de Toms, Dicks e capitães. Aconchegada pela colina, na direção norte, estava a vila da gente de cor, que habitava casinhas de madeira, com três ou quatro cômodos, sem pintura, algumas bem cuidadas, outras desleixadas. Os moradores estavam espalhados e sem motivação, mas juntavam-se em torno aos templos gêmeos do povoado, o metodista e o intolerante batista. Aqui o meu pequeno mundo seguia seu rumo, para encontrar, nos domingos, outros mundos: o da conversa sem compromisso, do encantamento, e de fazer, o sacrifício semanal com o frenético pregador, no altar da “religião de antanho”. Então, a suave melodia e as cadências poderosas das canções negras flutuando e trovejando.

106 - Em autobiografia nos últimos anos de sua vida, o autor confessaria que teve sua primeira relação sexual com a mãe de Josie, que “praticamente foi violentado pela mulher infeliz que era sua hospedeira”.

Eu chamei minha minúscula comunidade de mundo – seu isolamento fez-me caracterizá-la assim; não obstante, havia entre nós senão um meio-despertar de consciência comum, que brotava do sofrimento e alegria irmãs, nos enterros, nascimentos ou casamentos; de um sofrimento comunal de pobreza – terra pobre e salários miseráveis; e, acima de tudo, a visão do Véu que pairava suspenso entre nós e a Oportunidade. Tudo isto fazia-nos considerar alguns pensamentos em conjunto; mas esses, quando prontos para serem externados, eram falados em diferentes línguas. Aqueles que, passados vinte e cinco anos, ou mais, seus olhos viram “a glória da chegada do Senhor”, constatavam em cada dificuldade ou alívio do momento um negro fatalismo fadado a ajustar tudo no devido tempo do Senhor. Aqueles para quem a escravidão era uma apagada recordação de suas infâncias encontraram um mundo de coisas complicadas: era-lhes exigido pouco e eles respondiam também com pouco, e este pouco era ainda desdenhado. Esse paradoxo não podiam compreender, por isto mergulhavam em indiferença sem resposta, ou desinteresse, ou inconseqüentes bravatas. Havia, contudo, alguns — como Josie, Jim e Ben –, para os quais Guerra, Inferno e Escravidão não passavam de contos da infância, os quais perdiam em interesse para suas ambições juvenis, que mais se voltavam ao ensino, às histórias e ao pensamento recém desperto. Difícilmente eles poderiam estar satisfeitos, nascidos carentes, e além do Mundo. E suas despreparadas asas debatiam-se contra as barreiras desse – barreiras de casta, de juventude, da vida; enfim, em momentos de perigo, contra tudo que a si se opusesse, ainda que um capricho.

Os dez anos que se seguem à juventude, os anos quando primeiro compreendemos que a vida nos está conduzindo a algum lugar – estes foram os anos que se passaram após eu haver deixado minha pequena escola. Quando eram passado, tive a chance, outra vez, de rever os muros da Universidade Fisk, os corredores da capela da melodia. O tempo que ali permaneci, vivendo a alegria e o sofrimento do encontro com antigos colegas, trouxe-me a vontade de ainda outra vez ir além da colina azul, e ver casas e escolas dos dias de então, e saber como a vida havia tratado minhas crianças. E fui.

Josie havia morrido, e sua encanecida mãe me disse simplesmente: “Temos tido um bocado de problemas desde que o senhor partiu”. Temi por Jim. Num ambiente familiar mais propício e originário de outra linhagem social, poderia ser agora um próspero homem de negócios ou cadete em West Point¹⁰⁷. Mas ali estava ele, zangado com a vida e negligente; e quando o fazendeiro Durham o acusou de roubar trigo, o velho teve de fugir para se refugiar das pedras que o tolo passou a arremessar. Diziam para que Jim fugisse, mas ele não obedecia. Assim, naquela tarde, apareceu o policial que o prendeu. Isto afligia Josie, e o grande desajeitado John caminhava quatorze quilômetros todos os dias para ver seu pequeno irmão através das grades da cadeia de Lebanon. Até que um dia, numa noite escura, os dois retornaram juntos. A mãe preparou o jantar, e Josie entregou o que tinha economizado, e os dois desapareceram. Josie fechou-se em si, emagrecendo; e passou a trabalhar ainda mais. A colina tornou-se um esforço demasiado para o velho pai enfrentar, e calado, sem os filhos para ajudar, pouco podia ser feito no vale. Josie ajudou-os a vender a antiga propriedade, e mudaram-se para próximo da cidade. Irmão Dennis, o carpinteiro, construiu uma nova casa com seis cômodos. Josie labutou um ano em Nashville, trazendo uma colaboração de noventa dólares para mobiliar a casa, transformando-a numa lar.

Quando chegou a primavera, e as aves gorjeavam, e o rio fluía majestoso e pleno, a jovem irmã Lizzie, arrogante e negligente, excitada com uma paixão juvenil, apareceu como mãe solteira. Josie sofreu, mas foi adiante, certa de que os tempos de escola eram o passado. Com um semblante lívido e cansado trabalhou até que, num dia de verão, alguém desposou outra; então Josie engatinhou até sua mãe, qual uma criança ferida, e adormeceu – e dorme!

Fiz uma pausa para sentir a brisa, à medida em que entrava no vale. Os Lawrence, pai e um filho, haviam partido para sempre. O outro filho, sem empenho, obra a terra para sobreviver. Uma jovem viuva aluga a cabine deles para o gordo Ruben. Ele é agora um pastor batista, mas, temo, que continue preguiçoso como sempre, embora ocupe uma casa de três cômodos. A pequena Ella transformou-se numa vívida mulher, e seu milho é lavrado no aclave da colina. Encontrei muitas crianças, e uma menina retardada. Encontrei uma casa que eu não conhecera antes, na qual reencontrei, embalando um filho e esperando outro, uma de minhas ex-alunas,

107 - Academia Militar, localizada no Estado de Nova York.

filha do tio Bird Dowell. Ela parecia um pouco preocupada com seus novos encargos, mas, em seguida, mostrou-se orgulhosa com seu casebre bem disposto, e falou de seu marido econômico, do cavalo e da vaca, e da terra que planejavam comprar.

Minha escolinha de madeira desapareceu. Em seu lugar estava o Progresso. E o Progresso, acredito, é necessariamente desagradável. Desalinhados alicerces em pedras ainda demarcavam o antigo local de meu pequeno casebre e, não muito distante, seis maciças pedras aconchegavam uma pequena estrutura em madeira, com cerca de seis por nove metros, com três janelas e uma porta. Alguns dos vidros estavam quebrados, e parte do antigo fogão de ferro jazia abandonado sob a casa. Espiei, meio reverente, através da janela e vi coisas mais familiares. O quadro negro era maior alguns centímetros, mas as cadeiras continuavam sem encosto. O município era o responsável e todos os anos havia aulas. Sentado à fonte, vislumbrei o Antigo e o Novo e senti felicidade, fiquei contente, entretanto...

Após dois longos goles, comecei a caminhar. Via a seguir a casa grande da esquina e me lembrei da família que ali residia. O rosto duro e vigoroso da mãe, com seu cabelo indomado, apareceu à minha frente. Ela expulsou o marido da casa, e no período em que lecionei, um homem estranho, grande e jovial, viveu com ela; e o povo falava. Eu apostaria que, de tal lar, Ben e 'Tildy haveriam de adquirir nada. Porém, trata-se de um mundo estranho, pois Ben é um ativo agricultor no município de Smith, tendo, mesmo, ajudado a criar a pequena 'Tildy que, na última primavera, encontrou seu amado e casou-se. Ben levava uma vida difícil: trabalhava duro para ganhar seu pão e tinha de suportar os gracejos porque era um homem rústico e encurvado. Havia Sam Carlon, um impudente pão-duro, que tinha seus conceitos firmados a respeito dos "pretos", e num verão contratou Ben e não quis pagá-lo. Assim, vendo que não iria receber, Ben foi até o celeiro de Carlon e começou a encher seus sacos com o milho, em plena luz do dia. O fazendeiro, dedo em riste, quis mandá-lo embora. Então, o enfurecido homem pulou sobre ele qual um animal raivoso. Doc Burk, naquele dia, fez evitar um homicídio e um linchamento.

Essa história me fez lembrar, novamente, os Burke, e uma inquietude aflorou: eu desejava saber quem havia vencido aquele contencioso, Doc ou os trinta hectares. Não é fácil transformar o nada numa granja, ainda que em quinze anos. Assim, fui adiante, pensando nos Burke. Eles aparentavam uma rutilante crueza que me encantava. Nunca se mostravam vulgares, jamais imorais, mas duros e primitivos, com uma

inconvecionalismo que os fazia externarem-se com sonoras gargalhadas, tapas nas costas e sonecas nos cantos. Fui adiante, passando pela cabana dos malnascidos meninos Neill. Estava vazia. Eles haviam se transformado em gordos e ociosos peões. Vi o lar dos Hickmans, mas Albert, com seus arqueados ombros, havia falecido. Então cheguei ao portão dos Burke e espiei; tudo parecia tosco e descuidado, e havia as mesmas cercas que separavam a antiga granja, exceto à esquerda onde jaziam outros dez hectares. E, vejam só!, a casa havia se espalhado colina acima e transformava-se num semi-acabado chalé de seis cômodos.

Os Burkes possuíam vinte e cinco hectares, ainda não pagos. Em verdade, macérrimo o chefe da família, que mourejava dia e noite talvez não viesse a ficar satisfeito ao livrar-se das dívidas, tão acostumado com elas estava. Um dia ele teria de parar, já que sua sólida estrutura corporal mostrava sinais de declínio. A mãe usava calçados, mas sua aparência de leoa de outrora havia desaparecido. As crianças eram adultos. Rob, à imagem de seu pai, gostava de rir forte e alto. Birdie, minha pequena aluna de seis anos, havia crescido e era o retrato de uma bela madona, alta e bronzeada. “Edgar partiu”, disse a mãe, com a cabeça um pouco curvada “foi para trabalhar em Nashville; ele e seu pai nunca se deram bem”.

O pequeno Doc, que nasceu ao tempo de minha escola, levou-me de volta, na manhã seguinte, ao longo do arroio, através da granja do Dowell. A estrada e o riacho disputavam o mesmo espaço, mas a água levava vantagem. Fazíamos as águas espirrarem e chapinhávamos, enquanto o garoto feliz, empoleirado atrás de mim tagarelava e ria. Mostrou-me o local onde Simon Thompson havia comprado um pedaço de terra e uma casa. Mas sua filha Lana, gorducha, marrom, lenta, não mais ali se encontrava. Ela havia se casado com um homem com uma granja, doze quilômetros adiante. Vagamos descendo o arroio até que chegamos a um portão que não consegui reconhecer, mas o meu companheiro insistiu tratar-se do portão de “Tio Bird”. A granja mostrava-se prenhe com a colheita a caminho. Nesse pequeno vale havia uma estranha quietude constatada à medida em que avançávamos; morte e casamento haviam levado os jovens e deixara apenas velhos e crianças. Sentamos e conversamos naquela noite, após cumpridas as rotinas. Tio Bird branqueara os cabelos, e seus olhos já mal viam, mas ele se mantinha jovial. Falamos dos hectares adquiridos, num total de cinqüenta, do novo quarto acrescentado e do casamento de Martha. Então, falamos de morte: Fanny e Fred partiram; uma sombra de tristeza recaiu sobre a outra filha, e

quando desapareceu ela estava pronta para ir estudar em Nashville. Por fim, falamos de vizinhos, até que a noite caiu, quando Tio Bird contou-me como, numa noite como essa, 'Thenie retornou para o lar lá adiante, para fugir das agressões de seu marido. E que na manhã seguinte ela veio a morrer na casa que seu irmão cambota, trabalhando e poupando, comprara para sua viúva mãe.

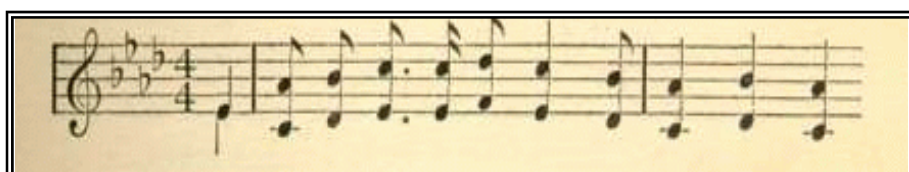
Minha viagem terminara, ficando atrás de mim colinas e vale, Vida e Morte. Como poderá o homem medir Progresso, onde jaz a escurinha Josie? Quantos corações acabrunhados serão o contrapeso para uma medida de trigo? Quão dura é a vida para o humilde, e não obstante quão humana e real! E toda a vida, o amor e a luta e o malogro – serão o lusco-fusco do anoitecer, ou o tímido alvorecer de um dia?

Assim, cismando, acabrunhado, viajei para Nashville no vagão Jim Crow¹⁰⁸.

108 - Trata-se do vagão, em composições ferroviárias, designado ao uso apenas dos negros. Há referência na introdução ao que foi chamado de Sistema Jim Crow, um conjunto de leis e costumes que discriminavam os não brancos.

V

SOBRE AS ASAS DE ATALANTA



Oh, menino negro de Atlanta!
 Falou-se apenas a metade;
 Os grilhões de amos e escravos,
 Similarmente, estão quebrados;
 A maldição comum às raças
 A ambas peou;
 Eles se erguem – todos se erguem
 Juntos, brancos e negros.

Whittier.¹⁰⁹

Ao sul do Norte, não obstante ao norte do Sul, jaz a Cidade das Cem Colinas, buscando das sombras do passado uma promessa de porvir. Eu a observei certa manhã, quando os primeiros movimentos do dia nascente mal a haviam despertado; ela jazia cinzenta e imóvel sobre o solo carmim da Geórgia; então a fumaça azul começou a cachear de suas chaminés; o repicar do sino e o assobio dos apitos rasgaram o silêncio, o vaivém da vida agitada aos poucos foi crescendo até que o turbilhão parecia algo inusitado numa terra sossegada.

¹¹⁰Houve tempo em que, diziam, na hora da véspera, Atlanta dormitava, preguiçosa, ao sopé dos

109 - Os versos do general John Greenleaf Whittier, são de *Howard at Atlanta*. O general Oliver Otis Howard comandou uma das unidades do exército do general Sherman que capturou Atlanta, em setembro de 1864. A música é do espiritual “*The Rocks and the Mountains*”.

Alleghanies, até que o batismo de ferro da guerra a despertou como a borrasca; instigou-a e enfureceu-a; abandonou-a, deixando-a ouvindo o mar. E o mar bramia para as montanhas e estas respondiam-lhe até que a cidade brotou como uma viúva e despojou-se de seu luto, passando a lutar pelo pão de cada dia; mourejou diuturnamente, forcejou bravamente – talvez com certo ressentimento, com um toque de *réclame* – não obstante com profunda sinceridade e real sofrimento.

É penoso viver perseguido pelo fantasma de um sonho irreal; vislumbrar a imagem de um império transformado em cinzas e sordidez; sentir a angústia do conquistado e além disto saber que, com tudo de Ruim que se abateu sobre si, num aziago dia, algo foi subjugado, que merecia viver; algo foi exterminado, mas que, por justiça, desafia desaparecer; saber que com o Justo que triunfou, prevaleceu algo de Injusto, algo sórdido e desprezível, algo menor do que a generosidade e a sensatez. Tudo isto é amargo; e muito — homem, cidade, gente, encontrou nisto desculpa para ressentimento, meditação e letárgica espera. Isto não é o que homens de fibra fazem; os de Atlanta se voltaram resolutamente para o futuro; e esse futuro era descortinado como altaneiro, em púrpura e ouro: Atlanta, rainha do reino do algodão; Atlanta, porta de entrada da Terra do Sol; Atlanta, a nova Láquesis¹¹¹, roca da tecelagem e fiandeira para o mundo. Então a cidade coroou suas cem colinas com fábricas e abasteceu suas lojas de habilidoso artesanato e fez esticar longos caminhos de ferro para, lá chegando, cumprimentar o atarefado Mercúrio¹¹². E a Nação falou de seu empenho.

Talvez Atlanta não tenha sido batizada assim, em homenagem à donzela alada da obscura Beócia¹¹³. Você conhece a lenda: de como Atalanta, morena, alta e selvagem, desposaria somente aquele que a superasse; e de como o esperto Hipômenes¹¹⁴ lançou três maçãs de ouro em seu caminho. Movendo-se qual uma sombra, Atalanta pausou e observou a primeira das maçãs. A mão veio para pegá-la, mas ela escapou. Na segunda maçã, ela conseguiu fugir da detenção, voando sobre o rio, o vale e a montanha. Quando ela se deteve na terceira, foi envolvida pelos braços do conquistador. Olhando, então, um para o outro sentiram a paixão irromper e profanar o santuário do Amor. Assim, foram amaldiçoados. Se Atlanta não houvesse sido batizada como tal, por certo deveria ter sido.

Atalanta não foi nem a primeira, tampouco a última donzela em que a cobiça e o ouro fizeram

110 - Em memorável prosa lírica, Du Bois se refere à destruição e ao renascimento de Atlanta com "A cidade de Cem Colinas". A campanha e sítio de Atlanta durante a Guerra Civil ocorreu entre primeiro de maio e oito de setembro de 1864. A cidade caiu ante o exército do general federal Sherman, no dia primeiro de setembro, gerando uma reviravolta na guerra. Grande parte da cidade foi incendiada.

111 - **LÁQUESIS**. *MITOLOGIA* GR. UMA DAS TRÊS PARCAS; RODAVA O FUSO E DECIDIA OS DESTINOS.

112 - Du Bois aqui faz uso do deus grego Mercúrio, do comércio (às vezes trapaceiro) associando-o com a Nova Inglaterra.

113 - Beócia, província da qual Tebas era a capital. Terra dos novilhos.

114 - No original *Hippomenes* (*Hipômenes*), como será mantido nesta tradução. Noutra versão, *Milanion* ou *Hippomenes* (*Encyclopedia Britanica* CD-98) apelou para Afrodite que lhe entregou três maçãs de ouro. Atalanta parou para recolhê-las, e perdeu tempo. Assim que, na disputa, perdeu tempo e a corrida, mas ganhou Milanion. Adiante, os dois foram transformados em leões por Zeus, pois haviam se amado numa gruta que era sagrada.

"O principal herói da Etólia foi Meleagro, célebre pela caçada do Javali de Calidon, na qual tomaram parte todos os heróis da Grécia. Entre eles se achava Atalanta, que desafiava os pretendentes na carreira e foi vencida por um deles, o qual como estratégia, deixou cair por terra pomos de ouro". (*Enciclopédia Delta Larousse*, volume 4, 2ª edição. Editora Delta, 1967)

conspurcar o templo do Amor. Mas não apenas donzelas, senão que os homens, na corrida da vida, mergulham dos altos e generosos ideais da mocidade no código da *bourse*¹¹⁵. E, no esforço de nossa nação, não é o Evangelho do Trabalho contaminado pelo Evangelho da Pecúnia? Tão comum é este comportamento que a metade das pessoas consideram-no como normal; tão incontestado, que se torna quase temerário questionar o objetivo da disputa como não sendo o ouro, se o objetivo do ser humano não é exatamente ser rico. E se este é o erro da América, como um calamitoso perigo jaz ante uma cidade nova, a menos que Atlanta, curvando-se meramente por ouro, descobrirá ser esse ouro maldito.

Não foi tolo capricho de desocupada donzela o que deu início à esta dura disputa; uma temível selvageria mantém-se ao pé dessa cidade após a Guerra: feudalismo, pobreza, o nascimento de um Terceiro Estado¹¹⁶, servidão, o renascimento da Lei e da Ordem e acima, permeando tudo, o Véu da Raça. Quão penosa uma jornada para fatigados pés! Que asas haveria de possuir Atalanta para sobrevoar todos essas depressões e colinas, através de mata inóspita e águas caprichosas e pelo vermelho deserto de barro queimado pelo sol! Quão ligeira terá de ser Atalanta para não ser tentada pelo ouro a profanar o Santuário!

O Santuário de nossos pais tem, por certo, poucos deuses – alguns desdenham – “ao todo, poucos”. Existe o econômico Mercúrio, da Nova Inglaterra, Plutão¹¹⁷, do Norte e Ceres¹¹⁸, do Oeste; e também, meio-esquecido, Apolo¹¹⁹, do Sul, sob cuja égide a donzela fugiu – e assim como fugiu, esqueceu-o; mesmo em Beócia, Venus¹²⁰ foi esquecida. Olvidou o antigo ideal, o cavalheiro sulista, este herdeiro no novo mundo da graça e cortesia do patriarca, do cavaleiro, do nobre; esqueceu sua honra e suas fraquezas; sua simpatia e sua elegância, e curvar-se às maçãs de ouro – para homens ocupados e precisos, prósperos e mais inescrupulosos. Maçãs de ouro são belas – recordo os dias sem regra de minha infância, quando pomares banhados de carmim e dourado tentavam-me além das cercas dos campos – da mesma forma, o comerciante que destronou o agricultor não é um mesquinho *parvenu*¹²¹. Trabalho e prosperidade são as poderosas alavancas para soerguer esta antiga nova terra; economia, labuta e poupança são as avenidas

115 - Referência à Bolsa de Valores.

116 - Referência à época feudal quando tinha-se como primeiro Estado o clero; o segundo, o governo e a nobreza. O terceiro Estado era o cidadão comum.

117 - **Plutão** era o deus grego, rei dos infernos e deus dos mortos, filho de Saturno e Réia, irmão de Júpiter e Netuno, esposo de Prosérpina. Foi identificado com o Hades grego. Du Bois o associa com o Norte, a fonte maior de riqueza industrial do país.

118 - **Ceres**, deusa latina da agricultura, filha de Saturno e Cibele, e identificava à **Deméter** grega, que Du Bois associa ao Oeste americano, com seus campos de cereais.

119 - **Apolo**, deus grego da luz, das artes e da adivinhação. Nascido na ilha de Delos, filho de Zeus e de Leto e irmão gêmeo de Ártemis. Santuário e oráculo (Pítia) em Delfos.

120 - **Vênus**. Mitologia rom. Divindade romana, deusa da beleza e do amor, correspondente à Afrodite dos gregos. Destacava-se por seduzir deuses e homens.

121 - *Parvenu*, novo rico, ou arrivista.

para novas esperanças e para novas possibilidades; e, contudo, a advertência é necessária para que o astuto Hipômenes não induza Atalanta a pensar que maçãs de ouro sejam a meta da disputa e não meros incidentes do caminho.

Atlanta não deve induzir o Sul a sonhar que a prosperidade material é a pedra de toque de todo o sucesso; já agora, o poder fatal dessa idéia começa a se espalhar; está substituindo a elegância sulista pelos vulgares caça-fortunas; está soterrando as coisas belas da vida sulista sob arrogância e a ostentação. Para qualquer dos males da sociedade, a panacéia da Riqueza tem sido defendida – riqueza para afastar os restos do feudalismo escravocrata; riqueza para erguer o Terceiro Estado dos “cracker¹²²”; riqueza para dar emprego aos servos negros, e o sonho de riqueza para fazê-los continuarem trabalhando; riqueza como o fim e objetivo dos políticos e como moeda corrente para a lei e ordem; e, finalmente, ao invés de Verdade, Beleza e Bondade, riqueza como o ideal da Escola Pública.

Não apenas é isto verdade, num mundo em que Atlanta tipifica, mas é ameaçador a existência de um mundo inferior e outro mais avançado – o Mundo Negro além do Véu. Hoje faz pouca diferença para Atlanta, para o Sul, o que o negro pensa ou sonha ou deseja. Na alma da nação ele é hoje, e naturalmente assim ficará, fora de consideração, meio-esquecido. E, mesmo quando vier a pensar e se expressar por vontade e agir próprios – e que ninguém sonhe que tal dia nunca chegará – então o papel que desempenha não será a do imediato aprendizado, mas palavras e pensamentos que ele aprendeu a balbuciar na infância de sua raça. Hoje, o fermento de sua luta pela auto-realização, é em relação à competição no mundo branco, como uma roda dentro de outra roda: além do Véu existem pequenos, porém similares problemas de ideais, de líderes e liderados, de servidão, de pobreza, de ordem e subordinação e, pairando por sobre, o Véu da Raça. Poucos sabem desses problemas, poucos dos que sabem os sentem; e, não obstante, eles estão presentes, aguardando por estudantes, artistas, e profecia – um campo para que alguém um dia o descubra. Aqui penetrou a tentação de Hipômenes; neste mundo pequeno que agora indireta e adiante diretamente deverá influenciar muitos para o bem ou o mal, forma-se o habito de medir o mundo em dólares. Os antigos líderes da opinião negra, em pequenos grupos onde

122 - Cracker - Gíria que identifica o branco pobre sulista.

existe uma consciência social dos negros, estão sendo substituídos por algo novo; nem o pregador negro nem o professor negro lideram da forma como faziam algumas décadas passadas. Estão sendo substituídos por administradores rurais e granjeiros, porteiros bem pagos, artesãos e comerciantes – todos proprietários e com dinheiro. E com toda essa mudança, curiosamente tão similar àquela do Outro-mundo, este também segue a mesma e inevitável mudança de ideais. O Sul lamenta o atual persistente desaparecimento de um certo tipo de negro – o sincero, cortês escravo de antanho, com sua incorruptível honestidade e dignificante humildade. Está desaparecendo da mesma forma que o antigo cavalheiro sulista, e por causas não dissimilares – a abrupta transformação de um justo e distante ideal de Liberdade numa dura realidade de luta pelo pão e a conseqüente deificação do Pão.

No mundo dos negros, o Pregador e o Mestre encarnavam outrora os ideais de seu povo – a luta por outro e mais justo mundo; a vaga esperança de equidade, o mistério do conhecimento. Mas, atualmente, o perigo está em que esses ideais, com sua simples beleza e misteriosa inspiração, irão de inopino mergulhar numa questão de disponibilidade financeira e cobiça de ouro. Aqui se põe esta jovem negra Atlanta, preparando-se para a corrida a ser disputada; e se seus olhos se mantiverem estáticos vislumbrando as colinas e o céu, como nos dias de antigamente, então se pode esperar uma corrida nobre. Mas o que ocorrerá se algum impiedoso, ou esperto, ou mesmo indiferente, Hipômenes colocar maçãs de ouro à sua frente? O que acontecerá se o povo negro for cortejado na disputa pela virtude, no amor pelo conhecimento, e a considerar o dólar como tudo e fim na vida? O que acontecerá se a Avareza da América for acrescentado à emergente Avareza do renascido Sul e a Avareza deste Sul seja reforçada pela florescente Avareza de seus semidespertos milhões de negros? Para onde foi fenecer o desafio de Bondade, Beleza e Verdade do Novo Mundo? Tudo isto – e a formosa flor da Liberdade que, apesar da informalidade dos jovens de hoje, brotou do sangue de nossos antepassados – deve também degenerar-se numa execrável busca da riqueza – numa desmedida luxúria com Hipômenes?

A centena de colinas de Atlanta não são todas coroadas com fábricas. Numa, na direção do oeste, o sol do poente projeta três edifícios, espalhados, íngremes, contra o céu. A beleza do grupo reside em sua singela unidade – um amplo caminho ajardinado ascendendo da rua vermelhusca debruada com uma mistura de roseiras e pessegaais; no norte e no sul dois edifícios simples e majestosos; e, no centro, meio oculto pelas

trepadeiras, um prédio maior, arrojadamente gracioso, discretamente decorado e com uma cúpula moderada. É um conjunto equilibrado – não se pode desejar mais; tudo está ali, tudo perceptível. Vivo ali, e ali ouço todos os dias o murmúrio de uma vida tranqüila. No lusco-fusco do inverno, quando o sol arde em brasa, posso ver as figuras escuras passando em meio aos prédios e ouvir a musicalidade do repique noturno do sino. Pela manhã, quando o sol é dourado, o troar do sino diurno promove a agitação e o riso de trezentos jovens corações, pelos corredores e pelas alamedas; também da movimentada cidade colina abaixo – jovens, negros, bastas cabeleiras – para unirem suas jovens cristalinas vozes na música do ritual matutino. Na meia dúzia de salas de aula, então, se juntam para, num momento, acompanhar a história de amor de Dido¹²³, noutro para ouvir a odisséia da divina Tróia, também para perambular entre as estrelas, ainda para conhecer homens e nações – em suma, buscando caminhos para a compreensão deste mundo estranho. Nada de novo, nenhuma engenhoca de economizar tempo, simplesmente métodos antigos já reconhecidos de buscar a Verdade e de buscar as belezas escondidas do viver. O enigma da existência é o currículo escolar que já existia antes dos faraós, que era ensinado nos bosques por Platão, que formavam o trívio e o quadrívio¹²⁴, e que hoje é oferecido aos filhos dos libertos pela Universidade de Atlanta. E essa forma de ensinar não mudará; seus métodos crescerão e se aprofundarão, seu conteúdo enriquecerá pelo empenho do erudito e pela percepção do sensitivo; mas a verdadeira escola sempre terá um objetivo – jamais ganhar o alimento, senão que saber o fim e objetivo desta vida que é nutrida pelo alimento.

A visão de vida que se abre ante esses olhos negros nada tem de mesquinha ou egoísta. Nem em Oxford ou Leipsic, tampouco em Yale ou Colúmbia se encontrará atmosfera de obstinado esforço, de empenho na realização pessoal, entre brancos e negros; as mais amplas possibilidades de vida, a busca do bom e do melhor, para semear, com suas próprias mãos, o Evangelho do Sacrifício – tudo isto é o que dizem e sonham. Aqui, em meio a um vasto deserto de casta e proscricção, em meio a pequenos maus tratos, conflitos e caprichos de uma profunda antipatia racial que tanto magoa,

123 - Mitologia romana, fundadora de Cartago.

124 - Platão (427-347 a.C.) filósofo grego, foi o mais brilhante discípulo de Sócrates e fundador da Filosofia, com sua Academia, em 386 a.C), em Atenas.

Trívio e quadrívio constituem-se em referências ao método acadêmico das universidades medievais de dividir suas disciplinas. Das sete artes liberais estavam no trívio a gramática, a dialética e a retórica. Num plano mais alto estava o quadrívio, que compreendia a aritmética, a música, a geometria e a astronomia.

repousa um verdejante oásis, onde o calor da ira se ameniza, onde se adoça a amargura do desapontamento, pelas amenas brisas do Parnaso¹²⁵. Aqui as pessoas podem parar, escutar e vislumbrar um futuro melhor do que o passado e ouvir a voz do Tempo: *Entbehren sollst du, sollst entbehren*¹²⁶

Erros cometeram, aqueles que criaram Fisk, Howard e Atlanta antes que a fumaça dos canhões houvesse se dissipado; eles erraram, mas seus erros não se constituem naquilo que, ultimamente, tem-nos feito rir ruidosamente. Eles estavam certos quando se empenharam em fundar um novo sistema educacional na Universidade: onde, em verdade, iremos fundamentar o conhecimento senão que no saber mais amplo e profundo? As raízes das árvores e não suas folhas, se constituem na fonte de sua vida; e, do alvorecer da história, do *Academos* a Cambridge¹²⁷, a cultura universitária tem sido a pedra fundamental onde se assenta o abecedário do jardim da infância.

Mas esses edificadores cometeram um engano ao minimizar a gravidade do problema que os contemplava; julgaram que se tratava de algo para uns anos, ou umas décadas. Assim, foram rápidos, deitando as fundações dessas instituições sem muito critério, rebaixando as exigências de currículo, até que se espalharam pelo Sul, ao azar, uma dezena de colégios mal-equipados, que passaram a se chamar erroneamente de universidades. Eles se esqueceram, da mesma forma que seus sucessores, a regra da desigualdade: dentre milhões de jovens negros, uns foram feitos para estudar, outros para cavar; que uns têm o talento e a capacidade dos acadêmicos, outros o talento e a capacidade dos ferreiros; e que a verdadeira educação não significa que todos devam tornar-se letrados, nem que todos devam virar artesãos, mas que um deve tornar-se apóstolo da cultura a ser semeada a um povo ignorante e o outro virar um trabalhador livre em meio aos servos. E buscar transformar um ferreiro num intelectual é quase tão tolo quanto o atual esquema que visa transformar o intelectual num ferreiro – quase, mas nem tanto.

A razão de ser da universidade não se cinge apenas ao ensino de como ganhar o pão, ou a de fornecer mestres para as escolas públicas, ou ser o centro de uma

125 - Parnaso. Na Grécia, montanha próxima a Delfos, local consagrado a Apolo e às musas e onde situava-se o oráculo a Apolo.

126 - Em Fausto, de Johann Wolfgang von Goethe: "Que tu renunciés; tu deves renunciar". Fausto lamenta às limitações da vida. A renúncia, ele diz, é da vida a "canção eterna". Traduções do inglês.

127 - *Academos* era a escola de filosofia de Platão, fundada em Atenas (386 a.C), raiz ancestral das universidades ocidentais. Cambridge é uma das mais importantes universidades da Inglaterra.

sociedade polida. Deve ser, acima de tudo, a universidade, um órgão de sintonia fina entre a vida real e o crescente conhecimento da vida, um ajuste que forma o segredo da civilização. É a instituição que o Sul de nossos dias penosamente necessita. Ela tem religião, é determinada, sectária: religião que, nos dois lados do Véu, de regra esquece os mandamentos sexto, sétimo e oitavo¹²⁸, mas os substitui por uma dúzia de outros suplementares. Ela tem, como mostra Atlanta, crescente riqueza e amor pelo trabalho, mas lhe falta o conhecimento amplo da experiência humana, que poderia aplicar aos milhares de problemas do cotidiano. O que necessita o Sul é cultura e conhecimento – não em parcimoniosa quantidade, como antes da guerra, mas em grande quantidade, no mundo do trabalho. E até que alcance tal, nem todos os pomos de ouro de Hespérides, sejam douradas e ornamentais, poderão salvá-la da maldição dos amantes da Beócia.¹²⁹

As Asas de Atalanta são as futuras universidades do Sul. Somente elas poderão levar a donzela a transpor a tentação dos frutos de ouro. Elas não afastarão seus pés alados do algodão e do ouro; pois – oh, engenhoso Hipômenes! – as maçãs não se postam exatamente no Caminho da Vida? Mas eles vão guiá-la por sobre e além desses e a deixarão, virgem e imaculada, de joelhos no santuário da Verdade, da Liberdade e de toda a Humanidade. Tristemente, o Velho Sul errou no ensino de humanidades, fazendo pouco da educação das massas e dando pouco apoio às escolas superiores. Suas antigas fundações universitárias encolheram e murcharam sob o bafo fétido da escravidão; e, desde a guerra, têm-se empenhado num esforço por sobreviver num ambiente social intranquilo e ambição comercial, tolhidos pelo desaparecimento da crítica e carentes de homens preparados. E se essa é a necessidade e o risco do Sul branco, quão mais pesada e arriscada será a mesma coisa para os filhos dos libertos! Quão premente aqui a necessidade de generosos ideais e verdadeira cultura, a preservação da alma de sórdidos objetivos e paixões menores! Ergamos as universidades do Sul – William e Mary, Trinity, Geórgia, Texas, Tulane, Vanderbilt¹³⁰ e outras – prontas para viver; que possamos, também, edificar universidades negras: Fisk, cuja base foi ampla; Howard, no âmago da nação; Atlanta, em Atlanta, cujo ideal de ensinar tem se mantido acima da tentação das cifras. Por que não aqui, talvez

128 - Estes mandamentos, pela ordem, estatuem: VI) Não matarás; VII) Não cometerás adultério; VIII) Não roubarás.

129 - Na mitologia grega Hespérides eram as filhas de Atlas e Hespéris, constituindo-se em guardiãs dos pomos de ouro entregues por Gaea, a deusa da terra, para Hera. Os amantes de Beócia eram Atalanta e Hipômenes.

130 - Todas, universidades negras. Trinity, em Durham, Carolina do Norte, transformou-se em Duke University.

alhures, enraizando profunda e permanentemente centros de ensino e de vida, faculdades que anualmente encaminharão ao universo sulista uns poucos brancos e uns poucos negros de sólida cultura, tolerância católica e preparada habilidade, juntando suas mãos a outras mãos, dando ao embate das Raças uma paz decente e dignificante?

Paciência, Humildade, Requite e Gosto, escolas comunitárias e jardins de infância, escolas técnicas, literatura e tolerância – tudo a brotar do conhecimento e da cultura, filhos da universidade. Assim devem obrar homens e nações, jamais de ao contrário.

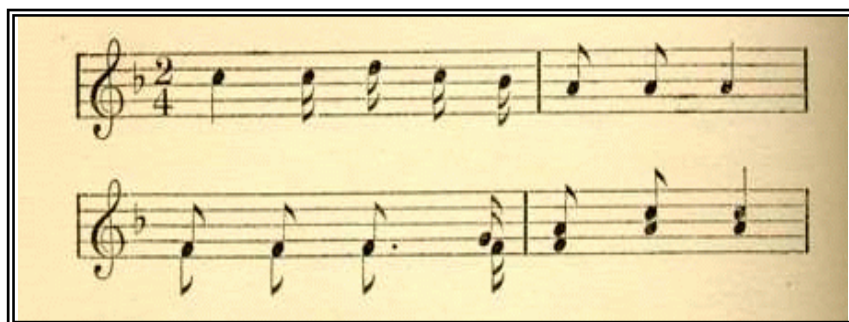
Ensinem-se os trabalhadores a trabalhar – um sábio ditado; judicioso quando aplicado aos meninos alemães e às meninas americanas; mais sábio quando endereçado a meninos negros, posto que possuem menos preparo para o trabalho e ninguém para treiná-los. Ensinem-se pensadores a pensar – algo exigido em dias de frouxa e descuidada lógica – e àqueles que por seu tipo necessitam ter um treinamento cuidadoso para que pensem adequadamente. Em sendo assim, que bobagem indagar qual seja a melhor forma de educação para sete ou setenta milhões de almas! Devemos ensinar-lhes o comércio, ou belas artes? Ambas: ensinem-se aos trabalhadores a trabalhar; os pensadores a pensar; os carpinteiros a carpintear; os filósofos a filosofar e fazer dos tolos janotas. Nem se pode parar aqui. Não se está treinando pessoas isoladamente, mas grupos em meio a grupos. E o produto final desse treinamento não deverá conceber ou um psicólogo ou um pedreiro, mas um homem. E para construir homens deve ter-se ideais amplos, puros, inspiradores de objetivos de viver – não o sórdido buscar fortuna, não as maçãs de ouro. O trabalhador deve trabalhar pela glória de seu labutar, não apenas pela remuneração; o pensador deve pensar pela verdade, não pela fama. E tudo será adquirido pelo empenho humano e pela esperança; pelo treinamento e educação ininterruptos; por encontrar Justiça no bem-agir e a Verdade na desimpedida busca da Verdade; por encontrar a escola comunitária dentro da universidade e a escola técnica dentro da escola comunitária –tecendo assim um sistema, não uma distorção, e fazendo nascer, não abortando.

Quando a noite cai na Cidade das Cem Colinas, um vento se insinua desde os mares e chega murmurando em direção ao oeste. E a seu comando a fumaça das adormecidas indústrias se espalha sobre a grande cidade, cobrindo-a como com uma túnica, enquanto lá adiante, na Universidade, as estrelas cintilam por sobre *Stone Hall*,

onde afirmam que aquela névoa cinzenta é a túnica vestida por Atalanta, pousando sobre suas maçãs de ouro. Voa, minha donzela, voa, pois além vem Hipômenes!

VI

SOBRE A INSTRUÇÃO DOS NEGROS



Por que, se a alma não consegue afastar a poeira,
E nua andar, no ar do céu,
Não seria lastimável — não seria lastimável para ela
Nesta frágil carcaça de barro permanecer

Omar Khayyam¹³¹ (Fitzgerald)

Do cintilar das águas correntes – onde muitos, muitos pensamentos atrás, o navio negreiro pela primeira vez descortinava a torre quadrada de Jamestown¹³² – fluíram até nossos dias três vertentes de reflexões: uma aumentado pelo mundo maior, aqui e no exterior, dizendo – a multiplicação das necessidades humanas, em terras cultas, demanda uma cooperação mundial dos homens, para satisfazê-las. Por isto, surge uma nova unidade humana, aproximando pontos distantes e todos os homens – negros, amarelos¹³³ e brancos. A maioria se empenha em sentir, nesse contato entre nações vivas e hordas adormecidas, o frêmito de uma nova vida, gritando: “se do

131 - De “O Rubaiyat, de Omar Khayyam”, estrofe 44, traduzido por Edward Fitzgerald. Música do spiritual “Mach On”.

132 - Jamestown foi o primeira e permanente comunidade fundada, em 1607, pelos ingleses na América do Norte. O primeiro navio de escravos ali chegou em 1619.

133 - No original yellow, não se referindo a asiáticos, senão que a um tipo de mulato, no Brasil chamado de sarará.

encontro da Vida com o Sono resulta Morte, que desonra é esta Vida”.É certo, atrás desse pensamento se esconde um outro que encobre força e dominação – fazer o ser marrom se investigar quando sobre si recaírem as tentações das bijuterias e da fartadela¹³⁴.

O segundo pensamento fluente daquele tumbeiro e do rio¹³⁵ serpenteante é a concepção do velho Sul – a crença sincera e apaixonada de que, nalgum lugar, entre o homem e o gado, Deus criou um *tertium quid*¹³⁶, e chamou a isto de negro: uma pessoa ridícula e simplória, às vezes até merecedora de encômios, dentro de suas limitações, mas conduzida a mover-se nos limites do Véu. É certo, atrás desses pensamentos se esconde um outro – alguns deles, com uma oportunidade, poderão tornarem-se homens, mas, até por autoproteção, não devemos deixar que isto ocorra. Assim que, à volta deles ergueremos muros tão altos e dependuraremos entre eles e a luz um véu tão espesso que eles jamais ousarão pensar em transpô-los.

Por derradeiro, recai um terceiro e mais horrível pensamento – o pensamento das coisas em si, o confuso meio-consciente murmúrio de homens que são negros e claros, a clamar: conceda-nos, oh! orgulhoso mundo, Liberdade, Independência, Oportunidade, o momento de viver como homens! É certo, atrás desses pensamentos se esconde um outro – suponha que, após tudo isto, o Mundo esteja certo e nós sejamos menos do que homens? Suponha que esse impulso louco esteja de todo errado, que seja algo como uma miragem ridícula do irreal?

Assim, em meio a pensamentos sobre união dos homens, conquista e escravidão – a inferioridade dos negros, mesmo se imposta pela fraude – faz-se um brado na noite pela liberdade de homens que, eles mesmos, não têm certeza ainda de seu direito de a tanto postular. Esta a mistura de pensamentos e pós-pensamentos, quando somos chamados para resolver problemas de preparar homens para a vida.

Por trás de toda essa curiosidade, atrativa tanto ao sábio quanto ao diletante, repousam seus obscuros roteiros, lançando em nosso caminho sombras ao mesmo tempo grotescas e aterradoras. Óbvio é, para nós, sermos aquilo que o mundo deseja, em meio ao deserto e a floresta que nos delimitam – uma forte força de trabalho, ideal

134 - *** the making of brown men to delve when the temptation of beads and red calico cloys.

135 - Possível alusão ao Jordão, presente na religiosidade dos negros.

136 - Do latim, um componente intermediário, um tércio.

para o subtrópico. Se, surdos à voz de *Zeitgeist*¹³⁷, nos recusaremos a moldar e desenvolver esses homens, nos expomos à pobreza e à perda. Se, de outro modo, premidos pelo brutal pós-pensamento, corrompemos a raça, assim tropeçando em nós mesmos, egoisticamente sugando seu sangue e seus cérebros, tanto no futuro como foi no passado, o que nos salvará de uma decadência nacional? Apenas esse racional egoísmo, legado aos homens pela Educação, poderá prover a todos o direito à azáfama do trabalho.

Repito, pode-se censurar publicamente a existência de preconceito de cor no Sul. Mesmo assim, ele se mantém como um fato grave. Essas curiosas excentricidades da mente humana existem e devem ser avaliadas com sobriedade. Elas não podem ser desprezadas, nem confrontadas, tampouco abolidas com facilidade, por ato legislativo. Entretanto, não devemos fazê-los sentirem-se estimulados por nossa omissão. Elas devem ser reconhecidas como fatos, e fatos desagradáveis; coisas que se intrometem entre civilização, religião e decência. Elas podem ser encontradas, senão que numa direção: na razão humana, liberal e ampla; pelo gosto universal e pela cultura. Além do mais, a ambição e a aspiração inatas ao homem, mesmo sendo negros, atrasados e sem predicados, não devem ser menosprezadas. Estimular mentes bravias, fracas, sem treino é o mesmo que brincar com fogo nutrido; zombar de seu empenho inútil é saudar uma safra de brutalidade, crime e desavergonhada letárgica, bem à nossa frente. A condução do pensamento e a hábil coordenação da realidade é, de imediato, o caminho para a honra e a benevolência.

Assim sendo, na magna questão que envolve a reconciliação dessas três vastas, e parcialmente contraditórias, correntes de pensamento, a Educação aflora nos lábios de todos como a única panacéia— a forma como usará, em seu treinamento, o trabalho de todas as pessoas, sem escravizá-las ou brutalizá-las; um treinamento que conferirá equilíbrio para estimular os preconceitos que muram a sociedade e destruir àqueles que, em absoluto barbarismo, nos tornam surdos ao lamento das almas prisioneiras dentro do Véu, e à fúria crescente de homens agrilhoados.

137 - Expressão alemã que significa o espírito moral, intelectual e cultural de uma época.

Quando vagamente dissemos que a Educação endireitará tais desvios, o que pregávamos, senão que truísmo? A preparação para a vida ensina-nos a viver; mas que tipo de ensinamento será o adequado para uma vida valiosa em comum de negros e brancos? Há cerca de cento e cinquenta anos nossa missão teria sido mais simples. Então, Dr. Johnson¹³⁸ imperturbável avisava que a educação era importante apenas para embelezar a vida, sendo assim inútil para os vermes comuns. Hoje alcançamos patamares onde poderemos atingir, todos, as mais distantes cortes do saber; exibir seus tesouros para muitos e selecionar os poucos para os quais seus mistérios da Verdade serão revelados, não pelo critério de nascimento, nem dos acidentes das bolsas de valores, mas, em parte, enfim, pela habilidade, objetivo, talento e caráter. Este programa, todavia, faz-nos penosamente confusos em levá-lo às partes do país onde a influência maligna da escravidão incidiu mais brutalmente, e onde tratamos com dois povos retrógrados. Para produzir-se, em educação humana, a sempre necessária combinação do permanente e do contingente – do ideal e do prático, em condições de viável equilíbrio – deu-se lá, da mesma forma como sempre deverá ocorrer em qualquer tempo e local, uma questão de infinita experiência e de erros freqüentes.

Aproximadamente, podemos indicar quatro variadas décadas de ensino no Sul, desde a Guerra Civil. Do fim da guerra até 1876, foi o período de busca incerta e alívio temporário. Havia as escolas do Exército, escolas de missionários, escolas do Escritório dos Libertos, todas em funcionamento caótico, na busca de um sistema de cooperação. Então, seguiram-se dez anos de um esforço visando construir um completo sistema de escolas no Sul. Escolas normais e ginásios foram estabelecidos para os libertos e, aí, mestres foram treinados para dirigir as escolas públicas. Havia uma inevitável tendência de guerra para subestimar os preconceitos do amo e a ignorância do escravo, e todos pareciam navegar em águas calmas, saídos dos destroços da tempestade. Enquanto isto, iniciando-se nessa década, todavia desenvolvendo-se entre 1885 e 1895, iniciou-se a revolução industrial no Sul. A terra viu vislumbres de um novo destino e o surgimento de ideais novos. O sistema educacional lutando para se bastar deparou-se com novos obstáculos e um campo de trabalho cada vez mais amplo e profundo. As faculdades dos negros, fundadas às pressas, mostravam-se inadequadamente equipadas, distribuídas sem lógica, e aparentavam eficiência e gradação variáveis. O trabalho desenvolvido pelos cursos normal e

138 - Samuel Johnson, poeta inglês (1709-1784).

ginásio era um pouco melhor do que o da escola comunal e as escolas comunais acolhiam nada mais do que um terço das crianças que as deveriam estar freqüentando e, ainda mais, fazendo-o com grande deficiência. Ao mesmo tempo, o Sul branco, face seu repentino abandono dos ideais escravocratas, em muito, fixou e consolidou seu preconceito racial e cristalizou-o sob a forma de leis injustas e costumes cruéis, enquanto se dava a maravilhosa promoção dos brancos pobres, permanentemente estimulados a arrancar o pão-e-manteiga da boca dos já fortemente inferiorizados filhos dos libertos. Em meio à magna questão — educar o negro— irrompeu o lado mais prático: o trabalho; ou seja, a inevitável perplexidade econômica com que se defronta um povo em sua transição da escravidão para a liberdade, especialmente aquele que faz esta passagem num torvelinho de ódio e preconceito, de competição cruel e ilegal.

A escola industrial ganhou notoriedade naquele decênio, mas chegou ao reconhecimento pleno na década que se iniciou em 1895, e era a resposta oferecida à combinação das crises econômica e educacional; também uma resposta de singular sapiência e adequada ao momento. Desde o início, em quase todas as escolas, alguma atenção foi dada ao ensino do labor manual; mas agora era esse treinamento erguido à dignidade que o colocou em contato direto com o magnífico desenvolvimento industrial do Sul, e deu uma ênfase que fez lembrar aos negros que, ante o Templo do Saber abrem e fecham os Portões da Labuta.

De qualquer forma, são apenas portões; e quando afastamos nosso olhar do temporário e do contingente na questão do negro, voltando-os para a problemática mais ampla que envolve a constante melhoria da civilização dos homens negros na América, temos o direito de indagar, na medida em que esses entusiasmos para o progresso material ascendem ao seu cúmulo, se, de qualquer modo, todas essas escolas técnicas se constituem na resposta final e suficiente na preparação da raça negra; e ofertar, gentil, mas com toda a sinceridade, a sempre recorrente indagação dos tempos: a vida não é mais do que a carne, e o corpo mais do que a vestimenta? E os homens pedem isto hoje em dia cada vez mais ansiosamente, face aos sinais sinistros que despontam nos recentes movimentos educacionais. A tendência é aqui – nascida da escravidão e estimulada a um novo viver, emergente do louco imperialismo do momento – considerar seres humanos como parte das reservas materiais da terra e serem treinados com o olhar voltado apenas para futuros lucros. Preconceitos de raça, que fazem por manter os marrons e os pretos em “seus lugares”, vamos considerá-los úteis aliados dessa teoria, não importa o quanto possa entorpecer a ambição e adoentar os corações de esforçados seres humanos. E, acima de tudo, diariamente ouvimos que uma educação que estimule aspirações, que eleve os ideais, e busque, como fim, a cultura e o caráter, ao invés do ganha-pão, é um privilégio dos brancos, e uma

perigosa desilusão para os negros.

De modo especial, a crítica voltava-se contra o antigo empenho de educar o negro. Nos quatro períodos que mencionei, encontra-se, primeiro, o sacrifício e o entusiasmo ilimitados, desordenados; em seguida, a formação de mestres para o gigantesco sistema de escolas públicas; depois, a partida e a expansão desse sistema em meio a crescentes dificuldades; finalmente, o treinamento de mão de obra para as novas e florescentes indústrias. Esse desenvolvimento foi acuradamente ridicularizado, como uma anomalia lógica e bisonha, óbvia reversão da natureza. Em verdade, tem-nos sido dito que, primeiro, o ensinamento de tarefas industriais e manuais deveria ter formado o negro para o trabalho. Assim sendo, escolas comuns deveriam tê-lo ensinado a ler e a escrever e, por derradeiro, anos adiante, ginásios e escolas normais poderiam completar o sistema, tanto quanto a inteligência e a prosperidade demandassem.

Um sistema logicamente tão completo seria historicamente impossível. Basta, apenas, pensar um pouco para assim concluir. O progresso nas relações humanas é, freqüentemente, mais um refrear do que de um impulsionar – bailando à frente do homem de valor, aprimora devagar e penosamente seu irmão menos dotado, até levá-lo aonde se encontra. Não foi, destarte, por acidente que surgiram as universidades, séculos antes das escolas comunais, que fizeram da bela Harvard¹³⁹, a primeira flor em nossa selva. Assim, no Sul, a multidão de libertos, ao fim da guerra, carecia da inteligência tão fundamental ao operário. Necessitavam, em primeiro lugar, ter a escola elementar para ensiná-los a ler, a escrever e fazer contas; deveriam ter escolas normais para a formação dos professores das escolas elementares. Os mestres brancos que revoaram para o Sul, o fizeram objetivando estruturar um sistema de escolas comuns. Poucos pensavam em estruturar faculdades. Esta idéia, em princípio, teria feito rir muitos deles. Mas eles enfrentaram, como a maioria dos homens desde então tem-se confrontado, o paradoxo central do Sul: a separação social das raças. Nesse período ocorria a repentina ruptura vulcânica praticamente em todas as relações entre negros e brancos: no trabalho, no governo e na vida familiar. Desde então cresceu um novo ajuste nas relações econômicas e políticas. Um ajuste sutil e difícil de compreender, mesmo que particularmente engenhoso, mas que mantinha ainda aquele temível fosso da linha da cor, à beira do qual os homens moviam-se perigosamente. Por consequência, ontem como hoje, existe no Sul dois mundos separados; separados não apenas nos altos domínios da relação social, mas também na igreja e na escola, na ferrovia e nos bondes, nos hotéis e nos teatros, nas ruas e em áreas das cidades, nos livros e nos periódicos, nos asilos

139 - Fundada em 1630, Harvard é o mais antigo centro de altos estudos dos EUA, localizado em Cambridge, Massachusetts.

e nas prisões, nos hospitais e cemitérios. Existe, ainda, contato bastante para uma ampla cooperação econômica de grupos; mas a separação é tão exaustiva e profunda que torna impossível, neste momento, entre as raças, algo como um solidário e efetivo grupo de treinamento e liderança de uma pela outra, tal como os negros americanos e todos os povos atrasados deveriam ter para efetivo progresso.

Isso foi o que logo viram os missionários de 68¹⁴⁰ – e se escolas industriais e de comércio constituíam-se numa impossibilidade antes do estabelecimento de um sistema de escolas fundamentais, da mesma forma que essas escolas não poderiam ter sido adequadamente fundadas até que houvessem mestres para lecionar. Os brancos sulistas não os iriam formar; brancos nortistas não poderiam ser encontrados em número necessário. Se o negro quisesse aprender teria que se auto-instruir. E a melhor forma de ajudá-lo seria com a fundação de escolas para formação de professores negros. Esta conclusão foi alcançada devagar, mas firmemente por pessoas estudiosas da questão, até que, simultaneamente, sem que houvessem se reunido ou ajustado um plano sistemático, começaram a despontar, em diversos locais, uma série de instituições criadas para a formação de mestres para os iletrados. Acima da mofa da crítica, face aos óbvios defeitos da iniciativa, paira a arrasadora resposta: apenas em uma geração essas escolas colocaram trinta mil professores negros no Sul, que varreram o analfabetismo da maioria dos negros e tornaram Tuskegee possível.

Essas escolas normais de ensino superior encaminharam-se naturalmente para o mais profundo e amplo desenvolvimento: no início, eram escolas de primeiras letras e gramática. Então, algumas tornaram-se ginásios. E, finalmente, em torno a 1900, cerca de 34 já ofereciam um ano ou mais de ensino de faculdade. Esse desenvolvimento chegou com diferentes níveis de velocidade, em instituições diversas: Hampton é ainda um ginásio, enquanto a Universidade Fisk iniciou sua faculdade em 1871 e o Spelman Seminary em torno a 1896¹⁴¹. Em todos os casos, o objetivo era o mesmo, manter, nos cursos existentes, a qualidade básica do ensino, fornecendo professores e líderes com o melhor treinamento possível; e, acima de tudo, fornecendo ao mundo negro níveis adequados de humanismo e superiores ideais de vida. Não seria bastante que os professores dos mestres fossem treinados com métodos técnicos normais; eles deveriam também, na medida do possível, serem homens e mulheres com visão liberal, de forma a difundir a cultura dentre um povo cuja ignorância não era apenas de letras, mas da própria vida.

140 - Os missionários de 68 eram professores nortistas que atuaram nas escolas dos libertos, no início do período da Reconstrução.

141 - A Universidade Fisk foi fundada em 1866 em Nashville, Tennessee. O Instituto Hampton foi criado como uma Escola de Libertos, em 1868, por Samuel Armstrong, general da Guerra Civil, comandante de batalhões negros e mentor de Booker T. Washington. O Spelman Seminary, hoje uma faculdade, foi fundado em 1881 por duas mulheres da Nova Inglaterra, Sophia Packard e Harriet Giles, constituindo-se na primeira faculdade para mulheres negras.

O trabalho educacional no Sul pode assim ser visto como algo que se iniciou com instituições de ensino normal superior, que emergiram de entidades que — despindo-se de suas vestes de escolas primárias e, adiante, de escolas técnicas — se empenharam por deitar profundamente suas raízes, em direção às faculdades e à preparação universitária. É ocioso dizer, este foi um desenvolvimento necessário e inevitável, e que iria ocorrer de qualquer forma; mas foi e continua sendo uma indagação para muitos – o crescimento natural não teria sido forçado e o treinamento superior rigoroso ou praticado com métodos baratos e ineficazes. Em meio aos brancos sulistas o sentimento geral era óbvio. Um proeminente jornal do Sul deu ênfase em recente editorial:

“A experiência desenvolvida para dar aos estudantes de cor educação clássica não foi satisfatória. Mesmo que muitos fossem capazes de acompanhar o curso, a maioria o fez como papagaios –aprendendo o que lhes era ensinado, mas não aparentando apropriarem-se da verdade e importância do conteúdo, graduando-se sem uma perspectiva real de utilização em seu futuro. O projeto todo, restou provado ser uma enorme perda de tempo, esforço e dinheiro do governo”.

Enquanto a maioria das pessoas de mente justa reconheceria tal posição como extrema e exagerada, sem dúvidas muitos estão a indagar: existe suficiente número de negros prontos para ingressar em cursos superiores, que justifique a iniciativa? Não estará havendo um excesso de estudantes prematuramente forçado a esse trabalho? Isto não estaria tornando o jovem negro insatisfeito com seu ambiente? E os que se têm formado, alcançaram sucesso na vida real? Essas questões não podem ser evitadas, nem, de outra forma, deve uma nação, naturalmente céptica quanto à habilidade do negro, dar uma resposta desfavorável, sem base num cuidadoso estudo e perseverante abertura para convicção. Não devemos esquecer que a maioria dos americanos responde à questões sobre o negro sempre *a priori*¹⁴², embora o mínimo que a cortesia humana pode fazer é permitir que se preste atenção às evidências.

Os defensores do ensino superior para o negro serão os últimos a negar a imperfeição e óbvios defeitos do sistema atual: muitas instituições tentaram oferecer ensino de faculdade, que em alguns casos não conseguiam alcançar e, em outros, buscavam mais quantidade do que qualidade. Todavia, a mesma coisa pode ser dita em relação ao ensino superior no país; é quase inevitável que isto não ocorra face ao crescimento educacional e deixa intocadas as questões mais

142 - *A priori*: conhecimento, afirmação ou verdade, anterior à experiência. Du Bois afirma que a justificativa da maioria dos brancos americanos, com relação aos negros, é baseada em preconceito racial, não em cuidadoso exame de evidências disponíveis.

profundas de demanda de ensino superior para os negros. E esta última indagação pode ser resolvida apenas de uma forma: por um estudo primeiro dos fatos. Ponhamos à parte todas as instituições que, em verdade, não formaram estudantes em cursos mais altos do que os ministrados nos ginásios da Nova Inglaterra, mesmo que elas sejam chamadas de faculdades; então, levemos em consideração as outras trinta e quatro instituições faltantes; poder-se-á clarificar muito mal-entendido indagando perspicazmente: que tipo de instituições são elas? O que ensinam? E que tipo de pessoas formam?

Devemos, de início, dizer que este tipo de faculdade, incluindo-se Atlanta, Fisk e Howard, Wilberforce e Lincoln, Biddle, Shaw¹⁴³ e as demais, é peculiar e quase único. Através da copa das árvores que sussurram à minha frente, enquanto escrevo, entrevejo um maciço granito da Nova Inglaterra, colocado pelos alunos da Universidade de Atlanta, cobrindo uma cova, com a seguinte inscrição:

*“EM RECONHECIDA MEMÓRIA DE SEU
ANTIGO PROFESSOR E AMIGO,
DA DESPRENDIDA VIDA QUE LEVOU,
E DO TRABALHO NOBRE QUE EXERCITOU.
QUE ELE, SEUS FILHOS E NETOS
SEJAM ABENÇOADOS”*

143 - A Universidade de Atlanta foi fundada em 1865; Howard em 1867; Wilberforce em 1856, pela Igreja Metodista Episcopal Africana, homenageando no nome o abolicionista inglês William Wilberforce. A Universidade de Lincoln, foi fundada em 1854, pela Sociedade Americana de Colonização e tinha como proposta dar educação clássica aos negros. A Universidade de Biddle, foi fundada em 1867 pela Igreja Presbiteriana, como uma escola para educação religiosa dos negros. O nome homenageava uma benfeitora, Mary Biddle. Em 1921 foi trocado o nome para Universidade Johnson C. Smith. A Universidade Shaw, fundada em 1865 pelos batistas, foi das primeiras escolas de medicina para negros.

Este foi o presente da Nova Inglaterra aos negros libertos; não esmola, mas cortesia; não dinheiro, mas caráter. Não foi, nem é, dinheiro o que desejam esses milhões de ansiosos, senão que amor e harmonia, o pulsar de corações batendo com sangue vermelho – um dom que apenas os seus próprios semelhantes e raça podem dar ao povo, mas que, certa feita, almas puras trouxeram para seus filhos diletos, na cruzada dos sessenta¹⁴⁴, este detalhe requintado na história americana é uma das poucas coisas não maculadas pela sórdida e barata vanglória. Os professores nessas instituições chegaram não para manter os negros no seu lugar, mas para erguê-los da conspurcação dos lugares onde a escravidão os atolou. As faculdades que fundaram, eram assentamentos sociais; lares onde os mais talentosos dentre os filhos dos libertos, podiam entreter um aprazível encontro com as melhores tradições da Nova Inglaterra¹⁴⁵. Eles viviam e se alimentavam juntos; trabalhavam e estudavam; sonhavam e conjecturavam à luz nascente. Em seu conteúdo formal o currículo era inquestionavelmente antiquado, mas, quanto à sua força educacional, era suprema, pois o ponto de reunião de almas vivas.

Dessas escolas, cerca de dois mil negros obtiveram seu grau de bacharelado. O número é, em si, bastante para inativar o argumento segundo o qual uma proporção muito grande de negros estaria recebendo ensino superior. Se for calculada a média populacional dos negros estudantes em todo o país, tanto na faculdade quanto no ensino ginasial, o comissário Harris¹⁴⁶ garante que “se faz necessário multiplicar por cinco o número atual” para igualar a média do país.

Cinquenta anos atrás, o preparo dos estudantes negros para, em qualquer número expressivo, freqüentar um moderno curso de faculdade, seria difícil de demonstrar. Hoje prova-se pelo fato de quatrocentos negros, muitos dos quais qualificados como brilhantes, receberam graus de bacharéis em Harvard, Yale, Oberlin¹⁴⁷ e setenta outras escolas superiores renomadas. Tem-se, assim, cerca de dois mil e quinhentos graduados negros, dos quais a questão mais crucial deve ser proposta: até que ponto sua formação os prepara para vida? É, por certo, muito difícil ajuntar dados que respondam a tal questão. Será difícil encontrar a pessoa que dê um testemunho isento e que se meça tal informação baseado em qualquer definição aceitável de sucesso. Em 1900, a Conferência¹⁴⁸ na Universidade de Atlanta tomou a cargo o estudo desses

144 - “A cruzada dos sessenta” é a descrição de Du Bois ao espírito missionário dos mestres nas escolas dos libertos e dos que trabalharam nos Escritórios dos Libertos, empenhados em assegurar aos negros direitos políticos e civis, entre 1865 e 1869.

145 - Du Bois enaltece os esforços dos professores da Nova Inglaterra e dos fundadores das faculdades negras, com a assertiva “as melhores tradições da Nova Inglaterra”.

146 - William Torrey Harris, comissário para educação, foi responsável pelo sistema de educação em Saint Louis, Missouri, entre 1867 e 1880.

147 - Faculdade de Oberlin, fundada, em 1833, na cidade do mesmo nome, em Ohio, foi das primeiras escolas superiores a acolher negros e constituiu-se em líder na luta a favor da abolição.

148 - Du Bois se refere à V Conferência da Universidade de Atlanta, cujo tema foi “As crias-negras da Universidade”(1900). Essas conferências deram origem a numerosos estudos dessa Universidade, conduzidos como pesquisa sociológica. Para essa conferência, cerca de 2600 ex-graduados ainda vivos, homens e mulheres, de faculdades e universidades negras, responderam a questionários a respeito da natureza de suas

ex-alunos e fez publicar seus resultados. O primeiro objetivo foi descobrir a ocupação atual de seus diplomados, tendo sido obtidas respostas de cerca de dois terços dos ainda vivos. O testemunho direto era em quase todos os casos corroborado pelos registros das escolas onde se graduaram. Assim que, no cerne, os relatórios eram fidedignos. Cinquenta e três por cento desses graduados tornaram-se professores – reitores de instituições, diretores de escolas normais ou de sistemas educacionais municipais e similares. Dezessete por cento tornaram-se religiosos. Outros dezessete por cento permaneceram na profissão de sua graduação, geralmente médicos. Em torno a seis por cento tornaram-se comerciantes, fazendeiros e artesãos; quatro por cento funcionários públicos civis. Mesmo em se considerando que os o terço restante não ouvido não tenha tido sucesso na vida, os números indicavam um recorde de aproveitamento. Pessoalmente, conheço algumas centenas desses graduados, tendo me correspondido com mais de um milhar deles; houve muitos que acompanhei, através de terceiros, sua produção e resultados; fui professor de alguns, e dos alunos que eles mesmos ensinaram, viveram em casas que eles mesmos construíram, e olharam a vida através de seus olhos. Comparando-os, como uma turma, com meus colegas de classe, tanto na Nova Inglaterra quanto na Europa, não vou hesitar em dizer que em local algum encontrei seres humanos com tamanho espírito de cooperação, com profunda devoção ao seu objetivo de vida, ou com maior empenho em vencer, apesar das amargas dificuldades, do que dentre as crias negras da Universidade. Encontra-se, para ser acurado, o quinhão de fracassados; de pedantes e de tolos letrados – mas são, surpreendentemente, em pequeno número. Esses não têm a cultura e modos que, instintivamente, associamos a um universitário, mas por esquecermo-nos de que carregam a herança de lares aculturados, e de que é impossível não recolher dentre um povo que há uma geração escapou da escravidão, certa crueza e *gaucherie* desagradáveis, apesar da qualidade de seu preparo.

Embora sua visão liberal e intensa sensibilidade, esses homens frequentemente tornaram-se líderes cautelosos e conservadores. Raramente foram agitadores ou sucumbiram à tentação de empolgar às massas, mas trabalharam constante e empenhadamente em milhares de comunidades do Sul. Como professores são responsáveis pela implantação no Sul de um sistema de escolas municipais, além de um grande número de escolas normais e faculdades particulares. As crias negras da Universidade trabalharam lado a lado com seus companheiros brancos em Hampton; mais ou menos, desde o início, a espinha dorsal da força de ensino em Tuskegee veio

vidas e de seu trabalho. Os resultados se constituíram numa impressionante revelação para os americanos interessados no tema. Em fevereiro de 1901, Du Bois prestou depoimento ante a Comissão Industrial dos EUA, fazendo com que, pelo menos um de seus membros ficasse perplexo ao saber que “homens de cor” tinham curso superior. Em junho de 1898, Du Bois proferiu o discurso de abertura na Universidade Fisk intitulado “Carreiras abertas para universidades de crias-negras”.

dos formados em Fisk e Atlanta. E hoje em dia a instituição está repleta de seus próprios formados, desde a ativa esposa do diretor até o professor de agricultura, incluindo-se quase a metade do conselho executivo e a maioria dos chefes de departamentos. Em suas profissões, os graduados estão, aos poucos, mas efetivamente, estimulando a igreja dos negros, curando e prevenindo a devastação pelas doenças e começando a oferecer proteção legal para a liberdade e a propriedade das massas trabalhadoras. Trata-se, em tudo, de trabalho essencial. Quem o faria, se os negros não o fizessem? E como os negros poderiam fazer se não estivessem preparados adequadamente para tanto? Se os brancos necessitam de escolas para formarem professores, religiosos, advogados e médicos, delas também não necessitam os negros?

Se é verdade que existe no país um apreciável número de jovens negros capazes, por caráter e talento, de receber ensino superior, fim do qual é a cultura e, se os dois mil e quinhentos que receberam no passado algo dessa qualificação e conseguiram provar serem capazes de ajudar sua raça e sua geração, a questão que emerge é qual o lugar, no futuro desenvolvimento do Sul, terão de ocupar as escolas superiores negras e as crias negras da Universidade? É visível que a atual separação social e aguda sensibilidade racial deverão, finalmente, ceder, ante a influência da cultura, na medida em que o Sul se civilize. Mas tal transformação pede invulgar sabedoria e paciência. Se, enquanto a cura desta vasta ferida progredir, as raças houverão de viver, por muitos anos, lado a lado, unidas num esforço econômico, obedecendo a um governo comum, sensíveis a um sentimento e pensamento únicos, mesmo que separadas em muitas questões de profunda intimidade humana – se esse incomum e arriscado desenvolvimento está por progredir em meio à paz e ordem, respeito mútuo e crescente inteligência, merecerá o título de a mais delicada e bem sucedida operação cirúrgica da história moderna. Isto exigirá homens liberais e corretos, tanto brancos quanto negros – e a civilização americana haverá de triunfar, em seu objetivo final. No que tange aos brancos, este fato torna-se aceito no Sul e um glorioso renascimento do ensino universitário parece iminente. Mas as mesmas vozes que saúdam este bom trabalho, é estranho registrar-se, mantêm-se silenciosas ou antagônicas quanto ao ensino superior para os negros.

Estranho registrar-se!, pois é certo que nenhuma civilização poderá ser estruturada no Sul tendo o negro como proletariado ignorante e turbulento. Suponha-se que se busque remediar isto em fazendo-o operário e nada mais. Não é ele tolo; já provou da Árvore da Vida, e jamais deixará de continuar pensando; jamais deixará de tentar decifrar o enigma do mundo. Em privando-o de seus melhores mestres e líderes; em batendo com a porta da oportunidade na face de suas mentes abertas e brilhantes, será feito com que se sinta satisfeito com seu destino? Ou não será

sua liderança apenas transferida das mãos de homens que pensam para às dos demagogos despreparados? Não devemos nos esquecer que, apesar da pressão da pobreza, e não obstante o efetivo e ridículo desencorajamento de amigos, a demanda dentre os jovens por qualificação superior aumenta constantemente entre os negros: havia, entre os anos de 1875 a 1880, 22 negros graduados em faculdades do Norte; de 1885 a 1890, havia 43 e, entre 1895 e 1900, chegava a quase 100 graduados. Egressos de faculdades negras do Sul havia, nos mesmos três períodos, 143, 413, e mais de 500. Vê-se, aqui, então, a verdadeira ânsia pelo saber. Em sendo negada a esse Décimo Talentoso¹⁴⁹ a chave do conhecimento, pode qualquer pessoa sã imaginar de que eles, sem contestação, irão colocar de lado seus anseios, e felizes tornarem-se meros serviçais?

Não. A perigosamente clara lógica da posição do negro cada vez mais alto afirmará a si mesma, na medida em que a prosperidade e uma mais complexa organização social afaste o Sul de ser, como o é em muito, simplesmente um campo armado de intimidação da gente negra. Esta perda de energia não pode ser dispensada se o Sul pretende adequar-se à civilização. E como o terço negro do país cresce em empenho e qualificação, a menos que proficientemente conduzido em sua ampla filosofia, deve mais e mais considerar sobre o passado febril e sobre o lento e tortuoso presente, até que empunhe o evangelho da revolta e vingança e lance suas recém adquiridas energias em oposição à corrente do progresso. Mesmo atualmente as multidões negras vêm com clareza as anomalias de sua posição e a tortuosa moral de vocês. Você pode alinhar fortes acusações contra eles, mas suas reivindicações, embora órfãs de uma lógica formal, têm verdades veementes que você não as pode ignorar por completo. Oh Cavalheiros Sulistas! Se vocês deploram nossa presença aqui, há que se indagar: Mas quem nos trouxe? Quando você clama: Livrai-nos da visão do casamento inter-racial, vem a resposta segundo a qual um casamento legal é infinitamente melhor do que a sistemática concubinação e prostituição. E se em justa ira você acusa seus desqualificados de violarem mulheres, eles em semelhantemente justa fúria poderão dizer: O mal que seus cavalheiros praticaram, ao arrepio de suas próprias leis, contra negras indefesas, está estampado na testa de dois milhões de mulatos e gravado indelevelmente em seu sangue. E, finalmente, quando você atribuir o crime como caráter peculiar desta raça, responderão que a escravidão foi o crime magno — o linchamento e a falta de ordem legal, gêmeos monstruosos; que cor e raça não são crimes, e apesar disto recebem, nesta terra, a mais permanente condenação, no Norte, Leste, Sul e Oeste.

149 - "Décimo Talentoso", contém a idéia expressa por Du Bois de que uma elite negra educada (dez por cento) representaria uma liderança capaz de assegurar um exemplo consistente para as massas negras.

Não vou dizer que tais argumentos são completamente justificados; não vou insistir que não haja o outro lado da moeda; mas vou afirmar que dos nove milhões de negros desta nação raros serão aqueles para quem tais argumentos não se fazem presentes, diariamente, desde o berço, sob a forma de uma terrível verdade. Insisto que a questão do futuro se põe na indagação de qual a melhor maneira de manter esses milhões afastados de pensar sobre os erros do passado e as dificuldades do presente, de tal forma que todas as suas energias possam ser dirigidas em favor de um benfazejo esforço e cooperação com seus vizinhos brancos, na direção de um futuro mais generoso, justo e pleno. E que um sábio método de agir reside em tecer um maior envolvimento do negro às grandes possibilidades industriais do Sul. E quanto a isto, as escolas comunais e o ensino técnico e comercial têm se empenhado em atingir. Mas apenas isso não é o bastante. As bases do conhecimento nesta raça, como nas demais, deverão ser repisadas nas faculdades e universidades, se desejarmos edificar uma estrutura sólida e permanente. Problemas internos, de desenvolvimento social, haverão de, inevitavelmente, ocorrer – questões de trabalho e salários; de família; de moral, e de real valoração da vida. Todas estas e inevitáveis dúvidas da aculturação o negro haverá de encontrar e solucioná-las por si mesmo, em razão de seu isolamento. Terá outra forma de fazê-lo senão que baseada no estudo, no pensamento e na utilização da rica experiência de seu passado? Não será, com este grupo e nesta crise, infinitamente mais perigoso ser refém de mentes despreparadas e pensamentos tacanhos, do que da educação e do refinamento ainda que maximizados? Por certo, iremos encontrar uma, assim chamada, faculdade negra, bem estruturada docentemente, de forma a conduzir-se com sucesso entre o diletante e o néscio. Será difícil fazer os negros acreditarem que, se seus estômagos estiverem cheios, pouco interesse terão quanto a seus cérebros. Eles já começam a vislumbrar que os caminhos da paz — serpenteante entre o trabalho honesto e uma vida adulta dignificante — exige a liderança de treinados pensadores, a desprendida, reverente camaradagem entre o negro humilde e o negro que se emancipou, face ao seu preparo e cultura.

A função da escola superior negra, então, está clara: deve manter os padrões de educação do povo, deve buscar a regeneração social do negro, bem como deve auxiliar na solução dos problemas do contato e cooperação racial. E, finalmente, além de tudo isto, deve desenvolver o homem. Por sobre nosso socialismo moderno e fora do culto das massas, deve persistir e envolver o alto individualismo, o qual é protegido pelo centros de cultura; deve emergir um elevado respeito pela soberania da alma humana, que busca conhecer a si mesma e o mundo que a cerca; que busca liberdade para expansão e autodesenvolvimento; que amará, odiará e trabalhará de sua própria maneira, livre, desimpedida pelo antigo e o novo. Tais almas, antigamente,

inspiraram e guiaram mundos, e se não estivermos completamente enfeitiçados por nosso Rhinegold¹⁵⁰ o farão novamente. Aqui, o desejo do negro deve ser respeitado – a rica e amarga profundidade de sua experiência, os tesouros desconhecidos de sua vida interior, os incomuns padecimentos da natureza que vivenciou, podem oferecer ao mundo novos pontos de vista e fazer de seu amar, viver e agir, rica contribuição aos corações humanos. E para os próprios negros – em dias atuais de provação de suas almas – a oportunidade de voar, em embaciado ar azul, acima da fumaça, é para seus espíritos mais finos dádiva e recompensa por aquilo que perderam na terra, por serem negros.

Sento-me com Shakespeare e ele não se sobressalta. Através da linha da cor caminho, baços dados, com Balzac e Dumas, onde homens gentis e mulheres receptivas deslizam em ricos ambientes. Das cavernas do entardecer, que oscilam entre a terra e o ornato das estrelas, eu convoco Aristóteles e Aurélio ou outra alma qual seja, e atenderão gentilmente sem qualquer desdém ou condescendência. Assim, casado com a Verdade, eu habito por sobre o Véu. Esta é a vida que você nos quer conceder com má vontade, oh cavalheiresca América? E esta é a vida que anseias por transformar na vermelha, insensível, nefanda obtusidade da Geórgia? Você está tão temerosa, assustada de que, por igual, deste alto Pisgá, entre Philistine e Amalekite, vislumbremos a Terra Prometida?¹⁵¹

150 - Rhine-gold: na mitologia alemã, guarda do ouro pelas virgens do vale do rio Reno, adiante capturado pelos Nibelungen, uma raça de duendes, e Sigfried, um príncipe escandinavo. Du Bois pode, também, ter aludido a *Das Rheingold*, primeira parte da ópera em quatro atos de Richard Wagner, *Der Ring des Nibelungen*. O anel de Nibelugen, que teve estreia em Munique, em setembro de 1869.

151- William Shakespere (1564-1616), poeta e teatrólogo elizabetano. Honoré de Balzac (1799-1850), romancista francês. Alexandre Dumas (1802-1870), dramaturgo e romancista francês, com sangue negro. Aristóteles (384-322) filósofo grego. Marco Aurélio (121-180), filósofo estoico e imperador romano de 161 a 180. Pisgá: montanha debruçada sobre o rio Jordão, de onde Moisés viu a Terra Prometida. Philistine: Palestina do sudeste, região de uma antiga tribo guerreira. Amalekite: membro de uma tribo nômade hostil ao povo de Israel, em sua jornada pelo Jordão com destino à Terra Prometida, no Velho Testamento.

VII

SOBRE O CINTURÃO NEGRO



Sou negra, mas graciosa, oh filhas de Jerusalém,
 Como as tendas de Quedar¹⁵², como as cortinas de Salomão.
 Não me olhem por ser negra,
 Porque o sol já me contemplou:
 Os filhos de minha mãe se indignaram contra mim;
 Fizeram me zeladora do vinhedo;
 Mas, de minha própria vinha descuidei.

A canção de Salomão¹⁵³.

Vindo do Norte o trem trovejou, e acordamos para contemplar o sanguíneo solo da Geórgia, alongando-se estéril e monótono à esquerda e à direita. Aqui e ali repousam dispersos vilarejos desajeitados, e homens desocupados vagam pelas estações férreas; então, novamente, vislumbra-se linhas de pinheiros e barreiras. Apesar disto não cochilamos, tampouco nos cansamos do cenário, posto que este é um solo histórico. Um pouco adiante da linha por onde passávamos, trezentos e sessenta anos atrás, vagava a cavalgada de Hermano Soto¹⁵⁴, em busca de ouro e do Grande Mar, quando ele e seus cativos, de pés machucados, desapareceram, lá, nas soturnas florestas do oeste. Aqui acomoda-se Atlanta, a cidade das cem colinas, com um toque de ocidental, com um toque de sulista, e algo peculiarmente seu, em sua vida agitada. E um pouco adiante de Atlanta, na direção do sudoeste, fica a terra dos Cherokees¹⁵⁵, e então, não

152 - Quedar. Neto de Abraão, de seu filho mais velho, Ismael.

153 - Os versos pertencem a Cantares de Salomão, 1.5-6, assim apresentados numa versão brasileira da Bíblia: "Eu estou morena, porém formosa, / ó filhas de Jerusalém, / como as tendas de Quedar, / como as cortinas de Salomão. / Não olheis para o eu estar morena, / porque o sol me queimou. / Os filhos de minha mãe se indignaram contra mim, / e me puseram por guarda de vinhas; / a vinha porém, que me pertence, / não a guardei". A versão em inglês dos mesmos versículos usados no original dispõe: 5 - I [am] black, but comely, O ye daughters of Jerusalem, as the tent of Kedar, as the curtains of Solomon 6 - Look not upon me, because I [am] black, because the sun hath looked upon me; my mother's children were angry with me; they made me the keeper of the vineyards; [but] mine own vineyard have I not kept. Daí porque evitei "morena" e segui o original em inglês, "negra". A música é do espiritual negro, "Bright Sparkles in the Churchyard" (Luminosos lampejos no cemitério).

154 - Hermano de Soto (1500?-1542) explorador e conquistador espanhol. Entre 1539 e 1542 viajou pelo sudeste da América do Norte, em busca de ouro.

155 - Cherokees, tribo de índios norte-americanos cujas terras ancestrais eram o oeste da Carolina do Norte e o norte da Geórgia.

muito distante da casa onde Sam Hose¹⁵⁶ foi crucificado, pode-se chegar ao local que hoje é o ponto central do problema do negro – o centro desses nove milhões de homens que se constituem na horrível herança da escravidão e do tráfico na América.

Não apenas é a Geórgia o ponto de convergência geográfico de nossa população negra, mas, em muitos outros aspectos, tanto agora como ontem, o problema negro parece haver-se centralizado neste estado. Nenhum outro dos estados da União pode contar um milhão de negros entre os seus cidadãos – uma população que se iguala ao número total de escravos na União em 1800. Nenhum estado lutou tanto e tão arduamente para reunir este contingente de africanos. Oglethorpe¹⁵⁷ considerava a escravidão algo contra a lei e o evangelho. Todavia, as circunstâncias que ensejaram à Geórgia seus primeiros habitantes não foram calculadas de forma a garantir o surgimento de cidadãos corretos no que concernia às suas idéias quanto às bebidas e aos escravos. Apesar das proibições dos curadores, esses georgianos, como alguns de seus descendentes, decidiram tomar a lei em suas mãos; e tão flexíveis eram seus juízes, e tão flagrante o contrabando, e tão sérias eram as preces de Whitefield¹⁵⁸ que, pela metade do século dezoito, todas as restrições foram varridas, e o tráfico de escravos prosseguiu por outros cinquenta anos e mais.

Lá em Dariem, onde os tumultos de Delegal ocorreram, alguns verões atrás, costumava acontecer forte protesto contra a escravidão, vindo dos escoceses das Terras Altas; e os morávios, de Ebenezea, também não gostavam do sistema¹⁵⁹. Mas não até o terror haitiano de Toussaint, o comércio de homens, era refreado; enquanto que o estatuto nacional de 1808 não foi bastante para dar um fim nisso ¹⁶⁰. Os africanos chegaram! Cinquenta mil entre 1790 e 1810; então, da Virgínia e pelos contrabandistas, dois mil por ano, durante muitos anos além. Assim os trinta mil negros da Geórgia em 1790 foram duplicados em uma década. Havia acima de cem mil em 1810, teria chegado a duzentos mil em 1820, e meio milhão quando da guerra. Assim, como uma cobra, a população negra contorceu-se para cima.

Mas devemos nos apressar em nossa jornada. Onde passamos agora, na medida em que

156 - Sam foi um trabalhador rural acusado de, discutindo com o patrão sobre salários, tê-lo assassinado. Foi acusado, também, de haver estuprado a esposa do patrão. Preso, confessou haver cometido o assassinato, mas negou o estupro. Uma malta de duas mil pessoas, homens, mulheres e crianças, puseram fogo em sua casa e o lincharam. Nesse mesmo período, o filho de Du Bois, Burghardt, morreu de difteria. Ambos os fatos o deixaram muito deprimido.

157 - James Edward Oglethorpe (1696-1785) filantropo inglês, fundador da colônia da Geórgia.

158 - George Withefield (1714-1770) evangelista inglês que andou pela Geórgia em 1738, advogando o banimento de restrições ao tráfico de escravos. Defendia um tratamento mais brando aos escravos, porém advogava a instituição escravatura.

159 - Os tumultos de Delegal ocorreram em Darien, Geórgia, em agosto de 1889. Escoceses das Terras Altas estabeleceram-se na Geórgia em fins do século dezoito. Anti-escravistas morávios estabeleceram-se em Ebenezer e Nova Ebenezer, próximo à Savannah.

160 - O Estatuto Nacional de que fala Du Bois é a Lei do Congresso, de 2 de março de 1807, que proibiu a importação de escravos para os EUA, a partir de janeiro de 1808.

nos afastamos de Atlanta, é a terra ancestral Cherokee – a brava nação índia que lutou por tanto tempo por sua terra – até que o Destino e o governo dos Estados Unidos a empurrou para adiante do Mississippi. Contudo, se desejas viajar comigo, terás que te alojar no “vagão Jim Crow”. Não haverá objeção, pois outros quatro homens brancos e uma menina branca, acompanhada de sua ama-seca, lá se encontram. Comumente, ali as raças ali se misturam; mas o vagão dos brancos é apenas destes. Por certo este vagão não é tão bom como o outro, mas é relativamente limpo e confortável. O desconforto reside apenas nos corações daqueles quatro negros adiante, e no meu próprio. O trem troveja na direção sul, numa viagem eficiente. O barro vermelho descoberto e os pinheirais do norte da Geórgia começam a desaparecer, iniciando a surgir em seu lugar uma terra rica, dobrada e luxuriosa, aqui e ali bem cultivada. Esta é a terra de Creek Indians¹⁶¹; não foi fácil para os georgianos confiscarem-nas. As pequenas cidades mostravam-se cada vez mais freqüentes e interessantes, com novos moinhos de algodão despontando por todos os lados. Pouco adiante de Macon, o mundo escurecia, pois agora nos aproximávamos do Cinturão Negro¹⁶², – a estranha terra das sombras, na qual, eles mesmos, escravos, cercaram no passado e da qual ainda hoje partem fracos e pouco inteligíveis murmúrios para o mundo à sua frente. O “vagão Jim Crow” amplia-se e melhora um pouco: três camponeses e dois brancos desocupados passaram a nos acompanhar, e um jornalista dispôs num canto seus artigos. O sol se põe, mas assim mesmo pode-se ver os imensos campos de algodoeiros, na medida em que entramos através deles. O solo, às vezes, preto e fértil, outras ralo e cinzento, com pomares e prédios arruinados, no caminho para Albany.

Em Albany, no coração do Cinturão Negro, fazemos uma parada. Duzentas milhas ao sul de Atlanta, duzentas milhas a oeste do Atlântico e cem milhas ao norte do Grande Golfo fica o município de Dougherty, com dez mil negros e dois mil brancos. O rio Flint serpenteia na direção de Andersonville e fazendo uma volta repentina em Albany, a capital, segue para juntar-se ao Chattahoochee e ao mar. Andrew Jackson conhecia o Flint muito bem, e certa feita o navegou para vingar o massacre índio de Fort Mims¹⁶³. Em 1814, não muito antes da batalha de Nova Orleães, e pelo Tratado de Creek, que se seguiu à essa campanha, todo o município de Dougherty e outras terras muito ricas, foram anexadas à Geórgia. Quietos, os colonos moviam-se com cuidado, pois os índios estavam por toda a parte, constituindo-se, naquele tempo, em

161 - Tribo índia cujas raízes ancestrais se situam nos atuais estados da Geórgia, Alabama e parte da Flórida.

162 - O termo “Cinturão Negro” apareceu, especialmente, após a Guerra Civil, para designar porções do Sul onde as populações negras eram mais numerosas e onde, durante a escravidão, a população servil era mais densa. A região inclui os estados do interior do Sul, ou Carolina do Sul, Geórgia, Alabama, Mississippi e o sul da Louisiana. O termo também foi usado para descrever uma região de solo preto e fértil.

163 - Andrew Jackson (1767-1845) foi o sétimo presidente dos Estados Unidos. Mas, como major-general comandou as tropas que marcharam contra os índios Creek, em 1813-1814, durante a Guerra de 1812. A operação se deveu ao massacre de Fort Mims, Alabama, em 30 de agosto de 1813, quando colonos brancos foram mortos pelos índios Creek.

desagradáveis vizinhos. O pânico de 1837, que Jackson transferiu para Van Buren, empurrou os colonos das empobrecidas terras da Virgínia, das Carolinas e do leste da Geórgia, na direção do Oeste¹⁶⁴. Os índios foram afastados para o Território Índio e os colonos tomaram conta das terras cobijadas, a fim de recuperar suas arruinadas fortunas. Num raio de cento e sessenta quilômetros em torno a Albany, alonga-se uma terra extensa e fértil, luxuriante, com florestas de pinheiros, carvalhos, freixos, nogueiras e álamos; quente com o sol e úmida, com sua terra negra de pântano. Pois, aqui foi lançada a pedra fundamental do Reino do Algodão¹⁶⁵.

Albany é hoje uma plácida cidade sulina de ruas amplas, com lojas e salões, flanqueadas por fileiras de residências. Os brancos, geralmente, moram ao norte e os negros no sul. Seis dias por semana a cidade mostra-se bastante modesta e modorrenta. Mas, nos sábados, parece que todo o município desfila pela cidade, e um fluxo ordenado de negros caipiras se move pelas ruas, enche as lojas, obstrui as calçadas e via pública, tomando completo controle da cidade. Eles são negros, robustos, rudes camponeses, bem-criados e simples, loquazes até certo ponto e assim mesmo bem mais quietos e pensativos do que as massas de *Rhine-pfalz*, ou Nápolis ou Cracóvia¹⁶⁶. Bebem consideráveis quantidades de uísque, mas não se embebedam; falam e riem alto, mas muito raramente discutem ou brigam. Vagueiam para cima e para baixo nas ruas, encontram-se e fazem mexericos com amigos, observam as vitrinas, compram café, confeitos baratos e roupas – no entardecer, voltam para casa. Felizes? Bom, não exatamente felizes, mas muito mais contentes do que se não houvessem vindo.

Assim, Albany é uma verdadeira capital, uma típica sede de município sulista, o centro da vida de dez mil almas; seu ponto de contato com o mundo exterior; seu centro de notícias e de bisbilhotice; seu mercado para a compra e venda; local de tomada e outorga de empréstimos; sua fonte de justiça e lei. Houve um tempo em que se compreendia tão bem à vida interiorana e à urbana muito pouco, que se a descrevia como próxima à de um populoso distrito interiorano. Atualmente, as pessoas quase esqueceram o que é a vida no campo e precisamos para lembrá-

164 - O pânico de 1837 foi um processo de depressão econômica que se iniciou com a quebra de bancos, em maio de 1837, e durou por cerca de sete anos. Daí porque Du Bois se refere a dois ex-presidentes, um (Andrew Jackson) tendo passado a dificuldade administrativa para o outro (Martin Van Buren).

165 - Usado originariamente para designar a supremacia da cultura do algodão, continuou sendo usado até o início do século vinte para então designar comumente o “Profundo Sul”, ou interior do Sul, já referido em nota anterior.

166 - Rhine-pfalz é cidade alemã à margem do rio Reno; Nápolis fica na Itália e Cracóvia na Polônia.

las formar a imagem de uma pequena cidade de negros espalhados sobre mais de quatrocentos solitários quilômetros quadrados de terras, sem trem ou coletivos, no meio de algodoeiros ou milharais, grandes pedaços de areia e solo escuro.

Julho costuma ser muito quente no sul da Geórgia – um tipo especial de calor entediante, que parece agir independentemente do sol. Assim que foram necessários alguns dias para que nos aventurássemos a ultrapassar a soleira da porta na direção das longas estradas que teríamos de trilhar neste mundo desconhecido. Finalmente iniciamos. Eram cerca de dez horas de uma manhã clara e com uma suave brisa, quando nos dirigimos indolentemente na direção sul, no vale do rio Flint. Passamos cabanas espalhadas, com aspecto de caixas, dos obreiros da olaria, e por uma longa fila de casas de peões, divertidamente chamada de “A Arca”. Estávamos a seguir em campo aberto e nos confins das grandes plantações de outros tempos. Há o “o canto de Joe Fields”, ele, um rude energúmeno, que em seu tempo havia matado muitos “pretos”. Dezenove quilômetros era quanto tinha sua propriedade. Um completo baronato. Parece que tudo se foi agora; apenas pequenas áreas pertencem ainda à família; o resto passou às mãos de judeus e de negros. Mesmo as áreas que ficaram com a família, encontram-se, na sua maioria, gravadas com pesadas hipotecas e, como o restante da propriedade, cultivada por arrendatários. Aqui estava um deles – um homem alto, amarronzado, dado a trabalhar muito e beber sem freio, analfabeto, mas versado em lorotas rurais, o que atesta acenando com a cabeça. A opressiva nova casa de madeira é sua e ele recém mudou-se da decomposta cabana de uma peça quadrada.

Através das cortinas da casa de Benton, lá na estrada, uma simpática face negra observa os estranhos; afinal, o trânsito de carruagens por aqui não é coisa freqüente. Benton é um homem de tez amarelada, inteligente, com uma família numerosa. Ele administra uma plantação arrasada pela guerra e o atual arrimo em falso da viúva. Ele poderia ser próspero, dizem. Mas bebe muito, em Albany. E o espírito meio desolado dos nascidos negligenciados neste solo parece haver se estabelecido nestes acres. Outrora, aqui estiveram descaroçadores de algodão e outras máquinas, mas estão todas estragadas.

A terra toda parece abandonada e triste. Aqui está o que sobrou das imensas fazendas dos Sheldons, dos Pellots e dos Rensons, mas o espírito deles desapareceu. Suas casas jazem meio arruinadas, ou desapareceram de todo; as cercas desapareceram e as famílias perambulam no mundo. Estranhas vicissitudes enfrentam esses amos de outrora. Lá longe estendem-se os muitos acres de Bildad Reasor; ele morreu durante a guerra, mas o presunçoso capataz apressou-se em casar com a viúva. Então, ele partiu e seus vizinhos também, assim que hoje apenas permanecem os arrendatários negros. Mas a sombra da mão do sobrinho-neto do amo, ou do primo ou do

credor, move-se à turbida distância para recolher sem remorso a exorbitante renda, fazendo com que a terra se mantenha pobre e abandonada. Apenas arrendatários negros podem suportar tal sistema, isto porque eles o necessitam. Hoje, nós viajamos ao longo de dez milhas sem encontrar sequer um rosto branco.

Uma irresistível sensação de depressão cai lentamente sobre nós, apesar do fulgurante sol que brilha e o verde das folhas dos algodoeiros. Este, então, é o Reino do Algodão – a sombra de um sonho maravilhoso. E onde está o Rei? Talvez ele seja o suarento lavrador, arando seus trinta e dois hectares com duas mulas esqueléticas e travando uma inglória luta contra os credores. Assim, ficamos absortos em pensamentos até que, numa curva adiante, na estrada arenosa, uma casa um pouco melhor desponta ante nós – um gracioso chalé bem aconchegado à margem da estrada e próximo de si uma loja. Um homem alto e bronzeado aparece no portal assim que o saudamos e se dirige à nossa carruagem. Ele tem um metro e oitenta centímetros, com uma face grave que sorri com sobriedade. Ele se movimenta firme demais para ser um empregado – sim ele é proprietário de noventa e sete hectares. “A terra está decadente desde os dias da euforia dos anos mil oitocentos e cinquenta”, ele explica. A mais, o algodão está em baixa. Três arrendatários negros vivem em sua propriedade, e em sua pequena a loja mantém um modesto estoque de tabaco, rapé, sabão e soda, que atende à vizinhança. Ele mantém uma oficina com descascadores de algodão, com novas máquinas recém instaladas. Trezentos fardos de algodão foram por elas processados no ano passado. Dois de seus filhos foram enviados para estudar fora. Sim, ele diz com tristeza, “progredindo”, mas o algodão baixou para quatro centavos; posso imaginar seu Débito, sentada à sua frente, encarando-o.

Esteja onde estiver o Rei, os jardins e os palácios do Reino do Algodão ainda não desapareceram de todo. Adentramos em meio a grandes arvoredos, com carvalhais e pinheiros esguios, com arbustos ralos. Aqui foi a “mansão-lar” dos Thompsons – barões de escravos que dirigiam suas carruagens de quatro, em tempos alegres do passado. Tudo hoje é silêncio, cinzas num emaranhado de ervas daninhas. O proprietário havia jogado toda sua fortuna na florescente indústria algodoeira dos anos cinquenta, mas com a queda dos anos oitenta teve de juntar suas coisas e partir. Além, há outro arvoredo, com gramados descuidados, grandes magnólias e capinzais. A Casa Grande¹⁶⁷, de pé, semi arruinada, com sua porta grande olhando no vazio para a rua e a parte dos fundos grotescamente restaurada para o seu arrendatário negro. Trata-se de um negro humilde, porém de boa compleição, mas limitado e indeciso. Tem de trabalhar duro para pagar o aluguel à jovem branca, dona do que sobrou da propriedade. Ela casou-se com um policial

167 - No original “Big House”.

e mora em Savana.

Voltamos ainda outra vez às igrejas. Aqui está uma – Do Pastor, é como a chamam –, um grande celeiro pintado de cal, montado sobre alicerces de pedras, dando a impressão de que se encontrava naquele instante em repouso, pronto, a qualquer momento, para movimentar-se e sair estrada a fora. A mais, é o centro de uma centena de casebres; e algumas vezes, nos domingos, cerca de quinhentas pessoas daqui e das vizinhanças se reúnem para conversar, comer e cantar. Existe uma escola nas proximidades – um abrigo arejado e vazio; mas mesmo isto já é um dado de progresso, pois normalmente as aulas são ministradas nas igrejas. Estas variam das cabanas de madeira àquela Do Pastor; e as escolas variam do nada até esta pequena edificação postada modestamente no limite do município. É uma pequena construção em tábuas, talvez com três por seis metros, contendo em seu interior duas filas de carteiras em madeira crua, apoiadas, às vezes, em caixotes. Na parede oposta à porta está uma mesa quadrada de fabricação caseira. Num canto encontram-se as ruínas de um fogão e noutro um acinzentado quadro negro. É a mais graciosa escola que encontrei in Dougherty, com exceção da cidade. Nos fundos da escola está em construção um prédio de dois andares que abriga a sociedade de auxílio-mutuo, destinada a “dar amparo aos doentes e providenciar funerais”, um tipo de entidade em franco crescimento.

Chegamos à divisa de Dougherty e estávamos por tomar o rumo oeste, quando nos encontramos com um negro velho, gentil, de cabelos brancos, na casa dos setenta, que nos indicou os caminhos. Ele vivia ali havia já quarenta e cinco anos e agora mantinha-se, bem como sua velha esposa, com um boi, amarrado lá adiante, e da caridade de vizinhos negros. Ele nos mostra a fazenda dos Hills, logo após a divisa do município, em Baker – uma viúva e dois filhos robustos, que no ano passado carregaram os fardos (aqui, é desnecessário informar serem os fardos de algodão). Vêem-se cercas, porcos e gado e ouve-se à voz suave, do jovem Mêmnon¹⁶⁸, de pele aveludada, que se aproximou meio timidamente para saudar os estranhos, orgulhoso de sua casa. Nos endereçamos, através da divisa comunal, na direção oeste. Pode-se ver grupos de pinheiros sobre os campos verdes de algodão, como que estalando desnudos nodosos dedos, através da fronteira com a floresta virgem adiante. Há pouco de belo nesta região; apenas uma espécie de cru abandono que sugere força – uma dura grandiosidade. As casas são despojadas e bem ordenadas; não se vêem redes ou cadeiras de balanço e poucas são as flores. Assim que, como nos Rawdon, quando se vê uma trepadeira escalando a pequena varanda e janelas que olham por sobre as cercas, pode-se suspirar. Creio que nunca antes havia me dado conta do

168 - MÊMNON, NOME DE UM HERÓI GREGO, REI DOS ETÍOPES, QUE ACORREU EM SOCORRO DE TRÓIA E FOI MORTO POR AQUILES. ACREDEITOU-SE, MAIS TARDE, ESTAR MÊMNON REPRESENTADO NUM DOS DOIS COLOSSOS DE AMENÓFIS III, EM TEBAS; A LENDA AFIRMA QUE SUA ESTATUA, QUANDO BANHADA PELO SOL, EMITE SONS HARMONIOSOS (KOOGAN HOUASS).

papel da Cerca na civilização. Esta é a terra do Descercado, onde se alinham, dos dois lados, um grande número de feias cabanas de uma só peça – sem graça e sujas. Aqui reside o problema negro em sua nua sujeira e penúria. Aqui não existem cercas. Mas, eis que surgem, à vista, os moirões ou as cercas, podendo se ter certeza de que um toque de cultura se aproxima. Harrison Gohagen – um jovem, tranqüilo, de tom amarelo, cara lisa e diligente – é o proprietário, naturalmente, de algumas centenas de acres. Assim, se pode esperar uma visão de cômodos bem-cuidados com camas largas e crianças felizes. Afinal, não tem ele cercas bem postas? E aqueles lá adiante, por que ergueram cercas em terras de arrendamento espoliativo? Isto iria, apenas, aumentar o preço do aluguel.

Serpenteamos adiante entre areia, pinheirais e imagens de antigas fazendas, até chegarmos a um agrupamento de prédios – madeira e tijolos, engenhos, casas e casebres esparramados. Dava a impressão de uma vila tranqüila. A medida, entretanto, que se tornava mais e mais próxima seu aspecto mudava. Os prédios estavam arruinados, os tijolos se esfarelavam, os engenhos estavam silentes e o armazém fechado. Apenas nos casebres, podia-se ver, aqui e ali, um toque de vida desocupada. Imaginei o local como que sob o impacto de algum esquisito encantamento e iludido na busca de uma princesa. Um velho negro esfarrapado, sincero, simples e improvidente, falou-nos da história. O Mágico do Norte – o Capitalista –¹⁶⁹ despencou no Sul, nos anos setenta, para cortejar este solo escuro. Ele comprou um hectare quadrado ou tanto, e por certo tempo as mãos de labor cantaram, as descaroçadoras roncaram e os engenhos zuniram. Então ocorreu a mudança. O filho do agente malversou os fundos, levando-os consigo. Então o agente também desapareceu. Por fim, o novo agente roubou até mesmo os livros, e a companhia, em vindita, fechou os negócios e as casas – recusou-se a vendê-los deixando tudo apodrecer. Assim a fazenda Water-Loring silenciara face ao encantamento da desonestidade e se mantém como uma lúgubre advertência à uma terra fendida.

Nossa jornada por aquele dia, de certa forma, terminou nessa fazenda, pois não pude afastar de meus pensamentos a influência daquela cena silenciosa. De volta, em direção à cidade, passamos pelos pinheiros eretos, encadeados, e por um lago escuro pontilhado de árvores, onde o ar era pesado com um doce perfume de morte. Maçaricos brancos esvoaçavam sobre nós, enquanto as gemas fluorescentes de algodão pareciam cinza contra os talos verde e púrpura. Uma jovem camponesa trabalhava com a enxada, com braços negros e um turbante branco na cabeça. A tudo assistimos, mas o encantamento permanecia sobre nós.

Quão surpreendente é esta terra – quão prenhe de histórias não reveladas, de tragédia e

169 - "O Mágico do Norte", pode ser uma referência ao "Mágico de Oz", uma alegoria ao movimento populista dos anos 1890.

humor, e rica em herança de vida humana; ensombrecida com um passado trágico, e grandiosa com a expectativa do futuro! Este é o Cinturão Negro da Geórgia. Dougherty, município que fica na fronteira oeste do Cinturão Negro, certa feita chamado de o Egito da Confederação¹⁷⁰, é pleno de interesse histórico. Primeiramente, existe o Pântano, na direção oeste, onde o Chickasawhatchee¹⁷¹ flui sombriamente rumo ao sul. O espectro de uma velha fazenda repousa em sua margem, sombria e triste. Então surge o reservatório com musgos cinzas pendentes e águas salobras; também florestas com suas aves silvestres. Num canto, o bosque está em chamas, ardendo de raiva; mas disto ninguém se importa. Então, o pântano se torna belo; uma estrada, construída por presidiários negros acorrentados, adentra profundamente e forma um caminho murado e quase coberto por uma verde vegetação. Árvores copadas brotam da luxuriante prodigalidade da vegetação rasteira; uma imensidão de sombras verdes esmaece num fundo negro, até que tudo se transforme numa única massa de um emaranhado de folhagem subtropical, maravilhoso em seu esquisito esplendor selvagem. Num dado momento, atravessamos um escuro e silencioso córrego, onde árvores tristes e tortuosas trepadeiras, todas cintilando flamejante, amarelo e verde, aparentando, algumas, imensas catedrais – qual um templo milanês construído de floresta virgem. E à medida em que a cruzava eu parecia sentir outra vez a feroz tragédia de setenta anos passados. Osceola¹⁷², o chefe índio-negro, insurgiu-se, nos pântanos da Flórida, jurando vingança. Seu grito de guerra alcançou os *creeks*, peles vermelhas, de Dougherty, fazendo com que, destes, o grito de guerra se espalhasse de Chattahoochee até o mar. Homens, mulheres e crianças marcharam e se agruparam, à medida em que se deslocavam para Dougherty. Em sombras além, um guerreiro escuro, pintado e assustador, movimentava-se sub-repticiamente – um e mais um, até que trezentos haviam penetrado no traiçoeiro pântano. Então, o falso lodo fechou-se em torno a eles, trazendo o branco desde o leste. Com água funda à cintura, lutaram sob as árvores gigantes, até que o grito de guerra foi silenciado e os índios deslizaram de volta para o oeste. Não causa espanto, o bosque é vermelho.

Então, surgiram os escravos negros. Dia após dia, o tinir de pés acorrentados se deslocando da Virginia e da Carolina em direção à Geórgia era ouvido através das terras pantanosas. Dia após dia, a canção dos sofridos, o lamento dos órfãos e o abafado murmúrio dos

170 - O Egito da Confederação: Du Bois usa aqui o Egito bíblico, transmitindo seu sentimento de que o Velho Sul foi – como a terra dos faraós, para os judeus – um local de escravidão para os negros, e que o “Cinturão Negro”, da virada do século, era ainda um local de servidão e exploração.

171 - Chickasawhay - Rio com cerca de 338 km de extensão, a sudeste do Mississippi.

172 - Osceola (1800-1838) foi um chefe da tribo dos Seminole. Era parte índio e parte negro. Nasceu na Geórgia e acolheu inúmeros escravos fugitivos em meio a seu povo na Flórida, tendo conduzido-os à guerra contra o exército americano na Guerra Seminole, de 1835.

infelizes ecoando entre o Flint¹⁷³ e o Chickasawhatche, havia feito emergir, em torno a 1860, no oeste de Dougherty, talvez o mais rico reino escravista que o mundo moderno conheceu. Cento e cinquenta barões comandavam o trabalho de uns seis mil negros, dominando um total de fazendas com cerca de trinta e sete mil hectares de terras lavradas, avaliadas, mesmo em tempos de terras baratas, em três milhões de dólares. Vinte mil fardos de algodão descaroçado eram exportados anualmente para a Inglaterra, nova e velha. E homens que ali chegaram falidos, enriqueceram. Apenas em uma década a produção de algodão quadruplicou e o valor das terras multiplicou por três. Era o auge dos *nouveau riche* e uma vida de prazeres e extravagância imperava entre os senhores. Quatro ou seis animais de raça, cauda curta, levavam suas charretes para a cidade; franca hospitalidade e incontida diversão eram a regra. Jardins e bosques se espalhavam, ricos em flores e trepadeiras, no centro dos quais ficava a “casa grande”, com seus pórticos, colunas e majestosas lareiras.

Entretanto, apesar de tudo isto havia algo de sórdido, algo fingido – uma certa agitação descontrolada e atrevimento. Mas, afinal, todo este espetáculo e enfeite desgracioso não havia sido montado sobre o sofrimento? “Esta terra foi um inferno”, disse-me um homem, pele marrom, ar grave e esfarrapado. Estávamos sentados próximos à oficina de um ferreiro de beira de estrada, ficando atrás de nós o que sobrara de uma casa senhorial. “Eu vi pretos caírem mortos nos sulcos – seus corpos eram postos de lado, pois o arado não podia parar. E lá, na casa do feitor era onde o sangue corria”.

Erguido sobre tais alicerces, um reino, com o passar do tempo, dominará e ruirá. Os senhores mudaram-se para Macon e Augusta, deixando apenas os irresponsáveis capatazes e a terra. O resultado são essas ruínas, o “lar” do Lloyd – carvalhos enormes abanando suas copagens ao vento, amplos gramados, murtas e castanheiros, tudo dilapidado, selvagem; um solitário portal onde outrora fora a entrada da mansão; uma velha e enferrujada bigorna, atirada em meio a um fole destroçado e madeiras, junto com às ruínas do que fora a oficina de um ferreiro; uma antiga e tortuosa mansão, marrom e suja, ocupada agora com os netos dos escravos que um dia serviram comida em suas mesas; enquanto a família do senhor definhou até ficar reduzida a duas mulheres solitárias, que vivem em Macon e alimentam-se, famintamente, dos remanescentes de um condado. Assim, prosseguimos, passando por portões fantasmagóricos e casas em destroços – cruzamos as terras antes florescentes dos Smith, dos Gandys e dos Lagore – e encontramos tudo dilapidado e praticamente em ruínas. Havia, mesmo, uma solitária mulher branca, uma relíquia de dias antanhos, sentada sozinha em sua propriedade, hoje cercada por

173 - Rio Flint. Banha a cidade do mesmo nome, que se tornaria notável pela indústria de automóveis, já no início do século 20.

incontáveis hectares pertencentes a negros; ela visita a cidade, diariamente, em sua antiga charrete.

Era, realmente, o Egito da Confederação – o rico celeiro de onde jorravam batatas, milho e algodão para satisfazer às necessidades das famintas e esfarrapadas tropas confederadas, enquanto lutavam por uma causa perdida muito antes de 1861. Protetor e seguro, tornou-se abrigo de famílias, riquezas e escravos. Já então, a tomada dura e impiedosa da terra começou a ocorrer. A argila vermelha do subsolo começara a assomar por sobre o solo. Quanto mais impiedosamente os escravos eram forçados a trabalhar a terra, mais fatal e desinteressada era sua faina agrícola. Então, vieram a revolução da guerra e Emancipação, o fascínio da Reconstrução. E agora, o que é o Egito da Confederação e qual o seu significado para o bem-estar ou mal-estar da nação?

É uma terra de dinâmicos contrastes e, curiosamente, de uma mistura de esperança e sofrimento. Aqui se vê uma graciosa quadrarona, escondendo seus pés descalços; ela havia recém se casado, na semana passada; e, lá adiante, no campo, estava seu jovem e retinto marido mourejando para sustentá-la, ganhando trinta centavos por dia, sem refeição. No caminho está Gatesby, amarronzado e alto, senhor de oitocentos hectares adquiridos e mantidos com habilidade. Ele tem um armazém, administrado por um filho retinto, oficinas de ferreiro e de descaroçar. A cinco milhas daqui está uma cidade de propriedade e controlada por um branco da Nova Inglaterra. A sua herdade é quase um município, como Rhode Island¹⁷⁴, com milhares de hectares e centenas de trabalhadores negros. Seus casebres aparentam ser melhores que a média, e a fazenda, com máquinas e fertilizantes, é muito mais empresarial do que as demais do município, embora o administrador conduza uma política de severa barganha nos salários. Neste momento, quando nos voltamos e olhamos uns sete quilômetros para além, lá no extremo da cidade, pode-se ver cinco prostíbulos – dois para negros e três para brancos. Num destes, para brancos, um jovem negro qualquer, faz dois anos, ali recebeu acintoso abrigo e, adiante, como resultado, foi enforcado, acusado de estupro. Ali, também, a grande cerca caiada de branco de “stockade”¹⁷⁵ – nome dado à prisão do município, que os brancos dizem, está sempre cheia de criminosos negros. Já os negros afirmam que somente eles são enviados para a cadeia, não porque sejam culpados, mas porque o Estado necessita de criminosos para aumentar sua arrecadação, valendo-se do trabalho forçado.

O judeu¹⁷⁶ é o herdeiro do barão de escravos em Dougherty . Na medida em que nos

174 - Rhode Island, o menor dos estados norte-americanos, com apenas 3.144 km².

175 - “Stockade”, paliçada, estacada, prisão militar.

176- O uso do adjetivo judeu, no contexto do original, gerou incontáveis problemas ao longo dos anos para o escritor, que, na edição de 1953, comemorativa da quinquagésima edição de *Souls*, foi mudado por “imigrantes”. Du Bois explicou, certa feita, que, efetivamente, ao elaborar seu

deslocávamos para o oeste, cruzando imensas lavouras de milho e cerrados pomares de pêsegos e pêras, descortina-se em ambos os lados círculos de sombrias florestas, a Terra de Canaã¹⁷⁷. Aqui e ali ouvem-se narrativas de projetos para enriquecimento, nascidos no agitado período da Reconstrução: companhias de “desenvolvimento”, vitiviniculturas, engenhos e indústrias – praticamente tudo faliu e o *judeu* (mudado para estrangeiro) se tornou o herdeiro. Dougherty, a oeste de Flint, é uma terra bonita. As florestas são maravilhosas, os imponentes pinheirais desapareceram. Esta é a “Oakey Woods”, com os ricos nogueirais, faias, carvalhos e palmas. Mas a mortalha do endividamento paira sobre essa bela terra: os comerciantes devem para os atacadistas; os agricultores devem para os comerciantes; os peões devem aos arrendatários e os trabalhadores se curvam e se ajoelham ante o peso de tudo isto. Aqui e ali alguém conseguiu erguer a cabeça acima dessas águas tenebrosas. Cruzamos por uma fazenda de criação, verdejante e com seu gado a pastar, que se mostrava muito familiar, após infindáveis campos de milho e algodão. Os proprietários, viam-se aqui e acolá: um deles, o negro brutamontes Jackson, com suas dezenas de hectares, a informar, filosoficamente: Eu digo, olha para cima! Se não olhas para cima não podes te erguer”. E ele se ergueu. Os organizados celeiros do escuro Carter somariam pontos mesmo na Nova Inglaterra. Seu amo ajudou-o a se iniciar na vida, mas quando o negro velho morreu, no último outono, os filhos do senhor, imediatamente, invocaram seus direitos sobre a propriedade. “E os brancos vão obter sucesso”, assim diziam rumores.

Saio desses bem-cuidados hectares levando um confortável sentimento de que os negros estão progredindo. Mesmo assim, todavia, os campos, na medida em que avançamos, começam a tornarem-se avermelhados e as árvores vão sumindo. Fileiras de casebres antigos vão surgindo, apinhados de arrendatários e operários – tristes, esfarrapados e sujos, na maioria, mesmo que, às vezes, a idade e a decadência tornem a cena pitoresca. Um jovem cumprimenta-nos. Tem vinte e dois anos e está casado há pouco. Até o ano passado teve boa sorte com seu arrendamento; então

estudo, recolheu informações que qualificavam aquelas pessoas como judias, mas que ele não tinha condições de afirmar se imigrantes russos judeus, realmente, integraram as levas dos que chegaram à Geórgia e que exploravam os negros no “Cinturão Negro”.

177 - Referência ao Antigo Testamento, A Terra Prometida (Exodo 6.1-5; Deuteronômio 11.5-32). Du Bois sugere o mesmo da Bíblia para o município de Dougherty, “A Terra Bela”.

o preço do algodão caiu, e o xerife confiscou e vendeu todo o seu produto. Assim, ele mudou-se para aqui, onde o aluguel é mais alto, a terra mais pobre, e o proprietário inflexível. Ele aluga uma mula de quarenta dólares, ao preço de vinte dólares por ano. Pobre rapaz! Um escravo aos vinte e dois anos. Essa fazenda, de propriedade de um *judeu russo* (mudado para estrangeiro), foi parte da famosa propriedade dos Bolton, que após a guerra, durante muitos anos, foi operada por grupos de negros convictos — e negros presidiários encontravam-se então em maior quantidade do que hoje; era uma maneira de fazer os negros trabalharem, assim que culpa era irrelevante. Terríveis são as histórias que se contam a respeito do tratamento desumano dispensado aos libertos acorrentados, mas as autoridades municipais mantinham-se surdas até que o mercado de mão de obra livre ficou praticamente arruinado pela migração maciça. Então, afastaram os presidiários das plantações – mas isto, depois que uma das melhores regiões de “Oakey Woods” foi destruída e arrasada, ficando um deserto vermelho, no qual apenas o ianque ou o *judeu* (alterado para estrangeiro) poderiam ainda espremer mais sangue de endividados e amaldiçoados peões.

Natural, assim, que Luke Black, lento, deprimido e desencorajado, se arraste até nossa carruagem, e fale-nos sem esperança. Por que deverá lutar? Cada ano que termina encontra-o atolado ainda mais em dívidas. Que estranha a Geórgia, o proclamado refúgio mundial de pobres endividados, tem de ligar-se à indolência, ao infortúnio, como a Inglaterra o fez, impiedosamente. A pobre terra geme, com a dor do parto, ao fazer germinar escassos quarenta e cinco quilos de algodão em pouco menos de meio hectare plantado, no mesmo lugar onde, cinquenta anos atrás, conseguiam oito vezes mais. Dessa pobre colheita, o arrendatário paga entre um quarto e um terço de aluguel e quase todo o restante emprega no pagamento de gêneros e suprimentos adquiridos a crédito. Vinte anos, até hoje, o negro velho, cara chupada, trabalhou sob esse sistema; e agora, transformado em trabalhador diarista, sustenta sua mulher e a si mesmo com salários de um dólar e meio por semana, recebido apenas em parte do ano.

A fazenda Bolton, de condenados, outrora incluía as plantações vizinhas. Ali, num grande edifício de madeira, existente mesmo hoje, os convictos eram alojados. Mantém-se ainda um lugar lúgubre, com fileiras de casebres, apinhadas de rudes e ignorantes peões. – “Quanto pagam de aluguel?”, indaguei. A resposta foi: – “Não sei! Quanto é isso, Sam?” Ao que este respondeu-lhe: – “Tudo o que recebemos”. É um lugar deprimente – desolado, sem sombra das árvores, sem qualquer ligação agradável com o passado – apenas a lembrança do trabalho humano forçado, agora, então e antes da guerra. Não são felizes, os negros que encontramos ao longo dessa região. Muito pouco há da alegria e diversão que se tende a associar ao negro das plantações. Na

melhor das hipóteses, sua natural boa índole é substituída, gradualmente, pela lamentação, ou transformou-se em mau humor e desânimo. E hoje, como então, espalha-se como uma intensa raiva, mesmo que velada. Lembro-me de um negro de grandes olhos vermelhos, que encontrei à margem da estrada. Havia trabalhado durante quarenta e cinco anos nessa fazenda, tendo iniciado com nada e, tendo conseguido até agora também nada. Para ser preciso, havia ensejado a quatro filhos ensino primário e, quem sabe, se a nova lei das cercas não tivesse permitido safras sem as cercas, em West Dougherty, ele poderia ter organizado uma pequena criação e ter progredido. Do jeito em que se encontrava, estava sempre, desesperadamente, endividado, desapontado e amargurado. Ele parou-nos para saber a respeito de um jovem negro que, em Albany, diziam haver sido baleado e morto por um policial, por estar falando alto no passeio de uma rua. Disse, então, devagar: – “Se um branco tocar em mim vai morrer; eu não aprego isto – não ando falando para todo mundo isto, nem à frente das crianças, mas se ocorrer vou agir. Vi chibatearem meu pai e minha velha mãe, nas alamedas dos algodoeiros, até que o sangue escorresse; por... – E fomos adiante.

Sears, todavia, que a seguir encontramos, indolentemente sob o frondosos carvalhos, era de outra fibra. Feliz? Sim; ele ria e brincava, jogando pedras, encarando o mundo como efetivamente era. Trabalhava ali havia doze anos e tinha nada mais do que uma mula arrendada. Filhos? Sim, sete; mas eles não freqüentaram a escola neste ano — Sears não teria como pagar livros e roupas, nem como abrir mão de seu trabalho. Vêem-se agora parte deles, três jovens grandes, seguindo para o campo, escarrapachados em mulas, e acompanhados de uma moça forte, com pernas amarronzadas à mostra. Negligente ignorância e preguiça, aqui; ódio feroz e ânsia de vingança acolá — aí estão os extremos da questão do negro como a encontramos nesse dia; e mal sabemos qual o melhor.

Aqui e ali encontramos personalidades diversas, distintas do comum. Um despontou por detrás de uma pedaço de terra recém arado, fazendo um grande desvio para evitar as cobras. Era um velho, rosto macilento, com uma face amarronzada, marcante e cansada. Tinha uma espécie de encantamento interior e um humor áspero impossível de ser descrito; uma certa sinceridade cínica que intrigava a qualquer um. “Os pretos tinham ciumes de mim, onde estive antes,” ele disse e acrescentou, “assim, eu e minha velha suplicamos por este pedaço de terra, no meio da mata, que eu mesmo clareei. Por dois anos não consegui nada da terra, mas vejo que meu primeiro plantio está acontecendo agora.” O algodão se mostrava alto e abundante, assim o elogiamos. Ele agradeceu, curvando a cabeça exageradamente, quase até o chão, com uma seriedade imperturbável, que aparentava como que algo suspeito. Então ele prosseguiu: “Minha

mula morreu na semana passada” – o que representa, por aqui, uma calamidade tão devastadora quanto é um incêndio na urbe – “mas um branco emprestou-me uma outra”. Em seguida acrescentou, fixando-nos: “Oh, sim, eu me dou bem como os brancos”. Mudamos de assunto. “Ursos? Veados?” – respondeu ele – “sim, eles estavam aqui”, e acrescentou um rosário de imprecações, à medida em que narrou uma série de histórias de caça nos banhadais. Lá ficou ele imóvel, no meio da estrada, olhando, enquanto nos afastávamos, mas deixando a impressão de que não existíamos.

O lar dos Whistle, que inclui um pequeno terreno, foi adquirido logo após a guerra, por um grupo inglês, chamado “Dixie Cotton and Corn Company¹⁷⁸”. Vivendo em grande estilo, o agente do grupo, com mordomos e carruagens de três pares, levou o empreendimento à falência. Ninguém ocupa atualmente a velha casa grande, mas alguém, todos os invernos, vem do Norte para recolher altos ganhos de arrendamento. Não sei o que é mais comovente, se antigas casas vazias, ou a casa dos filhos de antigos senhores. Tristes e amargas histórias se escondem por detrás dessas portas brancas – contos de pobreza, de disputas, de decepções. Uma revolução como aquela de 63¹⁷⁹ é algo de terrível, pois havia os que acordavam ainda ricos e deitavam-se à noite em leitos de miséria. Pedintes e vulgares especuladores passaram a ser seus patrões, e seus filhos se perderam. Vêem, adiante, uma casa colorida e triste, com seus casebres, cercas e plantações felizes? Não é feliz dentro de si; no mês passado, o filho pródigo do esforçado pai escreveu-lhe desde a cidade pedindo dinheiro. Dinheiro! Onde arranjaríamos esse dinheiro? Assim, o filho irrompeu à noite e matou seu nenê, matou sua mulher e suicidou-se. A vida continuou.

Recordo-me, contornando uma curva na estrada ao lado de uma graciosa porção de floresta e um riacho cantador. Uma casa extensa e baixa estava à nossa frente, com seu avarandado de pilares, uma pesada porta de carvalho e um amplo e cintilante gramado sob o sol vespertino. Mas as vidraças haviam desaparecido; os pilares foram atacados pelos cupins e o telhado, aos pedaços, estava quase caindo. Um tanto curioso espiei através da porta semi-aberta e o local onde, na parede do outro lado do vestíbulo, estava escrito, com graciosas letras, um agora desbotado “Bem vindo”.

178 - Companhia Dixie de Algodão e Milho.

179 - A referência aqui é à Emancipação.

É o noroeste de Dougherty um grande contraste face ao sudoeste desse município. Discretamente pontilhado de carvalhais e pinheirais, não possui nem a metade do aspecto luxuriantemente semitropical do sudoeste. Por isto, pouco são os sinais restantes de um passado romântico; sim, um sistema moderno de exploração intensa da terra e obtenção de dinheiro. Os brancos mostram-se mais em evidência nesta parte; a mais, fazendeiros e mão de obra contratada substituem, de certa forma, o ausente senhor de terras e arrendamentos exorbitantes. As plantações não têm nem o viço de uma terra rica, tampouco os sinais de negligência reiteradamente encontrados. Havia cercas e prados, aqui e ali. A maior parte dessa terra era pobre e, antes da guerra, estava abaixo do interesse do barão de escravos. Desde então, seus sobrinhos, os brancos pobres e os judeus (alterado para: parentes pobres e imigrantes estrangeiros) dela adonaram-se. O compensação dos fazendeiros é muito pequena para assegurar uma boa renda, mas, apesar disto, não se desfazem de suas pequenas propriedades. Lá está o negro Sanford; trabalhou quatorze anos como capataz para os Ladson, e “pagou por fertilizantes o bastante para comprar uma propriedade”, mas o proprietário não venderia nem uns poucos ares.

Dois filhos, um casal, capinam arduamente nos campos onde Corliss trabalha. De pele suave e marrom, ele está prendendo seus porcos. Já havia administrado com sucesso um descaroçador de algodão, mas a “Cotton Seed Oil Trust¹⁸⁰” empurrou para baixo o preço do descaroçamento, que ficou difícil mantê-lo funcionando. Ele apontou para uma grandiosa casa velha adiante, dizendo ser o lar de “Pa Willis”. Dirigimo-nos sofregamente para aquela direção pois “Pa Willis” era o Moisés negro, alto e poderoso, que havia conduzido os negros ao longo de uma geração e os havia guiado bem. Era um pregador batista, e, quando morreu, dois mil negros fizeram o séqüito que o conduziu até a sepultura. Atualmente, uma vez por ano, rezam um sermão fúnebre em sua homenagem. Sua viúva ainda mora aqui – uma mulher pequena, bem posta, descarnada, que fez uma mesura estranha enquanto a cumprimentávamos. Mais adiante mora Jack Delson, o fazendeiro negro mais próspero do município. É um momento de alegria encontrá-lo – grande, de ombros largos, um negro vistoso, inteligente e jovial. Possui duzentos e quarenta hectares, bem como onze peões negros, uma casa ajeitada e bem posta, aninhada num jardim florido, e uma pequena loja integram a propriedade.

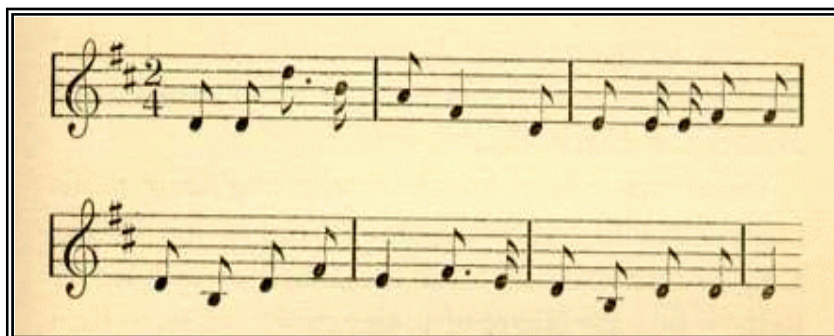
180 - Truste de Óleo e Sementes de Algodão.

Passamos pelo lar dos Munson, onde uma corajosa viúva branca arrenda e moureja; e pelos quatrocentos e quarenta e cinco hectares da fazenda Sennet, com seu capataz negro. Então a aparência das fazendas começou a mudar. Praticamente, todas pertencem a judeus russos¹⁸¹, os capatazes são brancos e os casebres são humildes casas de madeira, espalhadas aqui e ali. Os arrendamentos são caros, abundando o trabalho de diaristas e “contratos”. A luta pela vida, aqui, é brava e sofrida, fazendo com que poucos parem para conversar. Cansados pela longa viagem, satisfeitos entramos em Gillonsville. É um quieto ajuntamento de sítios, postado numa encruzilhada, com uma loja fechada e a outra mantida por um pregador negro. Falaram de grandes eventos, de tempos movimentados, antes da chegada à Albany da ferrovia – agora é sobremodo uma recordação. Caminhando pela rua, paramos na propriedade do pregador, sentando-nos à porta. Ocorreu uma daquelas cenas de que tão cedo não nos iremos esquecer: uma casa larga, baixa, cujo telhado protetor se espalhava em direção ao solo, vindo a cobrir um pequeno e bem posto avarandado. Após a longa e abrasadora caminhada, bebendo água fresca, nos sentamos: o falastrão caixeiro que tem sido meu companheiro de todos os dias; uma quieta negra velha a coser remendos em pantalonas, sem dizer palavra; certa imagem de desamparo, na pessoa que apareceu apenas para olhar o pregador; finalmente, a bem-posta e matronal esposa do pregador – roliça, tez amarelada e inteligente. “Temos a terra?”, disse a esposa; “bem, apenas esta casa”, ela aduziu.. E então acrescentou docemente: “Nós adquirimos duzentos e oitenta hectares lá adiante e os pagamos; mas eles nos fizeram de tolos. O proprietário era Sells”. “Sells!”, ecoou, em desencantamento, o pregador, que se amparava na balaustrada do avarandado: “ele é um contumaz trapaceiro. Trabalhei para ele trinta e sete dias nesta primavera e ele pagou-me com cheques a serem liquidados no fim do mês. Mas ele nunca os honrou, sempre me evitando. Então, sem dinheiro, o xerife apareceu e confiscou minha mula, milho e móveis.” – Móveis? Indaguei. Móveis não podem ser penhorados, por lei. “Bom, mesmo assim ele os levou”, concluiu aquele homem de expressão dura.

181 - Du Bois mantém esta expressão na edição de 1953. Por que assim agiu não ficou claro.

VIII

SOBRE O DESAFIO DO VELOCINO DOURADO



Mas a Besta disse em seu íntimo: “Até que os moinhos que mô tenham cessado,
As riquezas serão pó da poeira, cinzas secas serão o banquete!

*“Sobre os poucos fortes e astutos,
Cínicos favores vou espalhar;
Encherei seus buchos com supérfluos até a morte de seus espíritos;
Dos resignados e dos humildes,
Tirarei o prazer que conhecem;
Eles tinirão atrás de vaidade, e ainda sem fome seguirão.
Louco estará o povo; terrível ciumeira despontará;
O sangue de irmão chorará sobre irmão para céus mortos e vazios”.*

William Vaughn Moody

Você já viu um campo de algodão todo branco, em plena colheita – é o velocino dourado pairando sobre a terra negra, como uma nuvem prateada debruada com verde escuro; seus tufos brancos atrevidos a abanar como uma onda de espuma desde a Carolina até o Texas, através de um Mar Negro e humano? Tenho uma quase suspeita, às vezes, de que, aqui, o carneiro alado *Chrysomallus* abandonou o velo à procura do qual Jasão e seus argonautas se deslocaram, tateando, no obscuro Leste, três mil anos atrás; e certamente alguém poderá enquadrar como uma analogia plausível – de feitiçaria e dentes de dragão, sangue e homens armados – entre a antiga e a moderna

Saga do Velocino Dourado¹⁸² e o Mar Negro.

Agora o velocino de ouro pode ser achado; não apenas encontrado, mas, em seu nascedouro, tecido. Posto que o zunido dos engenhos de algodão é o que há de mais significativo no Novo Sul, em dias de hoje. Das Carolinas, passando pela Geórgia, em direção ao México, surgem edifícios avermelhados, despojados e sem atrativos, todavia ruidosos e ativos, que não parecem pertencer à terra modorrenta e indolente. Talvez tenham se originado dos dentes do dragão. Assim, o Reino do Algodão ainda está vivo; o mundo ainda se curva sob seu cetro. Até mesmo os comerciantes que um dia desafiaram o *parvenu*¹⁸³ marchavam um por um através dos mares e, então, devagar e relutante, mas firmemente, se iniciaram através do Cinturão Negro.

Para ser preciso, existem aqueles que mexem com a cabeça mostrando sapiência, dizendo-nos que a capital do Reino do Algodão mudou-se do Cinturão Negro para o Cinturão Branco; que o negro hoje em dia é responsável por não mais do que a metade da produção de algodão. Tais pessoas esquecem-se que a produção de algodão duplicou – e mais do que dobrou – desde os tempos da escravidão; e que, mesmo admitindo seu ponto de vista, o negro ainda é o máximo num reino maior do que aquele em que a Confederação edificou suas esperanças. Assim, o negro se constitui numa das mais importantes figuras no grande mundo industrial; e isto, por si só, e à luz de interesses históricos, faz da mão de obra das lavouras de algodão merecedora de estudo.

Raro é estudar-se honesta e cuidadosamente a condição de vida do negro hoje em dia. É muito mais fácil supor-se que sabemos tudo. Ou quem sabe, já tendo chegado à conclusões em nossas mentes, relutamos em vê-las alteradas pelos fatos. E então, quão pouco realmente sabemos desses milhões, de suas vidas, de suas esperanças, de suas alegrias e tristezas domésticas, de suas reais deficiências e o significado de seus crimes! A tudo isto somente poderemos conhecer quando numa íntima convivência com essas massas, e não com argumentos por atacado que se referem a milhões, uns distantes dos outros no tempo e no espaço, e diferindo em muito quanto à formação e cultura. Hoje, então, meu leitor, que volvamos nossas faces para o Cinturão Negro da

182 - Aqui, Du Bois vale-se da mitologia grega, na história de Jasão, seu navio Argo e os argonautas que viajaram para a Cólquida em busca do Velocino Dourado. Para conquistar o velo, Jasão teve de cangar dois touros terríveis que expeliam fogo pelas narinas; de arar e plantar o campo de Ares com os dentes de um dragão; de lutar com defensores armados, que irromperam desses dentes e, por fim, conquistar o dragão adormecido, guardião da árvore da qual pendia o tosão. Jasão venceu todas estas etapas com o auxílio de feitiçaria produzida por Medéia, filha do rei da Cólquida, com quem se casou adiante.

183 - Arrivista.

Geórgia e busquemos simplesmente saber a condição dos agricultores negros em qualquer de seus municípios.

Aqui, em 1890, viviam dez mil negros e dois mil brancos. O município é rico, ainda que seu povo seja pobre. A nota tônica do Cinturão Negro é o débito; não o crédito comercial, mas o dever no sentido de permanente incapacidade de parte das massas populacionais de conseguir fazer a receita superar a despesa. Esta é a herança direta do Sul, adquirida de economias de desperdício do *régime* escravocrata; mas isto se magnificou e levou a uma crise quando da emancipação dos escravos. Em 1860, o município de Dougherty tinha seis mil escravos, que valiam pelo menos dois e meio milhões de dólares; o valor das plantações era estimado em três milhões – havia, assim, um patrimônio de cinco e meio milhões de dólares, valor este que dependia, em grande parte, do sistema de escravidão, e na demanda especulativa por terras outrora magnificamente ricas, mas agora já parcialmente desvitalizadas pelo emprego de uma agricultura negligente e exaustiva. A guerra, então, significou um desastre financeiro. Ao invés dos cinco e meio milhões de 1860, restavam em 1870 apenas fazendas que podiam ser avaliadas em menos de dois milhões. E, também, surgiu e cresceu uma forte competição na cultura do algodão, com o uso das terras férteis do Texas. Uma constante queda no preço normal do algodão se seguiu, da ordem de 14 centavos a libra massa, em 1860, até chegar a quatro centavos em 1898. Uma revolução financeira desse porte é que arrastou os proprietários do cinturão de algodão ao endividamento. E se as coisas estavam ruins para o senhor, quão piores estavam para o homem?¹⁸⁴

As fazendas de Dougherty, nos dias da escravatura, não eram tão imponentes e aristocráticas como às da Virgínia. A Casa Grande era menor e geralmente de apenas um andar, e ficava mais próxima dos casebres dos escravos. Algumas vezes esses casebres se alongavam em duas fileiras, como asas; noutra, apenas em um lado, formando uma fila dupla, ou margeando uma alameda que adentrava a fazenda a partir do acesso principal. O modelo e a disposição dos casebres dos trabalhadores por todo o Cinturão Negro é a mesma daquelas dos dias da escravidão. Alguns ainda vivem no mesmo casebre original, outros em cabanas que foram reconstruídas nos locais das antecessoras. Encontram-se, comumente, espalhadas em pequenos grupos, sobre o terreno, envolvendo ainda alguma decadente “casa grande”, onde o principal arrendatário ou um agente reside. O aspecto do que resta dessas casas mantém-se no seu todo inalterado. Havia, em 1898, no município, no exterior do centro de Albany, cerca de quinze mil famílias de negros. Dentre todos estes, apenas uma única família ocupava uma casa de sete cômodos; apenas quatorze

184 - “Sobre os filhos do Senhor e do Homem”, é o título do capítulo seguinte. Homem é a forma como Du Bois se refere ao liberto, ao trabalhador dos campos no pós escravidão e também ao negro urbano.

dispunham de quatro peças ou mais. A maioria habitava casas de um ou dois cômodos.

A forma como as pessoas ordenavam suas casas não se constitui em injusto índice de sua condição. Se, então, examinamos mais cuidadosamente esses lares de negros, constataremos que são insatisfatórios. Por toda a propriedade, espalham-se os casebres de um cômodo – aqui, à sombra da casa grande, ali debruçados sobre a via empoeirada, acolá emergindo escuros e sombrios em meio ao verde algodão. São, quase sempre, velhos e despojados, construídos de madeiras cruas, não sendo nem rebocados, tampouco possuem forro. Luz e ventilação são obtidas pela única porta e pelo buraco quadrado existente na parede, com seus tampões em madeira. Não têm vidros, varanda ou qualquer ornamento exterior. Internamente encontra-se um fogão, preto e fuliginoso, geralmente guenzo, pela uso. Uma cama ou duas, uma mesa, um baú de madeira, e umas poucas cadeiras, compõem o mobiliário; enquanto um folheto desgarrado ou um recorte de jornal velho, complementam a decoração das paredes. Aqui e ali, se pode encontrar um casebre mantido cuidadosamente ordenado, com um estimulante e vaporoso fogão e uma porta de entrada acolhedora; mas, na maioria, são sujos e deteriorados, exalando odor de comida e suor humano, pobremente ventilados, sendo tudo, menos um lar.

Acima de tudo, as cabanas são congestionadas de gente. Tão pequeno é nosso conhecimento da vida no campo que pensávamos ser o superpovoamento uma quase exclusividade dos lares urbanos. Aqui, em Dougherty, podem ser encontradas famílias de oito ou dez pessoas ocupando um ou dois cômodos, sendo que para os negros a média é de vinte e cinco pessoas para cada grupo de dez cômodos. Os mais abomináveis cortiços de Nova York não abrigam mais do que a média de vinte e duas pessoas para cada dez peças. É bem verdade que um cômodo de cidade, sem área externa, é, em muitos aspectos, pior do que um semelhante no interior, mais largo. Mas o cidadão pode levar vantagem ao contar com janelas de vidro, uma chaminé decente, além de um piso adequado. A vantagem distinta do peão negro é que ele pode passar grande parte de sua vida fora da choupana, ao ar livre.

Existem quatro causas principais para essas habitações arruinadas: primeiro, antigo costume, do tempo da escravidão, faz com que as piores habitações sejam destinadas aos negros; os trabalhadores brancos recebiam melhores acomodações, fazendo com que, por essa ou razões similares, retribuíssem com melhor produtividade. Segundo: acostumados com tais acomodações, os negros não tinham como pedir por melhores condições, simplesmente porque não conheciam coisa melhor. Terceiro: os proprietários ainda não tinham a noção de que é bom negócio investir na melhora de vida dos operários, com a utilização de judiciosos conceitos; de que a um trabalhador negro rural que solicitasse três cômodos e cinquenta centavos de salário por dia resultaria na

devolução de trabalho eficiente, deixando, assim, uma maior margem de lucro para o fazendeiro, do que um desalentado trabalhador que vive com sua família num cômodo e que moureja por trinta centavos. Finalmente, vivendo em tais circunstâncias existem poucas condições para que o trabalhador se torne um melhor agricultor. Se ele é ambicioso, muda-se para a cidade ou tenta outro emprego, pois como arrendatário sua perspectiva é praticamente irrealizável; então, encarando a situação como temporária, aceita sem contestação o abrigo que lhe é dado.

Nessas habitações, então, vivem os peões negros. As famílias são tanto grandes quanto pequenas; muitos são sozinhos – viúvos, solteiros e remanescentes de grupos dispersos. O sistema de trabalho e o tamanho das casas, ambos induzem ao esfacelamento dos grupos familiares: meninos que se tornam adultos partem como contratados ou migram para as cidades, suas irmãs vão ser domésticas. Assim, encontram-se famílias com legiões de crianças, e jovens recém-casados, mas, comparativamente, poucas famílias com filhos adolescentes ou adultos. O tamanho médio da família de negros decresceu indubitavelmente desde a guerra, essencialmente pela tensão econômica. Na Rússia, mais de um terço dos noivos e mais da metade das noivas têm menos de vinte anos; o mesmo ocorria para os negros antes da guerra¹⁸⁵ Hoje, todavia, poucos dos rapazes e um quinto das moças negras com menos de vinte anos são casados. Os jovens, homens, casam-se numa faixa entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos de idade; enquanto as mulheres, entre vinte e trinta anos. Tal protelação deve-se à dificuldade de ganho suficiente para estabelecer e manter uma família, o que, indubitavelmente, conduz, nos distritos rurais, à imoralidade sexual. A forma dessa imoralidade, contudo, é mais escassa do que a prostituição e, freqüentemente, menos ainda do que a bastardia. Mostra-se, sim, mais sob a forma da separação e abandono, após a constituição da família. O número de pessoas separadas é de trinta e cinco por milhar — algo expressivo. Será injusto comparar esses números com as estatísticas referentes ao divórcio, pois muitas dessas mulheres separadas, conhecida fosse a verdade, são viúvas; e noutros casos a separação não é permanente. Apesar disto, aqui se assenta a base de um grande perigo moral. Existe pouca ou nenhuma prostituição entre esses negros, e três quartos das famílias, a partir de investigação de casa em casa, merecem ser classificadas como decentes, com um considerável apreço pela castidade feminina. Para ser preciso, as idéias generalizadas não se adequariam à Nova Inglaterra, e existem muitos hábitos e noções liberais. Mesmo assim, a média da bastardia é indubitavelmente menor do que na Áustria ou na Itália, e as mulheres, como classe,

185 - Neste capítulo e no próximo, Du Bois compara os negros sulistas com os camponeses russos fazendo interessante uso do termo "servidão". Os escravos russos foram emancipados em 1861, enquanto que os escravos americanos o foram entre 1863-1865. Para um estudo comparativo de escravidão e servidão busque consultar Peter Kolchin, em *Unfree Labor: American Slavery and Russian Serfdom* (Cambridge: Harvard University Press, 1987). Para uma perspectiva literária comparada entre Du Bois e o escritor russo Fyodor Dostoevsky, consulte, de Dale E. Peterson, *Notes from the Underworld: Dostoevsky, Du Bois, and the Discovery of Ethnic Soul*, em *Massachusetts Review* 35 (Verão 1994) 225 – 49.

são recatadas. O mal da moda nas relações sexuais é o casamento e a separação fáceis. Nisto, não se tem progresso acelerado, tampouco um fruto da Emancipação. É pura herança da Escravidão. Naqueles tempos, Sam, com o consentimento de seu amo, “ajuntava-se” à Mary. Não havia qualquer cerimônia; e, na vida atarefada da grande plantação do Cinturão Negro, o ato formal era largamente ignorado. Agora, se o amo viesse a necessitar do trabalho de Sam noutra canto da lavoura, ou se o vendesse para alguém, então a vida matrimonial com Mary seria desfeita, também sem qualquer cerimônia. Então, tornava-se do interesse do amo que ambos, Sam e Mary, encontrassem novos parceiros. Este costume amplamente difundido ao longo de dois séculos não iria ser erradicado em apenas trinta anos. Atualmente, o neto de Sam “ajunta-se” com uma mulher, sem licença ou cerimônia; eles vivem juntos, honesta e decentemente, e são, para todos os efeitos, marido e mulher. Muitas vezes essas uniões não se rompem até a morte; mas, freqüentemente, brigas familiares, um andarilho romântico, um rival sedutor, ou, mais amiúde, a luta inglória para manter uma família, levam à separação — e um lar desfeito é o resultado. A igreja dos negros tem feito muito para terminar com esta prática, assim que agora a maioria dos casamentos são celebrados pelos pastores. Entretanto, o mal está disseminado, e apenas a melhoria geral das condições de vida dos negros haverá de resolvê-lo.

Olhando, assim, a população rural negra como um todo, é justo caracterizá-la como pobre e ignorante. Talvez dez por cento sejam os prósperos e os melhores trabalhadores, enquanto que nove por cento são lascivos e depravados. Os demais, cerca de oitenta por cento, são pobres e ignorantes, honestos, bem intencionados, laboriosos e, num certo grau, desambiciosos, com algum, mas não intenso, ardor sexual. Estes parâmetros não são rígidos, eles variam, pode quase ser dito, de acordo com o preço do algodão. O grau de ignorância não pode ser facilmente expresso. Pode-se dizer, por exemplo, que dois terços deles não sabem ler nem escrever. Isto apenas parcialmente enuncia o fato. Eles são ignorantes sobre o mundo que os cerca, da moderna organização econômica, da missão do governo, do valor e de oportunidade individuais — de praticamente todas estas coisas que a escravidão, em autodefesa, os manteve afastados de saber. Muito daquilo que o jovem branco, ainda incipiente, absorve em seu meio social vai se constituir nos enigmas que o negro enfrentará quando adulto. América não se constitui numa outra palavra a substituir Oportunidade para *todos* os seus filhos.

É fácil perdermo-nos em detalhes, no afã de apreender e compreender as reais condições de uma multidão de seres humanos. Comumente nos esquecemos que cada indivíduo nesse conjunto é uma pulsátil alma humana. Pode ser ignorante, atacado pela pobreza, negro, curioso em seu jeito e pensamento; não obstante, ele ama e odeia, pena e cansa, ri e chora lágrima de fel, e olha numa

vaga e espantosa ânsia para o horizonte cinzento de sua vida — tudo, como você e eu. Esses milhares de negros, em verdade, não são preguiçosos; são improvidentes e descuidados; insistem em quebrar a monotonia do trabalho pesado com fugidas à grande cidade, nos sábados; entre eles estão os seus vadios e os malandros. A grande maioria entretanto trabalha contínua e seriamente em busca de retribuição, e o faz em circunstância que, se exigirem semelhante esforço voluntário, poucas, ou de nenhuma outra classe trabalhadora de hoje, o fará. Mais de oitenta e oito por cento deles, homens mulheres e crianças, são agricultores. De fato, esta é praticamente a única atividade. A maioria das crianças vai para a escola “após a semeadura”, e muito poucos são os que permanecem freqüentando a escola na primavera, quando da brotação, e sua exigência de labor. O trabalho infantil é aqui encontrado em sua pior fase, gerando a ignorância e interferindo no desenvolvimento físico. Para os homens do município há uma escassa variedade de trabalho: mil e trezentos são agricultores, e duzentos são operários, carroceiros etc., inclusive vinte e quatro artesãos, dez comerciantes, vinte e um pastores e quatro professores. Este estreito universo chega ao máximo entre as mulheres: mil trezentas e cinqüenta trabalham no campo, uma centena são domésticas e lavadeiras, ficando sessenta e cinco donas de casa, oito mestras e seis costureiras

Dentre esta gente não havia a classe do lazer¹⁸⁶. É comum que nos esqueçamos que nos Estados Unidos mais da metade dos jovens e adultos não se encontram no universo dos que têm renda, senão que estão em casa compondo um lar, aprendendo sobre o mundo ou descansando após o calor da contenda. Mas aqui, noventa e seis por centos se encontram no trabalho; ninguém desfruta de um lazer que possa transformar a despojada e triste cabana num lar. Não haverá nenhum velho para sentar-se à beira do fogo e transmitir as tradições de ontem — e pouco da infância alegre e da mocidade com sonhos. A tediosa monotonia do trabalho diário é quebrada, apenas, pela jovialidade dos imprevidentes e o passeio nos sábados à cidade. O trabalho, como todo a tarefa na fazenda, é monótono; a mais, aqui poucas são as máquinas empregadas para aliviar o fardo da labuta. Mas, com tudo isto, o trabalho se dá ao ar livre, o que é importante em dias

186 - Em usando a expressão “classe do lazer”, Du Bois talvez esteja pressupondo familiaridade de seus leitores com a obra clássica em Economia, *The Theory of the Leisure Class*, de Thorstein Veblen (Controversial American economist. Thorstein Veblen (1857-1929). Embora não mencione esse autor pelo nome, usa os termos que ecoam a caracterização de “prazer” contida na obra daquele escritor. (in David W. Blight and Robert Gooding-Williams)

de escasso ar fresco.

A terra, no todo, apesar do longo abuso, é ainda fértil. Durante nove ou dez meses, se exigida, ensejará colheitas: jardins hortícolas, em abril; grãos, em maio; melões, em junho e julho; forragens em agosto; batatas-doces em setembro e, daí até o Natal, algodão. A mais, em dois terços da terra tem-se a monocultura, que torna os trabalhadores insolventes. Por quê?

Adiante, na estrada Baysan, onde amplas planícies são flanqueadas por grandes florestas de carvalhos, está uma lavoura: muitos milhares de hectares para explorar, aqui e ali, e também além da grande mata. Um mil e trezentos seres humanos aqui obedeceram ao chamado de um – estivesse lá presente ou muito em espírito. Um deles ainda lá vive – homem baixo e atarracado, de face obtusa amarronzada, cabelos embranquecendo, duros e crespos. As colheitas? “Apenas razoáveis”, ele informou para repetir: “Apenas razoáveis”. Melhorando? Não, ele não estava progredindo em nada. Smith, de Albany, o “abastece” e sua renda é oitocentas libras massa de algodão. Com isto não dá para fazer nada. Por que ele não adquire a terra? *Hum!* Dinheiro é preciso para isto. Ele se vai. Livre. O mais patético em meio à toda a ruína negra dos tempos da guerra, dentre às fortunas dos senhores dilaceradas, às sufocadas esperanças de mães e jovens mulheres, e a queda de um império – o mais lamentável em meio a tudo isto é o negro liberto que pôs de lado sua enxada porque todos disseram que era livre. O que esse arremedo de liberdade significa? Nem um centavo de dinheiro, nem uma metro de terra, nem um bocado de mantimentos – sequer a posse dos farrapos que carregava. Livre! Aos sábados, uma ou duas vezes por mês, o antigo amo, antes da guerra, costumava distribuir tocinho e farinha para os seus negros. Porém, após o primeiro jorro de liberdade se esvaiu, e o verdadeiro desamparo manifestou-se no liberto, ele retrocedeu e apanhou sua enxada, e o antigo amo continuou distribuindo tocinho e farinha. A forma legal de trabalho era, em teoria, muito diferente; na prática, tarefa ou “colheita¹⁸⁷” foi substituída por empreitada diária, mourejada por grupos de trabalhadores. Assim, o escravo, gradualmente, se

187 - Du Bois usa no original “cropping” ou “sharecropping” para se referir à primeira forma como os libertos intervieram no processo econômico. Plantavam para os donos da terra e recebiam, anualmente, pela empreitada, geralmente, um quinto da colheita. (in David W. Blight and Robert Gooding-Williams)

tornava um *metayer*¹⁸⁸, ou arrendatário nas colheitas, nominalmente; mas, em verdade, era um trabalhador sem salário determinado.

A mais, o preço do algodão caiu e gradativamente os proprietários das terras abandonaram suas lavouras, dando ensejo ao início do reino dos comerciantes. O comerciante no Cinturão Negro é uma instituição muito peculiar – em parte banqueiro, em parte dono de terras, em parte construtor, em parte déspota. Sua loja, mais comumente plantada na periferia – em cruzamentos de estradas, tornando-se o centro de uma vila semanal – moveu-se para a cidade, fazendo com que o negro arrendatário o seguisse. O comerciante tem de tudo – roupas e calçados, café e açúcar, porco e farinha, alimentos secos e enlatados, carroças e arados, sementes e fertilizantes – e aquilo que ele não tem em estoque pode ser conseguido através de uma ordem sua em favor de outro comerciante adiante. Vem, agora, o arrendatário Sam Scott, após haver contratado com o agente de um dono de terras o arrendamento de dezesseis hectares de terra, seus dedos nervosos tamborilam no chapéu enquanto aguarda que o comerciante termine sua prosa matutina com o coronel Sanders. Chama-o, então: “Sim, Sam, o que desejas?”. Sam deseja que ele o “abasteça”, isto é, que lhe entregue adiantado gêneros e bens de consumo para o ano e, talvez, sementes e implementos agrícolas, até a colheita e venda de sua safra. Se o comerciante achar que Sam merece fé, então ambos irão até um advogado, onde este se comprometerá com o penhor de sua carroça e da mula, em troca de sementes e uma semana de víveres. Tão logo as folhas verdes do algodoeiro despontem acima do solo, outro penhor será feito, então, sob a “colheita”. A partir daí, todos os sábados, Sam aparecerá na loja do comerciante para recolher seus “víveres”. Uma família de cinco pessoas, de regra, recebe cerca de quinze quilos de carne gorda de porco e uns setenta quilos de fubá por mês. Além disto, roupas e calçados também serão fornecidos. Se Sam ou alguém de sua família adoecer, juntam-se contas de médico e farmácia. Se a mula precisa de ferraduras, também acrescentam-se despesas com o ferreiro etc. Se Sam é operoso, e sua safra aparenta ser promissora, então o comerciante o estimula a endividar-se: mais açúcar, mais roupas, talvez até uma charrete. Raramente, contudo, é aconselhado a economizar. Quando o algodão aumentou em dez centavos no último outono, os astutos comerciantes de Dougherty venderam milhares de charretes em apenas uma estação, na maioria para os negros.

A garantia oferecida para tais transações — uma safra e um penhor — parece, em princípio,

188 - Uma outra palavra para “sharecropper”, antes referida.

ser inexpressiva. E, em verdade, os comerciantes contam histórias verídicas de despreparo e trapaça; de algodão colhido à noite, de mulas desaparecendo e de arrendatários evadindo-se. Não obstante, no todo, os mercadores do Cinturão Negro são os mais ricos da zona. Com competência eles forçaram os limites da lei sobre o arrendatário, que o negro tem simplesmente que optar entre a miséria e o crime. Ele “abre mão”, no contrato, de todas as garantias legais de impenhorabilidade; ele não pode dispor da lavoura penhorada, que, por lei, fica sob quase total controle do dono da terra e do comerciante. Enquanto a plantação está crescendo o comerciante cuida-a com olhos de um gavião; assim que está pronta para comercialização, dela se apodera: vende-a, paga ao arrendador a renda, desconta os suprimentos e as notas de pagamentos que efetivou. Ao fim, se algo sobrou, como às vezes acontece, entrega este produto ao servo negro, para celebrações de Natal.

***O resultado direto deste sistema é um esquema de monocultura do algodão e a permanente falência do arrendatário. A moeda do Cinturão Negro é o algodão. Trata-se de uma cultura de grande liquidez, pouco afetada por flutuações de preço ao longo do ano e, a mais, dominada tecnicamente pelos negros. Assim, o arrendador deseja sua renda em algodão e os comerciante ajustarão os penhores e hipotecas em nenhuma outra moeda. Não tem sentido, assim, pedir ao colono que diversifique o plantio — não o fará dentro de tal sistema. A mais, o sistema tende a falir o arrendatário. Recordo-me, certa feita, haver cruzado com uma carroça puxada por uma mula, na estrada do rio, dirigida descuidadamente por um jovem negro — os cotovelos sobre as coxas. Ia acompanhado de sua mulher, de rosto bem preto, imperturbável, silente. — Alô! — gritou o meu condutor, com seu jeito insolente de se dirigir àquele povo, embora parecesse que eles estavam acostumados a isto — o que conseguiste lá?

— Carne e farinha — respondeu o homem, parando. A farinha, em uma saca branca, estava depositada, boca aberta, na caçamba da carroça, junto com uma grande manta de gordura suína recamada com sal.

— Quanto pagaste pela carne?

— Dez centavos a libra. — Poderia tê-la comprado por seis ou sete centavos à vista.

— E pelo fubá?

— Dois dólares. — Um dólar e dez centavos era o preço à vista na cidade, e aqui tínhamos um homem pagando cinco dólares por mercadorias que as poderia ter comprado por três dólares à vista, e economizado um dólar ou dólar e meio.

Mas isto não é por culpa sua. O agricultor negro partiu já atrás — começou em débito. Esta não foi sua escolha, mas o crime é desta nação negligente, que convive com as tragédias da

Reconstrução, com os interlúdios da Guerra Espanhola e com as matinés das Filipinas¹⁸⁹, como se Deus realmente estivesse morto. Uma vez endividada, não é nada fácil para uma raça emergir.

Em 1898, ano de preço baixo do algodão, de um total de trezentas famílias de arrendatários, cento e setenta e cinco terminaram o ano trabalhando em débito, num montante de um mil e quatrocentos dólares; cinquenta não tiveram lucro nem prejuízo, e as restantes setenta e cinco, conseguiram um lucro líquido de um mil e seiscentos dólares. O endividamento seguinte das famílias de colonos negros em todo o município pode ter sido de sessenta mil dólares. Em anos mais prósperos a situação pode ter sido muito melhor; mas, em média, a maioria dos arrendatários terminam o ano empatados ou em débito, o que vale dizer que trabalham por mesa e vestimenta. Uma organização econômica assim está completamente errada. De quem é a culpa? As causas que embasam esta situação são complicadas, mas discerníveis. E uma das principais, à margem do desinteresse da nação em permitir que o escravo começasse sem nada, é a opinião corrente entre os comerciantes e empregados do Cinturão Negro, de que apenas pela escravidão do débito é que o negro pode ser mantido trabalhando. Sem dúvida, alguma pressão se fez necessária, no início do sistema de “trabalho-livre”, para manter os apáticos e preguiçosos trabalhando. Mesmo hoje em dia, grande parte dos trabalhadores negros exigem uma maior vigilância do que a maioria dos trabalhadores nortistas. Atrás desta honesta e disseminada opinião, desonestidade e o ludíbrio desses trabalhadores têm o ensejo de se asilar. E a tudo isto deve ser acrescido o fato óbvio de que uma ancestralidade de cativo e um sistema brutal de trabalho não melhoraram a eficiência ou temperamento da massa de trabalhadores negros. Nem é peculiar ao Sambo¹⁹⁰. Em termos de história é tão verídico quanto as histórias da carochinha. Esta, assim, a situação atual das gentes negras no Cinturão Negro, e elas disto têm consciência. Crime e socialismo barato e perigoso, são os inevitáveis resultados dessa consciência. Vejo agora aquele negro esfarrapado, sentado num toco, desolado, talhando um galho. Ele murmurou-me, com o sussurro de muitas épocas, quando disse: “O branco descansa o ano inteiro; o preto trabalha dia e noite para produzir a safra; o preto dificilmente consegue pão e carne; o branco descansando, consegue tudo. *Não está certo!*” E o que fazem os negros em melhor situação para mudar isto? Uma ou duas coisas: se é possível, compram a terra; se não conseguem, mudam-se para a cidade. Da mesma forma como séculos atrás, não é fácil para o servo escapar para a liberdade da vida urbana, mesmo hoje empecilhos jazem no caminho do trabalhador rural. Em consideráveis partes dos estados do Golfo, especialmente no

189 - As referências aqui se dão ao período de Reconstrução, pós-Guerra Civil, à guerra contra a Espanha e ao envolvimento dos Estados Unidos nas Filipinas. A alusão a seguir na mesma linha de que “realmente Deus estaria morto”, “*Gott ist tot*”, Du Bois busca -a no livro de Nietzsche, *Die Fröhliche Wissenschaft*, publicado em 1882.

190 - O nome Sambo, utilizado em países da América do Sul, está sempre associada com a idéia racista de que os afro-americanos são preguiçosos, irresponsáveis e propensos a um temperamento infantil.

Mississippi, Louisiana e Arkansas, os negros das lavouras mais afastadas são mantidos, ainda, em trabalho forçado, praticamente sem receber salários. E isto é mais verdade em distritos onde os fazendeiros são brancos pobres e iletrados, e os negros estão muito afastados de escolas e de um contato com seus irmãos mais adiantados. Se um peão vai embora, o delegado, escolhido pelos brancos, sem maiores indagações, o traz de volta. Se ele foge para outro município, uma acusação menor de furto, facilmente arranjada, pode ser o bastante para trazê-lo de volta. Mesmo se alguma pessoa melhor intencionada insista num julgamento, um grupo de jurados vizinhos possivelmente fará com que a acusação de torne em pena. E a execução da pena, trabalho para o município, será pago pelo patrão, que entretanto ficará com a mão de obra. Este sistema é impossível nas partes mais civilizadas do Sul, ou próximo às maiores cidades; mas em imensas partes do país, além das linhas telefônicas e dos jornais, o espírito da Décima Terceira Emenda¹⁹¹ é, tristemente, subvertido. Tem-se aí os mais baixos níveis econômicos da *peonagem* negra americana; e num estudo da origem e condição do negro liberto devemos delinear seu progresso econômico a partir desta moderna servidão.

Mesmo nos distritos melhor organizados do Sul a movimentação livre dos trabalhadores rurais é obstaculizada pelas leis dos agentes de migração¹⁹². A *Associated Press*¹⁹³ recentemente deu conta ao mundo da prisão de um jovem branco, no sul da Geórgia, que era o representante da empresa “*Naval Supplies Company*”, e que “foi apanhado no ato de atrair mão de obra da fazenda de terebitina do sr. John Greer”. O crime pelo qual o jovem havia sido preso gerou uma pena de quinhentos dólares por cada um dos distritos onde o agente havia tentado conseguir mão de obra para trabalhar fora do estado. Assim, pelas leis de praticamente todos os estados sulistas, cresce, e não diminui, a ignorância do negro da existência de um mercado de mão de obra logo além de sua própria vizinhança.

Similar a tais medidas é a lei informal em voga nos distritos e pequenas cidades do Sul, segundo a qual o caráter do negro desconhecido deve ser avalizado por algum branco. Tem-se aí o renascimento do antigo conceito romano de patronato, sob a proteção do qual se põe o homem recém tornado liberto. Em muitos casos este sistema foi benéfico para o negro, posto que sob a proteção e orientação da família do antigo amo, ou amigos deste, o liberto conseguiu evoluir econômica e moralmente. Mas este sistema resultou, em outros casos, na recusa de comunidades inteiras de reconhecer o direito que tem um negro de mudar de residência e ser senhor de seu

191 - Emenda à Constituição dos EUA, de 1865, que aboliu a escravidão.

192 - Estados sulistas dispunham de leis especiais que impunham obstáculos à movimentação de trabalhadores através de suas fronteiras. Esta era uma forma de manter os negros confinados à atividade rural em seus distritos de origem.

193 - Agência de notícias.

destino. Um negro desconhecido no município de Baker, Geórgia, transitando por local público, pode ser parado e constrangido a informar de suas atividades para qualquer branco que o queira interrogar. E se não conseguir dar uma resposta adequada, ou demonstrar ser muito altivo, presunçoso, poderá ser detido e levado preso.

Assim, por leis formais ou informais, funciona a *peonagem* nos distritos rurais do Sul, e um sistema de patronagem, opondo obstáculos à migração de trabalhadores, se espalha por sobre grandes áreas. Além disto, as chances para opressão desordenada e exação ilegal ocorre majoritariamente nas zonas rurais, e a maioria dos distúrbios raciais da última década tem sua origem nas disputas no interior, entre senhor e homem, como, por exemplo, no caso Sam Hose¹⁹⁴ Como resultante desta situação surgiu, em primeiro lugar, o Cinturão Negro; e a seguir, a Migração para a Cidade. O Cinturão Negro não era, como muitos consideravam, um movimento dos camponeses em busca de trabalho sob condições mais benéficas; foi, na origem, um ajuntamento para autoproteção – agrupamento dos negros para defesa mútua, de forma a garantir paz e tranqüilidade necessárias para o desenvolvimento econômico. Este movimento ocorreu entre a Emancipação e 1880, e conseguiu atingir apenas parcialmente seus resultados. A corrida para as cidades desde 1880 é o contramovimento de homens desiludidos com as oportunidades do Cinturão Negro.

Em Dougherty, na Geórgia, pode-se ver facilmente os resultados desse experimento em busca de proteção. Apenas dez por cento da população adulta nasceu no interior, e mesmo assim os negros superavam os brancos em cinco por um. Existe, sem dúvida, uma segurança para os negros no contexto destes números: a libertação individual do tratamento arbitrário, que faz com que centenas de trabalhadores apeguem-se a Dougherty, apesar dos salários baixos e das dificuldades econômicas. Mas uma mudança se aproxima, devagar, porém firmemente, assim que, mesmo aqui, os trabalhadores rurais desviam-se no caminho da cidade, deixando os campos para trás. Por que ocorre assim? Por que os negros não se tornam proprietários, e formam a peonagem negra fundiária, que tem sido, por uma geração ou mais, o sonho de filantropos e estadistas?

Para um sociólogo de vitrine, para aquele que busca compreender e saber a respeito do Sul devotando algumas horas de lazer em viagens de férias para desenredar o emaranhado de séculos – para estes toda a temática do negro operário rural pode ser sumariada nas palavras de Tia Ofélia: “Preguiçoso!”¹⁹⁵ Eles têm encontrado, repetidamente, cenas como a que vi no verão passado. Trafegávamos pela estrada com destino à cidade, no fim de um dia quente e cansativo. Uma dupla

194 - Ver nota de rodapé nº 121.

195 - A referência à Tia Ofélia vem de personagem do livro de Harriet Beecher Stowe, *A Cabana do Tio Tomás* (1852), que se dizia uma abolicionista. Todavia seu comportamento era impregnado de preconceitos.

de jovens negros passou por nós, conduzindo uma parelha de mulas que puxavam uma carroça com com vários quilos de espigas de milho soltas na caçamba traseira. Um era o carroceiro, e ia desanimado, curvado para a frente, os cotovelos sobre os joelhos. Era a imagem do desinteresse e da irresponsabilidade. O outro dormia profundamente na caçamba. À medida em que passávamos, ouvi o ruído de uma espiga de milho caindo da carroça. Eles, todavia, sequer perceberam – não eles! Seguimos nosso curso, e fui notando outras espigas caídas, perfazendo, no roteiro até a cidade, um total de vinte e seis perdidas. Preguiçosos? Sim, a imagem do preguiçoso. Todavia, sigamos ainda esses rapazes: eles não são preguiçosos; amanhã, de manhã, acordarão com o sol; eles trabalham pesado quando trabalham, e o fazem de bom grado. Não é de sua natureza, meios sórdidos, ou egoístas, de conseguir recursos; ao invés sustêm um desdém por dinheiro em si. Eles vão vadiar à tua frente e mourejar quando estiveres ausente, tudo com muita naturalidade e honestidade. Roubarão uma melancia, e irão devolver-te intacta a carteira perdida. Seu grande defeito como trabalhadores reside na falta de incentivo para trabalhar por mais do que o prazer do esforço físico. São descuidados porque não concluíram que vale a pena ser interessado; são negligentes porque sabem que seus conhecidos desleixados recebem quase tanto quanto os indolentes. Acima de tudo, não vêm porque devam se esfalfar extraordinariamente para tornar melhores as terras dos brancos, ou para tornar mais gorda sua mula ou para não perder o seu milho. Do outro lado, o proprietário branco diz que qualquer tentativa de melhorar a vida desses trabalhadores, seja com aumento da responsabilidade, ou melhores salários, ou melhores habitações, ou terras próprias, resultará, seguramente, em fracasso. Ele mostra ao seu visitante nortista a terra destruída: as mansões arruinadas, o solo esgotado, os hectares hipotecados, e diz: Aí está a liberdade do negro!

Sucede, então, que, tanto negro quanto branco, têm argumentos suficientes para tornar difícil o entendimento entre si. O negro obscuramente personifica, para o branco, todos os seus males e infortúnios; se é pobre ocorre porque o branco se apodera do fruto de seu trabalho; se é ignorante, ocorre porque o branco não lhe assegura nem tempo nem meios para que possa aprender; e, em verdade, se qualquer desventura lhe ocorre, é por algum tipo de maquinação engendrada pelo branco. Do outro lado, o amo e seus filhos nunca compreenderam porque o negro ao invés de acomodar-se, tornando-se trabalhador diarista em troca de comida e vestimenta, mostra-se infectado pelo tolo desejo de progredir, e porque mostra-se resmungão, insatisfeito, descuidado, quando seus pais eram alegres, estúpidos e de confiança. “Por que, vocês pretos, vivem melhor do que eu”, disse, um confuso comerciante de Albany, a seu freguês negro. “Sim”, ouviu como resposta, “o mesmo ocorre com seus porcos!”

Tomando-se como ponto de partida, então, a insatisfeita e desmotivada mão de obra rural, vamos indagar como milhares de negros de Dougherty se empenharam em busca de seu ideal, e qual é este ideal. A luta social se tona efetiva com a ascensão, primeiro econômica, depois social, das classes, em meio a uma população homogênea. Hoje, os níveis econômicos subsequentes, são obviamente diferenciados entre estes negros.

Um “décimo submerso” de trabalhadores-rurais, com poucos paupérrimos; quarenta por cento de semi-arrendatários e assalariados. Sobraram cinco por cento de usurários e seis por cento de proprietários – os “dez mais” do local. Os trabalhadores-rurais são completamente descapitalizados, mesmo no mais limitado sentido de ter alimentos ou dinheiro capaz de mantê-los desde o plantio até a colheita. Sua participação é com o trabalho; o dono da terra entra com a terra, ferramentas, sementes e habitação. Ao fim do ano o trabalhador recolhe entre um terço e metade do que colheu. Mas de seu quinhão há que ser descontado os juros pelos alimentos e vestes que ao longo do ano lhe foram antecipados. Tem-se assim um trabalhador sem capital e sem salário, e um empregador cujo capital é em grande parte o salário dos seus empregados. Trata-se de um ajuste completamente insatisfatório, tanto para o arrendador quanto para o *metayer*, e está presente comumente em terras pobres com proprietários arruinados.

Num estrato acima dos trabalhadores rurais vem um grande número de negros que trabalham a terra sob sua iniciativa e responsabilidade, pagando o arrendamento em algodão e amparados por um sistema de penhor da safra. Após a guerra este sistema era muito atrativo para os libertos, considerando sua mais ampla liberdade e suas possibilidades de obter ganhos extras. Mas com a utilização do sistema de confisco e alienação de safras, a deterioração das terras e o débito da escravidão, a posição dos trabalhadores-rurais deslizou para estágio letal de trabalho quase sem recompensa. Antes, praticamente todos os trabalhadores-rurais tinham certo capital; às vezes até mesmo considerável montante. Todavia, ausência de proprietários, crescimento do arrendamento predatório e o declínio do algodão quase os depenam, de forma que provavelmente menos da metade são donos de suas mulas. A transformação de trabalhador-rural em *metayer* foi obtida pela fixação da renda. Se atualmente a renda fixada fosse razoável, isto seria um incentivo ao arrendatário para continuar lutando. De outra parte, se a renda fosse muito elevada, ou se a terra estivesse deteriorada, o resultado seria desencorajar o esforço dos trabalhadores negros. Não há dúvida de que aí está a verdade: em Dougherty todo o benefício econômico, toda a vantagem produzida no preço do algodão vai parar nas mãos dos proprietários, dos comerciantes e é engolida por juros e aluguéis. Se o preço do algodão sobe, então os alugueis sobem ainda mais; se o preço cai, a renda permanece ou, relutantemente, volta ao patamar anterior. Se um arrendatário trabalha

muito e consegue uma colheita maior, no próximo ano seu aluguer será maior; se nesse ano a safra perece, então tem seu milho confiscado e a mula vendida para compor um débito. Havia, é certo, exceções – casos de tolerância e harmonia; mas em sua ampla maioria a regra era extrair até o sumo das massas de operários rurais negros.

Em média, o trabalhador-rural paga entre vinte e trinta por cento de sua safra em aluguel. O resultado desse arrendamento predatório¹⁹⁶ só pode ser maléfico: uso indevido e negligente do solo, deterioração do caráter dos trabalhadores e generalizado sentimento de injustiça. “Sempre que o campo é pobre” afirmava Arthur Young¹⁹⁷, “ele se encontra em mãos dos trabalhadores-rurais”, e “as condições reinantes são piores daquelas onde estão os diaristas”. Ele estava se referindo, aqui, a Itália de há um século; mas suas palavras bem se adequariam a Dougherty de hoje. E é especialmente verdadeiro o quadro que pinta da França de antes da Revolução: “Os trabalhadores-rurais são considerados pouco melhores do que os serventes, descartados à vontade, e obrigados a se submeterem a todos os caprichos dos proprietários. Neste pobre universo, metade da população negra de Dougherty – e quem sabe mais da metade dos milhões de negros deste país – luta hoje em dia.

Um degrau acima destes, podemos colocar os trabalhadores que são pagos com salários por seu trabalho. Alguns recebem uma casa, quem sabe, com um modesto jardim; então, suprimentos de comida e roupas lhes são adiantados, e um certo valor de salário lhes é pago no fim do ano, variando entre trinta e sessenta dólares, dos quais deve ser retirado o valor dos adiantamentos feitos, acrescidos de juros. Cerca de dezoito por cento da população pertence a esta classe de trabalhadores-rurais, enquanto que vinte e dois por cento são trabalhadores que recebem mensalmente ou anualmente, e são ou “abastecidos” por suas próprias economias ou, mais comumente, por algum comerciante que arrisca no crédito. Estes trabalhadores recebem entre trinta e cinco a cinquenta centavos por dia, durante a estação. São, via de regra, jovens, solteiros, muitos do sexo feminino; e, quando casam, comumente, ingressam na classe dos trabalhadores-rurais, e menos freqüentemente se tornam arrendatários.

196 - No original “*rack-rent*”. Tratava-se de um arrendamento cujo valor cobrado era quase, e às vezes, igual ao valor de mercado da própria terra.

197 - Arthur Young viajou intensamente pela França e escreveu relatos de viagem sobre esse país e as condições de suas populações rurais, antes da Revolução Francesa.

Os arrendatários que contratam, tendo como base de rendas fixadas em dinheiro, são os primeiros a formar as classes emergentes, e se constituem em cinco por cento das famílias. A vantagem exclusiva deste pequeno grupo é a liberdade que têm de escolha das culturas que empreenderão e o aumento de responsabilidade, que acompanha realizar operações com dinheiro. Enquanto que alguns arrendatários diferem pouco em condições dos trabalhadores-rurais, não obstante, no todo, são pessoas mais inteligentes e responsáveis, e são aqueles que, enfim, tornam-se proprietários de terras. Seu caráter mais firme e uma maior astúcia permite-lhes ganhar, talvez exigir, melhores condições de arrendamento. Fazendas arrendadas, variando entre dezesseis e quarenta hectares, chegam a um aluguer em torno de cinquenta e quatro dólares por ano. Homens que administram tais terras não permanecem por muito tempo como arrendatários – ou sucumbem e tornam-se trabalhadores-rurais ou, com uma seqüência de boas colheitas ascende a dono de terras.

Em 1870, os assentamentos de tributos municipais de Dougherty não têm qualquer registro de negros como donos de terras. Se houve algum nesse tempo – e pode ter havido uns poucos –, as terras estiveram registradas em nome de algum patrono branco, num método não incomum nos tempos da escravidão. Em 1875, a propriedade da terra começou a ser lançada com um total de 303 hectares; dez anos adiante, este número cresceu para dois mil e seiscentos hectares; foi de três mil e seiscentos, em 1890, e quatro mil, em 1900. O total tributado das propriedades subiu de oito mil dólares, em 1875, para duzentos e quarenta mil dólares, em 1900.

Duas circunstâncias complicam esses desenvolvimento e tornam, em alguns aspectos, difícil se ter certeza das reais tendências: são o pânico de 1893¹⁹⁸ e o baixo preço do algodão em 1898. Além disto, o sistema de tributação da propriedade nos distritos da Geórgia é de certo modo antiquado e de valor estatístico incerto. Não existem agentes de tributo, fazendo com que cada contribuinte ofereça declaração juramentado a um agente coletor. Assim, a opinião pública desempenha um importante papel, e a arrecadação varia de ano para ano. Por certo, os números indicam o pequeno capital acumulado pelos negros, e por conseqüência a larga dependência de sua propriedade na prosperidade temporária. Eles têm quase nada de forma a agüentar ainda que poucos anos de depressão econômica, e estão muito mais à mercê do mercado do algodão do que os brancos. Assim, os donos de terras, apesar de seus maravilhosos esforços, são uma classe em transição, continuamente sendo

198- O pânico de 1893, foi um processo de depressão econômica que atingiu os EUA entre maio e junho desse ano, quando a Bolsa de Valores de Nova York quebrou, e as reservas de ouro entraram em colapso. A falência levou a uma ampla crise econômica, com desemprego e desnível nos preços agrícolas ao longo dos anos 1890.

depauperada por aqueles que retrocedem ingressando na categoria dos arrendatários ou dos trabalhadores-rurais, e aumentado pelos recém chegados das massas. De cem proprietários em 1898, a metade adquiriu sua terra a partir de 1893, um quarto entre 1890 e 1893, um quinto entre 1884 e 1890, e o resto entre 1870 e 1884. Ao todo, cento e oitenta e cinco negros adquiriram terras neste município desde 1875.

Se todos os negros, donos de terras, que possuíram propriedades aqui, as houvessem conservado, ou as transferissem para outros negros, estes teriam adquirido um total próximo a doze mil hectares, ao invés dos seis mil que possuem atualmente. E assim mesmo esses seis mil hectares são uma demonstração positiva – uma prova de peso do valor e habilidade do povo negro. Se lhes houvessem dado um impulso econômico quando da Emancipação; se estivessem em meio a uma comunidade esclarecida e generosa, que realmente desejasse os negros mais qualificados, então, talvez, pudéssemos rotular os resultados alcançados como pequenos ou, mesmo, insignificantes. Todavia, para uns poucos milhares de pobres ignorantes trabalhadores rurais, às portas da miséria, face a um mercado em queda, e tensão social, economizar e capitalizar duzentos mil dólares em uma geração significou o resultado de um formidável empenho. O desenvolvimento de uma nação, o impulso para frente de uma classe social significa luta amarga; uma batalha árdua e mente desgastante como poucos nas camadas mais favorecidas conhecem ou apreciam.

Fora das difíceis condições econômicas desta porção do Cinturão Negro, apenas seis por cento da população conseguiu emergir até a condição de proprietário; e estes não estão firmemente consolidados, mas aumentam e diminuem em número com as oscilações do mercado do algodão. Sólidos noventa e quatro por cento, lutaram por um torrão e fracassaram, ficando a metade destes acomodados numa servidão desesperançada. Para estes existe um outro caminho de fuga, através do qual um número cada vez maior têm optado — a migração para a cidade. Uma olhada quanto à distribuição da terra entre os proprietários negros, curiosamente isto revela. Em 1898 as propriedades estavam assim dispostas: menores que 16 hectares, vinte e nove famílias; entre dezesseis e cem hectares, dezessete famílias; de cem hectares até quatrocentos e cinco hectares, treze famílias; acima dos quatrocentos hectares, duas famílias. Agora, em 1890, havia quarenta e quatro propriedades e apenas nove delas eram menores do que dezesseis hectares. O grande aumento nas propriedades, então, deu-se pela compra de pequenos sítios próximos da cidade, onde os proprietários desfrutavam condições urbanas; este é um fragmento da busca pela cidade. E para cada proprietário que haja escapado das condições difíceis e sem horizontes do campo,

quantos peões, horistas, contratados arrendatários arruinados, engrossaram esta longa procissão? O pecado dos distritos rurais surge na cidade, e as feridas sociais da vida urbana, hoje em dia, podem, aqui no município de Dougherty, e talvez noutros locais, próximos ou distantes, ansiar pela cura final fora dos muros da cidade.

IX

SOBRE OS FILHOS DO SENHOR E DO HOMEM



A vida oprime a vida, e o coração ao coração;
 Nos comprimimos na igreja e no mercado
 Para manter um sonho, ou um tûmulo separados¹⁹⁹

O velho fenômeno mundial de contato entre raças diversas de homens terá nova explicação durante o novo século. De fato, é característica de nosso tempo o contato de civilizações européias com povos subdesenvolvidos do mundo. Seja lá o que se diga dos resultados de tais contatos no passado, formam um capítulo do agir humano, em nada agradável de ser revisto. Guerras, assassinatos, escravidão, extermínio e orgias, têm sido o resultado da expansão da civilização, e do abençoado evangelho, às ilhas, mares e gentios sem lei. Tudo isto, não satisfaz à consciência do mundo moderno, de forma a ser, complacentemente, dito que tudo foi correto e adequado — que a fé triunfou sobre as fraquezas, o bem sobre o mal, os superiores sobre os inferiores. Seria fatal se alguém pudesse nisto acreditar; ainda, existem inúmeros fatos hediondos que possam facilmente amparar uma justificação. Sentimos e sabemos da existência de muitas sutis diferenças em psicologia das raças — mudanças sem conta que nossa empírica medição social ainda não está capaz de seguir minuciosamente — que explicam muito de história e desenvolvimento social. Ao mesmo tempo, também, sabemos que essas considerações

¹⁹⁹ - O verso pertence à "Visão dos Poetas", de Elizabeth Barret Browning. A música é do *spiritual* "I'm a Rolling".

nunca, adequadamente, explicaram ou justificaram o triunfo da força bruta e da astúcia sobre a fraqueza e a inocência.

É assim empenho de todos os homens do século vinte verificar que no futuro a competição das raças, a sobrevivência do mais apto²⁰⁰ significará o triunfo do bom, do mais belo e da verdade; de que devemos ser capazes de preservar para civilizações futuras tudo o que é realmente bom, nobre e forte, e não continuar estimulando a cobiça, a impudência e a crueldade. Para trazer esta esperança para a fruição, somos compelidos a, diariamente, um estudo consciente dos fenômenos que envolvem a convivência entre as raças – um estudo franco e justo, não falsificado e pintado com as cores de nossos desejos e medos. E temos no Sul um campo ideal para este estudo, como ele é – um campo, para ser exato, que a média dos cientistas americanos o consideram, de certa forma, aquém de sua dignidade, mas que o comum dos homens que não são cientistas bem o conhecem. Todavia, uma linha de estudo que, em razão de enormes complicações raciais, que dão a impressão de que Deus parece estar pronto para punir esta nação, deve cada vez mais clamar nossa atenção, estudo, e pensamento; devemos inquirir qual é o verdadeiro relacionamento entre brancos e negros no Sul? E devemos ter como resposta, não por desculpa ou imposição de culpa, mas através de uma narrativa direta e indisfarçável.

Na vida civilizada de hoje, o contato entre os homens e seu relacionamento mútuo se assenta em umas poucas linhas principais de ação e comunicação. Existe, primeiro, a proximidade física de lares e habitações, dando ensejo aos vizinhos de interagirem entre si; e a contigüidade das vizinhanças. Segundo, e em nosso tempo mais importante existem as relações econômicas – métodos pelos quais os indivíduos se juntam para ganhar a vida, para obterem mútuos resultados, para a geração de riqueza. A seguir, vêm as relações políticas, a cooperação no controle social, no arranjo governamental e no gerar e suportar a tributação. Em quarto lugar está o menos tangível, mas muito importante, que são as formas de contato intelectual e comercial, o intercâmbio de idéias da conversação e das conferências, através dos periódicos e das bibliotecas; e, acima de tudo, a formação gradual de cada comunidade deste curioso *tertium quid*²⁰¹, que chamamos de opinião pública. Intimamente ligadas estão as várias formas de contato social na vida do dia-a-dia – nas viagens, nos teatros, nos encontros domésticos, nos casamentos. Finalmente, existem as diversas formas de associação religiosa, de treinamento moral e bom comportamento. Estes são os principais caminhos dos homens que vivem nas mesmas comunidades e que são postos em contato uns com os outros. É minha tarefa atual, assim, indicar, a partir de meu ponto de vista,

200 - Du Bois aqui se refere à teoria desposada por Darwin.

201 - Intermediário (terceira pessoa).

como a raça negra no Sul se encontrou e misturou-se com os brancos nestas coisas da vida quotidiana.

Primeiramente, como um contato físico. Via de regra, é possível traçar em cada comunidade sulista uma linha física de cor em seu mapa. Em um lado, habitam os brancos e no outro os negros. O serpentear e o emaranhado da linha da cor varia, é certo, em diferentes comunidades. Eu conheço algumas cidades onde uma linha reta corta a metade da rua principal, separando nove décimos dos brancos e nove décimos dos negros. Em outras cidades, o antigo povoado dos brancos se viu envolvido por um grande círculo de negros; em ainda outros casos, pequenos povoados, ou núcleos de negros, irromperam em meio aos brancos. Normalmente, as cidades têm nas suas ruas especificamente um determinado grupo de raça, e apenas agora elas começam a se encontrar. Mesmo no campo, algo desta segregação é evidente em pequenas áreas, e ocorrem, naturalmente em larga escala, no fenômeno Cinturão Negro. Toda esta segregação por cor é, em grande parte, independente do agrupamento natural por níveis sociais, encontrável em todas as comunidades. Uma favela negra pode estar em perigosa vizinhança com uma área residencial branca, enquanto é bastante trivial encontrar um gueto branco plantado no coração de um respeitável bairro de negros. Uma coisa, todavia, raramente ocorre: o melhor dos brancos e o melhor dos negros viverem numa vizinhança próxima. Assim o que ocorre em praticamente todas as cidades e vilarejos sulistas, tanto brancos quanto negros vêem quase sempre o pior de cada um. Trata-se de uma grande mudança na situação do passado, quando, por meio do contato íntimo entre o amo e os empregados domésticos, na patriarcal “casa grande”, podia-se encontrar o melhor das duas raças em íntimo contato e harmonia²⁰², enquanto que, ao mesmo tempo, o esquálido e o obtuso, trabalhadores dos campos, eram postos longe da vista e da audição da família. Pode-se assim facilmente entender porquê uma pessoa que viu a escravidão da varanda de seu pai, e agora contempla a liberdade nas ruas de uma grande cidade, não consegue compreender no todo a nova imagem. De outro lado, a crença consolidada dos povos negros de que os brancos sulistas não desejam, no coração, a melhoria para os negros, se intensificou nos últimos anos face ao contínuo e permanente contato entre o melhor em meio aos negros com o que há de pior dentre os brancos.

202 - A palavra harmonia (uma das acepções para a palavra original *sympathy*) é recorrente e tema central do capítulo 9, e se vincula com o pensamento de Adam Smith, William James e Franz Boas.

Quanto ao relacionamento econômico entre as raças, trilha-se um terreno conhecido, face ao estudo, muita discussão e não menor esforço filantrópico. Mesmo assim, com tudo isto, existem muitos elementos na cooperação entre negros e brancos, no trabalho e na busca da riqueza que são facilmente menosprezados ou não compreendidos na sua inteireza. O americano comum pode facilmente vislumbrar uma terra rica à espera de desenvolvimento, contando com o trabalho do negro. Para estes a questão sulista se limita simplesmente ao aprimoramento da mão de obra existente, dando-lhe a qualificação técnica necessária e um aporte de investimento de capital. O problema, todavia, não é tão simples assim, a partir do fato óbvio de que esses trabalhadores foram treinados por séculos para serem escravos. Exibem, assim, todas as vantagens e defeitos de tal condicionamento; eles são dispostos e de bom-caráter, mas jamais autoconfiantes, providentes ou meticulosos. O Sul parece se encaminhar para os limites da exploração econômica. Assim que, uma massa de trabalhadores será lançada à uma implacável competição com os demais trabalhadores do mundo; mas estarão em desvantagem eis que sua formação é exatamente oposta àquela do moderno autoconfiante trabalhador democrático. O que necessita o trabalhador negro é uma cuidadosa assistência pessoal, liderança de homens que tenham coração em seu peito, para ensinar-lhe providência, esmero e honestidade. Para tanto, não se faz mister nenhuma teoria muito elaborada sobre as diferenças entre raças, para provar a necessidade de tal grupo de treinamento, após os miolos da raça negra haverem sido martelados ao longo de duzentos e cinquenta anos de persistente treinamento em submissão, desinteresse e furto. Após a Emancipação, era manifesto dever de alguém assumir a liderança e a qualificação desse grupo de trabalhadores negros. Não vou parar aqui para indagar que dever era este – se do antigo amo que lucrou com trabalho não pago, ou dos filantropos nortistas que ensejaram a crise, ou do governo federal cujo édito libertou os escravos; não vou me deter em indagar de quem era a responsabilidade, mas insisto que era dever de alguém constatar que esses trabalhadores não deveriam haver sido abandonados à sua sorte sem orientação, sem capital, sem terra, sem treinamento, sem organização econômica, sem a proteção da lei, da ordem e da decência – atirados numa imensa terra, não para ajudar num cuidadoso desenvolvimento interno, mas para enfrentar um mercado competitivo, disputando com trabalhadores estruturados sob um sistema econômico onde cada participante luta por si mesmo e, comumente, de forma absoluta, a despeito dos direitos e bem-estar do seu próximo.

Posto que não devemos jamais esquecer que o atual sistema econômico, que impera no Sul, é o que sucedeu ao antigo *régime*, mas não é igual ao do antigo sistema industrial do Norte, da Inglaterra ou da França, com seus sindicatos, suas leis protecionistas, seus costumes comerciais, formais ou informais, e sua longa experiência. É mais uma cópia do modelo existente na Inglaterra,

em princípios do século dezenove, antes das regulamentações fabris – a Inglaterra que arrancou piedade dos intelectuais e que inflamou a cólera de Carlyle²⁰³. O bastão do império que passou das mãos dos cavalheiros sulistas 1865, parcialmente por força, parcialmente face sua petulância, nunca mais lhes retornou. Mais exatamente, passou àqueles homens que tomaram conta da exploração industrial no Novo Sul – os filhos de brancos pobres, empolgados por uma ânsia de riqueza e poder, ianques avarentos, *judeus astutos e inescrupulosos* (mudado para: imigrantes astutos e inescrupulosos). Nas mãos desses homens caíram os trabalhadores sulistas, brancos e negros, para seu pesar. Posto que quanto a esses trabalhadores, como tal, não têm os novos capitães da indústria nem sentimento de amor, tampouco de ódio, nem simpatia, nem romance; trata-se apenas de uma questão de dólares e dividendos. Sob um tal regime, todo o trabalhador está destinado a sofrer. Mesmo os trabalhadores brancos ainda não são inteligentes, organizados e bem treinados o bastante para levantarem-se contra o poder do capital estruturado. Os benefícios que conseguem, entre si, são longas horas de mourejo, baixa remuneração, trabalho infantil e falta de proteção contra usurários e escroques. Mas em meio aos trabalhadores negros tudo isto é agravado, primeiro pelo preconceito de raça, que varia entre a dúvida e a desconfiança, oriundas dos brancos melhor preparados; e um ódio frenético, da parte dos piores brancos. E, em segundo lugar, isto é agravado, como já mencionei antes, pela deplorável herança que recebeu o liberto da escravidão. Com este treinamento é difícil para o liberto aprender a agarrar as escassas oportunidades que se lhe abrem, e que vão por favor para os brancos.

Abandonado pelo melhor do Sul, quase sem proteção, tornou-se face à lei e ao costume vítima do pior e mais inescrupuloso cidadão de cada comunidade. O sistema de penhor da safra, que está despovoando os campos sulistas não é simplesmente a resultante da indolência de parte dos negros; é também o resultado de disposições engendradas ardilosamente nas hipotecas e nos penhores; e de ilícitos que podem ser cometidos por homens sem caráter, agindo com ardil, enredando os desavisados até que a desistência seja impossível. Aí, trabalhar ainda mais é uma farsa, e protesto um crime. Eu vi no Cinturão Negro da Geórgia um negro honesto e ignorante comprar e pagar em prestações uma propriedade, quitando-a três vezes. Então, face à lei e à decência, o *empresário judeu russo* (trocado para: empresário americano) que lhe vendeu embolsou

203 Thomas Carlyle (1795-1881). Historiador e ensaísta escocês, na condição de crítico social analisou os perigos da industrialização, as penosas condições de vida dos obreiros ingleses. O jovem Du Bois, por essas razões, tornou-se um admirador da obra de Carlyle.

dinheiro e o domínio, deixando o pobre negro sem terras, e voltando a ser empregado em sua terra, recebendo um salário de trinta centavos por dia. Eu vi agricultores negros endividarem-se nos armazéns e, então, o comerciante ir em sua casa e retirar toda e qualquer peça de algum valor comercial — mulas, arados, estoques, ferramentas, móveis, roupas de cama, relógios e espelhos —, isto sem um mandado sequer, sem tramitação legal, sem xerife ou oficial de justiça, ignorando garantias legais de bens domésticos impenhoráveis, e sem dar conta e registro desses atos a qualquer pessoa investida de autoridade. E tais procedimentos podem ocorrer, e acontecerão, em qualquer comunidade onde uma classe de ignorantes operários é colocada, por tradição e preconceito racial, fora do âmbito da harmonia e da irmandade racial. Enquanto os melhores elementos de uma comunidade não se sentirem no dever de proteger, ensinar e cuidar dos membros mais fracos de seu grupo, estarão deixando-os à sina dos trapaceiros e inescrupulosos.

Esta desafortunada situação econômica não significa um embargo a todo o progresso no Sul negro, ou à ausência de uma classe de negros proprietários de terras, e técnicos que, apesar das desvantagens, estão acumulando propriedades e formando bons cidadãos. Mas significa sim, que esta classe não está tão numerosa como um sistema econômico mais equânime poderia assegurar; e que os sobreviventes na competição estão em desvantagem e vão conseguir muito menos do que mereceriam, e que, acima de tudo, ao *pessoal* da classe bem sucedida a escalada fica à sorte ou ao acaso, à margem de qualquer método inteligente ou razoável de seleção. Como solução para tal, existe apenas um procedimento possível. Teremos que aceitar parte do preconceito de raça no Sul como um fato — deplorável em sua intensidade, desafortunado em seus resultados e perigoso para o futuro, mas, apesar de tudo, um fato que apenas o tempo poderá apagar. Não se pode esperar assim, nesta geração, ou por algumas gerações, que os brancos venham a assumir uma posição de íntimo contato, concórdia e uma liderança sobre os negros de auto-sacrifício, tão necessária na situação atual. Tal liderança, esse treinamento social e exemplo, deve se originar dos próprios negros. Por algum tempo, duvidaram que os negros pudessem gerar tais líderes. Hoje, entretanto, ninguém, com seriedade, duvida da capacidade individual do negro de assimilar a cultura e o senso comuns da civilização moderna, e transferi-los, alguma forma, a seus camaradas. Se isto é verdadeiro, tem-se aqui um caminho fora do enfoque econômico; e neste ponto faz-se uma demanda imperativa por líderes preparados, de caráter e inteligência — homens de qualificação, homens com brilho e liderança, mestres do ensino, negros capitães de indústria e missionários da cultura; homens que compreendem por inteiro e conhecem como atua a civilização moderna, e que podem assumir comunidades negras, erguendo e treinando-as pela força do preceito e do exemplo, profunda harmonia e a inspiração de ideais consangüíneos. Mas para que estes homens sejam

eficazes terão de possuir algum poder — devem ter o apoio do melhor da opinião pública dessas comunidades, e serem capazes de empregar para obtenção de seus objetivos e alvos armas como a experiência que o mundo ensinou como indispensáveis para o progresso humano²⁰⁴.

Dentre tais armas, possivelmente a mais poderosa no mundo moderno é a força do voto; e isto faz-me considerar uma terceira forma de contato entre brancos e negros no Sul — atividade política.

Na postura do pensamento americano, quanto ao voto dos negros, podem ser identificados com incomum acuidade os conceitos prevalentes do governo. Nos anos cinquenta estávamos muito próximos dos ecos da Revolução Francesa para acreditarmos cãndida e absolutamente no sufrágio universal. Nós argumentávamos, na medida em que pensávamos, sem dúvidas logicamente, que nenhuma classe social era bastante boa, tão verdadeira e suficientemente desinteressada de forma a si ser confiado, por inteiro, o destino político de seus próximos; de que em cada estado os melhores árbitros de seu próprio bem-estar são as pessoas diretamente afetadas; por consequência somente armando cada mão com o voto — com o direito de ter voz na administração do Estado — que o bem maior, para mais pessoas, poderia ser alcançado.²⁰⁵ Por certo, tais argumentos foram objeto de contestação, mas temos a impressão de havê-los respondido concisa e convincentemente; se alguém reclamava da ignorância dos eleitores, respondíamos: “Eduquem-nos!” Se um outro reclamava de venalidade, retorquíamos: “Cassem título ou ponham-no na cadeia”. E para aqueles que temem demagogos e a perversidade natural de alguns seres humanos, insistíamos que o tempo e amargas experiências acabarão ensinando os mais cabeças-duras. Foi neste tempo que surgiu no Sul a questão do sufrágio dos negros. Aqui encontrava-se um povo indefeso que de repente se tornou livre. Como eles seriam protegidos daqueles que não acreditavam em sua liberdade e que estavam determinados a impedir sua implementação? Não pela força, dizia o Norte; não por salvaguardas governamentais, dizia o Sul; então pelo voto, a única e legítima defesa de um povo livre, dizia o Bom Senso nacional. Ninguém pensava, naquela oportunidade, que ex-escravos pudessem se valer do voto inteligentemente ou de forma efetiva; mas consideravam, todavia, que a

204 - Neste parágrafo Bu Bois faz eco à discussão de *“grandes homens de cultura”* de Matthew Arnold, em seu trabalho *“Culture and Anarchy”*, de 1869.

205 - A frase *“bem maior, para mais pessoas”* era o bordão dos utilitaristas do século 19. Du Bois usa um argumento utilitarista para democracia.

posse de tão amplo poder por uma grande classe da nação compeliaria os companheiros preparados a educá-los para um uso inteligente.

Enquanto isto, novas idéias chegaram à nação: o inevitável período de retrocesso moral e demagogia política que sempre se segue às exéquias de uma guerra alcançou-nos. Tão flagrantes ficaram os escândalos políticos que homens de reputação começaram a abandonar a política, e os políticos, por consequência, tornaram-se malvistas. Os cidadãos passaram a apresentar como motivo de orgulho não terem relações com seus próprios governantes e a concordar com aqueles que consideravam a administração pública como mera fonte de renda pessoal. Neste estado de mente, tornou-se fácil fazer vista grossa à supressão do direito do voto negro, no Sul, e aconselhar a negros com amor-próprio a afastarem-se por completo da política. Os cidadãos decentes e de reputação, do Norte, que negligenciaram a seus próprios deveres cívicos, riam muito sobre a exagerada importância que os negros davam ao alistamento eleitoral. Assim, ocorreu que os melhores dentre os negros seguiram o conselho de fora e a pressão interna, não mais demonstrando interesse em política, deixando aos negligentes e aos venais de sua raça o direito ao voto. O eleitor negro que ainda votava era o despreparado, sem instrução, mas corrompido por aberto e desavergonhado suborno, ou pela compulsão, ou pela fraude; até que o negro votante tornou-se de todo inoculado com a idéia de que política era um método de ganhos privados através de meios indecorosos.

E, finalmente, agora, hoje, quando despertamos para o fato de que a perpetuação das instituições republicanas, neste continente, depende da purificação do voto, do treinamento cívico dos votantes, e do soerguimento ao um nível de solene dever ao qual um cidadão patriota se vê compelido a negligenciar face ao perigo para si e para seus netos. Atualmente, quando lutamos pelo renascimento das virtudes cívicas, que iremos dizer ao eleitor negro do Sul? Vamos dizer-lhe que política é ainda é indecoroso e uma forma imprestável de atividade humana? Vamos induzir os negros mais qualificados a interessarem-se menos e menos na atividade governamental, e abdicar sem um protesto ao direito de, sim, ter interesse. Não estou dizendo uma palavra contra todos os esforços legítimos para purgar o voto da ignorância, do pauperismo e do crime. Mas poucos aparentaram que o atual movimento para retirar o direito de voto dos negros no Sul é para tal propósito; tem sido simples e francamente declarado praticamente em todos os casos que o objetivo da cassação do voto do negro é o de eliminá-lo da política.

Pois bem, trata-se de matéria menor, sem influência na questão principal do desenvolvimento industrial e intelectual do negro? Pode ser organizada no Sul uma massa de operários, artesãos negros e proprietários de terras que, pela lei e pela opinião pública, não tem voz nenhuma na

elaboração das leis sob as quais vivem e trabalham? Pode a moderna organização industrial – considerado que fosse praticado um governo livre e democrático, e que fosse a força e habilidade das classes trabalhadoras de exigir respeito para seu bem-estar – ser executada no Sul, onde metade de sua força de trabalho não tem voz nos conselhos públicos e é impotente em sua própria defesa?

Hoje o negro do Sul não tem como saber o quanto pagará de impostos, e como eles serão aplicados; ou quem executará as leis, e como será feita implementação; ou quem elaborará as leis e como será o processo legislativo. É lamentável que imensos esforços tenham de ser feitos, em tempos críticos, para conseguir jurisconsultos em outros estados, mesmo que seja para ouvir a respeitosa apresentação da versão do lado dos negros de uma controvérsia em andamento. Cada vez mais os negros tem-se preocupado com lei e justiça, não como salvaguardas protetoras, mas como fontes de humilhação e opressão. As leis são elaboradas por homens que têm pouco interesse nos negros; são executadas por homens que não têm qualquer motivo para tratar a gente negra com cortesia ou consideração. E, finalmente, quando o acusado infrator é julgado, não pelos seus iguais, mas comumente pelos homens que, ao contrário, puniriam dez inocentes negros do que deixar um culpado dentre eles fugir.

Eu deverei ser o último a negar evidentes fraquezas e limitações do povo negro; eu deverei ser o derradeiro a negar simpatia pelo Sul branco nos esforços para resolver seus intrincados problemas sociais. Livremente reconheço que é possível, e algumas vezes melhor, que um povo parcialmente subdesenvolvido deva ser governado pela elite de seus melhores e dos seus próximos, para seu bem, até o tempo em que será capaz de iniciar a luta pela vida por si mesmos. Já afirmei quão dolorosamente carente esteve o negro emancipado, dessa condução econômica, e me inclino a admitir que se os representantes dos melhores dentre a opinião pública do Sul fossem os governantes e as forças de liderança, as condições indicadas seriam razoavelmente bem implementadas. Mas o ponto que tenho insistido, e agora enfatizo outra vez, é que o melhor do pensamento no Sul não é a opinião do governante; que deixar o negro desamparado e sem o voto, hoje, é deixá-lo ser conduzido não pelo melhor, ao contrário, deixá-lo à exploração e deboche do pior; e isto não é mais verdadeiro no Sul do que no Norte – no Norte do que na Europa: em qualquer lugar, em qualquer país, sob a moderna competição, assentar qualquer classe de povos fracos e desprezados, sejam brancos, negros ou azuis, politicamente à mercê do mais forte, do mais rico, do mais bem preparado, é uma tentação que a natureza humana raramente suportou e agüentará.

Ademais, a situação política do negro no Sul está muito próxima da questão criminal do negro.

Não pode haver dúvida de que o crime entre os negros aumentou sensivelmente nos últimos trinta anos, e que surgiu nos guetos das grandes cidades uma classe especial de criminosos dentre os negros. Explicando este desafortunado desdobramento, devemos levar em consideração dois pontos: (1) que o inevitável resultado da emancipação foi aumentar a criminalidade e os criminosos; e (2) que o sistema policial do Sul foi concebido para reprimir os escravos. No que concerne ao primeiro ponto, não devemos esquecer que, sob o sistema escravista, mal poderiam ocorrer crimes como tal. Mas quando os escravos passaram a se constituir em partículas humanas foram espalhados de inopino no mar da vida, onde alguns nadaram, outros afundaram, e ainda outros ficaram suspensos, empurrados para cima ou para baixo, no acaso de um mundo agitado. Uma revolução tão grande como a que varreu o Sul em 63²⁰⁶ significou a remoção, dentre os negros, dos incompetentes e dos corruptos, o início de uma distinção de graus sociais. Atualmente, um grupo humano em ascensão não se é erguido do solo como uma massa sólida inerte, pelo contrário se alonga como uma planta viva, com as suas raízes ainda em moldagem. O surgimento, assim, do negro criminoso era um fenômeno previsível; e mesmo que cause inquietude, não deve ocasionar surpresa.

Aqui, novamente, a esperança do futuro depende peculiarmente num cuidadoso e delicado trato com esses criminosos. Seus crimes, inicialmente, eram os de preguiça, negligência e arrebatamento, ao contrário de maldade ou descontrolada perversão. Tais infrações exigiam um tratamento diferenciado, firme mas corretivo, sem injustiça e com prova total de culpa. Para tratar com tais criminosos, brancos ou negros, o Sul estava despreparado – não tinha cadeias ou reformatórios adequados; seu sistema policial estava estruturado para tratar, apenas, com os negros. E mais, tacitamente, cada branco era, *ipso facto*, um integrante da força policial. Assim, desenvolveu-se um sistema duplo de justiça, que falhou no lado negro por severidade desmedida, injustiça e falta de discriminação. Pois, como já disse, o sistema policial no Sul foi originalmente estruturado para controlar os negros, e não aos infratores em geral. Quando os negros se tornaram livres – e todo o Sul acreditava na impossibilidade do trabalho livre dos negros – o primeiro e, praticamente, único objeto universal usado para reescravizar o negro eram os tribunais. Não era aí uma questão de crime; ao invés, de cor, o que garantia a condenação em praticamente toda a denúncia. Assim, os negros passaram a ver nos tribunais instrumentos de injustiça e opressão, e os

206 _ Du Bois se ocupa aqui das consequências da Proclamação de Emancipação, que vigorou a partir de 1º de janeiro de 1863.

aí condenados como vítimas e mártires.

Quando, agora, o verdadeiro criminoso negro despontou – e ao invés de pequenos furtos e vadiagem começamos a ver o assalto nas estradas, o arrombamento, o assassinato e o estupro – apareceram estranhos efeitos em ambos os lados da linha da cor: os negros se recusavam a acreditar nos depoimentos de testemunhas brancas ou na equidade dos juízes brancos, de forma que o maior obstáculo ao crime – a opinião pública de uma determinada casta social – era inoperante, e o criminoso passava a ser encarado como crucificado, não como enforcado. De outra parte, os brancos, negligentes quando à culpa ou inocência dos negros acusados, eram arrebatados por momentos de paixão fora da lei, da razão e da decência. Tal situação tende a aumentar o crime, e em verdade aumentou. À simples infrações como furtos e vadiagem estão sendo acrescidos motivos de revolta e vingança que agitam toda a selvageria latente em ambas as raças, e inviabiliza uma pacífica atenção para com o desenvolvimento econômico.

Mas o principal problema em qualquer comunidade amaldiçoada com o crime não é a punição dos criminosos, mas a prevenção para que os jovens não se tornem infratores. E aqui, outra vez, as condições peculiares do Sul impediram medidas preventivas adequadas. Assisti crianças com doze anos de idade trabalhando com grilhões nas ruas de Atlanta, exatamente em frente a escolas, em companhia de criminosos mais velhos e empedernidos. Assim que esta mistura indiscriminada de homens, mulheres e crianças tornam os grupos de presidiários encadeados escolas perfeitas do crime e devassidão. A luta por reformatórios, que se processo na Virgínia, na Geórgia e em outros estados é um símbolo animador do despertar de algumas comunidades aos resultados suicidas da política vigente.

É a escola pública, todavia, quem pode fazer, fora dos lares, o grande trabalho de formação de cidadãos impregnados de amor-próprio. Estivemos de forma tão ardente engajados recentemente em discutir sobre as escolas de comércio e sobre o ensino superior, que a situação difícil do sistema de escolas públicas no Sul foi praticamente posta de lado. De cada cinco dólares gastos em educação pública, no estado da Geórgia, as escolas brancas conseguem quatro dólares e as de negros um dólar; e mesmo assim, o sistema branco de escolas públicas, com exceção das áreas urbanas, é ruim e urge reformas. É verdade para os brancos, e para os negros? Estou mais e mais convencido, na medida em que olho para o sistema de treinamento de escolas comuns no Sul, que o governo federal deve intervir e ajudar a educação pública de alguma forma. Apenas pelos mais estrênuos esforços, hoje em dia, dos homens de pensamento do Sul que a participação do negro no fundo escolar não foi reduzido a uma ninharia, em meia dúzia de estados; e este movimento ao contrário de fenecer em algumas comunidades está ganhando força. O que, em nome da razão,

espera esta nação de um povo, pobremente educado e sob a pressão de severa competição, sem direitos políticos, e com risíveis e inadequadas instalações das escolas públicas. Que pode esperar, senão crime e apatia, contrabalançado, aqui e ali, pelo obstinado esforço dos afortunados e mais determinados que são, eles mesmos, animados pela esperança de que no tempo certo o país chegará a seu senso?

Assim tenho buscado tornar claras as relações físicas, econômicas e políticas entre brancos e negros no Sul, como eu as concebi, inclusive pelas razões propostas, crime e educação. Mas, depois de tudo que foi dito nestas matérias mais tangíveis da relação humana, ainda permanece uma parte essencial para uma descrição adequada do Sul, que é difícil de descrever ou colocá-la em termos facilmente compreensíveis por estranhos. É, em suma, o ambiente local; o pensar e o sentir; as milhares e as pequenas ações que formam a conjunto vida. Em qualquer comunidade ou nação estas pequenas coisas são mais difíceis de compreender e, não obstante, essenciais para qualquer claro entendimento da vida tomada como um todo. O que é assim verdadeiro em todas as comunidades é peculiarmente real no Sul, onde além da história escrita, e à margem da lei codificada, tem ocorrido, por uma geração, uma profunda tempestade e tensão²⁰⁷ das almas humanas, como um intenso fermentar de sentimentos, como um intrincado embate de espíritos, como um povo jamais experimentou. Dentro e fora do véu sombrio da cor imensas forças sociais trabalharam – empenho para melhoria humana, movimento visando a desintegração e a desesperança, tragédias e comédias na vida social a econômica e um vaivém, um erguer e afundar de corações humanos que fizeram desta, uma terra onde se misturam tristeza e alegria, acusação, excitação e desassossego.

O centro desta agitação tem sido sempre os milhões de negros libertos e seus filhos, cujo destino está tão fielmente ligado com o da nação. A mais, o observador casual visitando o Sul vê, em princípio, pouco disto. Ele nota a crescente frequência de faces escuras à medida em que se desloca; mas, quanto ao mais, os dias escorrem preguiçosamente, o sol brilha, e este pequeno mundo parece tão feliz e alegre como outros locais que já visitou. De fato, na questão das questões — o problema negro —, ele houve tão pouco que parece estar ocorrendo uma conspiração do silêncio; os matutinos, raramente a isto se referem, quando o fazem é em termos acadêmicos rebuscados e, em verdade, parece que todos se empenham em esquecer ou ignorar a metade mais

207 - Ver nota de rodapé nº 23.

escura da nação, até que o atônito visitante é levado a perguntar, enfim, se *há* algum problema aqui. Mas se ele se demora o bastante dá-se o despertar: talvez num súbito turbilhão de paixão que o deixa arfante, numa intensidade amarga; mais provavelmente, num gradual surgimento de senso das coisas que ele não havia, antes, percebido. Lenta, porém firmemente, seus olhos começam a captar as sombras da linha da cor; neste ponto, ele encontra multidões de negros e brancos; então repentinamente se dá conta de que não pode ver uma face escura sequer; ou, de novo, ao encerrar o deambular do dia, pode encontrar-se numa estranha assembléia, onde todas as faces são pintadas de marrom e preto, e onde ele tem o vago, desconfortável, sentimento de ser estranho. Ele compreende que, silenciosa, irresistivelmente, o mundo próximo a si flui em dois grandes caudais: ondulam na mesma claridade, eles aproximam e fundem suas águas aparentemente de forma descuidada – então se dividem e manam um longe do outro. Tudo é feito silenciosamente; nenhum erro é cometido, ou se algum acontece, o rápido braço da lei e a opinião pública se abatem, incontinenti, como ocorreu certo dia quando um negro e uma branca foram presos por estarem conversando na Rua Whitehall, em Atlanta.

Agora, se alguém presta cuidadosa atenção verá que entre estes dois mundos, apesar de muito contato físico e intercâmbio diário, não existe quase nenhuma vida comunal ou intelectual ou ponto de transferência onde os pensamentos e sentimentos de uma raça podem entrar em contato direto e harmonia com os pensamentos e sentimentos da outra. Antes e imediatamente após a guerra, quando todos os mais qualificados dentre os negros eram empregados domésticos nas melhores famílias brancas, havia entre as duas raças laços de intimidade, afeição e, algumas vezes, de sangue. Eles viviam na mesma casa, compartilhavam a vida familiar, comumente freqüentavam a mesma igreja, falavam e conversavam uns com os outros. Mas a crescente civilização do negro desde então tem, naturalmente, significado o desenvolvimento de classes mais altas: tem havido um aumento do número de ministros, professores, médicos, comerciantes, técnicos e fazendeiros independentes, os quais, por natureza e preparo, são a aristocracia e os líderes negros. Entre eles, todavia, e o melhor dentre os brancos, existe pouco ou nenhum intercâmbio intelectual. Frequentam igrejas separadas, vivem em áreas separadas, estão separados em todo o encontro público, viajam separadamente e estão começando a ler jornais e livros diferentes. Para muitas bibliotecas, salas de leitura, concertos e museus, os negros ou não têm acesso, ou quando têm é de forma particularmente ofensiva ao orgulho de classes que, pelo contrário, deveriam ser atraídas. Os jornais diários registram os acontecimentos no mundo dos negros, à distância, sem muita preocupação com a acuidade; o mesmo ocorre na categoria dos meios de comunicação intelectual: escolas, conferências, iniciativas para melhoria social, e similares. É comumente verdadeiro que os

representantes das duas raças, que para mútuo benefício e, para o bem-estar de todos, deveriam porem-se em completo entendimento e harmonia, são estranhos, onde um lado pensa serem todos os brancos tacanhos e preconceituosos, e o outro considera os negros educados perigosos e insolentes. A mais, na terra onde a tirania da opinião pública e da intolerância crítica, por óbvias e históricas razões, são tão marcantes como no Sul, este conjunto de situações torna-se muito difícil de ser consertado. O branco, assim como o negro, é limitado e barrado pela linha da cor e, em muito, um esquema de benevolência e filantropia, de tolerante harmonia e generosa amizade entre ambos, fez despencar, natimorta, pela ação de algum intrometido que pôs a questão da cor no primeiro plano, acionando a força, tremenda, da lei informal contra os inovadores.

É quase desnecessário para mim acrescentar muito mais no que concerne ao contato social entre as raças. Nada surgiu para substituir a elegante harmonia e carinho entre alguns senhores e os empregados domésticos, porque o radical e mais descomprometido traçado da linha da cor, nos anos recentes, tudo fez para obstar. Num mundo onde significa tanto tomar a mão de alguém e sentar-se a seu lado, olhar francamente em seus olhos e sentir seu coração batendo com sangue rubro; num mundo onde um charuto social ou uma taça de café juntos significam mais do que saguões legislativos, artigos de revistas e discursos, uma pessoa pode imaginar as conseqüências da quase completa ausência de tais amenidades sociais entre as raças, cuja separação se estende, mesmo, aos parques e transportes coletivos.

Aqui não pode existir nenhuma destas iniciativas de misturar-se com o povo – o abrir do coração e da mão do superior para o inferior, em generoso reconhecimento da humanidade e do destino comuns. De outra parte, em termos de simples ato de boa vontade, onde não pode haver a questão do contato social, e no proteger o idoso e o doente, o Sul, como que excitado por um sentimento de suas desafortunadas limitações, é generoso para o erro. O esmolar negro nunca é mandado embora sem um bom naco de pão, e o pedido de auxílio pelo desvalido encontra pronta resposta. Lembro-me, num frio inverno, em Atlanta, quando parei de contribuir para um fundo público de auxílio, temendo que os negros fossem discriminados. Adiante, indaguei de um amigo: “Tem algum negro recebendo o auxílio?” Ao que me respondeu: “Eles são *todos* negros”.

Apesar disto, o cerne do problema não é atingido. O progresso humano não é uma simples questão de boa-vontade, mas pelo contrário, de harmonia e cooperação entre classes que desprezariam serem tratadas com caridade. E estamos na terra onde, nos grandes passos da vida, em todos os embates por uma boa e nobre verdade, a linha da cor separa naturais amigos e colegas de trabalho; enquanto na escala mais baixa do grupo social, nos salões – o inferno do jogo – e no prostíbulo, a mesma linha é atenuada e desaparece. Tenho buscado pintar uma imagem

mediana das verdadeiras relações entre amos e homem no Sul. Eu não procurei atenuar temas por uma questão de orientação, pois temo que já fomos longe demais quanto a isto. De outro modo, procurei sinceramente não deixar injustos exageros insinuarem-se. Eu não duvido que em algumas comunidades sulistas o ambiente seja melhor do que aqui indiquei; ao mesmo tempo, não tenho menor certeza de que, em outras comunidades, as condições sejam piores.

O paradoxo e o perigo desta situação não falham em despertar o interesse e a perplexidade do melhor da consciência no Sul. Profundamente religioso e fervorosamente democrata, o povo branco sente assim, intensamente, a falsa posição em que o problema do negro é posto. Um povo de bom coração e generoso não pode, em essência, recitar os preceitos de castidade do cristianismo, ou acreditar na igualdade de oportunidade para todos os homens, sem vir a sentir, mais e mais, com o passar de cada geração, que o atual traçado da linha da cor é uma plana contradição de seus credos e profissões. Na mesma medida com que o tema é repetido, a atual condição social do negro se mantém como uma ameaça e um prodígio, mesmo ante o mais liberal: mesmo que nada houvesse para objetar ao negro, senão que seu negrume ou outros aspectos físicos que lhe são peculiares, asseveram, o problema seria relativamente simples; mas o que poderemos dizer quanto à sua ignorância, indolência, pobreza e criminalidade? Pode um grupo que se preza entreter qualquer tipo de relacionamento fraterno com tais pessoas sem se contaminar? Devemos deixar um sentimento de lamúria pôr fora a cultura de nossos ancestrais ou a esperança de nossos descendentes? O argumento assim posto é de grande força, mas não é nem um pouquinho mais forte do que o esposado pela inteligência negra. Tomando por certa a assertiva de que as condições de nosso povo são ruins, tem-se, de um lado, causas históricas que as justificam e a inequívoca evidência de que, um número imodesto, apesar das tremendas desvantagens, alcançou os níveis da civilização americana. E quando, por vedação ou preconceito, estes mesmos negros são nivelados e tratados de forma idêntica aos menos preparados de seu povo, simplesmente *porque* são negros, tal política não apenas desencoraja a moderação e a inteligência, dentre os negros, mas estimula e premia os elementos de queixa – ineficiência e crime. Trace linhas de crime, de incompetência, de vício, o mais apertado e inflexível, como desejos, quando elas devem é ser proscritas; mas a linha da cor não apenas deixar de atingir este propósito, senão que a ele se opõe.

Face a estes dois argumentos o futuro do Sul depende da habilidade dos representantes destes pontos de vista antagônicos em ver, apreciar e ter simpatia com as posições de cada qual – para o negro conseguir mais profundamente o que obteve até o presente, necessita aprimorar as populações de seu povo, para que os brancos compreendam, mais vividamente do que têm feito, o

mortal e desastroso efeito de um preconceito que nivela Phillis Wheatley e Sam Hose, na mesma classe de desprezados²⁰⁸.

Não é o bastante, os negros declararem que o preconceito de cor é a causa única de sua condição social; tampouco o é para o branco sulista responder que sua condição social é a principal causa para o preconceito. Ambos agem como recíprocas causa e efeito, e uma mudança em apenas um dos lados não resultará no desejado fim. Ambos têm de mudar, ou nenhum conseguirá melhorar significativamente. O negro não pode suportar as atuais tendências reacionárias, nem indefinidamente um arrebatado traçado da linha da cor sem que implique em desencorajamento e retrocesso. E a condição do negro é sempre uma escusa para posterior discriminação. Apenas pela união, inteligência e harmonia através da linha da cor, neste período crítico da República, triunfarão a Justiça e o Direito:

*Esta mente e esta alma em sintonia
Poderão compor uma música como ontem,
Mas magnífica²⁰⁹.*

208 - Ver nota 59, com relação a Phillis Wheatley e 121, referente a Sam Hose.

209 - *In memoriam*, de Lord Tennyson, 1809-1892, poeta inglês.

X

SOBRE A FÉ DOS ANTEPASSADOS



Opaca face da Beleza, toda parte rondando
Bela face da Beleza, toda muito formosa para contemplar
Onde as estrelas cadentes são arremessadas
Lá, lá somente para ti
Possa a alva paz estar

Beleza, triste face da Beleza, Mistério, Maravilha
Que sonhos são estes para homens tolos balbuciar
Que suplicam com pequenos ruídos sob o trovão
De idades, terra à areia,
À uma pequena areia²¹⁰.

Aconteceu no campo, longe de casa, longe de meu lar adotivo, numa escura noite de domingo. Na estrada que se perdia entre nossa casa de madeira e o leito pedregoso de um regato, cortando milharais e trigais, pudemos ouvir fracamente, através dos campos, a cadência ritmada de uma música – suave, excitante, poderosa – que crescia e definhava tristemente em nossos ouvidos. Eu era um professor de escola rural, naquele tempo, recém chegado do Leste, e nunca havia visto um ato negro sulista de revivificação. Para ser exato, em Berkshite não éramos tão rígidos e formais como seriam antigamente os de Suffolk²¹¹; não obstante, éramos sim muito quietos e acomodados; assim que eu não sei o que teria ocorrido se, numa dessas cristalinas manhãs do sabá alguém houvesse pontuado um sermão com algum grito incontido, ou cortado uma longa reza com um desmedido amém! Assim, o que mais me surpreendeu, à medida em que me aproximava do vilarejo e da pequena igreja empoleirada adiante, era o ar de intensa excitação que emanava aquela multidão de gente negra. Algo como um terror contido pairava no ar e parecia nos envolver todos –

210 - Versos de Fiona Macleod (pseudônimo de William Sharp). "Dim Face of Beauty". A partitura é do espiritual negro "Steal Away Home". A tradição diz que a música era o meio dos escravos norte-americanos que, resistindo aos sermões e cultos dos pregadores brancos que exortavam a obediência ao amo branco, recolheram-se à suas senzalas ou aos esconderijos na mata ("hush harbors") para desempenhar seus próprios ritos e cultos. Consultar Albert J. Raboteau, *Slave Religion: The Invisible Institution in the Antebellum South* (New York: Oxford University Press, 1978).

211 - Berkshite é o município no oeste de Massachusetts onde Du Bois nasceu e cresceu. Suffolk é um condado na Inglaterra. Du Bois se refere aqui ao formalismo da vida congregacional que ele viu aumentar em Great Barrington. A primeira revivificação negra sulista que presenciou ocorreu em Wilson County, Tennessee (capítulo 4º).

um pitiatismo, uma possessão demoníaca, a terrível realidade da letra e da música. Preta e sólida, a imagem do pregador se agitava e palpitava na medida em que as palavras se amontoavam em seus lábios e deles escorriam para nós com eloquência singular. Os fiéis gemiam e se agitavam; então, de repente, a mulher amarronzada, de rosto macilento, a meu lado, jogou-se para o alto e deu um grito qual uma alma penada, enquanto que à volta irrompiam lamentos, gemidos e um clamor generalizado – cena de paixão humana como antes jamais eu havia imaginado.

Aqueles que nunca assistiram ao frenesi de uma revivificação, em sua forma sulista original, podem, apenas levemente, compreender o sentimento religioso do escravo. Como descrito, tais cenas se mostram grotescas e cômicas, mas em verdade são majestosas. A religião dos escravos pode ser caracterizada em três pontos: o Pregador, a Música e o Frenesi. O Pregador é o tipo humano mais peculiar desenvolvido pelo negro em solo americano. Um líder, um político, um orador, um “patrão”, um intrigante, um idealista – ele é tudo isto, e mais, também, o centro, às vezes, de um grupo de vinte, noutras de mil pessoas. A combinação de uma certa habilidade com um profundo senso de enraizada sobriedade, de tato com perfeita habilidade, dá-lhe proeminência e coopera para manter-se assim. O padrão varia, é certo, dependendo de tempo e lugar, das Índias Ocidentais, no século dezesseis, à Nova Inglaterra no século dezenove e dos confins do Mississippi à cidades como Nova Orleães e Nova York.

A música da religião dos negros contém uma lamuriosa melodia rítmica, com suas tocantes cadências menores, à qual, apesar da caricatura e decomposição, ainda permanece como a mais original e bela expressão de nostalgia da vida humana, jamais criada em solo americano. Originada na floresta africana, onde sua contraparte ainda hoje pode ser ouvida, foi adaptada, alterada e intensificada pela trágica vida do escravo, até, sob a opressão da lei e da chibata, tornar-se uma verdadeira expressão do sofrimento, desespero e esperança de um povo.

Finalmente, o Frenesi ou “Clamor”²¹². Quando baixava o espírito do Senhor, e se apoderava do devoto, tornava o possuído portador uma alegria sobrenatural. Tinha-se, aí, o clímax da cerimônia, a parte que detinha maior credibilidade. O devoto variava, em expressão, do silêncio extasiado ou murmúrio e gemido baixos ao louco desamparo ou fervor físico — o sapateio, a gritaria e o clamor, o deslocar-se de um lado para o outro, o frenético agitar de braços, o choro e o riso, a visão e o transe. Nada disto é novidade, mas tão antigo como religião, como Delfos e En-dor²¹³. Tão

212 - Frenesi é a palavra empregada por Du Bois para a tradicional possessão, presente na cosmologia africana e também nas Índias Ocidentais. E clamor é referência às danças africanas que permaneceram entre os escravos africanos. Mais conhecida como círculo de clamor, era executada, via de regra, em exteriores, compreendendo um grupo de danças de movimentos circulares, onde a possessão era estimulada.

213 - Delfos é o templo de Apolo, no monte Parnaso, da Grécia antiga. En-dor (1 Samuel 28:7: “Então disse Saul aos seus criados: Buscai-me uma mulher que tenha o espírito de feiticeira, para que vá a ela, e consulte por ela. E os seus criados lhe disseram: Eis que em En-Dor há uma mulher que tem o espírito de adivinhar.”) local onde uma vidente, a pedido do rei Saul, invocou o espírito do profeta Samuel, que, por seu turno, previu a derrota dos israelitas face aos filisteus. Ao fim do encontro, a vidente preparou uma refeição para o arrasado Saul e sua corte. (1 Samuel

forte foi este sentimento sobre os negros que, por muitas gerações, acreditaram que, sem esta manifestação perceptível de Deus, não poderia haver uma verdadeira comunicação com o Invisível.

Estas eram as características da vida religiosa dos negros, como acontecia até os tempos da Emancipação. Uma vez que sob as peculiares circunstâncias do ambiente destes, eram a única expressão do melhor de suas vidas; são, pois, de profundo interesse para o pesquisador de seu desenvolvimento, tanto social como psicológico. Numerosas são as linhas de interesse deste grupo em si. O que a escravidão significa para o selvagem africano? Qual era sua postura ante o Mundo e a Vida? Como se lhe pareciam o bem e o mal – Deus e Diabo? Para onde foram seus anseios e seus esforços e, por isto, onde ficaram suas tristezas e desapontamentos? Respostas para estas questões podem vir somente a partir de um estudo da religião dos negros como um desdobramento, embora suas graduais alterações desde o paganismo da Costa do Ouro à institucional igreja dos negros de Chicago.

Além do mais, o desenvolvimento religioso de milhões de homens, mesmo sendo escravos, não se dará sem que exerça uma forte influência sobre seus contemporâneos. As igrejas metodistas e as batistas devem muito de sua posição à silenciosa, porém potente, influência de milhões de negros a elas convertidos. Torna-se isto mais evidente no Sul – no qual a teologia e filosofia religiosa estão muitos passos atrás do Norte –, onde a religião dos brancos pobres é uma simples cópia do pensamento e método dos negros. A missa dos hinos de “evangelho”, que varreu as igrejas americanas e quase arruinou nosso sentido de música consiste amplamente em medíocres imitações das melodias negras feita por ouvidos que captaram os versos, mas não a música, o corpo e não a alma, das canções “Jubilee”²¹⁴. É claro, assim, que o estudo da religião dos negros não é apenas uma parte vital da história deste povo na América, mas também uma parte não desinteressante da História.

A igreja dos negros hoje é o centro social da vida destes nos Estados Unidos, e a mais característica expressão da personalidade africana. Veja uma igreja típica, numa pequena cidade virginiana: será ela a “Primeira Batista” – um espaçoso edifício de tijolos à vista, capaz de abrigar quinhentas pessoas ou mais, com acabamento de bom gosto, em madeira de pinho da Geórgia, acarpetado, com um pequeno órgão, janelas com vitrais, e num plano inferior está um amplo salão

28.3.25: “E os trouxe diante de Saul e de seus criados, e comeram; depois levantaram-se e partiram naquela mesma noite). Esta nota do tradutor segue à versão brasileira de João Ferreira de Almeida, da Bíblia. Na edição, aqui traduzida, de *“Souls of Black Folks”*, a nota explicativa usa Endor (uma só palavra) como o nome da vidente. Na versão inglesa (*Scholar*) está como uma palavra, Endor, mas se refere à cidade e não à vidente.

214 - Hinos de “Evangelho” são uma forma musical que evoluiu do movimento de revivificação urbano protestante, dos anos 1850. Comumente, as canções de evangelho exibiam uma maior complexidade estilística do que os antigos *spirituals*. Parece, aqui, que Du Bois está utilizando a expressão *“Jubilee songs”*, no original, como uma descrição ampla para música sacra negra. Pode ser também uma homenagem aos *“Jubilee Singers”*, o coral da Universidade Fisk, de Nashville, Tennessee, que espalhou o *“spiritual”* pelo mundo.

com os bancos. Este edifício é o centro de uma comunidade de mil ou mais negros. Várias entidades aqui se reúnem: a igreja em si, a escola dominical do evangelho, duas ou três agências de seguros, clubes de mulheres, sociedades secretas, e operam-se encontros populares de vários tipos. Diversão, jantares e conferências ocorrem paralelamente com cinco ou seis serviços religiosos normais por semana. Consideráveis somas de dinheiro são coletadas e gastas aqui; os desempregados buscam emprego; estranhos são introduzidos à comunidade; notícias são disseminadas e a caridade é praticada. Ao mesmo tempo, este centro social, intelectual e econômico é um pólo religioso. De Depravação, Pecado, Redenção, Céu, Inferno e Danação ouvem-se prédicas repetidas com muito fervor nos domingos, e a revivificação se dá anualmente quando da colheita; e poucos, realmente, na comunidade, têm a audácia de falar a respeito. A religião mais formal, esta comumente se posta como uma verdadeira mantenedora da moral, um apoio à vida em família, e deposita uma final autoridades ao que são Deus e o Direito. Assim, pode-se ver na igrejas dos negros da atualidade, reproduzido num microcosmo, todo este maravilhoso mundo do qual o negro é posto à margem pelo preconceito de cor e por sua condição social. Nas igrejas das grandes cidades a mesma tendência é notada e em muitos aspectos magnificada. Uma grande igreja como a Bethel²¹⁵, de Filadélfia, conta com mais de mil e cem fiéis; tem um salão, onde se podem sentar mil e quinhentas pessoas. O conjunto é avaliado em cem mil dólares, e tem um orçamento anual de cinco mil dólares. É governada por um pastor, com diversos diáconos. Tem conselhos legislativo, executivo e de finanças, além de coletores de rendas. Mantém reuniões para elaboração de preceitos; grupos comandados por líderes de classe, uma companhia miliciana e vinte e quatro sociedades auxiliares. O trabalho de uma igreja como esta é imenso e de longo alcance, e o bispo que preside essas organizações, espalhadas por todo o país, postam-se entre os mais poderosos governantes negros em todo o mundo.

Estas igrejas são, verdadeiramente, governos de homens e, conseqüentemente, uma breve investigação revela curioso fato segundo o qual, no Sul, pelo menos, praticamente cada negro americano é membro de uma igreja. Alguns, para ser exato, não são formalmente paroquianos, e poucos não freqüentam os cultos habitualmente; mas, na prática, um povo proscrito necessita ter um centro social, e este centro para os negros é sua Igreja.

215 - "Igreja Episcopal Metodista Africana Mãe Bethel da Filadélfia" foi a primeira denominação de uma igreja negra urbana nos EUA, fundada em 1794.

O censo de 1890 mostrou cerca de vinte e quatro mil igrejas de negros espalhadas pelo país, com um total de adeptos superior a dois e meio milhões, chegando, em alguns estados sulistas, a um fiel em cada duas pessoas. Ao lado destes há um grande número dos que, não sendo integrantes da paróquia, freqüentam-na e participam de muitas de suas atividades religiosas ou comunitárias. Há uma igreja de negros para cada sessenta famílias no país e, em certos estados, uma para cada quarenta famílias, possuindo, em média, um mil dólares em patrimônio, cada uma, ou aproximadamente vinte e seis milhões de dólares no conjunto.

Este é, pois, o grande desenvolvimento das igrejas negras no pós Emancipação. A questão agora é: quais têm sido os passos sucessivos desta história social e quais são as tendências atuais? Primeiro, devemos compreender que nenhuma tal instituição, como as igrejas de negros, poderia erguer-se sem que tivesse definidas bases históricas. Essas fundações as podemos encontrar se atentarmos para o fato de que a história social do negro não se iniciou na América. Ele foi trazido de um ambiente social definido – a vida polígama dos clãs sob o comando de um chefe e a forte influência de um sacerdote. Sua religião era de adoração à natureza, com uma profunda crença na influência de forças invisíveis, boas ou más, e sua adoração se dava através do encantamento e do sacrifício. A primeira drástica mudança neste estilo de vida foi o navio negreiro e os campos de açúcar das Índias Ocidentais. A estrutura da fazenda substituiu o clã ou a tribo, e o amo branco ocupou o espaço do chefe com poderes muito maiores e mais despóticos. Trabalho forçado e longamente continuado tornou-se a regra de seu viver, os antigos laços de sangue e parentesco desapareceram, e ao invés da família surgiu uma nova poligamia e poliandria, as quais, em muitos casos, beirava à promiscuidade. Esta foi uma terrível revolução social, e mesmo que alguns traços da vida anterior fossem retidos a principal instituição que perdurou foi a do sacerdote ou o curandeiro. Muito cedo ele despontou nas plantações e encontrou seu lugar como o curador dos enfermos, o interprete do desconhecido, o consolador dos desamparados, o vingador supranatural dos injustiçados e aquele que de forma grotesca, mas pitoresca, expressava a solidão, o desapontamento e o ressentimento de um povo lesado e oprimido. Assim, como bardo²¹⁶, médico, juiz e sacerdote, dentro dos estreitos limites permitidos pelo sistema escravista, despontou o pregador negro, e sob seu comando a primeira instituição afro-americana – a Igreja dos Negros. Igreja que, na sua origem, não era nem cristã, tampouco tinha organização; pelo contrário, era mais a adaptação e mistura de ritos de cura dentre os integrantes das diversas plantações, e genericamente

216 - Em inglês, *bard*, em francês *griot*. Trata-se de um poeta contador de histórias que, de forma épica, recria, na África, a vida de seu povo. Um estudioso deste "Souls" sugeriu que seu texto, por inteiro, pode ser tido como a performance de Du Bois como o bardo da cultura afro-americana, no início do século vinte.

denominada de candomblé²¹⁷. O convívio com os senhores, o trabalho dos missionários e motivos de conveniência deram a esses ritos uma primeira camada de cristianismo, e após um lapso de algumas gerações a igreja dos negros tornou-se cristã.

Dois aspectos característicos devem ser percebidos quanto a essa igreja. Primeiro, tornou-se quase por completo batista e metodista quanto à fé; segundo, como uma instituição social antecedeu em muitas décadas ao lar monogâmico negro. Pelas circunstâncias muito peculiares de sua origem, a igreja se confinava às fazendas, e se constituía primeiramente numa série de unidades desconectadas; todavia, mais adiante, alguma liberdade de movimento começou a ser admitida. Mas, a existente separação geográfica, era causa para a dispersão da descentralizada e democrática fé batista entre os escravos. Ao mesmo tempo, o visível rito dos batistas constituía-se em forte apelo para seu temperamento místico. Hoje a Igreja Batista é ainda a que mantém um maior número de fiéis dentre os negros, mantendo um e meio milhão de comungantes. A seguir, em popularidade, vêm as igrejas organizadas em conexão com igrejas brancas próximas, especialmente as igrejas batistas e metodistas, com poucos entre os episcopais. Os metodistas ainda formam o segundo grupo que mais se adequou à igreja dos negros face à proeminência que deu ao sentimento e fervor religiosos. A participação dos negros em outras denominações religiosas foi sempre pequena e relativamente pouco importante, embora os episcopais e os presbiterianos venham ganhando dentre as classes mais desenvolvidas de hoje, e a Igreja Católica tem liderado em certas comunidades. Após a emancipação, e mesmo mais cedo no Norte, as igrejas de negros cortaram os vínculos que tinham com as originais brancas, por escolha ou por força. As igrejas batistas tornaram-se independentes, mas as metodistas foram forçadas, bem cedo, a ficarem unidas, atendendo à política de um governo episcopal. Isto fez surgir a grande Igreja Africana Metodista – a maior organização de negros em todo o mundo – a Igreja Sionista, a Metodista de Cor e as conferências e igrejas com estas e outras denominações²¹⁸.

O segundo fato assinalado, ou seja, de que as igrejas dos negros antecedem ao lar destes,

217 - No original *Voodooism*, que vem acompanhado da seguinte nota: "Voodooism era um culto organizado de práticas religiosas e um sistema de magia com claras origens africanas. No Novo Mundo, o vodu enraizou-se sobretudo no Haiti, onde passou a ser chamado de *vaudou*, e misturou tradições espirituais africanas com o catolicismo. Aí, os seguidores do *vaudou* valorizam mais a devoção à terra, à família e aos espíritos que são adorados em cerimônias que podem incluir canto, dança e batuque. O vodu também enraizou-se no Sul, especialmente em Nova Orleães. Às vezes, denominado *Hoodoo*, às vezes *conjure*, nos EUA tornou-se um sistema de magia, divinação, herbanário e do uso de signos. A possessão pelos espíritos é o elemento africano chave que restou nas muitas formas do vodu.

218- A Igreja Episcopal Metodista Africana (com sigla conhecida no EUA, como AME), foi fundada em 1787 na Filadélfia por Richard Allen, um ex-escravo e pregador itinerante metodista. Allen e outros negros, primeiramente, constituíram a Sociedade Livre da Filadélfia, com o objetivo de conseguir autonomia religiosa, rejeitar a segregação e o racismo da tradicional Igreja Metodista. Então, erigiram a Igreja Episcopal Metodista Africana Mãe Bethel, em 1794. Allen foi eleito, em 1816, o primeiro bispo da AME. Em torno a 1864, a AME possuía 50.000 membros e 1.600 congregações, a maioria no Norte. Por 1880, estes números haviam crescido para 387.566 e 2.051, com muitas novas congregações, fundadas no Sul durante o período de reconstrução. De 1890 a 1916 a AME cresceu de 494.777 para 548.355 membros, e de 2.481 para 6.636 congregações. A Igreja Episcopal Africana Sionista, que surgiu como um ramo da AME em 1820, com sigla AMEZ. Seus pregadores e membros eram inspirados por propósitos, de alguma forma, mais ativistas e evangélicos do que a maior AME. Em 1896, a AMEZ contava com 350.000 membros. A Igreja Episcopal Metodista de Cor (CME) foi fundada em 1870, em Jackson, Tennessee, por ex-escravos que haviam sido membros da Igreja Episcopal Metodista, no Sul, e haviam rompido com a igreja de seus antigos amos. A CME fundou vinte e uma escolas e quatro faculdades no Sul.

conduz-nos a uma explicação do muito de paradoxal desta instituição comunal e na moral de seus membros. Mas, especialmente, isto conduz-nos a ter esta instituição como uma expressão peculiar de vida interior ética de um povo num sentido poucas vezes tão autêntico noutro lugar. Vamos nos voltar, então, do desenvolvimento físico externo da igreja, para os mais importantes aspectos da ética da vida interior do povo que a compõe. O negro já foi apontado, muitas vezes, como um animal religioso — um ente de tão profunda natureza emocional que se volta, instintivamente, para o sobrenatural. Dotado de uma imaginação tropical rica e uma ardente delicada valorização da natureza, o africano transplantado vivia num mundo povoado por deuses e demônios, duendes e feiticeiras; cheio de influências estranhas — de Deus ser implorado; do Mal ser aplacado. A escravidão era, assim, a negra vitória do Mal sobre si. Todas as odiosas forças do submundo se abatiam sobre ele, e um espírito de revanche e revolta enchia seu coração. Assim, apelava às forças sobrenaturais para ajudá-lo — exorcismo, feitiçaria, os mistérios da veneração Obi²¹⁹ com seus ritos bárbaros, encantamentos e, mesmo, sacrifícios cruentos, algumas vezes com vidas humanas. Estranhas orgias de meia-noite eram executadas e conjurações místicas invocadas. A feiticeira e o sacerdote voduísta tornaram-se o centro da vida dos negros, e o veio de vaga superstição que caracterizava o negro ignorante, hoje em dia, tanto aprofundou-se quanto tornou-se mais forte.

Apesar, todavia, de tais eventos como aqueles dos ferozes Maroons²²⁰, os negros holandeses, e outros, o espírito de revolta gradualmente feneceu sob a incansável energia e esforço superior dos senhores de escravos. Em torno à metade do século dezoito, o escravo havia descido ao mais baixo nível — com resignados murmúrios — ao seu lugar no fundo do novo sistema econômico, e estava inconscientemente maduro para uma nova filosofia de vida. Nada se adequava melhor à sua condição do que as doutrinas de submissão passiva, parte do cristianismo recém adquirido. Os senhores de escravos logo compreenderam isto e alegremente apoiaram a propaganda religiosa, dentro de certos limites. O longo sistema de repressão e degradação do negro tendia a dar relevo a elementos em sua personalidade que o tornavam um escravo valioso: cortesia se transformou em humildade, empenho moral se degenerou em submissão, e a peculiar tendência natural de apreciar o belo tornou-se numa infinita capacidade para sofrer resignadamente. O negro, perdendo a alegria deste mundo, ansiosamente se agarrou às concepções oferecidas de um próximo; o vingativo espírito do Senhor praticando a paciência neste mundo, sob sofrimento e adversidades, até o Grande Dia quando Ele deverá levar seus filhos negros para o Lar — este passou

219 - Orbi era uma prática religiosa ou uma forma de feitiçaria de origem africana. Enraizou-se na Jamaica, onde é conhecida como *obeah*. De acordo com antigas observações sobre as práticas dos escravos na Jamaica, os praticantes do *obeah* usavam-na com fins malignos, para ferir outras pessoas. O *obeah* era importante entre os escravos jamaicanos pois dava apoio às rebeliões, ensinava proteção contra ladrões e os assistia na identificação de culpados.

220 - Ver nota 58.

a ser seu acalentado sonho. Seu pastor repetia a profecia, e seus bardos cantavam:

Filhos, todos seremos livres

Quando o Senhor surgir!²²¹

Este profundo fatalismo religioso, descrito com tanta beleza em “Tio Tomás”²²², fez nascer, como o farão todas as fés fatalistas, o lado voluptuoso, lado a lado, com o martírio. Ante o negligente moral da vida nas fazendas, onde o casamento era uma farsa, a preguiça uma virtude, a propriedade um esbulho, uma religião de resignação e submissão degenerava facilmente, em mentes menos vigorosas, numa filosofia de indulgência e de crime. Muitas das piores características das populações negras de hoje têm sua semente nesse período do desenvolvimento ético dos escravos. Aqui que o Lar foi arruinado sob a sombra da Igreja, branca ou dos negros; aqui hábitos de indolência deitaram raízes, e soturna desesperança substituiu a busca de horizonte.

Com o despontar do movimento abolicionista e com o gradual crescimento da classe dos negros livres se iniciou a mudança. Comumente negligenciamos a influência do liberto, antes da guerra, face à míngua desses e o pouco peso que tiveram na história da nação. Mas não devemos esquecer que sua posição mais destacada foi interna – foi exercitada no mundo dos negros; e aí ele foi o líder ético e social. Agrupadas, desordenadamente, como o foram, nuns poucos centros urbanos como Filadélfia, Nova York e Nova Orleães, as massas de libertos afundaram na pobreza e na letargia; mas não todos eles. O negro liberto líder cedo se ergueu e sua principal característica era uma intensa seriedade e profundo sentimento quanto ao problema escravidão. Liberdade, para ele, era algo tangível e não um sonho. Sua religião tornou-se mais negra e mais intensa; em sua lenta progressão ética, um tom de desforra; em suas canções, um dia de esperança próximo, à mão. O “surgimento do Senhor”, mudou a face da Morte, que se tornou, então, algo a ser ansiado. Através de escravos fugitivos e do debate irrefreável o desejo de liberdade empolgou milhões de negros então no cativeiro, tornando-se seu único ideal de vida. Os bardos negros captaram novos tons, e algumas vezes chegaram a ousar cantá-los:

221 - Do espiritual “*Children, We All Shall Be Free*”.

222 -Ver nota 156.

Oh liberdade, oh liberdade, oh liberdade
cobre-me!
Antes que me façam escravo
Vou fazer em minha cova,
E ir para casa do meu Senhor
E ser livre!

Por cinquenta anos a religião dos negros metamorfoseou-se -se para identificar-se como o sonho da Abolição, até que aquela, que parecia constituir-se numa moda passageira no Norte branco, e num complô anarquista no Sul branco – tornou-se a religião do universo dos negros. Assim, quando a Emancipação finalmente chegou, pareceu, para o liberto, a literal Chegada do Senhor. Sua ardente imaginação estava excitada como nunca antes, pela marcha das tropas, o sangue e a poeira das batalhas, e pelo lamento e torvelinho da sublevação social. Ele se manteve mudo e estático ante o turbilhão. O que ele tinha a ver com isto? Não se tratava de algo de Deus, e maravilhoso ante seus olhos? Feliz e assombrado com o que chegou, manteve-se a espera de novas maravilhas até que a inevitável Era da Reação abateu-se sobre a nação, e trouxe a crise da atualidade.

É difícil de explicar claramente o estágio crítico, hoje, da religião dos negros. Primeiro, é necessário que nos lembremos de que vivendo, como viviam os negros, em íntima proximidade com uma grande e moderna sociedade, e compartilhando, ainda que imperfeitamente, a vida da nação, eles devem necessariamente ser afetados mais ou menos diretamente por todas as religiões e forças éticas que movem hoje em dia os Estados Unidos. Estas questões e movimentos são, todavia, obscurecidos e apequenados pela (para eles), de todo importante, questão de seu estado civil, político e econômico. Eles devem, perpetuamente, discutir o “Problema do Negro” – devem viver, agir, e ter seu ser nele imerso, e interpretar tudo o mais à sua luz ou escuridão. Com isto vêm, também, problemas peculiares de suas vidas interiores – do *status* da mulher, a manutenção do lar, a educação dos filhos, o progresso material e a prevenção do crime. Tudo isto deve significar um tempo de intensa fermentação ética, de sentimental busca religiosa e inquietação intelectual. Da dupla vida que todo o negro americano tem de viver, ser negro e ser americano – como arrastado pela corrente do dezenove, enquanto ainda luta nos remoinhos do século quinze – disto deve surgir uma dolorosa autoconsciência, um quase mórbido sentido de personalidade e hesitação moral, o que é fatal para uma autoconfiança. Os mundos dentro e fora do Véu da Cor estão em mutação – e

mudando rapidamente, mas não à mesma razão, não no mesmo caminho; e isto deve provocar uma peculiar distensão das almas, um sentido peculiar de dúvida e desorientação. Uma tal vida dupla, com pensamentos duplicados, deveres dobrados e classes sociais duplas, deve ensejar o surgimento de palavras e ideais dúplices, e tentar a mente fingir ou se revoltar, à hipocrisia ou ao radicalismo.

Em algumas de tais duvidosas palavras e frases pode alguém, talvez, mais claramente, retratar o peculiar paradoxo ético com que se depara o negro hoje em dia, que está tingindo e mudando sua vida religiosa. Sentindo que seus direitos e seus caríssimos ideais estão sendo esmagados, que a consciência pública está cada vez mais surda a seus justos apelos, e que todas as forças reacionárias do preconceito, ganância e revanche estão diariamente ganhando novas forças a aliados recentes, o negro enfrenta um dilema não invejável. Consciente de sua impotência e pessimista, torna-se geralmente amargo e vindicativo; e sua religião, ao invés de uma adoração, vira um reclamar, um amaldiçoar; um lamento, ao invés de esperança, mais um escárnio do que uma fé. De outro modo, um diferente tipo de mente, astuta e mais perspicaz, também mais tortuosa, vê no poder, em si, do movimento anti-negro, sua manifesta fraqueza, e com casuísmo jesuítico²²³ é detido, por nenhuma consideração ética, no objetivo de transformar esta fraqueza na força do negro. Então, temos dois grandes, e dificilmente reconciliáveis, fluxos de pensamento e esforço ético; o perigo de um reside na anarquia e do outro na hipocrisia. Um tipo de negro apresenta-se na iminência de amaldiçoar Deus, e morrer; o outro, comumente encontrado, é um traidor face a justiça e um covarde ante à força; um está ligado a remotos ideais, esdrúxulos, talvez de realização impossível; o outro se esquece de que a vida pede mais do que carne, e o copo mais do que vestimenta. Mas, apesar de tudo, isto não é simplesmente o registro de uma era trasladada para o negro – será o triunfo da Mentira que hoje, com sua falsa cultura, enfrenta a hediondez do anarquista assassino?

223 - Casuísmo jesuítico: Jesuísta é um membro da ordem católica romana, a Sociedade de Jesus; e casuísmo é a solução de questões morais através da interpretação de princípios éticos de doutrina religiosa. O uso depreciativo da expressão refere-se a uma pessoa que é equivocada, aética e ardilosa.

Hoje, os dois grupos de negros, um no Norte e o outro no Sul, representam estas tendências éticas divergentes. O primeiro tendendo para o radicalismo, e outro na direção do compromisso com a hipocrisia. Não se trata de vão lamento, aquele em que o Sul chora a perda do negro de tempos antigos – o franco, honesto, simples serviçal de antigamente – que manteve a submissão e a humildade nos alvares das religiões. Com toda a sua indolência e ausência de muitos dos componentes da verdadeira humanidade²²⁴, ele era, pelo menos, de bom coração, leal e sincero. Hoje ele não está mais presente; mas quem lamenta por sua falta? Não são exatamente as mesmas pessoas que choraram sua ausência? Não é a tendência, nascida na Reconstrução e na Reação, de erigir uma sociedade baseada na desordem e na decepção; para interferir na fibra moral de um povo naturalmente honesto e franco, até os brancos ameaçarem se transformar em tiranos ingovernáveis, e os negros em criminosos e hipócritas? O logro é a defesa natural do fraco contra o poderoso, e o Sul valeu-se disto por muitos anos contra seus conquistadores; hoje ele deve preparar-se para ver seu proletariado negro virar esta faca de dois gumes contra si mesmo. E quão natural isto é! A morte de Denmark Vesey e Nat Turner²²⁵ provaram, de muito, para o negro a desesperança de uma resistência física. A defesa política torna-se cada vez menos disponível, e a resistência econômica é, apenas, parcialmente efetiva. Mas existe uma óbvia defesa à mão, a proteção contra a decepção e lisonja, de bajuladores e mentirosos. É a mesma defesa que os *judeus* (trocado por: camponeses) da Idade Média usaram, e que deixaram como sua característica por séculos. Hoje o jovem negro sulista que deseje ter sucesso não poderá agir franca e abertamente, honesta e auto-afirmativamente, pelo contrário, é constantemente tentado a manter-se silente e cauteloso, político e manhoso; deve ser adulator e agradável; suportar insultos com um sorriso, fazer vista grossa para o erro e, muitas vezes, ver, na fraude e na mentira, real vantagem pessoal. O que realmente pensa, o que em verdade aspira deve ser guardado sob a forma de sussurros. Não deverá ser crítico, não se queixará. Paciência, humildade e destreza devem, nos jovens em formação, substituir ao impulso,

224 - A palavra no texto original é *manhood*, cuja tradução literal pode ser a que usei, humanidade (poderia ter sido masculinidade, virilidade, coragem) porém, no contexto da cultura religiosa negra norte-americana pode ter um sentido mais peculiar. Leia-se: *“Existem quatro aspectos distintos, mas entrelaçados para manhood, como se manifesta na tradição religiosa negra: (1) liderança e auto-afirmação; (2) independência; (3) identidade negra, e (4) vocação. Com a tecitura desses elementos pode-se sugerir que os três primeiros são proeminentes dentre as bases da igreja dos negros, e todos os quatro estão manifestos no desenvolvimento de sua igreja, especialmente na medida em que se impôs como uma igreja missionária no pós Emancipação.”* (Trecho de *African-American Religion - Interpretative Essay in History and Culture*, de Tymoty E. Fulop e Albert J. Raboteau).

225 - Ver nota 60.

virilidade e coragem. Com este sacrifício faz-se uma abertura econômica, talvez paz e alguma prosperidade. Sem isto dá-se a sublevação, a migração e o crime. Nem esta situação é peculiar para os Estados Unidos sulista – também não será o único método segundo o qual raças subdesenvolvidas adquiriram o direito de compartilhar da cultura moderna? O preço da cultura é uma mentira.

De outra parte, no Norte a tendência é de dar ênfase ao radicalismo do negro. Despojado de direito inato no Sul, por uma situação que faz por revoltar cada fibra de sua natureza mais assertiva e sincera, depara-se consigo mesmo numa terra onde mal pode ter um decente meio de subsistência, em meio à áspera competição e discriminação de cor. Ao mesmo tempo, através de escolas e meios de divulgação, debates e conferências, se encontra intelectualmente perspicaz e alerta. A alma, há muito auto-refreada e apequenada, de repente se expande numa liberdade recém encontrada. Não pode causar espécie serem todas as manifestações tendente ao excesso – lamentações radicais; curas radicais; denúncia ressentida ou silêncio azedo. Alguns afundam, outros emergem. O criminoso e o sensual trocam a igreja pelo inferno do jogo e pelo prostíbulo, e espalham-se nos guetos de Chicago e Baltimore; as melhores classes se segregam dos grupos tanto de brancos como de negros, formando uma aristocracia aculturada e pessimista, cuja amarga crítica fere, posto que não aponta qualquer solução. Eles, apesar da submissão e subserviência dos negros sulistas, não oferecem qualquer outro meio pelo qual uma minoria pobre e oprimida possa existir lado a lado com seus amos. Sentindo profunda e ardentemente as tendências e oportunidades da época em que vivem, suas almas são amargas ante ao destino que faz cair o Véu de separação; o fato em si de que essa amargura é natural e justificável apenas serve para intensificar isto e torná-la mais irritante.

Entre os dois tipos extremos de atitude ética, os quais busquei deixar claro, movimenta-se uma massa de milhões de negros, no Norte e no Sul; e sua vida religiosa e ação, compartilha do conflito social existente em meio à suas fileiras. Suas igrejas são diferenciadas – agora, em grupos de devotos frios e elegantes, em nada diferente dos grupos similares de brancos, senão que pela cor da pele; de novo, num grande grupo de pessoas buscando a informação e diversão para seus membros, cautelosamente afastando questões desagradáveis, tanto fora quanto dentro do mundo dos negros, e pregando em efeito não em palavra: *Dum vivimus, vivamus*²²⁶.

Mas, atrás disto ainda remói, silenciosamente, o profundo sentimento religioso do verdadeiro coração de negro; as comoventes, ingovernáveis, poderosas almas humanas que perderam a estrela guia do passado e buscam, na grande noite, um novo ideal religioso. Um dia dar-se-á o

Despertar, quando, com vigor enclausurado, dez milhões de almas marcharão, de forma irresistível, em busca do Objetivo, fora do Vale da Sombra da Morte²²⁷, onde tudo que faz da vida digna de ser vivida – Liberdade, Justiça e Direito – têm como epíteto: “Somente para os brancos”.

227 - Vale da Sombra da Morte está no Antigo Testamento, Salmos 23:4: *“Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.”*

XI

SOBRE O PASSAMENTO DO PRIMOGÊNITO



Oh irmã, irmã, teu primogênito,
As mãos que seguram e os pés que acompanham,
A voz do sangue da criança ainda gritando:

Quem se lembrou de mim? quem se esqueceu?

Tu terias esquecido, oh andorinha de verão,
Mas o mundo terminará, quando eu esquecer.

Swinburne.²²⁸

“Um menino te nasceu”²²⁹, celebrava um pedaço de papel amarelo que adejava em meu quarto, numa parda manhã de outubro. Então, a apreensão da paternidade misturou-se, indomada, com a alegria da criação: eu imaginei como seria, o que sentiria — como seriam seus olhos, como seriam seus cabelos que se encaracolavam. E pensei nela com reverência — ela que havia dormido com a Morte, para extrair, debaixo de seu coração, um pequeno ser, enquanto eu, inconscientemente, vagava. Dirigi-me à minha mulher e filho, repetindo a instantes para mim mesmo, meio maravilhado, “Mulher e filho?” — rumei rápido, e mais rápido do que o barco e o carro vapor, mas apesar disto tive de impacientemente esperar por eles — distante da agitada cidade, distante do mar bruxuleante que adentra minhas colinas Berkshire, postadas, melancolicamente, guardando os portões de Massachusetts. Vencida a escada, corri para a pálida mãe e choroso nenê, no santuário em cujo altar uma vida, que ordenei, oferecia-se para vencer a luta pela vida — e

228 - O verso é de “Itylus”, de Algernon Charles Swinburne (1837-1909, poeta e crítico inglês que, via de regra, escreveu musicais e versos eróticos que atacavam o convencionalismo da moralidade vitoriana. A música é do espiritual negro, “I Hope My Mother Will Be There”).

229 - A frase de Du Bois “Um filho te nasceu”, ecoa Isaías, no Antigo Testamento, 9.6: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro. Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”. Enquanto lecionava na Faculdade de Wilberforce, Du Bois conheceu Nina Gomer, uma estudante nessa faculdade. Casaram-se em 12 de maio de 1896. Em 2 de outubro de 1897, nasceu-lhes um filho, em Great Barrington, Massachusetts, que batizaram de Burghardt. Ele veio a morrer de difteria, em 24 de maio de 1899, quatro meses antes de seu segundo aniversário. Este capítulo se constitui numa elegia de Du Bois a seu filho.

venceu. Que é esta coizinha miúda e sem forma, este lamurioso recém-chegado de um mundo desconhecido — todo cabeça e voz? Apanhei-o com curiosidade, e passei a observar perplexo seu pestanejar, seu respirar, seu espirrar. Eu não o amei de imediato; parecia-me algo absurdo para ser amado; mas, ela sim, eu a amava — minha garota-mãe, que agora a via revelar-se como a glória de um alvorecer — transmutada em mulher.

Através de si vim a amar a coizinha miúda, à medida em que crescia e se desenvolvia forte; enquanto sua pequena alma se desdobrava entre agitação, choro e balbucio, e seus olhos capturavam o brilho e o lampejo da vida. Que belo era ele, com sua pele entintada de oliva, e cachos de ouro escuro; seus olhos, uma mistura de azul e marrom, seus perfeitos pequenos membros, e o suave, voluptuoso, arredondamento que o sangue africano moldara em suas feições! Tomei-o em meus braços após havermos partido em direção à nossa casa no Sul — agarrei-o e vislumbrei o solo quente da Geórgia e a imóvel Cidade das Cem Colinas, sentindo um vago desassossego. Por que estava seu cabelo pintado de ouro? Cabelo dourado era um mau augúrio em minha vida. Por que o marrom de seus olhos não havia esmagado e aniquilado o azul? Marrom, pois, eram os olhos de seu pai, bem como do pai de seu pai. Assim, na terra da Linha da Cor eu vi, na medida em que perpassou por meu nenê, a sombra do Véu.

Dentro do Véu ele nasceu, eu disse; e aí ele viverá: um negro, e um filho de negro. Apoiando àquela pequena cabeça — ah, amargamente! —, o insubmisso orgulho de uma raça perseguida; apertando a pequena mão encovada — ah, deprimentemente! —, a esperança não de todo irrealizável, mas infeliz; e vendo, com aqueles pequenos maravilhados olhos, que esquadrihavam minha alma, uma terra na qual autonomia nos é um escárnio e a liberdade uma mentira. Eu vi a sombra do Véu enquanto passava por sobre meu nenê; eu vi a cidade insensível erguendo-se sobre a terra vermelho-sanguínea. Juntei meu rosto à sua pequena face; mostrei-lhe a estrela nascente e as luzes crepusculares, à medida em que começavam a piscar, e acalmei com uma canção vespertina o insonoro terror de minha vida.

Assim, robusto e dominador ele cresceu, possuidor de uma vida tão plena; tão tímido, com a sabedoria silente de uma existência — nada mais, porém, do que distante dezoito meses de “toda uma vida” —, não estávamos, minha mulher e eu, longe de idolatrar esta revelação do divino. Sua vida moldada e organizada em torno do filho; ele a fez colorir cada um de seus sonhos e idealizar cada um de seus projetos. Nenhuma outra mão, senão a sua, deveriam tocar e guarnecer aqueles pequenos membros; nenhuma vestimenta ou enfeite deveriam tocá-los, senão aqueles que fatigaram seus dedos; nenhuma voz, mas a sua, deveria tirá-lo da terra dos sonhos, e ambos, juntos, falarem uma certa língua suave, e aí manterem comunhão. Também eu papariquei seu

pequeno berço branco; vi a força meu próprio ramo alongando-se adiante, através dos tempos, pela nova força que ele emanava; vi o sonho de meus negros pais vacilar, a um passo adiante, no selvagem fantasma do mundo; ouvi em sua voz de nenê a voz do Profeta que estava por despontar dentro do Véu.

Assim sonhamos, amamos e planejamos, no outono e no inverno, e durante o auge da brotação, na longa primavera sulista, até que os ventos quentes rolaram do fétido golfo; até que as rosas tremeram e o implacável e imóvel sol fez vibrar sua majestosa luminosidade sobre as colinas de Atlanta. E então, uma noite, os pequenos pés se agitaram, fatigados, no acanhado berço branco, e suas mãozinhas tremeram, e a cabecinha febril se excitou no travesseiro – soubemos assim que nosso nenê estava doente. Ali jazia ele, dez dias – uma semana célere e três dias infundáveis, consumindo-se, consumindo-se. Animada, a mãe velava-o nos primeiros dias, e riu nos olhos que sorriam novamente. Com ternura, então, ela movia-se, vigilante, à sua volta, até que o sorriso desapareceu, e o Medo se instalou ao lado do berço.

Então, o dia não findava. A noite, um terror sem sonhos; a felicidade e o sono, esvaíram-se. Ouço, agora, aquela Voz chamando-me, à meia-noite, do enevoadado transe sem sonhos – apregoando: “A Sombra da Morte!” A Sombra da Morte!²³⁰ Saio à rua, sob as estrelas, em busca do médico de cabelos brancos – a Sombra da Morte, a Sombra da Morte. As horas escorriam com terror; a noite escutava; a terrível madrugada deslisava como algo cansado que se move sob o poste de luz. Então, nós dois, às sós, olhamos para a criança, enquanto ele se voltava para nós, com olhos esbugalhados, e estendeu suas pequenas e delicadas mãos – a Sombra da Morte! Não pudemos dizer qualquer coisa, desapontados.

Ele morreu no ocaso, quando o sol se deitava, como ato de triste meditação, sobre as colinas do oeste, encobrimo sua face com um véu; quando os ventos permaneciam silentes, e as árvores, as grandes verdes árvores que ele amara, quedavam-se estáticas. Vi sua respiração se acelerar mais e mais. E pausar. Depois, vi sua pequena alma voar, qual uma estrela que corre pela noite, e deixa um mundo de escuridão à sua cauda. O dia em nada mudou; as mesmas árvores altaneiras espiavam às janelas; a mesma grama verde cintilava no sol poente. Apenas, na câmara mortuária, contorcia-se e sofria o ente que merece toda a piedade do mundo – uma mãe que perdeu um filho.

Não me deixei quebrar. Busquei ocupação. Eu sempre ansiei por uma vida cheia de embates.

230 - Ver a nota 149.

Não sou um covarde, para me dobrar ante ao áspero ímpeto da tormenta, nem mesmo acovardar-me face à terrível sombra do Véu. Mas, ouve, oh Morte! Não é esta minha vida dura o bastante; não é esta terra insensível, que me envolve com sua teia de escárnio, fria o bastante; não é esse mundo, adiante destas quatro pequenas paredes, suficientemente impiedoso; e, apesar disto, invadi-las – tu, oh Morte? Se sobre minha cabeça se abate a ruidosa tormenta, como uma voz insensível, e a floresta pulsa com as maldições do fraco, que me importa; estou em meu lar, ao lado de minha mulher e de meu filho? Mas foste tu tão ciumenta deste pequeno canto de felicidade, a ponto de sentires necessidade de aqui adentrar, oh Morte?

Perfeita era sua vida, plena de felicidade e amor, com lágrimas para torná-la vívida, suave como uma dia de verão à margem do Housatonic. Todos o amavam; as mulheres beijavam seus cachos; os homens encaravam seriamente seus maravilhosos olhos, as crianças adejavam e rondavam à sua volta. Posso vê-lo agora, mudando como o céu, do riso cintilante para a carranca sombria, então para uma maravilhosa concentração, como se observasse o mundo. Ele não experimentou a linha da cor, pobre querido – e o Véu, embora também o toldasse, ainda não havia eclipsado a metade de seu sol. Ele amava sua ama branca, amava sua ama-de-leite negra; e em seu pequeno mundo caminhavam apenas almas, sem cor e sem vestes. Eu – ah, sim! todos os homens – somos mais liberais e mais puros pela tolerância de uma tal pequena existência. Ela que, com óbvia clareza de visão, vê além das estrelas, disse quando ele voou: “Ele vai ser feliz, Lá; ele sempre amou o belo”. E eu, muito mais ignorante, e cego pela teia de minha própria tecedura, quedo-me sozinho, intrincando palavras, e murmurando: “Se ele ainda existe, e ele está Lá, e se houver um Lá, oh Destino!, deixe que seja feliz.”²³¹

Jubilosa foi a manhã de seu enterro, com pássaros, canções e o doce cheiro das flores. As árvores sussurravam para a grama, mas as crianças sentavam-se com faces contritas. Não obstante, parecia aquele um dia irreal, fantasmagórico – o espectro da Vida. Parecíamos descer uma rua desconhecida, atrás de pequenos arranjos brancos de flores, com o ecoar de uma música em nossos ouvidos. A ativa cidade zunia à nossa volta; eles não diziam muito, aqueles apressados homens e mulheres de caras pálidas; eles não diziam muito – olhavam de relance e exclamavam: “Pretos!”

Nós não poderíamos dar-lhe sepultura, lá, na terra da Georgia: seu solo era curiosamente

231 - Aqui, argumenta Arnold Rampersad, “A dúvida toma conta por inteiro à visão de Du Bois sobre o futuro de seu filho”. De acordo com Rampersad, o capítulo atual, “é uma amarga paródia da tradicional elegia cristã, na qual o principal lamentador, um negro, não pode encontrar consolo. (Rampersad, editado por John Hopkins University Press, 1989).

vermelho. Fizemo-lo adiante, mais ao norte, a ele, de pequenas mãos enlaçadas sobre o peito, e a suas flores. Por nada, por nada! Aonde, Deus meu, sob teu amplo céu azul, deverá descansar em paz meu negro nenê — onde habitam a Reverência, a Bondade e uma verdadeira Liberdade?

Por todo aquele dia, e noite adentro, meu coração experimentou uma horrenda alegria! E não me culpem se vejo o mundo deste modo sombrio, através do Véu, ao mesmo tempo em que minha alma sussurra, permanentemente: – morto não; morto não — redimido sim; não mais acorrentado, mas livre! – Nenhuma baixeza irá agora ferir seu infante coração, até que morra, uma verdadeira morte²³²; nenhum insulto irá enfurecer sua alegre meninice. Que tolo eu fui em pensar ou desejar que essa pequena alma devesse crescer estrangulada e deformada dentro do Véu! Eu deveria ter percebido, nalgum profundo e silencioso relance, que de vez em quando sobre passavam, seus olhos a esquadrihar muito além deste acanhado Agora. No porte de sua pequena encaracolada cabeça não estaria todo o incontido orgulho de ser, o qual seu pai, com dificuldade, esmagou em seu próprio coração? Para que, em verdade, deve um negro privar com orgulho em meio a estudadas humilhações de cinqüenta milhões de concidadãos? Bem, apresse-se meu jovem, antes que o mundo haja transformado tua ambição em insolência, tenha mantido teus ideais inalcançáveis, e te ensine a bajular e curvar. Muito melhor este vazio sem nome, que pára minha vida, do que, para ti, um mar de sofrimento.

Palavras vazias! ele deve ter suportado seu fardo mais bravamente do que nós – sim, e achando-o, também, leve. Um dia – pois, seguramente, agora não é o fim – surgirá o alvorecer de uma manhã radiante que fará por erguer o Véu, e os prisioneiros serão postos em liberdade. Não para mim – estarei morto em meus grilhões – mas para jovens frescas almas que não conheceram a noite e acordaram para o alvorecer, em que ao se solicitar um trabalhador não se perguntará: “Ele é branco?”, mas “ele pode trabalhar?” Quando solicitarem artistas, ao invés de “Ele é negro?”, indagarão: “Ele é capaz?”. Esta manhã pode estar longe, muitos anos distante. Mas, agora, temos lamentos, na sombria praia dentro do Véu – a mesma voz de baixo dirá: *Tu deverás renunciar!*²³³. E a tudo eu terei renunciado, apenas com um lamento menor – tudo, menos a esta bela jovem forma

232 - Para o escravo a morte era a liberdade, o ingresso num mundo de justiça e paz, no Reino de Deus, daí a simbologia de Du Bois, já então se referindo ao negro em geral, presente reiteradamente nesta obra e em sua bibliografia.

que jaz tão fria, em união com a morte, no ninho que eu construí.

Se alguém deveria ter partido, por que não eu? Por que eu não me repouso desta inquietude e adormeço deste imenso despertar? Não estive em suas suas jovens mãos o Tempo, elemento de evolução do mundo; e não está meu tempo definhando? Existiriam tantos obreiros no vinhadeiro que a justa promessa ínsita nesse pequeno corpo pudesse ser descartada? A infelicidade de minha raça, que demarca as alamedas da nação, mantém-se órfã de pai e mãe; mas o Amor sentou-se junto a seu berço, e em seu ouvido a Sabedoria espera para falar. Talvez agora ele conheça o Tudo-amor, e não necessite ser sábio. Durma, então, filho – durma até eu dormir e acordar para uma voz de nenê e para o incessante tropear de pequenos pés – por sobre o Véu.

XII

SOBRE ALEXANDER CRUMMELL



Então, da Madrugada parecia haver chegado, mas fracamente
 Como se de além do fim do mundo,
 Como o derradeiro eco de um grande grito,
 Sons, como se uma linda cidade fosse uníssona
 Em torno a um rei, na volta de suas guerras.

Tennyson²³⁴

Esta é a história de um coração humano – a narrativa de um menino negro que, muitos anos passados, iniciou a luta pela vida, levando-o a conhecer o mundo e a si mesmo. Três tentações enfrentou, nas dunas negras que jazem foscas e melancólicas ante os olhos maravilhados de uma criança: a tentação do Ódio, que se erguia no vermelho alvorecer; a tentação da Desesperança, que obscurecia o sol a pino; e a tentação da Dúvida, que sempre se insinuava com o lusco-fusco. Acima de tudo, faz-se mister que se ouçam dos vales que atravessou – o Vale da Humilhação e o Vale da Sombra da Morte.

234 - Os versos são de "A morte de Arthur", de Lord Alfred Tennyson (poeta inglês, 1809-1892). A música é de Swing Low, Sweet Chariot.

Encontrei Alexander Crummell pela primeira vez no início letivo, em Wilberforce²³⁵, em meio ao alvoroço e amontoamento. Alto, delicado e escuro, lá ele estava, com sincera dignidade e um inequívoco ar de boas maneiras. Falamos à parte, onde a agitação dos jovens, saudáveis oradores, não nos pudesse perturbar. Falei-lhe polidamente; então, avidamente, à medida em que comecei a sentir a fineza de seu caráter – sua calma cortesia, a suavidade de sua força e sua equilibrada mistura de esperança e realidade de vida. Instintivamente, curvei-me ante este homem, como as pessoas se vergam ante os profetas da terra. Tinha a imagem de profeta exalada não de um rubro Passado ou de um cinzento Porvir, mas de um pulsátil Agora – este mundo zombeteiro que se me parecia, simultaneamente, tão claro e escuro, tão esplêndido e sórdido. Ao longo de quatro anos, vagamos por um universo comum, dentro do Véu.

Ele nasceu com o Compromisso do Missouri e morreu em meio aos ecos de Manila e El Caney²³⁶. Tempos excitantes para se viver; tempos sombrios para se olhar para trás; mas mais umbrosos para se olhar também para o futuro. O menino de cara preta que, jogando bolitas de gude, parou para meditar, faz setenta anos, vislumbrou imagens confusas, na medida em que contemplava aquele mundo. O navio negreiro ainda penava através do Atlântico – débeis gemidos eram carregados pela brisa sulista, e o pai negro protetor rumorejava, nos jovens ouvidos, loucas histórias de crueldade. Da porta, a mãe, em silêncio, observava seu filho a brincar, e no cair da noite procurava-o ansiosamente para evitar que as sombras o levassem para a terra dos escravos²³⁷.

Assim sua jovem mente elaborou e moldou, curiosamente, uma visão da Vida. E em meio a esta visão sempre se postou, sozinha, uma figura negra — com o firme, denso semblante de um pai amargurado —, e um modelo que recaiu sobre imensas e informes congregações. Destarte, a tentação para o Ódio floresceu e toldou a criança em formação, escorrendo para atingir sua alegria,

235 - Ver nota 108.

236 - Após amargo debate, entre 1819 e 1820, o Congresso dos EUA aprovou o *Compromisso do Missouri*, que admitia o Missouri como um estado escravista, o Maine como estado livre, e excluía todas as formas de escravidão nas terras da adquirida Louisiana. Manila, nas Filipinas e El Caney (em Cuba) se constituíram em batalhas da Guerra Hispano-Americana, em 1898.

237 - Boston Crummwell, pai de Alexander, era ostreicultor, e constava ser descendente de chefes da etnia Tame, da costa oeste da África, onde hoje é Serra Leoa. Alexander acreditava que seu pai fora raptado pelos escravistas aos doze anos de idade, aproximadamente. Segundo uma narrativa, Boston Crummwell chegou aos EUA com treze anos, e foi criado na Igreja Episcopal. A mãe de Alexander, Charity Hicks, nasceu livre em Jericó, Long Island. Em novembro de 1865 ela acompanhou o filho na viagem para a Libéria, África.

esmaecendo as brincadeiras, e apoderando-se dia e noite de seus sonhos, com ásperas e inclementes turbulências. E o menino negro indagou ao céu, ao sol e às flores um nunca respondido Por quê? Não amou, à medida em que crescia, nem o mundo; tampouco deste, os injustos caminhos.

Estranha tentação para uma criança, poder-se-á pensar; mas, ainda hoje, nesta terra imensa, mil-mil crianças negras afagam essa mesma tentação, e sentem seus frios e horripilantes braços. Para elas, talvez, alguém, um dia, venha a levantar o Véu: chegará terna e carinhosamente nessas tristes infantes vidas e varrerá o acalentado ódio, da mesma forma que o fez Beriah Green²³⁸, que apoiou, lado a lado, Alexander Crummell. Junto a esse homem patente, de grande coração, a sombra parecia menos densa. Beriah Green mantinha uma escola no município de Oneida, freqüentada por um plantel de meninos mesquinhos. “Vou trazer um menino negro para educar”, disse Beriah Green, da forma que apenas um excêntrico e abolicionista ousaria dizer. Os meninos riram. Sua esposa contestou-os, dizendo “sim”, e Alexander chegou. Certa feita, o menino negro havia procurado por uma escola. Viajou, sentindo fome e frio, por centenas de quilômetros até Canaã, na liberta Nova Hampshire. Mas, os devotos agricultores atrelaram noventa pares de bois à escola abolicionista e arrastaram-na para o meio do pântano. O menino negro tratou de escafeder-se.

O décimo nono fluía como o primeiro século da harmonia humana – um tempo quando, meio deslumbradamente, começamos a distinguir nos outros àquela centelha transfigurada de divindade que chamamos Eu; quando caipiras, peões, ladrões, milionários e, às vezes, negros, se tornaram almas palpitantes cujo afetuoso pulsar de vida tocou-nos tão de perto que, surpresos, meio nos sufocamos, clamando: “Também tu! Viste Tu o Sofrimento e as sombrias águas da Desesperança? Tu conhecestes por acaso a Vida?” E então todo o desamparo que contemplamos nesses Outros-mundos, e lamentamos: “Oh mundo dos mundos, como poderá o homem tornar-te uno?”

Eis que, na pequena escola de Oneida, despontou, para aqueles estudantes, uma revelação de pensamento e veemência sob uma pele negra, com os quais eles jamais haviam antes sonhado. E para o jovem solitário surgiu uma nova aurora de harmonia e inspiração. A coisa sombria e disforme – a tentação para o Ódio, que pairou entre si e o mundo – desenvolveu-se mais fraca e menos sinistra. Ela não desapareceu, de todo, mas tornou-se difusa, mantendo-se espessa apenas

238

- Foi o fundador do Instituto Oneida, em Withesboro, Nova York. Crummell passou a freqüentar a Faculdade Oneida, em fevereiro de 1836.

nas bordas. Por ali, o jovem, agora, pela primeira vez, via o azul e o dourado da vida – na estrada, espargida pelo sol, que se alonga entre o céu e a terra, até um ponto muito distante onde estes formam uma linha quase indistinta; então, se unem num beijo. Uma visão de vida nasceu para aquele rapaz em crescimento – mística, maravilhosa. Ele ergueu sua cabeça, esticou-se, respirou fundo do ar novo e fresco. Ao longe, além das matas, ouvia estranhos sons que deslizavam através das árvores, vinham de muito longe – era o lamento de um povo chamando; chamando fraco, depois, chamando alto. Ouviu o execrável ruído dos grilhões, sentiu a bajulação e a humilhação – assim que, nasceu em si o protesto e a profecia. Deste modo, preparou-se para enfrentar o mundo.

Uma voz e uma visão chamaram-no para ser padre – um profeta a conduzir os esquecidos para fora da casa da servidão. Ele viu as hostes acéfalas voltarem-se para si como águas turbilhonantes. Ele estendeu seus braços ansiosamente e, assim, na medida em que os estirava, imprevistamente, perpassou-lhe a visão da tentação do Desespero²³⁹.

Eles não eram pessoas cruéis – os problemas da vida não nascem dos maus— eram calmos, bons homens, bispos da Igreja Apostólica de Deus, e empenhavam-se pela correção. Disseram calmamente: “É tudo muito natural, é mesmo louvável; mas o Seminário Geral Teológico da Igreja Episcopal não pode admitir um negro”. E quando aquela figura magra e grotesca ainda rondava suas portas, puseram suas mãos gentilmente, meio pesarosos, em seus ombros e disseram-lhe: “Bom, é claro, nós – nós sabemos como você se sente, mas você vê, é impossível, ou, é prematuro. Chegará o tempo, bem cremos, sinceramente acreditamos, todas estas distinções desaparecerão, mas hoje o mundo é deste jeito”²⁴⁰.

Esta era a tentação do Desespero, contra a qual o jovem lutou obstinadamente. Como uma sombra, perambulou por aqueles muros, litigando, discutindo, meio amargamente pedindo admissão, até que veio um derradeiro *não*. Os homens, à vista disto, expeliram o perturbador, taxando-o de tolo, insensato, injudicioso, um simplório rebelde contra as leis de Deus. Então, desta Esplêndida Visão toda a glória aos poucos se apagou, deixando um mundo cinza e feio, movendo-se sob um sombrio desespero. Mesmo as mãos gentis que se estenderam em sua direção das profundezas daquela baça manhã pareciam senão pedaços de sombras escarlates. Ele as viu, friamente, e indagou: “Por que devo lutar por uma graça especial, quando os caminhos do mundo me estão fechados? Gentis, ainda, as mãos a si se endereçaram – eram as mãos do jovem John

239 - Neste parágrafo, bem como no anterior, tem-se a impressão de que Du Bois está descrevendo a experiência religiosa da conversão porque passou Crummell, enquanto era aluno do Instituto Oneida. A imagem, “estender as mãos”, repete o Salmo 68.31: “Príncipes virão do Egito; a Etiópia cedo estenderá para Deus as suas mãos”. O etiopismo (a idéia de que um povo está destinado a criar uma civilização gloriosa na África ou noutra parte) é motivo recorrente na política e literatura americanas.

240 - Du Bois aqui se refere ao incidente de 1838 no qual Benjamin T. Onderdonk, o bispo episcopal de Nova York, negou o ingresso a Crummell no seminário da Igreja Episcopal.

Jay²⁴¹, destemido filho de um intrépido pai, as mãos da boa gente de Boston, esta cidade liberal. Embora o caminho do sacerdócio eclesiástico estivesse aberto à sua frente, a nuvem permanecia lá; e mesmo quando na velha São Paulo o venerando bispo ergueu seus braços brancos por sobre a cabeça do diácono negro – mesmo então o peso não saiu de seu coração, pois havia passado uma glória vinda da terra²⁴².

Ademais, o fogo através do qual Alexander Crummell passou não queimou em vão. Devagar, e mais sobriamente, ele retomou seu projeto de vida. Mais criticamente ele estudou a situação. Lá no fundo, sob a escravidão e a opressão do povo negro, ele viu sua fraquesa fatal, que longos anos de maus tratos deram ênfase. A privação de um caráter moral forte e inflexível honradez, ele notou, era seu grande defeito, e por aí iria iniciar. Iria reunir os mais qualificados de seu povo numa pequena capela episcopal e aí liderar, ensinar e inspirá-los até que o fermento se espalhasse; até que as crianças crescessem; até que fossem ouvidos; até, até...; e, então, através de seu sonho rebrilhou uma fraca luminiscência daquela primeira visão de sua juventude – somente um pós-lampejo, porque a glória havia ocorrido na terra.

Um dia – foi em 1842, e o primaveral contendia alegremente com os ventos de maio, na Nova Inglaterra – estabeleceu-se, finalmente, em sua própria capela, em Providence – um pároco da igreja.²⁴³ Os dias escorreram rapidamente, e o jovem clérigo negro trabalhava; produzia com cuidado seus sermões; entoava suas preces com voz suave e sincera; andava pelas ruas e abordava os caminhantes; visitava os doentes, diuturnamente, mês após mês. Não obstante, a congregação minguava; semana após semana, as esburacadas paredes ressoavam mais pronunciadamente; dia após dia, as visitas diminuía e rareavam. Assim que, diuturnamente, a terceira tentação tornou-se mais clara e ainda mais nítida dentro do Véu. Uma tentação, como se apresentava, afável, sorridente, com apenas uma sombra e tons suaves de deboche. Primeiro apareceu casualmente, na cadência de uma voz: “ Oh, gente de cor? Sim”. Ou talvez mais definidamente: “O que você espera?” Na voz e na expressão está a dúvida – a tentação da Dúvida. Como ele tanto a odiou, e verberou contra si furiosamente! “É claro que são capazes”, protestou: “Claro que podem aprender, se esforçar e conseguir” e “Por certo”, acrescentou suavemente à tentação: “eles não fazem nada disto”. De todas as três tentações, qual a atingiu mais profundamente. Ódio? Ele o abandonou era ainda pequeno. Desespero? Havia endurecido seu braço direito contra si, e contra o desespero lutara com vigor e determinação. Mas, para duvidar do

241 - John Jay era neto e homônimo do primeiro presidente da Suprema Corte dos EUA. Era, também, filho do abolicionista William Jay.

242 - Crummell foi ordenado diácono, pelo bispo de Boston, na Catedral Episcopal de São Paulo, em 30 de maio de 1842. Na igreja de São Paulo, na Filadélfia, em 1844, ele foi ordenado pastor episcopal, pelo bispo Lee de Delaware.

243 - Crummell tornou-se, em 1841, pregador laico da pequena congregação de negros, da Igreja de Cristo, em Providence, Rhode Island.

mérito de sua obra de vida – seria duvidar do destino e capacidade da raça que sua alma amava, porque era sua; seria encontrar pálido interesse ao invés de ávido empenho; seria ouvir seus próprios lábios sussurrando: “Eles são negligentes; eles não aprenderão; eles são estúpido rebanho guiado – por que jogar tuas pérolas aos porcos? Isto, isto parecia mais do que o ser pode suportar. Ele fechou a porta, subiu os degraus do presbitério, arremessou seu robe sobre o piso, e debateu-se.

Os raios de sol do entardecer fixaram a poeira a dançar na sombria capela quando ele se ergueu. Dobrou suas vestes, afastou o livro de hinos e fechou a grande Bíblia. Saiu em direção ao lusco-fusco, antes olhando para trás, para o pequeno púlpito com um olhar cansado. Fechou então a porta. Dirigiu-se resoluto em direção ao bispo, dizendo-lhe aquilo que o prelado já sabia. “Eu falhei”, disse simplesmente. E adquirindo coragem ante à confissão, acrescentou: “O que necessito é de uma paróquia maior. Existem, relativamente, pouco negros por aqui, e talvez nem sejam os melhores. Necessito ir para um lugar maior, e tentar novamente. Assim, o bispo encaminhou-o para Filadélfia, com uma carta endereçada ao bispo Onderdonk²⁴⁴.

A casa do bispo encimava seis degraus brancos. Ele era corpulento, cara rubra e autor de alguns tratados sobre sucessão apostólica. Foi após o jantar, quando o bispo se preparava para um momento de contemplação, que a campainha deve ter soado e adentraram um negro magro, desajeitado, e uma carta. O bispo Onderdonk leu a carta perfunctoriamente e franziu o cenho. Preparou sua mente, e desanuviou o semblante, olhando para Crummell. Então, devagar, e de forma impressiva, disse: “Vou recebê-lo nesta diocese sob uma condição: nenhum pastor negro pode participar dos atos de minha igreja, bem como nenhuma igreja de negros deve solicitar que lhe envie representante”.

244 - Bispo Henry U. Onderdonk, de Filadélfia, irmão do bispo Benajmin T. Onderdonk, de Nova York.

Às vezes me divirto imaginando a cena: a frágil figura negra, nervosamente manuseando seu chapéu ante o massivo abdome do bispo Onderdonk; seu surrado casaco contrastando contra a negra estante de livros em madeira, onde “A Vida dos Mártires” de Fox, se aconchegava feliz ao lado de “O Sagrado Dever do Homem”²⁴⁵. Tenho a impressão de ver os olhos arregalados do negro vaguearem entre a indumentária requintada do bispo e a porta vaivém de vidro do seu gabinete, resplandecendo à luz do sol. Uma pequena mosca azul tenta cruzar o bocejador buraco da fechadura. Ela se dirige bruscamente contra o buraco; olha bem de perto seu abismo, de certa forma surpresa, e esfrega as asas enquanto reflete; então enfrenta sua profundidade, mas, achando-a sem fim, retrocede. O padre de cara preta dá-se conta de estar observando se a mosca também havia se deparado com o seu Vale da Humilhação, e se a mosca irá nele mergulhar — quando, oh!, ela esticou suas finas asas e zumbindo alegremente deixou o observador sem asas e sozinho.

Então, todo o peso de seu fardo caiu sobre si. As ricas paredes desapareceram, e à sua frente está a fria charneca serpenteando pela vida, cortada em dois por um espinhaço de granito — aqui, o Vale da Humilhação; adiante, o Vale da Sombra da Morte. E não sei qual o mais sombrio — não, eu não! Mas isto eu sei: lá no Vale da Humildade estão hoje um milhão de homens pardos, que de boa vontade desejariam

“... suportar os açoites e maus tratos do tempo,
As injustiças do opressor, do orgulhoso o insulto,
As dores do amor desdenhado, as demoras da lei,
A insolência do favor, e as rejeições,
Aquele mérito paciente que o indigno coleta,”²⁴⁶

245 - De autoria de John Fox, *Atos e Monumentos* (também conhecido como o *Livro dos Mártires*) foi publicado em 1563. É a história da Igreja Protestante, seus mártires, e fonte onde John Bunyan parece ter se amparado para escrever *Os Peregrinos do Progresso*. *O Sagrado Dever do Homem* (1658) é um texto devocionário protestante de autoria anônima que discute os deveres do ser humano para com Deus e para com seu próximo.

246 - Shakespeare, *Hamlet*, 3.1.70-74.

tudo isto e mais ele haveriam de suportar, soubessem que seria um sacrifício, e não algo vil. Assim oscilou o pensamento dentro deste solitário peito negro. O bispo limpou a garganta sugestivamente; então, recordando que não havia nada a ser acrescentado, manteve-se, apenas, sapateando, impacientemente. Mas Alexander Crummell falou, devagar e com convicção: “Eu jamais ingressarei em sua diocese em tais termos”. E assim se manifestando, deu a volta e passou por dentro do Vale da Sombra da Morte. Alguém poderia ter notado, apenas, a morte física; a estrutura despedaçada e a tosse cortante; mas naquela alma jaz uma morte mais profunda que esta. Ele encontrou uma capela em Nova York – a igreja de seus pais; aí ele trabalhou na pobreza e inanição, desdenhado por seus confrades. Quase em desespero, vagou pelos mares – um pedinte de mãos estendidas²⁴⁷. Os ingleses o cumprimentaram – Wilberforce, Stanley, Thirwell, Ingles, até mesmo Froude e Macaulay. Sir Benjamin Brodie arranhou para que fosse descansar um pouco no Queen's College, em Cambridge, e lá deixou-se ficar, lutando pela saúde do corpo e da mente, até que formou-se em 1853²⁴⁸. Agitado, ainda, e insatisfeito, voltou-se para a África, onde, por muitos anos, em meio à desova dos traficantes de escravos, buscou um novo céu, uma nova terra²⁴⁹.

Então o homem buscou a luz; aquilo tudo não era Vida – era o perambular pelo mundo de uma alma em busca de si mesma, o embate de alguém que em vão procurava o seu lugar no mundo, sempre assombrado pelo fantasma de uma morte que é mais do que morte – o passamento de uma alma que perdeu suas funções. Por vinte anos ele deambulou – vinte anos e mais; e assim questão áspera e dura prosseguiu corroendo-o: “Para o quê, em nome de Deus, estou neste mundo?”. Na pequena paróquia de Nova York sua alma parecia comprimida e asfixiada. No antigo e requintado ambiente universitário inglês ouviu os milhões de lamentos através do mar. Nos ermos, febril-amaldiçoados, pântanos da África ocidental, esteve desamparado e só.

Você não verá nada de mais em sua extraordinária peregrinação – você que no turbilhão da vida, em meio ao seu frio paradoxo e maravilhosa visão, tenha enfrentado-a e desafiado, face a face, seu enigma. E se você acha que o enigma é difícil de desvendar, lembre-se de que, nalgum lugar além, meninos negros acham-no um pouco mais difícil; se é difícil para você encontrar e enfrentar seu dever, é um pouco mais difícil para eles; se seu coração se enjoa ante o sangue e à

247 - Em 1845 Crummell retornou para Nova York, onde se tornou reitor da Igreja do Messias. Em 1848 viajou para a Inglaterra, onde em 1849 iniciou seus estudos na Universidade de Cambridge.

248- Cada um dos sete ingleses mencionados aqui eram amigos ou patronos de Crummell durante sua estada na Inglaterra. Samuel Wilberforce (1805-1873), bispo anglicano, era filho do abolicionista e antagonista do tráfico de escravos William Wilberforce. Stanley era, possivelmente, Arthur Penrhyn (1815-1881), autor, clérigo e deão da Westminster. Connop Thirwell (1797-1875) era historiador greco-romano e bispo anglicano. Ingles era, provavelmente, John Inglis, bispo anglicano de Nova Escócia, morto em Londres em 1850. James Anthony Froude (1818-1894) era religioso, historiador e biógrafo. Thomas Babington Macaulay (1800-1859), filho de Zachary Macaulay, abolicionista, tornou-se eminente historiador e estadista. Brodie seria Sir Benjamin Collins Briodie (1783-1862), conhecido cirurgião e psicologista.

249 - Entre 1853 e 1872 Crummell viveu na Libéria. Durante este período esteve duas vezes nos EUA. Retornou em definitivo a seu país em 1872. A alusão de Du Bois a “novo céu e nova terra”, repercute o Apocalipse 21.1: “E Vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.”

poeira da batalha, lembre-se de que para eles a poeira é mais espessa e a batalha mais feroz. Nada demais que as maravilhas caiam! Nada de mais se apontamos para o ladrão, o assassino, a prostituta e a multidão sem-fim dos mortos sem mortalha. O Vale da Sombra da Morte devolve ao mundo poucos de seus peregrinos.

Mas Alexander Crummell voltou. Fora da tentação do Ódio e queimado pelo fogo do Desespero, triunfante sobre a Dúvida, e retemperado pelo Sacrifício contra a Humilhação, ele retornou para casa através das águas, modesto e forte, gentil e determinado. Curvou-se ante todo o escárnio e preconceito, a todo o rancor e discriminação, com a rara cortesia que é a armadura das almas puras. Lutou entre os seus, o humilde, o avaro e o mau, com a inflexível honradez que é a espada do justo. Ele jamais vacilou; raramente se queixou; simplesmente trabalhava, inspirando os jovens, refreando os mais velhos, ajudando os fracos, liderando os fortes.

Assim ele se projetou e trouxe para o âmbito de sua larga influência o que havia de melhor dentre os que caminham no Véu — os que vivem em total ignorância, que sequer imaginam a plena força existente dentre si, a poderosa inspiração, que a baça gaze da casta decretou que a maioria das pessoas não deve saber. E agora que ele partiu, veja! removo o Véu e choro, a alma de quem em querida memória faço este modesto tributo”.. Eu posso ver sua face tranqüila, escura de traços marcantes sob seus cabelos de neve; iluminado e obscuro, às vezes com inspiração para o futuro; em outras em inocente sofrimento por alguma iniquidade humana; ainda, com tristeza ante alguma memória infeliz do passado. Quanto mais encontrei Alexander Crummell, tanto mais eu sinto quanto perdia aquele mundo por conhecer tão pouco a seu respeito. Num outro tempo, ele deveria sentar-se entre os anciões da nação, com uma toga debruada em carmim; num outro país, mães o teriam glorificado nos berços.

Ele cumpriu sua missão, fazendo-a bem e nobilitariamente; não obstante, é de lamentar-se que operou sozinho, com quase nada de compreensão humana. Seu nome hoje, nesta terra imensa, significa pouco, e chega a cinquenta milhões de ouvidos trazido sem nenhum incenso de memória ou emulação. E é aqui que reside a tragédia deste tempo: não que os homens sejam pobres — todo o homem sabe algo a respeito de pobreza; não que os homens sejam mesquinhos — quem é perfeito? Não que os homens sejam ignorantes — o que é Verdade? Não, mas os homens conhecem tão pouco do homem.

Certa manhã ele sentou-se olhando intensamente para o mar. Sorriu, e disse: “O portão está enferrujado nas dobradiças”. Nessa noite, com a estrela da tarde, um vento veio gemer lá do oeste, para soprar o portão entreaberto. Então, a alma que eu amava se foi como uma chama através dos Mares e, em seu lugar, alojou-se a Morte.

Indago onde ele andará nestes dias? Indago se neste obscuro mundo além, na medida em que ele se aproxima, lá ergueu-se, num trono esmaecido, um rei — um negro e penetrante judeu, que conhece os padecimentos do mundo condenado, dizendo, na medida em que punha por terra seus oprimidos corações: “Perfeito!” enquanto em sua ronda as estrelas da alvorada se expunham cantando”²⁵⁰.

250 - Na última frase Du Bois ecoa a parábola dos talentos, de Mateus 25.14-30- *“Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens. 15- E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe. 16 - E tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos. 17 - Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois. 18 - Mas o que recebera um, foi e cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. 19 - E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles. 20 - Então aproximou-se o que recebera cinco talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles. 21 - E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. 22 - E chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos. 23 - Disse-lhe o seu Senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. 24 - Mas, chegando também o que recebera um talento, disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; 25 - E, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. 26 - Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabias que ceifo onde não semeiei e ajunto onde não espalhei? 27 - Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros. 28 - Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem os dez talentos. 29 - Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado. 30 - Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.*

XIII

SOBRE O RETORNO DE JOÃO



O que trazem baixo à meia-noite
 À margem do Rio-mar?
 Eles trazem o humano coração onde
 Nenhuma quietude noturna pode haver;
 Aquele jamais gotejar com o vento,
 Nem secar com o sereno;
 Oh, aplaque isto, Deus, teu calmar é imenso
 Cobrindo também os espíritos.
 O rio flui adiante
 Elizabeth Browning²⁵¹

A Rua Carlisle corre na direção oeste do centro de Johnstown, através de uma grande ponte preta, descendo uma colina e subindo-a novamente, com pequenas lojas e mercados de carnes, casas de um andar, até que termina abruptamente contra um ampla relva verde. É uma área ampla e acolhedora, com dois grandes edifícios com perfis contra o oeste. À tarde, quando aumentam os ventos do leste e o grande pátio da

251 - Os versos são de Elizabeth Barret Browning, em *"Romance dos Ganges"*. A música é do espiritual *"You May Bury Me in the East"*, também conhecido como *"I'll Hear the Trumpet Sound"*. O título deste capítulo, "Sobre o Retorno de João", baseia-se explicitamente na chegada de João Batista, em Mateus 3.1: "E, Naqueles dias, apareceu João o Batista pregando no deserto da Judéia", e Lucas 3.3: "E percorreu toda a terra ao redor do Jordão, pregando o batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados;"

fumaça da cidade se mantém suspenso, monotonamente, sobre o vale, então o vermelho oeste incandesce, qual a terra dos sonhos, sobre a Rua Carlise, e, quando grande sino dobra, projetam-se as figuras moventes dos estudantes, em silhuetas pretas contra o céu. Altas e negras, deslocam-se lentamente e dão a impressão, na luz fantasmagórica, movem-se ante a cidade como pálidos fantasmas. Talvez o sejam, pois, aí, localiza-se o Instituto Wells, e esses estudantes negros têm pouco a ver com a cidade branca lá abaixo.

E se você prestar atenção, noite após noite, identificará uma figura escura que sempre chega atrasada, quando amortecem as luzes do *Swain Hall*, pois Jones está sempre atrasado. Cumprido, amulatado, cabelos duros, diferente, parece que está permanentemente crescendo para fora de suas roupas, caminhando com movimentos meio que se desculpando. Costumava fazer o sóbrio refeitório dobrar-se em ondas de diversão, na medida em que furtivamente chegava para ocupar seu lugar, após o sino haver convocado todos para as orações — era o perfeito desajeitado. Não obstante, um relance de sua face — aquele sorriso amplo, afável no qual reside nada de dissimulação ou artifício, mas sim um transbordar de jovial e genuína satisfação com o mundo — fazia com que todos o perdoassem.

Ele veio de Altamaha, lá longe, em meio aos nodosos carvalhais do sudeste da Geórgia, onde o mar sussurra para as areias, e estas ouvem-no até que meio se afogam sob suas águas, despontando, aqui e ali, formando ilhas grandes e rasas. Os brancos de Altamaha consagraram João como um bom menino — mão cheia para o arado; senhor dos campos de arroz, habilidoso para tudo, e sempre afável e respeitoso. Mas sacudiram a cabeça em reprovação quando sua mãe decidiu que ele deveria partir, para freqüentar um ginásio. “Vai estragar-se; vai arruinar-se”, clamaram, como se donos da verdade. Mas, mais da metade dos negros, orgulhosamente, levaram-no até a estação, carregando sua pequena mala e algumas trouxas. Apertaram e apertaram sua mão; as garotas o beijaram pudicamente e os rapazes deram-lhe tapas nas costas. O trem chegou, fazendo-o afagar carinhosamente sua pequena irmã e envolvendo seus enormes braços no pescoço materno — e, então, lá se ia, com o resfolegar e o zunir, adentrando o grande mundo amarelo que flamejava e cintilava próximo ao indeciso peregrino²⁵² Deslocaram-se costa além, passando pelos prados e palmitais de Savannah, pelos campos de algodão e pela cansativa noite até Millville — chegando, com a manhã, à ruidosa e agitada Johnstown.

252

- Du Bois retorna ao tema “pelegrino”, explorado no capítulo anterior.

E os que, naquela manhã, permaneceram em Altamaha e observaram o trem ruidoso, aborrecendo amigos e irmãos, levar o filho — tiveram daí em diante uma e sempre recorrente frase: Quando João voltar. Então, seja que festas ocorram, que sermões prediquem na igreja, que novos móveis vistam a sala de estar — talvez, uma nova sala de estar seja erguida; que se construa uma nova escola, com João como professor; enfim, que se celebre um grande casamento. Tudo isto e mais — para quando João voltar. Mas os brancos sacudiram a cabeça em reprovação.

Em princípio, o retorno seria durante o Natal. Todavia, as férias eram muito curtas; assim, programou-o para o próximo verão. Mas os tempos eram difíceis e os recursos modestos, portanto teve de ficar e trabalhar em Johnstown. O projeto alterou-se para o verão seguinte, e o seguinte — até que os amigos se espalharam, a mãe ficou grisalha e a irmã foi trabalhar na cozinha do juiz. Mas, assim mesmo, a frase se mantinha: Quando João voltar.

Lá, na residência do juiz, também eles gostavam do refrão, pois tinham também um João— um jovem de cabelos bastos e rosto liso, que, em muitos e longos dias de verão brincou com seu negro xará. “Sim senhor, João frequenta Princeton, senhor!” repetia o juiz, de ombros largos e cabeça grisalha, todas as manhãs em seu caminho até o correio. “Mostrando para os ianques o que os cavalheiros sulistas são capazes”, acrescentava. E voltava para casa, carregando suas cartas e papeis. À frente da grande casa de pilares eles demoravam-se sobre a carta vinda de Princeton — o juiz, sua mulher frágil, uma irmã e as filhas em crescimento. “Farão dele um homem”, disse o juiz: “a faculdade é o lugar”. Então, indagou à tímida empregada: “Pois, Jennie, como está o teu João?, para acrescentar refletivamente: “Que ruim, que ruim, tua mãe mandá-lo estudar fora — isto vai arruiná-lo”. A doméstica, então, espantou-se.

Na distante pequena vila sulista todos esperavam, um tanto constrangidos, à chegada dos dois Joãos (Joões), posto que os negros pensavam em um João apenas, e este era negro; os brancos pensavam noutro João, e aquele era branco. E nenhum dos dois mundos considerava o que pensava o outro, senão que com um vago desassossego.

Em Johnstown, no Instituto, há muito estávamos intrigados com o caso de João Jones. Por muito tempo, tínhamos a impressão de que o barro se mostrava inadequado para qualquer tipo de modelagem. Ele era ruidoso, sempre rindo e cantando, sem jamais poder trabalhar em algo, consecutivamente. Não sabia como estudar; não tinha idéia de eficácia; assim, com sua lentidão, desleixo e espantoso bom humor, estávamos doloridamente perplexos. Uma noite, sérios e preocupados nos reunimos num encontro de catedráticos, pois João estava novamente com problemas. Seu mais recente pecado fora a gota que transbordou. Assim que, solenemente, decidimos “que João, face sua reiterada desordem e desatenção ao trabalho, seria suspenso pelo

restante do curso”.

Parece que, pela primeira vez em sua vida, algo atingiu-o de forma implacável, como ocorreu quando o reitor informou-lhe que tinha de partir. João fixou-se com grandes e vazios olhos no homem grisalho à sua frente, indagando: “Por que? Por que? Eu ainda não concluí o curso!” Então o reitor, calma e claramente, recordou-o de sua lentidão e desleixo, de seus modestos e negligentes trabalhos de aula, de sua algazarra e desordem, denunciadas por um colega. Então, rapidamente, ele apelou ao reitor para que não informasse nada à sua mãe ou à irmã, “pois se não informarem vou para a cidade trabalhar e retornar no próximo período, a fim de mostrar-lhe que mudei”. O reitor concordou, de boa fé, e João saiu, sua pequena mala às costas, sem palavra ou olhar para os debochados meninos, na direção da Rua Carlisle, na cidade grande, com olhos sóbrios e um rosto fixo e sério.

Talvez tenha sido nossa imaginação, mas de alguma forma ficou a impressão de que o olhar sério que se insinuou sobre sua face de jovem, naquela tarde, nunca mais o deixou. Quando retornou ao nosso convívio, deu-se ao trabalho com todo o empenho. Foi uma luta árdua, pois nada acontecia facilmente para si – umas poucas memórias de sua meninice e treinamento ajudaram-no na nova fase; mas toda a sua luta foi na busca de sua própria formação, e formou-se lenta e penosamente. À medida em que as luzes raiavam lentamente em suas novas criações, sentava-se silencioso e extasiado ante o descoberto, ou vagueava solitário pelos verdes espaços do campus, perscrutando, através e além do mundo dos homens, um mundo de reflexão. E a meditação por vezes o confundia penosamente; ele não podia compreender por que, simplesmente, o círculo não era quadrado – e ficou tentando, certa noite, cinqüenta e seis casas depois da vírgula; e teria ido além, não fora o senhorio haver reclamado estarem as luzes ainda acesas. Resfriou-se seriamente em noites que, buscando compreender o sistema solar, deixava-se ficar deitado, de costas, na relva; teve sérias dúvidas quanto à ética da Queda de Roma e, consistentemente, suspeitou serem os alemães ladrões e mal-intencionados, a despeito do que diziam os livros; ponderou extensa e cuidadosamente sobre cada palavra grega, indagando-se por que este significava aquele, e por que não teriam qualquer outro significado, e como seria ter de pensar tudo em grego. Assim, confuso, manteve-se a meditar para si mesmo – parando perplexo onde os outros passavam por cima facilmente, e marchando resolutamente através das dificuldades onde outros paravam e se rendiam.

Assim ele se desenvolveu no corpo e na mente, e com isto ficou a impressão de que as roupas cresceram e a ele se ajustaram; as mangas do casaco aumentaram, os punhos apareceram e o colarinho tornou-se menos folgado. Agora seus sapatos brilhavam e uma nova dignidade irrompeu em seu andar. E nós, que diuturnamente víamos uma nova centelha de inteligência

irrompendo em seu olhar, começamos a esperar algo desse jovem esforçado. Então, ele passou do curso preparatório para a faculdade; e nós, que o acompanhávamos, presenciamos outros quatro anos de transformações, que praticamente mudaram o homem alto e sério que nos cumprimentava reverente no início de cada manhã. Havia abandonado seu estranho mundo de reflexão, e retornado ao mundo animado dos homens. Ele voltava-se, pela primeira vez, perspicazmente, sobre si mesmo e, maravilhava-se, havia visto tão pouco antes. Ele cresceu vagarosamente para sentir, quase pela primeira vez, o Véu que jaz entre ele e o mundo dos brancos; pela primeira vez, deu-se conta da opressão que, antes, não parecia ser tirania; de diferenças que outrora pareciam naturais; de restrições e desfeitas que na meninice passaram despercebidas ou foram aceitas com uma risada. Sentiu-se aborrecido, agora, quando as pessoas não o chamavam de “senhor”; conteve seu ímpeto, mãos cerradas, ao embarcar nos vagões “Jim Crow”²⁵³, e indignou-se ante a linha da cor que o encurralou. Insinuaram-se em sua vida um toque de sarcasmo e um vago amargor. Assim, sentava-se por horas pensando e planejando uma saída para tão tortuosas situações. Cada vez mais via-se distante da sufocante e acanhada rotina de sua cidade natal. Por isto, estava em seus planos uma volta para Altamaha, onde iria trabalhar. Mesmo assim, à medida que o tempo passava, hesitava, com um pânico inominado; e, mesmo um dia após sua colação de grau, agarrou sofregamente a oferta que lhe fez o reitor, de mandá-lo para o Norte com o quarteto, cantando pelo Instituto, durante as férias de verão. Seria uma tomada de ar antes do mergulho, disse para si mesmo, quase se desculpando.

Era uma brilhante tarde de setembro. As ruas de Nova York resplandeciam com pessoas agitadas, que trouxeram à mente de João o mar, enquanto sentado numa praça observando via tudo tão invariavelmente variável; tão brilhante e escuro; tão solene e alegre. Ele esquadrinhou as roupas ricas e impecáveis, a maneira como moviam as mãos, a aparência de seus chapéus – fixou-se, então, olhando as carruagens que passavam apressadas. Aí, recostando-se com um suspiro e disse: “Aqui é o mundo”, noção que de inopino obrigou-o a querer saber para onde aquele mundo estava indo, posto que a maioria deles, ricos e claros, pareciam acudir numa mesma direção. Pois, quando um jovem alto, de cabelos claros, e sua loquaz companheira se aproximaram, ergueu-se um tanto hesitante e os seguiu. Rua acima, caminharam passando por armazéns e lojas brilhantes, por uma ampla praça, até que, como centena de outros, adentraram ao alto portal de um grande edifício.

253 - Ver nota 77.

Foi arrastado na direção de uma bilheteria juntamente com os outros. Temeu o desfalque, em seu bolso, de uma nota novinha de cinco dólares que economizara. A situação mostrava-se urgente, sem espaço para hesitação; assim que, sacou a nota e entregou-a ao atarefado bilheteiro, recebendo de volta uma entrada, e nenhum troco. Quando se deu conta de que havia pago cinco dólares para ingressar, não sabia aonde, ficou imóvel, perplexo. “Cuidado”, disse uma voz baixa atrás de si, “não se deve linchar o cidadão de cor simplesmente porque ele está parado à sua frente”, e uma jovem olhou maliciosamente nos olhos do seu acompanhante de cabelos lisos. Uma sombra de desagrado cobriu o semblante do homem. “Você não nos compreenderá, lá no Sul”, acrescentou um tanto impacientemente, como se continuasse uma argumentação. “Com todas as suas profissões, não se vê no Norte relações íntimas e cordiais entre brancos e negros, como sucede diariamente conosco. Porque, me recordo, um e não dois era o meu mais próximo amigo de infância, um negrinho batizado com meu nome – bem!” O homem parou de repente e ruborizou-se até a raiz dos cabelos, porque imediatamente ao lado de suas cadeiras reservadas, junto à orquestra, sentou-se o negro com que se chocara no saguão. Ele hesitou e empalideceu com raiva; chamou o lanterninha e entregou-lhe seu cartão, com poucas e peremptórias palavras, e silenciosamente sentou-se. A acompanhante destramente mudou de assunto.

Nada disto João percebeu, pois sentou-se – o espírito semimaravilhado com o cenário à sua volta: a beleza requintada do salão; o rasto de perfume; a miríade de pessoas a se moverem; o elegante vestir; o baixo rumor do falar, fazendo tudo parecer fração de um mundo tão diferente do seu, tão estranhamente mais bonito do que qualquer coisas que houvesse conhecido. Estava sentado num mundo onírico, que se abriu quando, após um silêncio, irrompeu alta e clara a música de Lohengrin²⁵⁴

A infinita beleza do lamento prolongou-se e mexeu com cada músculo de sua estrutura, afinando-os todos. Fechou os olhos e agarrou-se à poltrona, tocando, sem querer, o braço da sua vizinha de assento. Esta afastou-se. Uma profunda saudade avolumou-se em seu coração, elevando-o, com aquela brilhante música, da sordidez e desonra daquela vida inferior que o mantém prisioneiro e contaminado. Ah, se ele pudesse viver ao ar livre onde pássaros cantam e sóis poentes não têm o matiz de sangue! Quem o chamou para ser o escravo e alvo de todos? E se

254 - Du Bois coloca João a ouvir o prelúdio da ópera de Richard Wagner *Lohengrin*, que, ele registra, num ensaio intitulado “*A ópera e a questão do negro*”, de 1936, como sendo a única ópera com que se familiarizou, tendo assistido-a, seis ou oito vezes, em diferentes terras e idiomas.

chamou, que direito teve de intimá-lo quando um mundo como este é disponível perante os homens?.

Então o movimento mudou, a total, completa superior harmonia decresceu. Ele olhou pensativamente pelo salão, e conjecturou porque uma mulher de cabelos grisalhos olhava desatenta, e o que lhe poderia estar sussurrando a este respeito um pequeno homem. Não lhe agradava ver-se indiferente e desocupado, pensou, posto que, com a música, sentiu a força do movimento dentro de si. Gostaria de ter algum trabalho brilhante, algum emprego permanente, difícil – sim, difícil e amargo, mas sem bajulação e repugnante servilismo; sem a cruel ferida que endureceu seu coração e sua alma. Quando, enfim, uma suave tristeza trouxeram-lhe os violinos, irrompeu a visão do lar distante – os olhos grandes de sua irmã e a expressão cansado de sua mãe. Seu coração, então, afundou sob as águas, da mesma forma que as areias do mar afundam nas praias de Altamaha, somente para serem descobertas novamente com o último e eterno lamento do cisne que se estremeceu e desapareceu em direção ao céu.

João deixou-se ficar sentando, quieto, tão enlevado que, por algum tempo, não notou o lanterninha tocando-o levemente no ombro e indicando-lhe polidamente o caminho. Um pouco surpreso, ergueu-se depressa, quando olhou o rosto do jovem de cabelos lisos. E este deu-se conta de que aquele era seu amigo negro de infância, e João compreendeu que estava à frente do filho do juiz. O João branco tomou a dianteira; ergueu sua mão, colocando-a estática sobre a poltrona; o João negro sorriu branda e a seguir, sombriamente, seguiu o lanterninha até o saguão. Ouviu, então, que o gerente estava muito chateado, mas havia ocorrido algum engano, posto que lhe haviam vendido um assento previamente adquirido por outrem. O dinheiro, naturalmente, seria devolvido. Antes que o pedido de desculpas houvesse sido concluído, João caminhava através do parque, rumo às grandes avenidas. Enquanto cruzava o parque, abotoando seu casacão, disse: “João Jones, já nasceste um tolo”. Seguiu para seu alojamento e passou a escrever uma carta, porém rasgou-a. Iniciou outra, jogando-a no fogo. Então apanhou um pedaço de papel e escreveu: “Queridas mãe e irmã: Estou voltando. João”.

“Talvez”, disse João, na medida em que se acomodava no trem, “talvez eu devesse culpar-me por ficar lutando contra meu óbvio destino²⁵⁵, simplesmente porque me parece difícil e desagradável. Antes está meu dever para com Altamaha à minha frente; talvez eu possa ajudar a encaminhar o problema local dos negros; talvez eles não desejem. “ E assim irei ter com o rei, ainda que não seja segundo a lei; e se perecer, pereci” ²⁵⁶. Então João meditou e sonhou, planejando um

255 - “Óbvio destino” é a frase usada pelos anglo-saxões, fixando como sua missão conquistar, controlar e desenvolver o norte do continente americano.

256 - Na véspera de seu vigésimo quinta aniversário, Du Bois registrou seus pensamentos quanto à sua vida e futuro. Ele, então, conclui citando a

trabalho permanente – e o trem rumou sul.

Lá, em Altamaha, todos sabiam que, após sete longos anos, João estava voltando. As casas foram esfregadas e asseadas, em especial uma determinada. O jardim e pátio apresentavam uma inusitada limpeza, e Jennie comprou um novo vestido de algodão listado. Com alguma fineza e negociação os metodistas e os presbiterianos negros concordaram em juntarem-se numa recepção grandiosa, na igreja batista. E à medida que o dia se aproximava, debates irrompiam em todos os cantos. Queriam saber, exatamente, a extensão e natureza dos sucessos de João. Foi em torno ao meio-dia de um triste e nublado dia que João chegou. Os negros da cidade acorreram em bando ao terminal ferroviário, ficando uns poucos brancos à margem. Era um feliz acontecimento com muitas saudações, risos, brincadeiras e encontros. A mãe ficou à distância, na janela, observando. Mas a irmã, Jennie, postou-se, dedilhando o vestido, na plataforma. Era alta e suave, com uma pele amarronzada macia e olhos encantadores que espreitavam através do ínvio emaranhado de seus cabelos. João levantou-se sombrio quando o trem parou, pois divagava enquanto viajava no vagão “Jim Crow”; desceu para a plataforma e hesitou. Ali estava uma pequena e pobre estação, uma massa de negros espalhados e suja, meia milha de casebres deteriorados ao longo de fossos irregulares de barro. Uma opressiva compreensão da sordidez e mesquinhez daquilo tudo tomou conta de si. Olhou em vão, buscando sua mãe; beijou, sem emoção, a jovem alta e estranha que o chamou de irmão; falou pouco e secamente, aqui e ali; então, não se detendo, nem para apertos de mão, tampouco para algum mexerico, iniciou, silencioso, a caminhada rua acima, cumprimentando, apenas com o erguer do chapéu, uma derradeira ansiosa tia-velha, que ficou boquiaberta. As pessoas mostravam-se maravilhadas, de forma diversa. Este homem frio e silencioso, era mesmo João? Onde estavam seu sorriso e afetuoso aperto de mão? “Pareceu-me estar desanimado, como perdendo uma oportunidade” disse, pensativamente, o pastor metodista. “Parece muito empertigado”, queixou-se a irmã batista. Mas o carteiro branco, à margem da multidão, expressou, francamente, a opinião de sua gente, dizendo, enquanto ombreava o saco de cartas e dava forma a seu cigarro de palha: “Este negro maldito viajou ao Norte e voltou carregado de idéias estúpidas;

mesma passagem bíblica do personagem João. Ester 4:16 - “Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de dia nem de noite, e eu e as minhas servas também assim jejuaremos. E assim irei ter com o rei, ainda que não seja segundo a lei; e se perecer, pereci”.

mas elas não vão funcionar em Altamaha". E a multidão se dispersou.

A recepção de boas-vindas, na igreja batista, foi um fracasso. A chuva estragou com o churrasco e o trovão azedou o leite do sorvete. Quando chegou a hora da prédica, à noite, a igreja estava tão cheia de transbordar. Os três pastores haviam preparado-se com esmero para a ocasião, mas, de alguma forma, a postura de João era como um balde de água fria caindo sobre qualquer tema. Transmítia a impressão de estar tão alheio e preocupado, mostrando um estranho ar de contenção, que o irmão metodista não conseguiu esquentar seu tema e extrair um *amém* sequer. O pastor presbiteriano, também, fracamente, obteve resposta. Mesmo o pastor batista, que conseguiu despertar frouxo entusiasmo, viu-se de tal forma atrapalhado em sua frase preferida que se viu obrigado a terminar a prédica quinze minutos antes do programado. As pessoas movimentaram-se apreensivas em seus bancos quando João se ergueu para responder. Falou, então, devagar e metodicamente. "A época", disse, "exige novas idéias. Nós somos muito diferentes daqueles homens dos séculos dezessete e dezoito, com idéias mais amplas de fraternidade humana e destinação". Falou a seguir de um aumento da beneficência e educação do povo e, particularmente, da difusão do bem-estar e trabalho. A questão era, acrescentou reflexivamente, olhando para o forro baixo e descolorido, que participação teriam os negros locais na luta do novo século. Em rápidas pinceladas, falou da escola técnica que poderia ser construída em meio aos atuais bosques da cidade; falou em detalhe sobre o trabalho comunitário e filantrópico que poderia ser desenvolvido e do dinheiro que deveria ser economizado para bancos e atividades empresariais. Finalmente, instou por unidade e admoestou especialmente disputas entre congregações religiosas. "Hoje", disse com um sorriso, "hoje o mundo dá pouca importância se alguém é batista ou metodista, ou se professa um credo qualquer, desde que seja bom e sincero. Que diferença faz se alguém é batizado num rio ou numa banheira, ou não é batizado? Deixemos estas ninharias e olhemos alto".

Então, pensando em nada mais, lentamente sentou-se. Um doloroso silêncio tomou conta da confraria. Pouco havia entendido do que dissera, posto que usou uma linguagem desconhecida, com exceção da última sentença com referência ao batismo, que conheciam muito bem. Ficaram imóveis, ouvindo o tique-taque do relógio. Então, enfim, um contido rosar veio com um Amém, e um homem curvado ergueu-se, atravessou os bancos e assomou ao púlpito. Ele era escuro e encarquilhado, com cabelo grisalho, pouco e com tufo; sua voz e mãos tremiam como se sofresse de paralisia; mas em sua face estava um intenso arrebatamento, o olhar do fanático. Apanhou a Bíblia com suas grandes e toscas mãos; por duas vezes levanto-a sem articular palavra, para a seguir irromper num discurso razoável, fazendo-o com uma eloquência rude e impressionante. Ele tremeu, balançou e curvou-se; então ergueu-se majestoso, até que a audiência gemeu, chorou,

lamuriou e gritou, e uma desenfreada gritaria irrompeu dos cantos onde todos os sentimentos reprimidos se reuniram e escaparam para o ar. João nunca veio a entender claramente o que havia dito o velho. Sentia-se obstado pelo seu escarnecimento e mordaz denuncia, por pisar sobre a verdadeira religião; e compreendeu, estupefato, que, sem querer, havia posto suas desastradas mãos em algo que este pequeno mundo mantém como sagrado. João ergueu-se em silêncio e saiu noite adentro. Na espasmódica luz das estrelas, caminhou em direção ao mar, meio consciente da jovem que timidamente seguiu seus passos. Quando finalmente chegou ao costão, voltou-se para sua irmãzinha, olhando-a tristemente, dando-se conta, com súbita dor, quão pouco pensou em si. Envolveu-a com seus braços e deixou sua paixão, materializada em lágrimas, escorrer por seu ombro.

Por muito tempo ficaram juntos, olhando por sobre a gris e infatigável água.

— João, ela iniciou — as pessoas tornam-se infelizes — e pausou — quando estudam e aprendem muitas coisas?

João hesitou e sorriu, opinando: — Creio que sim.

— E tu estás' feliz 'que estudou?

— Sim. — Foi a resposta, lenta, mas positiva.

Ela fixou-se nas trêmulas luzes sobre o mar enquanto disse pensativamente: — Eu gostaria de ser infeliz e... Colocou então seus braços em torno ao pescoço do irmão, arrematando: — E creio que eu sou, um pouco, João.

Passaram-se muitos dias, até João dirigir-se à casa do juiz, a fim de solicitar permissão para lecionar na escola dos negros. O juiz em pessoa recebeu-o na porta da frente. Olhou-o com a expressão um tanto dura e ordenou abruptamente que contornasse a casa e esperasse na porta dos fundos. Sentado nos degraus da porta da cozinha, João olhava para o milho, completamente perplexo. O que estava acontecendo consigo. Qualquer coisa que fazia, ofendia a alguém. Voltara para resgatar sua gente e mesmo antes de sair da gare os havia afrontado. Buscou instruí-los, na igreja, mas conseguiu foi magoar seus mais profundos sentimentos. Havia se preparado para ser deferente para com o juiz e errou já ao bater na porta da frente. Todavia, sempre buscou agir certo. Mas, reiteradamente, sentia a dificuldade de adequar-se aos antigos padrões, de encontrar o seu lugar no ambiente que o cercava. Não lembrava-se de haver experimentado qualquer tipo de dificuldade, antes, quando a vida era alegre, prazenteira. Tudo parecia, então, fácil e agradável. Quando iria fazer uma objeção mental a seu ultimo pensamento com um "talvez", sua irmã irrompeu na porta da cozinha para dizer que o juiz o aguardava, agora.

O juiz estava sentando na sala de jantar em meio à correspondência da manhã e não

convidou João para sentar-se. Foi direto ao assunto, indagando com uma afirmativa: — Você está aqui por causa da escola, creio. Bem, João, vou ser claro. Você sabe que eu sou amigo de *tua* gente. Eu já ajudei você e *tua* família e teria feito mais não fosse você pôr na cabeça este negócio de estudar fora. Eu gosto da gente de cor e simpatizo com todas as suas aspirações razoáveis, mas eu e você, ambos sabemos, João, que neste país o negro deve permanecer subordinado e jamais pode esperar igualdade ao branco. No seu lugar, o negro pode ser honesto e respeitoso; e Deus sabe, eu farei tudo quanto possa para ajudá-lo. Mas quando desejam reverter a natureza, governar o branco, casar com as brancas e sentarem-se na minha varanda, então, por Deus!, vamos mantê-los em seu lugar, mesmo que tenhamos que linchar todos os negros deste país. Agora, João, a questão é a seguinte: Com toda a *tua* educação e noções nortistas, você vai aceitar a atual situação, e ensinar os escurinhos a serem bons serventes e trabalhadores, como o foram seus pais; aliás, eu conheci teu pai, João, ele pertenceu a meu irmão, e era um bom preto. Bem, bem, você vai ser como ele, ou vai tentar colocar idéias vãs de ascensão e igualdade na cabeça dessa gente, tornando-os descontentes e infelizes?”

— Vou aceitar a atual situação, juiz Henderson — respondeu João, com concisão tal que não escapou ao arguto velho magistrado, que hesitou um pouco, para acrescentar com brevidade: — Muito bem, nós iremos experimentar-te por algum tempo. Bom-dia.

Passava um mês do início das aulas, quanto o outro João retornou à casa. Alto, alegre e obstinado. A mãe chorou e as irmãs festejaram. Toda a gente branca na cidade mostrava-se feliz. O juiz era um homem orgulhoso — era uma bela imagem os dois a caminhar juntos pela rua principal, mesmo que nem tudo andasse bem entre ambos, pois o jovem não podia, nem desejava dissimular seu desprezo à pequena cidade, tampouco seu amor para com Nova York. Todavia, a maior ambição do juiz era ver seu filho prefeito de Altamaha, um deputado ou, quem sabe, governador da Geórgia. Após o jantar, à beira da lareira, fumando um charuto, o jovem disse ao pai: — Por certo o senhor não espera que um jovem como eu me instale permanentemente nisto — esta cidadezinha esquecida de Deus, com nada mais do que barro e negros? — Espero que sim— disse o juiz laconicamente. E, pela carranca, ficou a impressão de que iria acrescentar algo de mais enfático, mas os vizinhos começaram a se aproximar para reverenciar seu filho, e a conversa foi desviada.

— Ouvi que João está animando as coisas na escola dos pretos — disse, voluntário, o carteiro.

— O quê, agora? — Indagou o juiz, bruscamente.

— Nada em particular, apenas seu ar de todo poderoso e sua maneira soberba. Acho que ouvi dizer que ele andou falando a respeito de igualdade, da Revolução Francesa. Ele é o tipo que

eu considero como negro perigoso²⁵⁷.

— Você ouviu-o dizer alguma coisa indevida?

— Por quê? Não, mas Sally, nossa filha, contou para minha mulher um bocado de asneiras. A mais, eu não preciso ouvi': um negro que não quer chamar de senhor um branco, ou...

— Quem é este João? – Interrompeu o filho.

— Ora, é o negrinho João, filho de Peggy — teu antigo companheiro.

— O rosto do jovem enrubescceu zangado; depois então deu uma risada.

— Ah, informou — é o escurinho que tentou sentar-se ao lado da dama que eu acompanhava...

O juiz Henderson não esperou ouvir mais. Tinha sido um dia exasperante. Assim, imprecando uma praga, apanhou sua bengala e chapéu, e dirigiu-se incontinentemente à escola.

Para João havia sido um longo e penoso esforço colocar as coisas em funcionamento na velha e raquítica cabana que abrigava a escola. Os negros dividiram-se em duas facções, uns contra e outros a seu favor; os pais eram desmotivados; as crianças irregulares e sujas; era, a mais, desfalcada de livros, cadernos, lousas e lápis. Todavia, ele se empenhava com esperança e tinha a impressão de que começava vislumbrar o clarear da alvorada. Nesta semana, a frequência aumentara e as crianças mostravam-se mais limpas; mesmos os mais simplórios na leitura evidenciavam progresso, pequeno, mas confortante. Assim, João mostrava-se, nesta tarde, com renovada dose de paciência.

João trabalhava com seus alunos quando, com surpresa, meio que ergueu-se da cadeira, bem como o restante dos meninos, quando, rosto afogueado, o juiz despontou na porta .

— João, esta escola está fechada. Teus alunos podem ir para suas casas, e trabalharem. Os brancos de Altamaha não estão gastando seu dinheiro com os negros para ter suas cabeças entulhadas com impudência e mentiras. Saiam todos. Eu mesmo vou fechar a porta.

Sob os grandes pilares da casa paterna, o jovem vagueava a esmo após a abrupta partida do

257 - Ao relacionar "falando a respeito de igualdade, da Revolução Francesa" e "negro perigoso", Du Bois trás de volta o pânico que se apoderou de muitos americanos quando, em agosto de 1791, escravos negros na Ilha de São Domingos, inspirados nos ideais igualitários da Revolução Francesa, amotinaram-se e mataram seus amos.

juiz. Na casa havia pouco que o interessasse; os livros eram velhos e sem graça, o jornal local maçante, e as mulheres encontravam-se recolhidas, ou com dor de cabeça ou costurando. Ele tentou a sesta, mas estava muito quente. Passeou então nos bosques, reclamando desconsoladamente: — Meus Deus, por quanto tempo vai durar esta prisão! Ele não era um mau sujeito, apenas um pouco mimado, auto-indulgente e cabeça-dura como seu orgulhoso pai. Ele parecia um jovem agradável de se olhar, quando sentado no grande toco preto, num canto do pinheiral, desocupado, fumando, a balançar as pernas. “Por que, nunca encontrei uma moça à altura de um sério flerte”, jactou-se para si mesmo. Foi quando seus olhos divisaram uma figura alta, flexível vindo em sua direção, num atalho estreito. Ele olhou-a com interesse, de início, para então irromper o riso, dizendo: — Olha só, não é esta, por acaso, Jennie, a cozinheira moreninha! Por que você ainda não me beijou, desde que retornei. — Arrematou alegremente. A jovem encarou-o com surpresa e estupefação; vacilou um tanto e procurou ir adiante. Mas o ânimo voluntarioso tomou conta do jovem desocupado, fazendo-o agarrar-lhe o braço. Assustada, tentou escapar; mas, perversamente, saiu correndo atrás dela, por entre os altos pinheiros.

O grande mar marrom jaz silente. Mal respiram o ar. O dia moribundo banhava em preto e dourado os oscilantes carvalhos e os altaneiros pinhos. Nenhum aviso chegou com o vento, tampouco um sussurro do céu sem nuvens. Havia apenas um negro apressado com um coração penando, incapaz de ver nem o sol, nem o mar – mas irrompendo, como que de um sonho, ao grito horripilante que despertou até os pinheiros, viu sua irmã escurinha se debatendo nos braços do homem alto e de cabelos lisos.

Sem dizer palavra, mas, apanhando um galho caído, golpeou-o com toda a ira represada em seu negro braço. O corpo branco e inerte jazia sob os pinhais, banhado pelo sol e pelo sangue. João olhou para a cena de sonho e bruscamente tomou a direção de sua casa. Lá disse, numa voz suave: – Mamãe, vou-me embora; vou ser livre!

Ela encarou-o brandamente e hesitante disse: – Não, filho; vai’ parti’ novamente?

João olhou janela afora, na direção onde a Estrela do Norte, pálida, brilhava por sobre as águas, para arrematar: – Sim mamãe, vou para o Norte.

Então, sem mais palavras, saiu pela senda serpenteante sob os pinheiros, à mesma trilhada por sua irmã, sentando-se então no grande toco preto, observando o sangue, onde o corpo se encontrava. Alhures, no passado, ele havia brincado com o jovem morto, fazendo travessuras, juntos, sob as mesmas e solenes árvores. A noite caiu profunda; ele lembrou-se dos rapazes de Johnstown. Conjecturou como Brown havia ido embora, e Carey? E Jones – Jones? Por que, *e/le* era Jones, e imaginou o quê todos iriam dizer quando descobrissem, quando souberem, sentados

na grande sala de jantar, com centenas de olhos felizes. Então, quando o reflexo da luz das estrelas cobriu-o, pensou no vistoso forro do impressionante salão de concertos, e ouviu insinuando-se sobre si a lânguida música do cisne. Ouça! Era aquilo música ou o desassossego e o grito dos homens? Sim, por certo! Claro e alto, a doce e lânguida melodia ergueu-se e adejou qual uma coisa viva, de tal forma que o próprio solo tremeu, como que impulsionado pelo tropel de cavalos e o murmúrio de homens furiosos.

João estirou-se para trás e sorriu para o mar de onde nascia uma melodia estranha, distante das sombras escuras onde jazia o ruído de cavalos galopando, galopando adiante. Com esforço ergueu-se, curvou-se para a frente e olhou resolutamente para o caminho, suavemente sussurrando a “Canção da Noiva”

“Freuding geführt, ziehet dahin”²⁵⁸.

Em meio às árvores e ao tímido luscofusco da manhã, observou as sombras dançando, e de seus cavalos ouviu-os trovejando em sua direção, até que enfim eles vieram varrendo como uma tempestade, e ele viu à frente aquele homem brutal, de cabelos brancos, cujos olhos flamejavam com ódio. Oh, como teve pena de si – de si – e conjecturou se ele trazia consigo a corda com o laço. Então, na medida em que a tempestade desabou sobre si, ele ergueu-se devagar sobre suas pernas, e voltou seus olhos fechados na direção do Mar.

E o mundo zuniu em seus ouvidos.

258 - Citando a “Canção da Noiva”, de Lohengrin, Du Bois substituiu “freuding” (jubilosamente) por “Treulich” (fielmente). O verso traduzido é: “jubilosamente guiado, foi adiante”

XIV

AS CANÇÕES DE SOFRIMENTO



*Caminho pelas alamedas do cemitério
 Para deitar este corpo;
 Da lua e das estrelas conheço o nascer;
 Caminho à luz da lua; caminho à luz das estrelas;
 Vou deitar-me no túmulo e esticar os braços,
 Irei para o julgamento na tarde desse dia,
 E minha alma, e tua alma vão se encontrar nesse dia,
 Quando deitar este corpo, enfim.²⁵⁹*

Canção de Negros

Nos tempos de então, eles que caminhavam nas trevas, cantavam canções — Canções de Sofrimento²⁶⁰ — porque tinham corações cansados. Assim sendo, antes de cada pensamento que escrevi neste livro, cunhei uma frase, um eco fantasmagórico dessas sofridas canções de antanho, nas quais a alma dos negros escravos se dirigiram aos homens. Desde criança, essas canções excitaram-me singularmente. Vieram do Sul que desconhecia, uma por uma e, instantaneamente, sinto-as parte de mim e minhas. Então, adiante, quando fui para Nashville²⁶¹ vi o grande templo, erguido com essas canções, altaneiro, sobre à pálida cidade. Para mim o *Jubilee Hall*²⁶² era,

259 - O verso é do spiritual "Lay my body down" e a música do spiritual "Wrestlin' Jacob".

260 - Sorrow Songs, um gênero musical de época.

261 - Lecionar na Universidade Fisk.

262 - A genuína música afro-americana já era apreciada na tradição oral no início do século 19. Sua primeira coleção, *Slave Songs of the United States*, surgiu em 1867. Dentre conhecidos valores estão "Michael, Row Your Boat Ashore" e "Roll, Jordan, Roll." Após a Guerra Civil, concertos beneficentes na Universidade Fisk, dos *Jubilee Singers*, tornaram esses

em si, formado pelas canções, e seus tijolos eram vermelhos pelo pó e sangue do labor. Delas surgiu, para mim, de manhã, ao meio-dia, e à noite, a eclosão de maravilhosas melodias, cheias das vozes de meus irmãos e irmã – plenas das vozes do passado. Pouco de beleza a América deu ao mundo, exceto a grandiosidade rude que Deus, ele mesmo, cunhou em seu seio; o espírito humano, neste novo mundo, expressou-se mais em vigor e engenhosidade do que em beleza. E assim, por sorte, a canção folclórica negra — a lamúria ritmada dos escravos — mostra-se hoje não apenas como a única música americana, mas também como a mais bela expressão da experiência humana, surgida deste lado do oceano. Ela tem sido negligenciada, e tem sido, e é, de alguma forma, menosprezada, mas, acima de tudo, tem sido persistentemente mal interpretada e mal-entendida; mas, não obstante, ainda permanece como a singular herança da Nação e a maior dívida do povo negro.

Lá atrás, nos anos trinta²⁶³, a melodia dessas canções de escravos agitaram a Nação, mas logo caíram no esquecimento. Algumas, como *Near the lake where drooped the willow*²⁶⁴ chegaram à afetação atual, todavia, suas origens foram esquecidas; outras foram caricaturadas no período do "saltimbanco"²⁶⁵, e sua memória feneceu. Então, nos tempos da Guerra, surgiu a peculiar experiência de Port Royal²⁶⁶, após a captura de Hilton Head, e talvez, pela primeira vez, o Norte encontrou-se com o Sul, face a face, coração a coração, sem a presença de terceira pessoa. As ilhas Sea Islands²⁶⁷, das Carolinas, onde deu-se o encontro, eram habitadas por um povo negro, primitivo, influenciado e moldado menos pelo mundo à sua volta do que por outros à margem do Cinturão Negro. Sua aparência era selvagem, sua linguagem estranha, mas seus corações eram compassivos e seu cantar infundia nos homens uma poderosa

spirituals as primeiras manifestações afro-americanas a ganhar renome nacional e internacional. E *Jubilee Hall* é o edifício da Universidade Fisk, em Nashville, concluído em 1875, ano em que a Fisk formou sua primeira turma. O edifício foi financiado com recursos auridos pelas giras nacionais e internacionais do grupo *Jubilee Singers*.

263 - 1830...

264 "Próximo ao lago onde o salgueiro vergava-se".

265 - O saltimbanco, ou menestrel, é uma referência à tradição do entretenimento popular que surgiu nos anos 1840. Aristas brancos, com o rosto enegrecido, falavam e cantavam usando dialetos de negros, normalmente retirando seus temas e músicas de estereótipos raciais. Os menestreis tornaram-se a primeira forma tipicamente americana de espetáculo cênico.

266 - Ver nota 26.

267 Conjuntode ilhas no Altântico, em frente à Carolina do Sul, Geórgia e o norte da Flórida, descobertas pelos espanhóis, no século 16, que primeiro as habitaram e foram, todavia, expulsos pelos colonialistas ingleses, após o século 17.

força. Thomas Wentworth Higginson²⁶⁸ apressou-se em comentar essas canções e também Miss McKim²⁶⁹ além de outros, mostrando ao mundo sua rara beleza. Mas a importância dada foi apenas parcial, até que o *Fisk Jubilee Singers* fez as canções de escravos calar profundamente no coração dos povos, de tal forma que ninguém mais as pôde esquecer.

Certa feita, o filho de um ferreiro, nascido em Cadiz, Nova York, que, em novos tempos, lecionou em Ohio, ajudou na defesa de Cincinnati contra Kirby Smith. Depois, lutou em Chancellorsville e Gettysburg²⁷⁰ e, finalmente, serviu no Escritório dos Libertos, de Nashville. Aí fundou, em 1866, uma escola dominical para crianças negras, onde não apenas cantava, mas ensinou-as a cantar. Então, também elas o ensinaram a cantar; assim que, a glória das canções do *Jubilee* permearam a alma de George L. White²⁷¹, fazendo-o entender que sua missão na terra era ensinar àqueles negros a oportunidade de cantar para o mundo da forma como haviam cantado para si. Assim, em 1871, iniciou-se a peregrinação do *Fisk Jubilee Singers*. Para o norte, até Cincinnati andaram — quatro meninos e cinco meninas negros, gebos — dirigidos por um homem com uma causa e um objetivo. Fizeram uma parada em Wilberforce, a mais antiga das escolas negras, onde o bispo os abençoou. Foram adiante, enfrentando o frio e a fome, enxotados de hotéis, ignorando as agruras, sempre mais ao norte; e sempre a mágica de sua música alimentava corações excitados até a aclamação, no Conselho em Oberlin, que os revelou para o mundo²⁷². Chegaram a Nova York e Henry Ward Beecher²⁷³ ousou saudá-los, mesmo que a maioria dos jornais torcessem seus narizes para os “menestréis de pretos”. Assim suas canções foram conquistando as gentes, cruzando a terra e o mar, até cantarem para a Rainha e o Cáiser²⁷⁴, na Escócia e na Irlanda, Holanda e Suíça. Cantaram por sete anos e juntaram cento e cinquenta mil

268 Higginson, Thomas Wentworth, 1823–1911, American author; b. Cambridge, Mass. A minister and abolitionist, he was also a versatile writer whose books include an account of his Civil War experiences, a novel, and literary biographies. With M.L. Todd he was the editor of Emily Dickinson's Poems (1890–91).

269 - Lucy McKim Garrison (1842-1877), filha do abolicionista James Miller McKim, recolheu e registrou as músicas das canções dos escravos da Carolina do Sul durante a Guerra Civil

270 Edmund Kirby-Smith, (1824-1893), oficial muito ativo na campanha do Kentucky (1862), foi o último comandante confederado a entregar-se, em maio de 1865. Chancellorsville foi uma batalha da Guerra Civil, ocorrida ao sul da Pensilvânia.

271 - George L. White, tesoureiro e professor de música na Universidade Fisk fundou o *Fisk Jubilee Singers*.

272 - No encontro do Concílio Nacional das Igrejas Congregacionais, integrantes da Associação Missionária Americana, realizado no Colégio Oberlin, em 15 de novembro de 1871, os *Jubilee Singers* receberam seu primeiro grande reconhecimento público.

273 - Henry Ward Beecher (1813-1887), religioso e editor famoso por seus discursos contra a escravidão.

274 - Rainha Vitória, da Inglaterra, e cáiser Guilherme da Rússia.

dólares, para fundar a Universidade Fisk.

Desde o seu surgimento têm sido imitados — bem, algumas vezes, pelos cantores de Hampton e Atlanta, às vezes mal, por quartetos ambulantes. Caricaturas tentaram arruinar a beleza peculiar dessa música, tendo ocupado o espaço com melodias corrompidas que ouvidos despreparados mal conseguem diferenciar da verdadeira. Mas a legítima música negra ainda vive nos corações daqueles que as ouviram em sua integridade e no coração do povo negro. O que são essas canções e o que elas significam? Conheço pouco de música e nada posso dizer a respeito da técnica da frase, mas sei algo a respeito do ser humano, e conhecendo-o afirmo que essas canções são a mensagem articulada do escravo para o mundo. Dizem-nos, nesses dias de ansiedade, que a vida foi alegre, despreocupada e feliz para o escravo negro. Posso perfeitamente pensar que assim foi para alguns, para muitos. Nem todo o velho Sul — mesmo que ressurgisse dos mortos — poderia negar o valor emocional dessas canções. Elas são a música de um povo infeliz, dos filhos da desilusão; dizem-nos da morte e do sofrimento e da ânsia muda de chegar a um mundo mais verdadeiro, de misteriosos roteiros e caminhos escondidos. As canções são, em verdade, fruto de um depurar de séculos; a música é muito anterior às palavras, e nestas se pode identificar, aqui e ali, marcas de desenvolvimento. A avó de meu avô foi capturada, faz dois séculos, por um diabólico traficante holandês²⁷⁵. Empurrada através dos vales do Hudson e do Housatonic — negra, pequena e ágil, ela tremeu e se encolheu ante a inclemência dos ventos do norte; olhou desesperançada para as colinas e, comumente, murmurou uma melodia pagã para o filho em seu colo, assim:



Nota nº 276

275 - O avô materno de Du Bois chamava-se Othello Burghardt. O avô de Othello chamava-se Tom Burghardt. Pouco se sabe sobre a avó de Othello, esposa de Tom Burghardt, que é a "avó de meu avô", referida nesta passagem.

276 - A origem geográfica ou étnica desta melodia não foi determinada. David Levering Lewis in Lewis, W. E. B. Du Bois,

O filho cantou-a para seu filho e este para seu próprio filho, assim que, duzentos anos passados, a música viajou até nós e a cantamos, sabendo, em verdade, muito pouco, na mesma medida que nossos pais, do significado das palavras, mas sabendo muito bem o sentido da melodia.

Tratava-se de uma musica africana primitiva, que pode ser vista de maneira ampla no estranho canto que apregoa "*The Coming of John*"²⁷⁷: "*Podes me enterrar no leste, Podes me enterrar no oeste, Não importa, vou ouvir a trombeta naquela manhã,*"²⁷⁸

— a voz do exílio.

Cerca de dez canções principais podem extrair-se dessa floresta de melodias — canções de inquestionável origem negra e de ampla aceitação popular, e canções peculiarmente características dos escravos. Um dessas eu recém mencionei. Outra que por sua importância abre este livro é "*Nobody knows the troubles I've seen*"²⁷⁹. Quando se depararam com uma inesperada pobreza, os Estados Unidos recusaram-se a cumprir com suas promessas de terra e liberdade, assim, um brigadeiro-geral dirigiu-se às *Sea Islands* para informar das dificuldades do país aos ali residentes. Uma mulher velha, à margem da turba, iniciou a cantar essa música; todos então juntaram-se a ela, balançando-se. Então, o soldado chorou.

A terceira é a canção de mitigação, da morte, conhecida de todos — "*Swing low, sweet chariot*",²⁸⁰ — cujas notas marcam o início da história de Alexander Crummell²⁸¹. Então, tem-se uma canção de muitas águas, "*Rol, Jordon, roll*"²⁸², um coro poderoso com cadências menores. Havia muitas canções de fugitivos como àquela que abre "*The Wings of Atalanta*"²⁸³ e a mais famosa "*Been a-listening*"²⁸⁴. A sétima é uma canção do

14, 585m n°7) tentou localizar as raízes sem sucesso pleno. A melhor hipótese, segundo ele, é de que a origem seria uma canção *oulof*, da região da Senegâmbia, a respeito de cativo ou confinamento.

277 - A chegada de João.

278 - Letra do espiritual "*You May Bury Me in the East*", também conhecido como "*I'll Hear the Trumpet Sound*".

279 - Ninguém sabe das desgraças que eu vi.

280 - Ginga suave, doce carruagem

281 - Amigo e mentor de W. E. B. Du Bois, sincero crítico de Booker T. Washington, e fundador da Academia Negra Americana, Alexander Crummell (1819-1898) desempenhou papel de pivô, em fins do século 19, nos debates da intelectualidade negra. Todavia, comparado com a quantidade de material disponível de Du Bois e Washington, os discursos e publicações de Crummell permanecem inacessíveis.

282 - Rola Jordão, rola

283 - Sonre as asas de Atalanta.

Fim e do Começo — *"My Lord, what a mourning! when the stars begin to fall"*²⁸⁵, a melodia desta é posta em *"The Down of Freedom"*²⁸⁶; a canção de dúvida *My way's cloud*, inicia *"The Meaning of Progress"*²⁸⁷; a nona é a canção deste capítulo: *"Wrestlin' Jacob, the day is a-breaking"* — uma alegre canção de disputa e esperança. A última canção, magistral, é a canção das canções — *"Steal away"*²⁸⁸ — epigrafada em *"A fé dos antepassados"*.

Muitas outras canções folclóricas negras existem, admiráveis e personalíssimas, da mesma forma que estas, como, por exemplo, as três composições constantes dos capítulos terceiro, oitavo e nono. Outros poderiam fazer facilmente uma seleção baseada em princípios mais científicos. Encontram-se, da mesma forma, às que parecem um pedaço removido dos tipos mais primitivos: existe uma emaranhada miscelânea de melodias: *"Bright sparkles"*, uma frase que encima *"The Black Belt"*, o hino de Páscoa, *"Dust, dust and ashes"*; a nênia *"My mother's took her flight and gone home"* e a eclosão da melodia pairando sobre *"The Passing of the First-Born"* — *"I hope my mother will be there in that beautiful world on high"*²⁸⁹.

Estas representam um terceiro passo no desenvolvimento das canções de escravos, das quais *"You mau bury me in the East"*, é o primeiro; e canções como *"March on"* (capítulo sexto) e *"Steal away"* são o segundo. O primeiro é a música africana, o segundo é a afro-americana, enquanto que o terceiro é a mistura da música dos negros com a música ouvida na terra adotiva. O resultado é, ainda, caracteristicamente negro, e o método de mistura, original, mas os elementos são, tanto negro quanto caucasiano. Pode-se ir além e encontrar um quarto passo nesse desdobramento, onde as canções brancas da América foram claramente influenciadas pelas músicas dos escravos, ou incorporaram frases inteiras da melodia negra, como em *"Swanee River"* e *"Old Black Joe"*²⁹⁰. Lado a lado, também, cresceu a corrupção e a

284 - Como ouvinte

285 - Meu Deus, que lamentação! quando as estrelas começarem a cair.

286 - O alvorecer da liberdade

287 - O significado do progresso

288 - Ver nota 171. *"Of the Down of Freedom"* (Sobre o alvorecer da liberdade); *"My way's cloud"* (Meu caminho é nebuloso); *"Of the Meaning of Progress"* (Sobre o significado do progresso); *"Luta Jacob 'Jacob, the day is a-breaking"* (Luta Jacob, o dia está irrompendo);

289 - *"Bright sparkles"* (Centelhas brilhantes); *"The Black Belt"* (O cinturão negro); *"Dust, dust and ashes"* (Pó, pó e cinzas); *"My mother's took her flight and gone home"* (Minha mãe voou e foi para casa); *"The Passing of the First-Born"* — *"I hope my mother will be there in that beautiful world on high"*. (O passamento do primogênito — Desejo que minha mãe lá esteja, naquele mundo maravilhoso no alto).

290 - *"Swanee River"* e *"Old Black Joe"*, são composições famosas do mais destacado compositor do século dezenove, Stephen Foster.

imitação — as canções de menestrel, muito dos hinos de “*gospel*” e algumas canções tipo “*coon*”²⁹¹ — uma grande quantidade de música em que o iniciante pode facilmente perder-se e nunca encontrar a verdadeira música dos negros.

Nessas canções, como já disse, o escravo se dirigiu ao mundo, com uma mensagem, naturalmente, disfarçada e semi-articulada. A letra e a música se dissociaram e numa e noutra foram incluídos canto e frases, em lugar de sentimento original, portadores de uma teologia mal absorvida. Aqui e ali encontra-se uma palavra estranha de uma língua desconhecida, como “*Mighty*”²⁹² *Myo*”, que parece ser um rio da morte; mais freqüentemente palavras sem importância ou simplesmente versos de xácara são juntados à música com tocante doçura. Canções puramente seculares são numericamente poucas, em parte, porque muitas delas se transformaram em hinos face a troca de letras; parcialmente, porque os chistes eram raramente compreendidos por estranhos e a música raramente entendida. De praticamente todas as canções, a música é, inequivocamente, triste. As dez músicas que mencionei dizem, em palavras e sons, das mazelas do exílio, de lutas e fugas — tateiam em busca de uma força oculta e almejam o repouso, no Fim.

As letras que chegaram até nós não são desprovidas de interesse e, expurgados lugares-comuns, carregam em si muito de verdadeira poesia e significado, sob uma teologia convencional e rapsódia desinteressante. Como todos os povos primitivos, os escravos se postaram em torno ao coração da natureza. A vida era um “mar encapelado e esparramado” como o Atlântico marrom de Sea Islands; o “Mato” era o lar de Deus, e o “vale da solidão” gerou um modo de viver. “O inverno acaba logo”, encerrava um conceito de vida e morte para egressos dos trópicos. As tempestades inesperadas e aterradoras do Sul intimidaram e impressionaram os negros — por vezes o ribombar dos trovões se lhes parecia algo “melancólico” e, às vezes, imperioso:

*“Meu Deus me chama
Me chama pelo trovão,
A trompa soa assim em minh’alma”*²⁹³

291 - Canções “coon” eram um tipo de música de menestrel, com o detalhe de ser extremamente ofensiva aos negros reproduzindo um personagem Zip Coon, que, comumente, não conseguia parar de rir.

292 - Poderoso

293 - Do espiritual “Steal Away”.

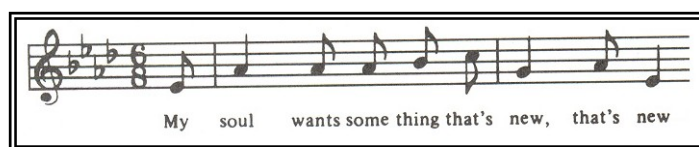
O monótono e pesado trabalho e sofrimento são retratados em muitas palavras. Pode-se ver o peão arando na terra quente e úmida, cantando:

*“Não há chuva que te molhe
Não há sol que te queime
Oh, vai adiante, crente
Eu quero partir”*²⁹⁴.

O velho encurvado chora, com repetida lamentação:

*“Oh Deus, ajuda-me a não afundar”,
e ele recrimina o diabo da dúvida que sussurra:
“Jesus morreu e Deus foi embora”*²⁹⁵.

Ainda, a fome da alma se mantém, a impaciência do rude, a lamentação do viajante, e o lamento é colocado na seguinte frase:



*minha alma deseja algo novo, novo;*²⁹⁶

Sobre os pensamentos íntimos dos escravos e suas relações uns com os outros, a sombra do medo sobrepairava permanentemente. Assim o que se pinça, aqui e ali, são pouco mais do que insinuações e, da mesma forma, eloqüentes silêncios e omissões. Mãe e filha são decantados, o pai raramente o era; fugitivo e cansado, o viajante apela por piedade e afeto, mas há pouco afeto e poucas uniões; das pedras e das montanhas bem sabiam — um lar, todavia, desconheciam. Uma estranha mistura de amor e impotência flui através do refrão:

Longe está minha velha mãe,
Vagando na colina distante;

294 - Do espiritual "There's no Rain to Wet You".

295 - Do Spiritual "Keep Me from Sinking Down"

É tempo dela voltar,
 Voltar ao lar perto de mim;²⁹⁷

'Dalhures vêm os gritos de *"orfandade materna"* e *"adeus, adeus, meu filho único"*. Canções de amor são raras e dividem-se em duas categorias: as frívolas e banais e as tristes. A respeito de amor profundo e bem sucedido existe um portentoso silêncio, e numa das mais antigas canções desse gênero insere-se um história de significado profundo:

Pobre Rosy, pobre garota;
 Pobre Rosy, pobre garota,
 Rose partiu meu pobre coração,



Não veio para meu lar.²⁹⁸

Uma mulher negra disse da canção, "Não poderia jamais ser cantada sem um coração pleno e um espírito perturbado". A mesma voz canta como na canção folclórica alemã:

296 - Do spiritual "My Soul Wants Something That's New"

297- Do spiritual "O'er the Crossing".

298 - Do spiritual "Poor Rosy".

"Jetzt Geh i' an's brünele, trink' ober net"²⁹⁹

Sobre a morte, o Negro mostrou pouco medo, falando a seu respeito com familiaridade e até mesmo com afeto, como o simples cruzar de um rio — quem sabe — num regresso às suas florestas do passado. Mais adiante, o fatalismo foi desfigurado, e o oprimido cantou, em meio ao pó e à sujeira:

Pó, pó e cinzas, entulharão meu túmulo

Mas o Senhor resgatará meu espírito.³⁰⁰

Coisas captadas obviamente no meio ambiente onde vivia, na boca do escravo ganhavam novas feições, como na frase bíblica: "Chora, *oh cativa filha de Sião*" é estranhamente transformada em: "Sião, chore baixinho", e as rodas de Ezequiel³⁰¹ se modificam por inteiro no sonho místico do escravo que diz:

"Uma pequena roda gira em meu coração"³⁰²

Antigamente, as palavras desses hinos eram improvisadas por um menestrel, líder da banda religiosa. As circunstâncias em que se davam os encontros, o ritmo das músicas e as limitações ao que podiam externar, confinaram a poesia, na maior parte, a uma ou duas frases. Raramente quadras ou histórias mais longas embasavam o tema. Embora existam exemplos de tentativas consistentes, estas quase sempre parafraseavam a Bíblia. Três séries de versos tem-me atraído — aquele, de uma linha, que encima este capítulo, do qual Thomas Wentworth Higginson³⁰³ disse acuradamente, "Nunca, eu creio, desde que o homem existe e sofre, foi seu infinito desejo de paz proclamado tão melancolicamente". O segundo e o terceiro são narrativas do Julgamento Final, com improvisos e traços de influência externa:

"Oh, as estrelas caem na natureza,

299 - Da canção folclórica alemã (Schwäbian) "Jetzt gang I ans Brünnele". A frase diz: "Agora estou indo ao poço, mas não vou beber". Trata de um amor rompido ou perdido e de morte.

300 - Do espiritual "Dust and Ashes".

301 - De Ezequiel 1.15: "E vi os seres viventes; e eis que havia uma roda sobre a terra junto aos seres viventes, uma para cada um dos quatro rostos; e Isaías 52.2: Sacode-te do pó, levanta-te, e assenta-te, ó Jerusalém: solta-te das cadeias de teu pescoço, ó cativa filha de Sião".

302 - Do espiritual "There's a Little Wheel a-Turnin'".

303 - Higginson, Thomas Wentworth, 1823-1911, escritor americano, nascido em Cambridge, Mass. Ministro e abolicionista, escreveu também sobre sua experiência na Guerra Civil.

E a lua goteja sangue.

Os remidos pelo Senhor estão retornando para Deus,
Louvado seja o nome do Senhor"³⁰⁴.

E a outra, um retrato mais simples das terras baixas da costa:

*"Miguel rebocou o barco à margem,
Então ouvirás a trombeta que sopra,
Então ouvirás o som da trombeta,
A trombeta soar por toda parte
A trombeta soar para o rico e o pobre,
A trombeta soar o Jubileu,
A trombeta soar para mim e para ti".³⁰⁵*

Transpassando todo o padecimento que se contém nas Canções de Sofrimento existem espasmos de esperança — uma fé na justiça derradeira das coisas. As cadências suaves de desespero mudam, geralmente, para acordes de triunfo e serena confiança. Às vezes, é a fé na vida, noutras, é a fé na morte, algumas vezes é a segurança de uma justiça sem fronteiras num mundo justo lá adiante. Mas seja como for o significado é sempre claro que um dia, nalgum lugar, o homem julgará seu semelhante pela sua alma e não pela cor de sua pele. É esta uma aspiração justificada? As Canções de Sofrimento entoam a verdade?

A crescente presunção, silenciosa, nestes tempos, é de que a provação das raças é passado e que as raças atrasadas de hoje são de inquestionável ineficiência e desmerecedoras de salvação. Essa é uma posição de arrogância de povos insolentes face ao Tempo, e ignorantes da capacidade do homem. Mil anos atrás, tal assunção, facilmente concebível, teria tornado difícil aos teutões provar seu direito à vida. Dois mil anos antes, esse dogmatismo, prontamente bem-vindo, teria relegado a idéia de raças loiras liderando as civilizações. Tão lamentavelmente desorganizado é o conhecimento sociológico do significado do progresso, que a acepção de “rápido” e “devagar”, no agir

304 - Um adatação do espiritual "My Lord, What a Mourning!"

305 - Do espiritual "Michael, Row de Boat Ashore".

humano, e os limites da perfeição humana, são veladas – esfinges não desvendadas nas praias da ciência. Por que Ésquilo³⁰⁶ versejou dois mil anos antes que Shakespeare nascesse? Por que a civilização floresceu na Europa e tremulou, queimou e morreu na África? Enquanto o mundo se mantiver incapaz de responder essas questões, deve esta nação proclamar sua ignorância e desmistificar preconceitos que negam liberdade de oportunidade àqueles que trouxeram as Canções de Sofrimento para os *Assentos dos Poderosos*³⁰⁷? Seu país? Como é seu? Antes dos Peregrinos³⁰⁸ chegarem, estávamos aqui. Para aqui trouxemos nossos três dons e os misturamos com os seus: um dom de história e música — suave, excitante música, numa terra pobre em harmonia e sem melodia; o dom de suar e forcejar para dobrar a natureza virgem, conquistar o solo e lançar as bases desse vasto império econômico, duzentos anos antes que suas mãos frágeis pudessem fazê-lo; o terceiro, o dom do Espírito. A história da terra, por três centenas de anos, tem girado em torno a nós; do coração da pátria chamamos tudo o que era bom para controlar o que era ruim; fogo e sangue, reza e sacrifício, recaiu sobre esse povo, e ele encontrou paz apenas nos altares de Deus de Direito. Não foi nosso dom do Espírito singelamente passivo. Ativamente temos nos entrelaçado com as bases desta nação — lutamos em suas batalhas, partilhamos sua tristeza, misturamos nosso sangue com o deles e, geração após geração, temos implorado com determinação, povo indiferente, não menospreze a Justiça, Piedade e Verdade, para que a nação não seja atingida por uma calamidade. Nossa canção, nossa labuta, nossa alegria e alerta foram proclamados para essa nação em fraternal boa vontade. Não são esses dons dignos de se constituírem uma doação? Não o são o trabalho e o embate? Teria a América sido a América sem seu povo negro?

Apesar de tudo, é a esperança que flui nas canções que meus ancestrais bem cantaram. Se em algum lugar desse turbilhão e caos habita um Eterno Bem, governando misericordiosamente, então, um dia, no tempo certo, a América removerá o

306 - ÉSQUILO, poeta grego (Elêusis, c. 525 – Gela, Sicília, 456 a.C.). escreveu *As suplicantes* (c. 490), *Os persas* (472), *Os sete contra Tebas* (467), *Prometeu acorrentado* (depois de 467) e a trilogia da *Oréstia* (*Agamêmnon*, *Os Coéforos*, *As Eumênides*) (458), sendo considerado criador da tragédia grega.

307- Parker, Sir (Horatio) Gilbert (George) 1862-1932 - Escritor canadense autor de "The Seats of the Mighty" (Os Assentos dos Poderosos) (1896).

308 - Os peregrinos chegaram a Plymouth Rock, Massachusetts, em 1620, formando a primeira colônia inglesa, Nova Inglaterra. Os primeiros africanos foram desembarcados na América do Norte, talvez na condição de escravos, talvez como mão de obra contratada, em Jamestown, na Virgínia, vindos num navio holandês, em 1619.

Véu e o prisioneiro marchará livre. Livre, livre como o sol iluminando a manhã através de minhas altas janelas; livre como vozes jovens lá adiante, emergindo, até alcançar-me, do fundo das cavernas de tijolos e argamassa — emergindo com a canção, inspirado com a vida, trêmulo soprano e triste baixo. Crianças, minhas criancinhas, cantam para o nascente:

Let us cheer the wea - ry trav - el - ler,
 Cheer the wea - ry trav - el - ler, Let us
 cheer the wea - ry trav - el - ler A
 - long the heav - en - ly way,

*Deixe-nos saudar o cansado viajante
 Saudar o cansado viajante,
 Deixe-nos saudar o cansado viajante,
 Pela estrada celestial³⁰⁹.*

É o viajante se prepara, volta seu rosto para a Manhã, e
 segue o seu caminho.

MEDITAÇÃO ULTERIOR

Ouçá meu lamento, Oh Deus, o Leitor; conceda que este meu livro não caia, natimorto, no mundo inóspito. Deixa nascer, Tu Gentil, de suas folhas, vigor de pensamento e um documento atento capaz de colher uma safra maravilhosa. (Deixa os ouvidos de um povo culpado zunir com a verdade e setenta milhões ansiarem pela eqüidade que sublimou nações, neste tempo lúgubre quando fraternidade humana é escárnio e traição). Assim, em Tua disposição do tempo, possa a infinita razão endireitar o torto; e não possam, certamente, meus tortuosos rabiscos tornarem-se uma frágil folha.³¹⁰

FIM

Em 3 de outubro de 1998

309 - Do espiritual "Let Us Cheer the Weary Traveler".

310 - Du Bois aqui repete Eclesiastes 7:13, que diz: "Atenta para as obras de Deus: pois, quem poderá endireitar o que ele torceu?"